



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA**

**ARCÂNGELO DA SILVA FERREIRA**

**NARRATIVA DE UMA CIDADE ENCANTADA OU ALEGORIA DE UMA  
HISTÓRIA TRÁGICA: DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA & LITERATURA EM  
*ÓRFÃOS DO ELDORADO*, DE MILTON HATOUM.**

Belém – Pará

2020

**ARCÂNGELO DA SILVA FERREIRA**

**NARRATIVA DE UMA CIDADE ENCANTADA OU ALEGORIA DE UMA  
HISTÓRIA TRÁGICA: DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA EM  
*ÓRFÃOS DO ELDORADO*, DE MILTON HATOUM.**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará (FAHIS/UFPA), como exigência para a obtenção do título de doutor em História Social na Amazônia.

Orientador: Aldrin Moura de Figueiredo (FAHIS/UFPA)

Belém – Pará

2020

ARCÂNGELO DA SILVA FERREIRA

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação da faculdade de História da Universidade Federal do Pará (FAHIS/UFPA), como exigência para a obtenção do título de doutor em História Social na Amazônia.

Orientador: Aldrin Moura de Figueiredo (FAHIS/UFPA)

Data da aprovação: 11 de novembro de 2020.

Banca Examinadora:

---

Dr. Aldrin Moura de Figueiredo (Orientador)

---

Dra. Magda Maria de Oliveira Ricci (UFPA) - Membro

---

Dra. Maria de Nazaré dos Santos Sarges (UFPA) - Membro

---

Dr. Marcos Frederico Aleixo Krüger (UEA/UFAM) – Membro

---

Dr. Heraldo Márcio Galvão Júnior (UNIFEESPA) - Membro

Belém – Pará

2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo  
com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos  
pelo autor**

---

F383n Ferreira, Arcângelo da Silva.

Narrativa de uma cidade encantada ou alegoria de uma história trágica  
: diálogos entre História & Literatura em Órfãos do Eldorado, de Milton  
Hatoum / Arcângelo da Silva Ferreira. — 2020.

262 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo

Coorientador(a): Prof. Dr. Nenhum

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em  
História, Belém, 2020.

1. Milton Hatoum; Walter Benjamin; História &  
Literatura; Manaus; Parintins; Belém do Pará I. Título.

CDD 809

---

## Dedicatória

À memória de meu pai, Francisco Castro Ferreira.

À minha mãe, Teresinha de Jesus da Silva Ferreira.<sup>1</sup>

Às minhas irmãs, Marcela, Auxiliadora, Cristina e “Peta”.

Aos meus irmãos, Amilcar, Gilmar e Ainsten (*in memoriam*).

À Elisangela.

Às minhas filhas, Teresa e Olga.

---

<sup>1</sup> Na tarde de 11 de novembro de 2020, minha mãe me deu a grata felicidade de estar presente, assistindo atentamente a defesa desta tese de doutorado, por meio de videoconferência através de Google Meet, no apartamento em que estava residindo, na cidade de Manaus (AM). Porém, infelizmente, no dia 10 de janeiro de 2021, devido as complicações causadas pelas infecções do vírus Covid-19, ela faleceu, em uma manhã de domingo, na cidade de Parintins (AM), deixando eternas saudades. Por tudo o que ela e meu pai fizeram para que eu, inclusive, pudesse desenvolver e defender esta tese, eu dedico esta narrativa à Terezinha de Jesus da Silva Ferreira. Narrativa, fruto de meu trabalho intelectual. Resultado de todo amor de minha mãe, meu pai, meus irmãos dedicado a minha pessoa. Mãe, saudades eternas!

## Agradecimentos

“Foi um longo caminho até aqui”. E, na andança, necessitei da adesão de instituições e pessoas para que eu pudesse “finalizar” minha pesquisa histórica e, entregá-la à comunidade acadêmica, por enquanto, no formato tese de doutorado. Nessa medida, sinto a necessidade de fazer alguns agradecimentos (convicto de que essa trajetória, apesar de marcada por algumas intempéries<sup>2</sup>, segue, pois “a história continua...”<sup>3</sup>). Nessa medida, sou grato:

À Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e, por extensão, aos colegas do colegiado de História do CESP (Centro de Estudos Superiores de Parintins), no qual atuo como professor. À solidariedade manifestada, principalmente, nesses anos em que estive afastado, no processo de doutoramento. Ao companheirismo dos colegas de departamento, em especial, da professora Mônica Xavier de Medeiros, João Marinho da Rocha e Júlio Cláudio da Silva, os quais contribuíram com o processo de minha pesquisa, ora através de uma boa conversa e sugestão indicação de artigos entrevistas relativos aos meus estudos, ora, por meio da leitura de parte da tese, ainda na sua feitura inicial, como fez a professora Mônica. Também agradeço às minhas orientandas e orientando de Iniciação Científica: Patrícia de Souza Oliveira, Dayanna Batista Apolônio, Lilian Souza dos Santos, Kethlen dos Santos Carneiro, Raiana Tavares dos Santos, Márcia Gabriele Ribeiro Silva, Jéssica Guimarães Batalha, Ianna Paula Batista Gonçalves, Suely Mascarenhas Gláucio, Adrian Kelly Cardoso Melo, Yapuanna Souza da Rocha e Mouzart Guimarães Melo, pessoas que, por meio de suas pesquisas, de certa forma, participaram, principalmente, no processo de composição de arquivos e fontes relativas ao desenvolvimento de minha narrativa histórica. Aos alunos e alunas que, comigo estiveram à frente do PIBID/História. Ao Gabriel Silva Gomes, envolvido com a digitalização de fontes do Fórum de Justiça da cidade de Parintins.

---

<sup>2</sup> Infelizmente, durante os anos finais da pesquisa e escrituração deste trabalho intelectual, fui acometido de três infartos do miocárdio (20 de abril de 2019; 27 de dezembro de 2019 e 21 de abril de 2020). Felizmente, com a força da fé divina (principalmente de familiares) e da ciência médica, resisti aos infartos. Assim, gradativamente, pude concluir minha narrativa histórica. A vida continua, “absurdamente”, como há muito me disse Meursaut, narrador do romance *O Estrangeiro*, do filósofo francês Albert Camus.

<sup>3</sup> Aqui me reporto ao livro homônimo do historiador francês Georges Duby, discutido nos encontros realizados, durante as aulas de Teoria e Metodologia da História, quando, com a professora doutora Magda Ricci, eu e minha turma de doutorado do PPHIST passávamos algumas manhãs (prazenteiras) dialogando sobre “biografias intelectuais”. Fecundas experiências compartilhadas com a referida professora e com meus colegas de turma.

À Camara Municipal de Parintins, a qual concedeu acesso a seus arquivos. À Biblioteca Pública de Manaus. Nesta, acessei alguns arquivos, fontes: impressas e bibliográficas. Ao Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA): acessei arquivos, essencialmente, iconográficos, fundamentais para compor o terceiro capítulo desta tese.

À professora Eliana Ramos Ferreira. Tive a oportunidade de conhecê-la, primeiro, através de seu vasto trabalho intelectual sobre a questão de gênero, a Cabanagem e a cultura Afro-Brasileira, todos direcionados à história da Amazônia. Depois, quando convidada por mim, participou de uma Semana de História no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP). No período que estive na cidade, me incentivou a fazer o doutoramento na UFPA, inclusive, contribuindo com sugestões ao projeto original. Eliana, posso dizer, tornou-se uma amiga de todas as horas.

À professora do curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas, Francisca de Lourdes Louro, pois solidariamente me concedeu material bibliográfico relativo ao meu objeto de interesse, contribuindo para que eu corroborasse algumas conclusões sobre questões formuladas ao longo de minha pesquisa histórica.

À professora de Literatura e Língua Portuguesa, Naiva Batista Ferreira. Prima e amiga desde os tempos da infância e da faculdade, a quem fiz consultas, no afã da escrituração da tese, para que eu tirasse algumas dúvidas e obtivesse informações sobre a história da literatura brasileira. Nessa esteira, à professora, cunhada e amiga, Geizy de Castro Ferreira, também professora de Literatura e Língua Portuguesa, informando sobre questões relacionadas à prosa e poesia brasileira, nos meus momentos de imprecisões acerca desses temas.

Ao Programa de Pós-Graduação em História Social na Amazônia (PPHIST) da Universidade Federal do Pará, agradeço, primeiramente, o fato de ter ingressado no curso de doutoramento, no ano de 2016. Abertos também às pesquisas que adotam a *literatura* como objeto de interesse, agradeço aos professores que compuseram o corpo avaliador, àquele que aprovou meu projeto de tese.

Sou grato também, às professoras e professores que fizeram parte do quadro docente do Programa de Pós-Graduação em História Social na Amazônia, nos dois semestres em que cursei as disciplinas. Pois, durante os encontros acadêmicos, surgiram profícuas sugestões para o desenvolvimento de minha tese.

O professor Márcio Couto, por meio da Disciplina *O métier do historiador* trouxe sólidas sugestões acerca das diversas possibilidades inscritas no ofício dos historiadores da Universidade Federal do Pará (UFPA), inclusive, as leituras de diversas teses, trouxe luz à minha pesquisa.

À professora Caroline Fernandes, quando ministrou a Disciplina *Seminário de Linha de Pesquisa I: Arte, Cultura, Religião e Linguagem*, oportunizou à turma um encontro acadêmico no Museu do Estado do Pará (MEP); momento que me fez, pela primeira vez, entrar em contato com a obra do fotógrafo paraense Luiz Braga, através da Exposição “Retumbante Natureza Humanizada”. Desde aí, pude verificar a relação dialógica da obra desse premiado artista paraense com a literatura do amazonense Milton Hatoum: um feliz achado para minha pesquisa. Descoberta que, inclusive, a mim e a referida professora, rendeu a elaboração e publicação de um artigo sobre esse entretecer das narrativas, fotográfica e literária, dos aludidos intelectuais.

À professora Nazaré Sarges (Naná), através de suas aulas na Disciplina *História, Arte, Cultura e Imagem: Belém na virada do século XIX para o XX*. Nossas conversas (também por email) e à bibliografia utilizada para discutir a história das cidades, contribuíram com o desenho do terceiro capítulo de minha tese, pois abarca o urbano na literatura de Milton Hatoum. Nessa perspectiva, os livros da professora, sobre a cidade de Belém, foram valiosos à minha pesquisa. Assim como, as sugestões feitas por Naná durante me exame de qualificação.

À professora Magda Ricci, que também fez importantes recomendações quando esteve compondo a banca para avaliação de minha qualificação. Assim como às acuradas considerações (escritas, mas também através de alguns diálogos) ao processo de minha pesquisa e escrituração, pois no artigo final, entregue como avaliação dos resultados obtidos com sua Disciplina *Teoria e Metodologia da História*, a professora teceu comentários fundamentais, naquele texto, os quais me apropriei, como *notes fundamentais*, no processo da composição de minha tese. Paralelo a isso, as aulas ministradas pela professora Magda Ricci foram basilares para o esboço da trajetória intelectual de Milton Hatoum, inscrita no meu primeiro capítulo. Também, o fato de ter socializado um fecundo material iconográfico com postais, selos e álbuns trazendo registros fotográficos e gravuras sobre a cidade de Belém, na passagem do século XIX para o século XX, utilizados, sobremaneira, na elaboração do terceiro capítulo desta tese.

Ao professor Aldrin Moura de Figueiredo, o orientador do meu projeto de tese, por meio das Disciplinas: *Seminário de Orientação (I ao VI)*. Aldrin contribuiu para a definição dos caminhos de minha pesquisa e narrativa histórica. Suas leituras acuradas das primeiras versões dos capítulos da tese e, por extensão, as orientações auxiliaram, sobremaneira, nas veredas do pensar, fazer historiográfico, sob a égide da “história social da cultura e da linguagem”, pois, busquei adentrar nesse campo. Meu olhar sobre a obra de Milton Hatoum apresenta algumas direções tomadas a partir das conversas que tive com Aldrin, acerca, essencialmente, do problema que gira em torno do “lugar da fala” dos personagens narradores dos romances do escritor amazonense; do imaginário da cidade, registrado na literatura de ficção, porém,



inexistente na História da cidade de Belém e Manaus. Enfim, essa busca de uma abordagem “desde a história”, a partir da literatura e da fotografia nasceu, nos diálogos com Aldrin, em suas aulas, e nos momentos de orientação do projeto de tese (um deles, inclusive, por telefone, pois estávamos em confinamento, devido a pandemia de Covid-19<sup>4</sup>). Ao Aldrin, minha eterna gratidão.

À turma de 2016, colegas de caminhada, agradeço à hombridade e o companheirismo. Pois, eu, vindo de um outro estado, fui bem recebido. Testemunho disso foi a ótima relação estabelecida. Desde os debates acadêmicos, durante nossos encontros nas manhãs e tardes (semanais) no Laboratório de História do PPHIST, durante os dois semestres de aulas, até as conversas, mais descontraídas, em espaços de lazer e sociabilidade da cidade de Belém (como o Mercado do Ver-O-Peso, as Docas e o ontológico bar *The Beatles*) colegas como Geraldo, Fernando, Osimar, Anndrea, Adriane, André, Dani, Heraldo dividiram alegrias e angústias, acompanhadas da boa cerveja paraense, assai e peixe frito... Experiências compartilhadas, arquivadas nas camadas das minhas memórias. Lembranças que, oportunamente, vem à baila. Colegas, que comigo fizeram/fazem parcerias acadêmicas proificuas. Conjuntamente já participamos de algumas publicações de livros e capítulos de livros. Nessa medida, à turma de 2016, sólidas amizades foram construídas durante o curso.

Aos colegas que, relativamente, colaboraram com o desenvolvimento de minha pesquisa. Àquelas pessoas que, oportunamente, permitiram com que eu acesse determinadas fontes históricas, inscritas em seus arquivos particulares.

Para a composição do primeiro capítulo desta tese a colaboração de meu ex-aluno, e amigo, Maurílio Saião, foi capital, pois, de seus arquivos vieram fontes colhidas na Biblioteca

---

<sup>4</sup> A pandemia causada pelo vírus Covid-19. Os primeiros registros de casos de pessoas adoecidas pela síndrome respiratória aguda grave 2, ocorreu em Wuhan, na província de Hubei, na China, em 1 de dezembro de 2019, sendo o primeiro caso reportado em 31 de dezembro do mesmo ano. Desde aí, a doença ganhou proporções globais. Devido a sua capacidade de contágio, e por extensão, seus índices elevados de mortandade, a Organização Mundial de Saúde (OMS) orientou para que a população mundial, irrestritamente, ficasse em isolamento. O ano de 2020, no Brasil, foi atípico e insólito. No momento do relato que fiz, lembrando da conversa que tive, por telefone, com o professor Aldrin, estávamos em lockdown em quase todo o Brasil. Quando escrevia os meus “Agradecimentos” (setembro de 2020), havia o perigo de uma “segunda onda” pandêmica. No ano de 2020, os estados do Pará e Amazonas tiveram casos alarmantes de doenças e mortes, devido ao Covid-19. A história do tempo presente já revela a peculiaridade desses anos sombrios. Destacando, por sinal, os descasos da Presidência da República do Brasil, essencialmente, através dos discursos e postura política do, então, presidente Jair Messias Bolsonaro. Considerado, por um segmento de brasileiros como um “genocida”. Conforme, registros históricos, principalmente, por meio de fontes jornalísticas, impressas e eletrônicas, a palavra “genocida”, relacionada a imagem do presidente Bolsonaro é, inscrita, não somente nos jornais brasileiros, mas, significativamente, nos *mas medias* internacionais: The New York Times: “Jair Bolsonaro coloca em risco a saúde de brasileiros e da democracia”. Este é o título do artigo do especialista em política latino-americana, publicado no referido jornal (coluna Opinião) em 26 de março de 2020. Em 29 de março de 2020, Katy Watson, repórter responsável em cobrir notícias sobre a América do Sul, assina um artigo, inscrito no jornal da BBC de Londres, o qual traz o seguinte enunciado: “Enquanto o mundo tenta desesperadamente enfrentar a pandemia do coronavírus o presidente brasileiro está fazendo o seu melhor para minimizá-lo”. 2020, uma ano sofrível!

Pública de Manaus. Com a ajuda de Maurílio, em uma de minhas visitas nessa instituição, encontrei o primeiro livro de Milton Hatoum: uma raridade, pois já se encontra esgotado; raras são suas cópias. Nessa ocasião, pedimos a autorização para digitalizá-lo. Maurílio, me forneceu uma importante fonte impressa, a qual consta um dos primeiros artigos de Milton Hatoum, publicados em um jornal de São Paulo, imediatamente após ao lançamento do romance *Relato de um certo Oriente*, o qual utilizei para iniciar a narrativa do primeiro capítulo.

Daniel Rodrigues de Lima, também ex-aluno e amigo (atualmente mestrando no Programa de História Social na UFAM), jovem competente pesquisador do Amazonas no período republicano, abriu seus arquivos para que eu pudesse acessar fontes diversas, essencialmente, os álbuns e fotografias que utilizo no capítulo terceiro desta tese. Ao Daniel, também, devo a leitura e algumas sugestões relativas ao referido capítulo.

Meu grande amigo (que por sinal foi meu aluno, quando fui professor do Ensino Médio) Thiago Roney. Companheiro das horas felizes e difíceis. Doutorando em Literatura (UFAM/UnB), estudioso da obra de Walter Benjamin. Com Thiago, fiz inúmeras discussões sobre a acepção de História em Benjamin, nessa perspectiva, me indicou vasta bibliografia. Também, foram promissoras nossas conversas sobre o conceito de alegoria formulada pelo filósofo alemão. Ao Thiago agradeço sua hombridade e, por extensão, o fato de socializar suas reflexões, não somente acerca do pensamento de Walter Benjamin, mas também, sobre Jacques Rancière.

Ao Vinícius Alves do Amaral, (ex-aluno de graduação, atualmente doutorando em História na UFF), e pesquisador da trajetória histórica de Arthur Cesar Ferreira Reis. Com Vinícius, obtive algumas informações sobre o contexto do regime militar brasileiro no Amazonas. Sempre de forma solícita, pacientemente, atendeu demandas relativas à minha pesquisa histórica, indicando e/ou socializando arquivos e fontes, referências etc. Com ele também, fiz ótimas parcerias acadêmicas ao longo desses anos de investigação.

À Adriane dos Prazeres, quem, de maneira solidária, encaminhou pelo correio livros relativos à história e historiografia do Pará e da cidade de Belém. Grande incentivadora de meu trabalho de pesquisa.

Ao Lucas Montalvão Ribeiro, doutorando em História Social na Universidade de São Paulo (USP), pela indicação de fontes cartográficas.

Ao Heraldo Galvão, colega de doutoramento, com quem tive a felicidade de elaborar alguns artigos e capítulos de livros, agradeço-o, especialmente, pois, foi, dentre os colegas citados, quem mais de perto acompanhou o processo da pesquisa e elaboração de minha narrativa histórica. Dividindo experiências de pesquisas, realizadas na Amazônia e em Paris

(onde ele cursou o doutorado sanduíche). Um amigo paulistano que encontrei em Belém, nessas voltas que a vida traz.

À Graça Luzeiro que de forma solidária, tirou algumas horas de seu tempo para solidariamente arrumar a formatação final (Normas/Técnicas) do texto.

Às minhas queridas irmãs, Auxiliadora (graduada em Letras e mestre em Teoria Literária): apesar de seus inúmeros afazeres, pacientemente, leu, cuidadosamente e gradativamente, os capítulos de minha tese, fazendo as correções, não somente ortográficas e de sintaxe, mas também sugerindo algumas reflexões teóricas. Mana, obrigado, pelo carinho, amizade e dedicação na leitura e sugestões à tese. E “Peta”, Maria do Perpétuo Socorro Ferreira Stucchi, que mesmo distante (Itália) me socorreu com as suas traduções em inglês. Cristina, que concedeu um pouco de seu espaço físico e de seu tempo para conversas descontraídas e analíticas, do eu do ser.

À minha filha Teresa Maciel Ferreira, finalista do curso de Letras, na Universidade Federal do Amazonas, pois, com carinho, paciência e dedicação, fez sugestões para que eu pudesse tecer correções, referentes a questões ortográficas, de coesão, coerência no primeiro capítulo deste trabalho. Obrigado, filha. À Olga, acadêmica do curso de Ciências Sociais, filha caçula, a qual, oportunamente, indicou artigos, notícias, e matérias relativas à trajetória intelectual do escritor Milton Hatoum. Obrigado, filha, pela atenção e carinho para comigo e para com o meu ofício. À Elisângela Maciel, a qual estive do meu lado nesses anos 25 anos e, apesar de suas inúmeras demandas acadêmicas, religiosas e familiares, ouvia minhas inúmeras angústias, com paciência, doando seu tempo e sua palavra de alento. Sugerindo leituras, tecendo considerações sobre minhas hipóteses de trabalho. Historiadora que admiro muito. A ela sou grato pelo fato de ter acompanhado parte de minha vida pessoa e acadêmica, meus sucessos e, essencialmente, agradeço o fato de ter ficado do meu lado nos momentos alegres e difíceis (como quando, adoecido, necessitei parar minhas atividades de pesquisa e escrituração para me recuperar de três infartos do miocárdio). Às minhas filhas e a “Eli” guardo, guardarei uma imensa e eterna gratidão, amor e amizade.

Aos meus irmãos e irmãs: Marcela, Amilcar, Gilmar, Auxiliadora, Cristina, “Peta”, Ainsten, [assim, como aos sobrinho(a)s e cunhado(o)s sempre com uma palavra de incentivo e força espiritual]. Insones e prontos para oferecer força, peculiaridade inscrita em nossa clã. Amor, amizade que cultivamos no chão histórico onde residem os ensinamentos de nossos pais, Francisco e Terezinha. Porto seguro.

Saudoso pai, amada mãe o resultado dessa caminhada tem suas bases no compromisso que dedicaram aos seus filhos. Incentivando-os à busca do conhecimento. É fruto e produto do amor gestado, alhures, no ceio de nossa clã.

Enfim, sem a colaboração, afetividades e compromissos acadêmicos das Instituições (elencadas acima), amigas e amigos, de dentro e fora do convívio familiar, eu não teria “concluído” a minha caminhada até aqui. Longa, árdua. Marcada por problemas de toda ordem, por conflitos, angústias. Mas também por instantes prazenteiros. Como este que estou vivendo ao escrever os meus “Agradecimentos”.

De dentro desse coração, já um tanto quanto cansado [e necrosado] eu, gostaria de deixar dito, sinceramente, com muito amor no peito: Muito, muito, muito obrigado!<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Também agradeço a Billy Joel, Elton John, Arnaldo Antunes, Dona Onete, Raimundo Soldado, Chico da Silva, Mallu Magalhães, Bach (especialmente através da “Sonata No.4”), artistas que, por meio da música, me fizeram companhia nos momentos de escrituração da tese.

## Epígrafe

*“[...] escrever é quase um milagre... [...]”*

*Milton Hatoum*

*[Cinzas do norte, 2005]*

*“Quando alguém morre ou desaparece, a palavra escrita é o único alento.”*

*Milton Hatoum*

*[Órfãos do Eldorado, 2008]*

*“(…), falei do passado como se quisesse traduzir coisas difíceis, mas o passado é quase intraduzível: melhor sonhá-lo, ou inventá-lo”*

*Milton Hatoum*

*[Pontos de Fuga, 2019]*

## RESUMO

O objeto de interesse desta tese é a obra literária do escritor amazonense Milton Hatoum, essencialmente, a novela *Órfãos do Eldorado*. A pesquisa procurou se inserir no campo da história social da cultura e da linguagem. Nessa perspectiva, organiza a narrativa através de três frentes de abordagem. A primeira, tece um esboço da trajetória intelectual de Milton Hatoum, elucidando suas vivências e experiências nas cidades de Manaus, Brasília, São Paulo, Barcelona e Paris, verificando, suas principais matrizes intelectuais e imagéticas, construídas através dos contatos com a literatura brasileira e estrangeira. Para tanto, a análise parte do tempo do enunciado, inscrito nas obras do referido escritor, para alcançar um determinado diálogo desses enunciados com o chão histórico, vivenciado por Hatoum quando de suas experiências (sociais, políticas e culturais) ocorridas durante as passagens do escritor pelas mencionadas cidades. A outra frente de abordagem, verifica e analisa a ideia de história na literatura de Milton Hatoum. Nessa esteira, levanta a hipótese da intrínseca relação dialógica da obra literária do escritor amazonense com a concepção de história inscrita no pensamento do filósofo alemão Walter Benjamin. Pois tanto Benjamin como Hatoum assumem compromisso com a fundamentação de uma narrativa *à contrapelo*. Elucidando, assim, a trajetória dos sujeitos que estiveram na história, porém, muitas das vezes aparecem de forma subsumida na Historiografia. A tese defende a hipótese de que a novela *Órfãos do Eldorado* assume um compromisso de refutar um monumento histórico: o mito viajante da cidade encantada, *Eldorado*. Nas curvas da narrativa de Hatoum, é possível afirmar que adotando-o como *alegoria* (a partir das definições de Walter Benjamin para este conceito), o mencionado escritor utiliza a imagem do *Eldorado* para propor uma *outra história da Amazônia*, no período que abarca os anos de 1890 a 1945, temporalidade inscrita na novela *Órfãos do Eldorado*. A terceira e última frente de abordagem, verifica e analisa as representações do urbano na literatura de Milton Hatoum, com destaque para o imaginário de três cidades amazônicas: Manaus, Parintins e Belém. Tecendo comparações entre as representações oficiais das referidas cidades, inscritas nos registros fotográficos, organizados através de álbuns e postais oficiais com as imagens inscritas no imaginário de Milton Hatoum, a tese compreende que o escritor amazonense surge, por meio de sua escrita criativa, como um *espectador emancipado* diante das fotografias elaboradas para se perpetuar uma determinada memória canônica das mencionadas cidades amazônicas.

**Palavras-Chaves:** Milton Hatoum; Walter Benjamin; História & Literatura; Manaus; Parintins; Belém do Pará.

## ABSTRACT

The topic of interest of this thesis is the literary work of the Amazonian writer Milton Hatoum, particularly the novel *Órfãos do Eldorado*. The research carried out pertains to the fields of social history, culture and language and the narrative is organized into three parts. The first drafts an outline of Milton Hatoum's intellectual path, elucidating his life and experiences in the cities of Manaus, Brasília, São Paulo, Barcelona and Paris, and examining imagery that influenced him and his main intellectual sources, built up through exposure to both Brazilian and foreign literature. The analysis begins from the point in time inscribed in the fiction narrative of the author, to establish a dialogue with Hatoum's real life experiences (social, political and cultural) which occurred during his stay in the aforementioned cities. The second part examines and analyses the idea of history in the literature of Milton Hatoum. On this point, a hypothesis is raised about the intrinsic dialogical relationship of the literary work of the Amazonian writer with the concept of history as seen in the thought of the German philosopher Walter Benjamin. Both Benjamin and Hatoum commit to a narrative which goes against popular belief, thus clearing up the life stories of historical figures who often appear inaccurately documented in history. The thesis defends the hypothesis that the novel *Órfãos do Eldorado* refutes an historical monument: the widespread myth of the enchanted city, Eldorado. Through Hatoum's narrative, it is possible to affirm that by adopting it as an allegory (with reference to Walter Benjamin's definition of this concept), the writer in question uses an image of Eldorado to propose another history of the Amazon, in the period spanning 1890 to 1945, the temporality used in the novel *Órfãos do Eldorado*. The third and last part looks at the representations of the urban in the literature of Milton Hatoum, highlighting the imaginary in three Amazonian cities: Manaus, Parintins e Belém. By virtue of official comparisons of the aforementioned cities, evident in the photographic records of Milton Hatoum's imagination, namely albums and official postcards, the thesis betrays an emancipated spectator intent in continuing a certain traditional image of these Amazonian cities through his own creative writing.

**Key Words:** Milton Hatoum; Walter Benjamin; History and Literature; Manaus; Parintins; Belém of Pará.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Capa da edição brasileira do livro <i>Relato de um certo Oriente</i> de Milton Hatoum .....	49
<b>Figura 2</b>	Capa da edição brasileira do livro <i>A cidade Ilhada</i> do escritor Milton Hatoum .....	49
<b>Figura 3</b>	<i>Janela em Marabá</i> , fotografia de Luiz Braga .....	51
<b>Figura 4</b>	Capa da edição brasileira do livro <i>Órfãos do Eldorado</i> .....	52
<b>Figura 5</b>	Babá Batchouli, fotografia de Luiz Braga .....	53
<b>Figura 6</b>	Capa da edição brasileira do livro: <i>Amazonas, palavras e imagens de um rio em ruínas</i> .....	66
<b>Figura 7</b>	<i>Viagem Belém-Manaus</i> , fotografia de Luiz Musa .....	100
<b>Figura 8</b>	Ponte de Educando (Manaus-AM) .....	116
<b>Figura 9</b>	“Cidade Flutuante” (Manaus-AM) .....	122
<b>Figura 10</b>	Angelus Novus .....	125
<b>Figura 11</b>	Getúlio Vargas em Manaus .....	141
<b>Figura 12</b>	HONDIUS, Jodocus. Nieuwe caerte van het Wonderbaer ende Gondrjcke Landt Guiana [1598] .....	148
<b>Figura 13</b>	Ponte Benjamin Constante (Manaus-AM) .....	161
<b>Figura 14</b>	Igreja da Matriz (Manaus-AM) .....	166
<b>Figura 15</b>	Avenida Eduardo Ribeiro (Manaus-AM) .....	170
<b>Figura 16</b>	Casa Quintas (Manaus-AM) .....	174
<b>Figura 17</b>	Rua Municipal (Manaus-AM) .....	176
<b>Figura 18</b>	Avenida Eduardo Ribeiro (Manaus-AM) .....	178
<b>Figura 19</b>	Teatro Amazonas (Manaus-AM) .....	181
<b>Figura 20</b>	Cidade de Parintins, 1858 (Baixo rio Amazonas) .....	186
<b>Figura 21</b>	Vila Bella da Imperatriz, 1853 (Baixo rio Amazonas) .....	189
<b>Figura 22</b>	Busto de José Pedro Cordovil .....	198
<b>Figura 23</b>	Antiga Prefeitura Municipal de Parintins .....	199
<b>Figura 24</b>	Crescentia Cujete .....	204
<b>Figura 25</b>	Cuieira, rio Purus .....	205
<b>Figura 26</b>	Cidade de Parintins-AM, século XX .....	206
<b>Figura 27</b>	Cidade de Parintins-AM, século XIX .....	209
<b>Figura 28</b>	Cidade de Santa Maria de Belém do Pará .....	225
<b>Figura 29</b>	Grande Hotel .....	226
<b>Figura 30</b>	Senador Bento Miranda em jantar no Grande Hotel .....	227
<b>Figura 31</b>	Rua Paciência .....	230
<b>Figura 32</b>	Antiga Rampa do Sacramento (Belém-PA) .....	231
<b>Figura 33</b>	Praça da República (Belém-PA) .....	232
<b>Figura 34</b>	Theatro da Paz (Belém-PA) .....	232
<b>Figura 35</b>	Grande Armazém Paris n’ América (Belém-PA) .....	234



## Sumário

INTRODUÇÃO .....	18
Capítulo 1: Nos caminhos de Milton Hatoum .....	33
1.1. “Mil e uma noites em busca de um estilo” .....	33
1.2. A profícua relação com intelectuais paraenses: Edineia Mascarenhas, Benedito Nunes e Luiz Braga .....	41
1.3. Memórias ancestrais: onde nascem as narrativas.....	54
1.4. Noutras cidades: motes literários.....	60
CAPÍTULO 2: Raízes, escombros, ruínas do “Eldorado”: o sentido da história na literatura de Milton Hatoum.....	82
2.1. Algumas experiências compartilhadas.....	82
2.2. Dialogismo na obra de Milton Hatoum .....	97
2.3. O sentido da história em Órfãos do Eldorado .....	124
CAPÍTULO 3: A polifonia das representações: imaginário de cidades amazônicas em <i>Órfãos do Eldorado</i> .....	160
3.1. Fotografia e Literatura e as visões do urbano na obra de Milton Hatoum.....	161
3.2. Manaus: a cidade das ilusões.....	165
3.3. Parintins: a cidade anfíbia .....	187
3.4. Belém: A Cidade Velha .....	216
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	238
REFERÊNCIAS.....	243
FONTES .....	243
BIBLIOGRAFIA .....	247

## Introdução

O historiador agora aprendeu a não reivindicar nenhum ponto de vista predominante. O que não o obriga de forma alguma a viver com a cabeça enterrada na areia, ou unicamente nos arquivos e enclausurado em seu período. Tampouco busca reativar uma história transformada por um tempo único, regulado ele mesmo por um único *staccato* do acontecimento ou, ao contrário, pela lentidão da longa ou bem longa duração. Não é o caso de se privar de todos os recursos de inteligibilidade aportados pelo reconhecimento da pluralidade do tempo social. De todos esses tempos folheados, imbricados, descontraídos, cada um com seu ritmo próprio, dos quais Fernand Braudel, seguido por muitos outros, foi o descobridor apaixonado. Eles enriqueceram consideravelmente o questionário das ciências sociais, tornando-o mais complexos.<sup>6</sup>

Aqui reside o fruto de minha pesquisa gestada desde o início da segunda década do século XXI, quando iniciei os estudos sobre a obra de Milton Hatoum.<sup>7</sup> Desse começo algumas das problematizações e hipóteses foram trazidas para meu projeto de tese original. A percepção mais acurada sobre a unissonância entre as narrativas do mencionado escritor amazonense com operações historiográficas infundidas na/sobre a Amazônia. O desejo de verificar as relações existentes entre o *regime de verdade* inscrito na *literatura de ficção* com o *regime de verdade* elaborado através do *saber histórico* foi, em princípio, o mote da investigação que culminou na tese que agora chega às mãos das pessoas leitoras.<sup>8</sup> Herdei de minhas experiências vividas com os estudos nessa fronteira, a convicção de que o “discurso do historiador e do romancista coincidem mais do que se diferenciam”<sup>9</sup>: ambos selecionam elementos do real, combinam esses elementos através de um relato; sabem que tais narrativas urdidas se tornam uma fratura da realidade parcial. Contudo, o romancista estrutura a obra literária com o propósito de revelar e desnudar a verossimilhança para assegurar a lógica interna do enredo. Dito corretamente, o regime de verdade da literatura de ficção encontra sua essência no tempo do enunciado,

<sup>6</sup> HARTOG, François. Regime de historicidade: presenteísmo e experiências do tempo. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2013. p.37.

<sup>7</sup> FERREIRA, Arcângelo da Silva. *A narrativa de uma cidade encantada ou A alegoria de uma tragédia histórica*. In.: Cadernos do CEOM. Memórias rurais e urbanas – v. 28, n.42 (Junh/2015) – Revista on-line: <http://bell.unchapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc> p. 7 a 13.

<sup>8</sup> No decorrer de minha narrativa histórica, não adotarei a expressão “o leitor”, “a leitora” porque estou considerando as identidades e alteridades relativas as possíveis experiências de leitura desta tese.

<sup>9</sup> ROCHA, João Cezar de Castro. “Apresentação: Roger Chartier e os estudos literários”. In.: \_\_\_\_\_ (org.). *Roger Chartier – a força das representações: história e ficção* – Chapecó, SC : Argos, 2011. p. 1.

portanto. E “literatura não é retrato da realidade, e sim a transcendência de uma experiência de vida e leitura. (...), desde que o narrador transmita ao leitor um conteúdo de verdade humana, elaborado pela linguagem”.<sup>10</sup>

A relação do historiador com a verdade se fundamenta nas “instâncias de legitimação extratextual”<sup>11</sup>. Assim, necessita e deve demonstrar as balizas que amparam o discurso urdido: aportes, métodos, hipóteses, centrais e secundárias. Paralelo a isso, “a) notas de rodapé; b) menções a autoridades na área de estudo; c) recurso à comprovação empírica de base documental, sociológica, antropológica etc.”<sup>12</sup> Diante dessas peculiaridades acerca do trabalho do romancista e do historiador palpita outra fecunda conexão: a literatura de ficção é fonte loquaz ao ofício do historiador, desde que instigada pela imaginação historiográfica. A literatura, surge assim como testemunho histórico. Fruto de um processo social e apresenta propriedades específicas que precisam ser interrogadas e analisadas, como qualquer outro documento. Resta ao historiador descobrir, ponderar e detalhar sobre as condições de sua produção, as intenções do autor, a forma como ele realiza sua representação e a relação que esta estabelece com o real, as interpretações ou leituras que suscitem sua intervenção como autor, as características específicas da obra e do escritor, da escola em que este concebe seu texto e em que estilo, inserindo-os num processo histórico determinado, em um tempo e lugar, pois “são acontecimentos datados, historicamente condicionados, valem pelo que expressam aos contemporâneos”.<sup>13</sup>

Nessa medida, as pessoas que estão lendo esta introdução já perceberam, desde as primeiras linhas: a narrativa que estrutura a novela *Órfãos do Eldorado*, meu objeto de interesse, aparecerá aqui como um palco onde são encenadas representações<sup>14</sup> de uma temporalidade marcada por significativas transformações históricas, culturais, sociais econômicas etc. Desde a mencionada narrativa de ficção busco compreender a seleção dos

---

<sup>10</sup> FILHOLINE, Jorge; BASTONI, Júlio; ANDRADE, Vinícius de. Milton Hatoum: “Ainda considero a literatura como uma aventura da imaginação e do conhecimento”. Disponível em <https://livreopiniao.com/2014/10/Milton-natoum-ainda-considero-a-literatura-como-uma-aventura-da-imaginação-e-do-conhecimento>. Acessado em 13/06/2018 às 12:00.

<sup>11</sup> ROCHA, João Cezar de Castro. “Apresentação: Roger Chartier e os estudos literários”. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Roger Chartier – a força das representações: história e ficção* – Chapecó, SC: Argos, 2011, p. 13.

<sup>12</sup> Idem, p. 14.

<sup>13</sup> CHALHOUB, Sidney e Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. “Apresentação”. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil* – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p.13.

<sup>14</sup> Esta categoria, decerto, herdeira da sociologia de Durkheim e Mauss, será usada nesta tese a partir das acepções de Roger Chartier (*História Cultural: entre práticas e representações*, Difel, 1985) e Carlo Ginzburg (*Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*, Companhia das Letras, 2001), quando demandada.

elementos reunidos para desenhar a realidade parcial (fictícia) locada no imaginário de Hatoum. Mas também pretendo compreender determinada realidade parcial (histórica) através da seleção de fontes diversas, dentre estas a referida novela. O diálogo com estes vestígios gerou a estruturação de minha narrativa (histórica). Vale reafirmar: considerando o rigor estabelecido pelas *instâncias de legitimação extratextual*, porque “a escrita histórica se constrói em função de uma instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece as regras próprias que exigem ser observadas por elas próprias”.<sup>15</sup>

“*Narrativa de uma cidade encantada ou alegoria de uma história trágica: diálogos entre História & Literatura em Órfão do Eldorado, de Milton Hatoum*”, consiste no tema dessa investigação. Abarca o campo temático relativo aos domínios da História, Literatura, Cultura e Linguagem. Nessa medida, elucido as condições de possibilidade da literatura de ficção: torna-se aqui indício para o processo de compreensão das transformações ocorridas no período de 1890-1945, minha delimitação temporal, portanto. Assim, no tempo da urdidura da narrativa imaginária averiguo a relação dialógica entre as condições histórica, objetivas e subjetivas, as quais suscitam no narrador os motes para articular seu enredo. Aparece então a primeira *hipótese* (aparecerão aleatoriamente nessa introdução e ao longo dos capítulos): Hatoum, adotando o ponto de vista de uma (his)estória “a contrapelo”<sup>16</sup>, acabou por urdir uma *narrativa trágica*: a epopeia amazônica de uma família em processo de degradação.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> CERTEAU, Michel de. A escrita da história; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 66.

<sup>16</sup> A luz das reflexões de Walter Benjamin sobre o conceito de história. Importante a reflexão a partir dos tópicos do confronto da história na modernidade urbana, como nos ensaios críticos sobre a leitura da história a partir de Benjamin em Hollis Clayson and André Dombrowski (eds.). *Is Paris still the capital of the nineteenth century?: essays on art and modernity, 1850-1900*. London : Routledge, Taylor & Francis Group, 2016.

<sup>17</sup> Construindo sua literatura para mostrar o processo de degradação de uma família de barões da borracha, Hatoum também abre o debate para a capacidade que a arte literária possui de chamar a atenção para o “desencantamento da arte”. Nesse medida, convém verificar a possibilidade da obra de Hatoum dialogar com as reflexões de Rainer Rochlitz, isto é, *O desencantamento da arte: a filosofia de Walter Benjamin*, visto que nesta obra o referido autor traz à baila as preocupações do filósofo alemão sobre as tomadas de posição da filosofia a partir da crítica política da obra de arte autêntica. Esta que apresenta os signos históricos para a salvação possível do passado, promovendo assim a justiça histórica. Conferir: Rochlitz, Rainer. *Le désenchantement de l'art: la philosophie de Walter Benjamin*. Paris: Gallimard, 1992.

Aí destaca-se o papel de três personagens masculinos, os Cordovil<sup>18</sup>. Com Benjamin, Hatoum me fez ver o valor simbólico do anti-herói<sup>19</sup> Arminto Cordovil. Paupérrimo, este último representante de uma geração de “barões da borracha”, ao final da vida ainda possui uma riqueza: suas lembranças que, no decorrer da narrativa gradativamente esboça as memórias de seus ancestrais naquilo que, como mencionei linhas acima, chamo aqui de *epopeia amazônica*.<sup>20</sup> O tempo do enunciado da referida novela abarca episódios significativos. Por sinal, através das representações inscritas na novela em estudo é possível ponderar sobre o valor da referida literatura como problematizadora do saber histórico e historiográfico. Ocorrendo assim, a relação dialógica entre o tempo da escrituração e o tempo da narrativa: a temporalidade que o escritor experimenta, no seu chão histórico, e aquela que simula, por meio da prosa de ficção, consistem o caminho no qual as trilhas da narrativa literária e historiográfica se encontram.<sup>21</sup> Portanto, argumento que Milton Hatoum quer deixar transparecer que o passado não é eterno. É uma experiência única.<sup>22</sup> Ao lado disso, verifico as convergências e divergências da narrativa de ficção, de Hatoum, com algumas preposições, perspectivas, teses colocadas pela Historiografia acerca da Amazônia.

Crucial é a ênfase sobre a peculiaridade dos relatos do escritor, essencialmente, no que tange a utilização da problemática da *memória*: amálgama de sua estrutura narrativa. Desta

---

<sup>18</sup> A narrativa está estruturada nos relatos de Arminto Cordovil, neto de Edílio Cordovil e filho de Amando Cordovil. A partir das memórias fraturadas do personagem narrador, Milton Hatoum conta como uma família enriquecida através da economia da borracha, experimentou o trágico processo de degradação econômica, social e emocional. Conjecturo que o sobrenome Cordovil alude ao sujeito histórico José Pedro Cordovil: no contexto do período colonial, foi um dos primeiros administradores da atual cidade de Parintins, conforme o livro *As origens de Parintins*, do historiador Arthur Cesar Ferreira Reis. A obra foi publicada originalmente em 1967. É possível, portanto, que Hatoum tenha visitado esta narrativa histórica.

<sup>19</sup> À luz das análises de György Lukács trata-se de um herói problemático. Para o referido autor no século XX “o heroísmo tornou-se polêmico e problemático; ser herói não é mais a forma natural de existência da esfera essencial.” (LUKÁCS, 2000: 41).

<sup>20</sup> Inscrita na Antiguidade Clássica, é concebida em versos com o propósito de narrar de forma grandiosa à glória de heróis reais e lendários. Tais narrativas tinham o interesse de educar a Humanidade. A ação dos personagens/heróis é inserida num determinado tempo e espaço, por isso a epopeia constitui-se num gênero narrativo. Contudo, me apropriando das reflexões de Lukács, afirmo que Hatoum constrói uma epopeia moderna, caracterizada, essencialmente, pela idiosincrasia de seu personagem central, como já foi elucidado em nota anterior.

<sup>21</sup> Decerto a natureza desta pesquisa, considerando como principal fonte a novela *Órfãos do Eldorado*, procura estabelecer cruzamentos entre o *tempo da escrituração* da obra literária com o *tempo do enunciado* da referida prosa de ficção. Já no primeiro capítulo esta discussão se faz presente.

<sup>22</sup> Assim como Walter Benjamin assevera no escrito: *Sobre o conceito de história*. A crítica ao historicismo alemão feita por Walter Benjamin em 1940, nas suas teses Sobre o conceito de História, expõe uma nova leitura do mundo, com base nas experiências do passado acolhidas pelo presente, em que se vislumbra o conceito de “redenção messiânica” a partir da auto apresentação da verdade histórica no particular, no diferente, em suma, naquilo que é marginal ao sistema. BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre a literatura e a história da cultura. Tradução: Sergio Paulo Rouanet, Prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987; Idem, Teses Sobre o Conceito da História. In: LÖWY, Michael. Alarime de Incêndio: uma Leitura das Teses Sobre o Conceito de História. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

forma, o tempo do enunciado da narrativa de Hatoum suscita problematizações sobre o *sentido de história* (adiante retomarei essa reflexão). Aí, o fio condutor é a oralidade, cotejada pelo escritor desde as lembranças de seus ancestrais, numa espécie de *memória por tabela*<sup>23</sup>, a qual o literato utiliza para representar fragmentos do passado. A literatura de ficção de Hatoum coloca a lume tensões entre a Memória oficial e outras memórias. Provoca, desta forma, ponderações, representações sobre o jogo do poder. Ora, as memórias são fontes históricas: por meio delas “é possível identificar a permanência de uma determinada leitura sobre o acontecimento, as contradições e as visões distintas, os elos que ligam certos grupos e afastam os outros”.<sup>24</sup> Nesse influxo, o escritor surge como um intelectual que procura “dignificar o anônimo”<sup>25</sup>, posto que sua prosa está comprometida com a alteridade: em suas tessituras residem trajetórias de personagens fraturadas, silenciadas, escondidas nas ruínas de memórias soterradas no tempo.<sup>26</sup> Talvez como o antigo poeta grego, Armino, lança mão de lembranças colhidas de alhures oralidades para testemunhar sobre os miasmas do passado, pois “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”.<sup>27</sup> Por sinal, e isso é hipotético: com Hatoum a memória vem como remédio: serve “para a libertação e não para a servidão dos homens”.<sup>28</sup> Traz a lume memórias subterrâneas “que possuem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira imperceptível afluem em momentos de crise em sobressaltos bruscos exagerados. A memória entra em disputa”.<sup>29</sup> Daí as narrativas forjadas no imaginário do referido escritor tronarem-se lugar de memória: “recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”.<sup>30</sup>

<sup>23</sup> POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200 a 212. De acordo com o referido historiador, nos elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva, estão os acontecimentos “vividos por tabela”: “São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo.” (p. 201).

<sup>24</sup> MOTTA, Márcia Maria Menendes. “História, memória e tempo presente”. In.: CARDOSO. C. F. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da História*. – Rio de Janeiro : Elsevier, 2012, p. 25.

<sup>25</sup> Tomo emprestado aqui a expressão do professor Aldrin Moura de Figueiredo quando fazia considerações sobre as peculiaridades da narrativa de Milton Hatoum em um profícuo diálogo ocorrido com as professoras Magda Ricci e Nazaré Sarges, durante meu exame de qualificação realizado no dia 27 de fevereiro de 2018.

<sup>26</sup> Em Órfãos do Eldorado está em jogo as memórias do protagonista narrador: Armino Cordovil.

<sup>27</sup> POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*; tradução Monique Augras; edição Dora Rocha. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 203.

<sup>28</sup> LE GOFF, Jacques. “Memória”. In.: \_\_\_\_\_ *História e memória*; tradução Bernardo Leitão... [et. Al.]. – 5ª ed.. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2003. p. 471.

<sup>29</sup> POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*; tradução de Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2. N. 3, 1989, p.4.

<sup>30</sup> NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares; tradução Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, (10), dez. 1993. p. 27.

Paralelo a isso, na contextura do escritor amazonense percebe-se a representação da história de cidades brasileiras.<sup>31</sup> Assim, assinto que esse estudo também faz reflexões sobre o imaginário de Hatoum relativo a três cidades amazônicas: Manaus, Parintins e Belém. Urbes retratadas no efêmero tempo mobilizado pelo vai e vem da economia gomífera, no que diz respeito às suas duas fases, demandas, a propósito, pelo grande capital. Por meio de seus depoimentos, o referido literato assevera que os motes para a elaboração de suas narrativas são relativos ao real e ao imaginário, corolários de suas experiências, desde os tempos da infância e parte da juventude, vividas em Manaus e, por extensão, de suas passagens pelas cidades de Brasília, São Paulo, Barcelona e Paris. Com isso, na perspectiva da história cultural do urbano, a narrativa imaginária de Hatoum torna-se uma fonte a ser problematizada, já que, “a cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas, como objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento”.<sup>32</sup> Nessa linha, à lume das cidades inscritas na novela em estudo, busco, como já foi dito, representações de acontecimentos históricos em processo de transformação. Ora, “as representações da cidade tendem a assumir uma forma metafórica de expressão, com apelo as palavras e coisas que, associadas ao conceito de cidade, lhe atribuem um outro sentido”<sup>33</sup> Está em questão, assim, quando lanço mão da narrativa imaginária de Milton Hatoum, a *metaforização do social*: “(...) admitindo que a representação não atinge ou revela uma verdade única e absoluta e que constrói algo de análogo e semelhante ao que efetivamente ocorreu um dia(...)”.<sup>34</sup>

Ademais, procuro conjecturar sobre o significado da fotografia no processo de criação da arte literária de Hatoum, pois que “a evidência histórica e a imagem são constituídas por investimentos de sentido e a fotografia pode ser um indício ou documento para se produzir uma história”.<sup>35</sup> Nessa perspectiva, não adoto da fotografia como objeto de pesquisa, mas como indício para verificar, por um lado, como as cidades em processo de estudo são representadas, pelo poder público, dos estados do Amazonas e Pará, através da organização de determinados registros imagéticos (álbuns, postais, etc.), porque as fotografias são aqui compreendidas como

---

<sup>31</sup> Cidades amazônicas. Contudo, nos mais recentes romances, *A noite da espera* (2017), e *Pontos de Fuga* (2019) primeiro e segundo volumes, respectivamente, da trilogia *O lugar mais sombrio*, Hatoum deixa transparecer imaginários das cidades de São Paulo, Brasília e Paris.

<sup>32</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª ed. – Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 8.

<sup>33</sup> PESAVENTO, 2002, p. 9.

<sup>34</sup> PESAVENTO, 2002, p. 11.

<sup>35</sup> MUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. “História e fotografia”. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História* – Rio de Janeiro : Elsevier, 2012, p. 263.

“documentos/monumentos, permitem-nos conhecer por ângulos poucos habituais a urdidura das relações sociais e experiências passadas, elucidando no presente sua alteridade.”<sup>36</sup> Por outro lado, ancorado nas reflexões de Jacques Rancière, formulo mais uma hipótese: a relação dialógica entre a narrativa literária de Hatoum e as narrativas inscritas nas fotografias oficiais revelam que o referido literato assume a postura de “espectador emancipado”<sup>37</sup>, pois, sob seu ofício a fotografia torna-se “imagem pensativa”.<sup>38</sup> Presumo, cruzando a fonte literária (isto é, a novela *Órfãos do Eldorado*) à fotográfica, que o imaginário da cidade inscrito na literatura de Milton Hatoum é forjado a partir da *memória* e seus lugares como, por exemplo, aquelas representadas sob a égide das fotografias. Para conjecturar, verifico o entretecer das imagens: aquelas grafadas com a luz, na passagem do século XIX para o XX, e às que habitam no imaginário de Milton Hatoum. Reafirmo: as fotografias que retratam a cidade no período delimitado por essa pesquisa, são utilizadas para argumentar que as cidades do imaginário de Hatoum subvertem àquelas representadas oficialmente, através de álbuns, cartões postais etc.

Como mencionei num parágrafo mais acima, esse estudo verifica o campo de possibilidade que a novela *Órfãos do Eldorado* traz à baila para a reflexão acerca do “sentido da história” e, por extensão para se pensar e fazer uma outra história da Amazônia. Sendo o escritor um “espectador privilegiado do social”<sup>39</sup> Hatoum, é um exímio leitor de seu contexto político e histórico. Quando urde sua narrativa, a cidade de Manaus está vivendo um cenário político que insiste em replicar o passado, através de um desenho arquitetônico construído para perpetuar tudo o que é supostamente “belo” em detrimento daquilo que se concebe como “feio”<sup>40</sup>. Anos antes do lançamento da novela em estudo, o escritor amazonense já denunciava posturas como estas.<sup>41</sup> Vislumbro que nas páginas dos livros de Hatoum se escutam vozes em uníssono a replicar: “nunca houve um momento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura”.<sup>42</sup> Argumento que atento a isto, Milton Hatoum procura

---

<sup>36</sup> Idem, p. 280.

<sup>37</sup> RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*; tradução Ivone C. Benedetti. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2012, p 7

<sup>38</sup> Idem, p. 103.

<sup>39</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002, p. 10.

<sup>40</sup> Como exemplo, a edificação do *Parque Jefferson Perés*, inaugurado em 01 de setembro de 2009 e concebido como uma homenagem a *Belle Époque* manauara.

<sup>41</sup> HATOUM, Milton. “Manaus, o impasse da Modernidade”. In.: DIAS, Edineia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*, 2ª Edição – Manaus: Editora Valer, 2007.

<sup>42</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. volume 1; tradução Sérgio Paulo Rouanet; Prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. 1ª edição. São Paulo : Editora Brasiliense, 1985. p. 225.



se desviar dessa concepção de cultura. Por isso, acrescento mais uma hipótese: a novela, publicada em 2008, foi urdida para refutar a versão laudatória acerca da Memória, essencialmente sobre um período que se convencionou chamar de *belle époque*. Desta forma, na referida prosa de ficção o literato assume compromisso com uma versão crítica sobre as memórias que, historicamente, foram/são divulgadas sobre a Amazônia. Vale dizer, há muito à margem da História e Historiografia brasileira. Com efeito, ao transcender a realidade pela linguagem, o referido escritor, busca uma verdade inscrita no tempo de suas narrativas, mais forte que a realidade externa: denunciadora dos fantasmas do tempo; provocadora porque abre fendas para que vozes emudecidas passem a falar desde as suas lembranças e memórias fraturadas. Sua prosa de ficção, portanto, atribui poder a determinadas vozes até então silenciadas, enunciadoras de memórias insurretas. Aquelas, antes subterrâneas, à baila tornam-se protagonistas de um tempo fictício. Este, fecundo de indagações no/para as temporalidades históricas.<sup>43</sup> Nessa perspectiva, uso, em algumas passagens de minha narrativa histórica, a oralidade de determinadas pessoas, as quais entrevistei, oportunamente. Oralidades, que suscitam lembranças, ora, relativas às representações e imaginários de cidades como, por exemplo, Parintins, seus mitos e lendas, esses que emergem do fundo dos rios, mas também da memória de seus habitantes; ora de reminiscências acerca da convivência com o escritor amazonense em estudo, para perceber suas peculiaridades: como literato, e como professor. Vestígios de sua trajetória intelectual. Recupero também, fragmentos de depoimentos de Hatoum, registrados em conferências, publicadas em mídias especializadas, mas também, por meio de uma espécie de “entrevista pública” que eu fiz com ele, em uma das vezes que o literato esteve em Manaus, para o lançamento de um dos seus romances. É preciso dizer, enfim, que não utilizo a oralidade como método, mas como exemplo, indício para meus argumentos nesta tese.

Chegou o momento de apresentar minhas *problematizações*: 1. Quais os conectores da relação fronteira entre a narrativa literária assentada na novela *Órfãos do Eldorado* com narrativas historiográficas relativas à Amazônia? 2. Onde residem as possibilidades de se pensar e fazer parte da história da Amazônia através da transfiguração de eventos culturais e históricos aflorados da literatura de ficção aqui estudada? 3. Como Hatoum se apropria das acepções

---

<sup>43</sup>PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. *Mnemosine*. Vol. 6. nº 2. p 2-13 – Artigos, 2010. Na página três desse artigo lembro que o referido pesquisador faz uma afirmação relativa às minhas reflexões sobre o valor que Milton Hatoum revela à palavra oral, matéria prima de sua literatura e, igualmente, do trabalho historiográfico do pesquisador italiano do qual estou me referindo: “Buscamos, fontes orais porque queremos que essas vozes – que, sim existem, porém, ninguém as escuta, ou poucos as escutam – tenham acesso à esfera pública, ao discurso público, e o modifiquem radicalmente”.

*memória, história, esquecimento* para construir seus imaginários sobre cidades amazônicas e nelas representar os conflitos sociais, essencialmente, elucidados por meio da trajetória histórica de determinadas famílias e/ou personagens, nas palavras dele, “fraturadas”<sup>44</sup>? 4. Onde se estabelecem as mediações de Hatoum para com os folcloristas, contistas, romancistas, cronistas, ensaístas, viajantes, estes também construtores de determinadas memórias e imaginários sobre as cidades de Manaus, Parintins e Belém? 5. Como perceber e analisar tais polifonias afloradas da novela *Órfãos do Eldorado*: qual biblioteca reside nas “vozes das páginas”<sup>45</sup> escritas pelo romancista amazonense, suas matrizes intelectuais e imagéticas, portanto?<sup>46</sup>

Para a resolução das referidas indagações foram manipuladas, além da novela de Hatoum, outros tipos de fontes: fotografias, encontradas no Acervo Digital do Centro Cultural dos Povos da Amazônia (ADCCPA), alguns jornais, acessadas a partir do Acervo Digital do Arquivo da Biblioteca Nacional. Documentos dos acervos da Câmara Municipal da cidade de Parintins. Análogo às essas fontes manejo as iconográficas - fotografias relativas à temporalidade recortada 1890-1945, encontradas em Álbuns publicados pelos estados do Amazonas e Pará, elaborados no período histórico em estudo, localizados nos dois acervos mencionados linhas acima, assim como em acervos virtuais. No que tange às fotografias de Parintins, os acervos acessados são os particulares. No contexto de minha pesquisa, acervos públicos direcionados à memória iconográfica inexistiam. Por isso, acessei os acervos particulares. Ademais, vale a denúncia: inexistem instituições voltadas à preservação de documentos relacionados à história e memória de Parintins por parte, essencialmente, da Prefeitura do Município. Há, sim, um trabalho realizado pelas Universidades (UFAM e UEA), através de seus projetos de pesquisa, e constituição de Laboratórios.

---

<sup>44</sup> Hatoum afirma que a inquietação, a ineficiência e deslocamento social do personagem suscita a perspectiva de uma vida solitária ou de uma vida fraturada. Esse drama social, familiar é abordado por ele através da memória, “deusa tutelar da literatura”. Conforme entrevista do escritor acerca do romance *A noite da Espera*, originalmente publicado em 2017. A entrevista foi gravada em 16 de outubro de 2017, concedida à Juliana Domingues do *Nexo Jornal*, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=RpRrVL9MrA&feature=youtu.be> acessado em 05/06/2018 às 13:36.

<sup>45</sup> CHARTIER, Roger. “Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas”. In.: ROCHA, João Cezar de Castro da (org.). *Roger Chartier – a força das representações: história e ficção* – Chapecó, SC : Argos, 2011. Aproprio-me aqui das reflexões de Roger Chartier quando assevera que a metáfora das vozes das páginas é profícua para a pesquisa sobre livros, leituras e literaturas.

<sup>46</sup> Acerca das matrizes intelectuais e imagéticas de Hatoum foi de suma importância o diálogo que tive com a professora Magda Ricci a partir das considerações feitas sobre o artigo, de minha autoria, *Órfãos do Eldorado como campo de possibilidades para a micro história*, articulado como produto final relativo à disciplina Teoria e Metodologia da História, no primeiro semestre de 2016. As contribuições feitas pela referida professora quando ocorreu meu exame de qualificação, no primeiro semestre de 2018.

A investigação se estrutura em três capítulos. *Nos caminhos de Milton Hatoum* consiste no primeiro. Neste, faço um esboço da trajetória intelectual do escritor amazonense. Para tanto, lanço mão de depoimentos já publicados, principalmente suas entrevistas e outros registros. Elaboro uma narrativa nada linear a partir de dois conceitos que peguei emprestado de autores inseridos na perspectiva da História Social da Cultura: *vivência* e *experiência*, isto é, E. P. Thompson, Raymond Williams, Walter Benjamin. No que tange à problemática da biografia, à luz das reflexões de Carlos Antônio Aguirre Rojas [*Braudel, o mundo e o Brasil*], Georges Duby [*A história Continua*], Sabina Loriga [*O pequeno x: da biografia à história*], Pierre Bourdieu [*A Ilusão biográfica*] fundamentei esse capítulo. Para compor minha narrativa lancei mão de entrevistas publicadas nas mídias especializadas, revistas etc. Usei o recurso da rede mundial de computadores para “entrevistar” um colega professor de Milton Hatoum (UFAM) o linguista Odenildo Sena, Washington Luiz Alves da Silva, aluno de Hatoum na UFAM, e Luiz Braga (fotógrafo paraense). Infelizmente, não consegui entrevistar a professora Edineia Mascarenhas. Fiz uma espécie de “entrevista pública” com Milton, em um determinado auditório da Universidade Estadual do Amazonas, quando o escritor participou de uma palestra de lançamento do livro *Pontos de Fuga*. A primeira seção do capítulo, isto é, “*Mil e uma noites em busca de um estilo*”: está entre aspas porque me apropriei de um texto articulado por Milton Hatoum, publicado em 19 de outubro de 1991, no jornal *A folha de São Paulo*, o qual tem o mesmo título. A partir dessa fonte faço um brevíssimo panorama do Brasil na transição dos anos de 1980 para 1990 quando, através do referido artigo o então escritor amazonense, noviço na cena literária brasileira, comentava sobre suas escolhas. Aí destaca a importância da memória de seus ancestrais e a influência da literatura hispano-americana e oriental. Destaca também a busca de uma literatura mais universal, assim como de um regionalismo peculiar. Tudo isso girando em torno de seu romance de estreia *Relato de um certo Oriente*. Na segunda seção: *A profícua relação com intelectuais paraenses: Edineia Mascarenhas, Benedito Nunes e Luiz Braga*: abordo o envolvimento de Milton Hatoum com intelectuais paraenses. O diálogo que há, houve com tais mediadores culturais. Destaque para a feliz descoberta que minha pesquisa me proporcionou: o diálogo da fotografia de Luiz Braga com a literatura de Milton Hatoum: ambos com ancestralidade oriental. Ambos, através de seus ofícios e arte, arquitetos da memória. No terceiro tópico: *Memórias ancestrais: onde nascem as narrativas*: descrevo a intrínseca relação da obra de Hatoum com a memória de seus descendentes. Pois são essas memórias que armam e amarram as ideias, os enredos de seus livros desde o *Relato de um certo oriente*. A memória de Hatoum e de seus contemporâneos também são vetores para a elaboração da recente trilogia *O lugar mais sombrio. Noutras cidades: motes literários*, consiste no quarto

tópico deste capítulo. Onde narro sobre as experiências e vivências de Milton Hatoum nas cidades por onde passou: Manaus, Brasília, São Paulo, Barcelona, Paris, essencialmente. Demonstro que a trajetória, nessas cidades, contribuiu para que Hatoum compartilhasse determinadas experiências, as quais ele traduz, de certa forma, através de sua escrita criativa, sua literatura.

Já no segundo capítulo: *Raízes, escombros e ruínas do “Eldorado”*: o sentido de história na literatura de Milton Hatoum, primeiro busco o dialogismo (entre suas narrativas de ficção, mas também entre o tempo do enunciado e o tempo da urdidura). Desenho que é esboçado a partir, relativamente, dos estudos de Robert Darnton.<sup>47</sup> Faço algumas conjecturas acerca do processo de apropriação de determinadas matrizes intelectuais e imagéticas utilizadas pelo escritor para elaborar a sua obra, elucidando a novela *Órfãos do Eldorado*: as possíveis leituras das literaturas deixadas pelos cronistas dos séculos XVI, XVII e XVIII e naturalistas do século XIX, assim como outras literaturas relativas ao mito viajante da cidade encantada: *Eldorado*. Nessa esteira, problematizo o sentido de história na referida novela. verifico e analiso, essencialmente, o sentido da história inscrito na novela *Órfãos do Eldorado*. Argumento que há uma determinada relação dialógica entre o conceito de história na acepção do filósofo alemão Walter Benjamin [*Teses sobre o conceito de história*] com a referida obra do escritor amazonense. A chave de leitura para tanto é a tomada de posição de Milton Hatoum sobre o mito viajante Eldorado. Considerando também que “o mito é um passado que é um futuro disposto a se realizar num presente”<sup>48</sup>, conjecturo que, com Benjamin, Hatoum adota o referido mito como uma “alegoria”. Refutando assim, sua representação simbólica, portanto, monolítica, monumental. Ao usar Eldorado como “alegoria”, Hatoum penetra nas diversas camadas dessa memória para construir uma narrativa trágica, a qual comporta parte da história da Amazônia. Nessa perspectiva, a contra pelo de histórias e memórias que exaltam a *belle époque*. Pois o mito do *Eldorado* elaborado no passado é constantemente ressignificado ao longo de diversas temporalidades, através de uma memória e uma história (atrelada a ordem dos discursos, dos valores, poderes vigentes). Tomando *Eldorado* como “alegoria”, Hatoum, refuta sua imagem de monumento e adota-a como um documento a ser problematizado. Assim, cata entre seus escombros, suas ruínas, determinados indícios, raízes para a elaboração de uma narrativa que “rema contra a correnteza histórica dos rios”[só para usar uma imagem análoga aos arquétipos

---

<sup>47</sup> Faço esse exercício tendo como referência, de certa forma, a proposta metodológica utilizada por Robert Darnton através do ensaio “Os trabalhadores se revoltam: O Grande Massacre de Gatos na Rua Saint-Severin”. In.: DARTON, Robert. *O massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*; tradução de Sonia Coutinho. – Rio de Janeiro: Graal, 1986.

<sup>48</sup> PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Tradução Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 69.

da Amazônia]. Reafirmando, a novela *Órfãos do Eldorado* surge como uma “alegoria”. Percebendo-a, assim, a novela de Hatoum, também se constitui como uma fonte de história onde constam indícios para a elaboração de uma história menos automática e mais problemática acerca da Amazônia. Algumas experiências compartilhadas. Na primeira seção do segundo capítulo: *Algumas experiências compartilhadas*, verifico e analiso algumas matrizes intelectuais fundamentais à literatura de Milton Hatoum. Conjecturo sobre determinadas experiências compartilhadas. Estas representadas nas narrativas de seus livros (poemas, romances, contos, crônicas). Parto dos mais recentes romances *A noite da Espera* (originalmente publicado em 2017) e *Pontos de Fuga* (originalmente publicado em 2019). *Dialogismo na obra de Milton Hatoum*, corresponde ao segundo tópico: me apropriando, dentre outras, das reflexões do professor Marcos Frederico Krüger Aleixo, sobre os três primeiros romances de Milton Hatoum (*Relato... Dois Irmãos e Cinzas do Norte*), assim como das sugestões inscritas nas obras de Mikhail Bakhtin (*Problemas da Poética de Dostoiévski*) e alguns de seus comentadores (*Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*, organização: Beth Brait), lançando mão de determinadas imagens, cenas, diálogos, personagens, etc., inscritos na obra de Milton Hatoum para argumentar e demonstrar o dialogismo na obra de Milton Hatoum. Destaco o relação entre as narrativas, as quais migram entre elas desde o primeiro livro (*Amazonas: Palavras e imagens de um rio entre ruínas*, publicado originalmente em 1979) até o mais recente (*Pontos de Fuga*). No tópico *A novela Órfãos do Eldorado e o sentido da história na obra de Milton Hatoum*, verifico, historicamente, como o mito viajante do *Eldorado* foi utilizado em algumas temporalidades, ora através de artefatos iconográficos, imagéticos, ora pela literatura, ora por projetos políticos. *Eldorado* aparece, assim, como símbolo da busca da felicidade, do progresso, do retorno a um tempo pretérito onde reside uma memória monolítica, laudatória, relativa à *Idade de Ouro* de uma determinada época. Feito isso, analiso a estrutura da novela *Órfãos do Eldorado*, paralelo ao seu processo histórico de feitura: motes, condicionantes históricos, subjetividade do autor. Verifico a relação dialógica que há entre as duas temporalidades: o tempo do enunciado e o tempo da escrituração da obra. Olhando para as reflexões de Sidney Chalhoub, Leonardo Affonso de Miranda Pereira, Roberto Schwartz, Jefferson Cano, E. P. Thompson, Raymond Williams, entre outros, vejo Milton Hatoum como “historiador”. Pois se apropria da matéria prima dos historiadores: a memória. Nessa medida, ao lançar mão de outras memórias, aquelas que não constam nos anais da História oficial, traz à baila indícios para a elaboração de uma história descompromissada com o poder instituído. Portanto, há um sentido de história em *Órfãos do Eldorado*. Um sentido que comporta a perspectiva de uma história dos vencidos. Hatoum desenha, portanto, caminho fecundo.

Seguindo essa vereda a mim foi possível a problematização da novela *Órfãos do Eldorado* como a *narrativa de uma cidade encantada ou alegoria de uma história trágica*.

No terceiro capítulo: *A polifonia das representações: imaginário de cidades amazônicas em Órfãos do Eldorado*, elucido a visão do urbano na literatura de Milton Hatoum. Para tanto, me aproprio de vários estudos que comportam a fronteira História, Literatura e Fotografia, principalmente, as reflexões de Jacques Rancière (*O espectador emancipado*). Com ele argumento que Milton Hatoum é um “expectador emancipado” diante das fotografias que, possivelmente, tenha acessado como recurso imagético para elaborar a novela *Órfãos do Eldorado*. Assim, o escritor usa as fotografias como “imagens pensantes”. Nessa esteira, argumento que, como Marcel Proust, Hatoum usa fotografia como metáfora da memória para, por meio da técnica do instantâneo, por exemplo, apresentar imagens insurretas do urbano, se comparadas às imagens produzidas para compor álbuns oficiais, muito utilizados como veículos de propaganda dos governos (Amazonas e Pará), Álbuns oficiais, preocupados em eternizar um tempo e uma memória laudatória. As representações da cidade na literatura de Hatoum são totalmente avessas às imagens cidade moderna (me refiro à Manaus e Belém), forjada que são no afã da ideologia do progresso, do discurso arquitetônico da civilização trazida pelos paradigmas europeus. Nessa medida, as imagens do urbano em Hatoum pretendem “dignificar o anônimo”. Tornam-se assim, mônadas: suscitam indícios de rupturas com uma determinada ordem social, política, cultural imposta pela Modernização. Hatoum quer mostrar as outras cidades que se constroem/ construíram na Cidade. Na primeira seção: *Fotografia e Literatura e as visões do urbano na obra de Milton Hatoum*, apresento a afinidade de Hatoum com a fotografia. Tomando como exemplo imagens inscritas em seus romances. Para argumentar que na novela *Órfãos do Eldorado* estão representadas três cidades amazônicas. Busco assim, através das fotografias, gravuras, desenhos e da literatura dos viajantes e da narrativa de ficção de Milton Hatoum a polifonia das representações dessas três cidades amazônicas. No segundo tópico: *Manaus: a cidade das ilusões*, verifico um certo diálogo da literatura de ficção de Milton Hatoum com a história e a historiografia da cidade. Argumento que as imagens da cidade imaginária de Hatoum, de certa forma, dialogam com a história social das cidade de Manaus. Uso um Álbum oficial para comparar as imagens oficiais e as imagens inscritas na novela de Hatoum. Apresento um conceito, por mim formulado: “narrativa fotográfica da literatura de ficção [de Milton Hatoum]” para problematizar a “fotografia antiga”. Assevero que, assumindo o papel de expectador emancipado, Hatoum observa Manaus como uma cidade das ilusões, fundamentalmente, na passagem do século XIX para XX. *Parintins: a cidade anfíbia*, consiste na terceira seção. Aqui, desde a literatura de ficção, passeio pelas representações deixadas nos

relatórios dos naturalistas do século XIX até à historiografia clássica [e aqui estou considerando o trabalho do historiador Arthur C. F. Reis – *As origens de Parintins*] para verificar quais as matrizes intelectuais e imagéticas, as quais, possivelmente, Milton Hatoum tenha acessado para construir a ambiência da cidade de Vila Bela (no plano do enunciado), Parintins (no plano histórico). Uso indícios cotejados em documentos primários, acessados em alguns arquivos da cidade de Parintins. Também fotografias inscritas em relatórios de viagens e de arquivos particulares organizados durante a pesquisa. Cabe destacar nessa seção a discussão que faço sobre o personagem central da novela *Órfãos do Eldorado*: Arminto Cordovil. Pois, o sobrenome Cordovil é indício para se buscar uma reflexão histórica e historiográfica sobre a cidade de Parintins. Assim, Arminto Cordovil (da ficção) pode ser problematizado como alegoria de José Pedro Cordovil (da história), o militar corrupto e agente da violenta exploração da mão de obra indígena, no contexto do governo de D. Maria I, a louca. No último tópico do terceiro capítulo: *Belém: a Cidade Velha*, dei ênfase aos espaços de memória e sociabilidade construídos durante o contexto da bela época. Percebo as imagens da cidade histórica de Belém – a Cidade Velha – Cruzo a narrativa de ficção de Milton Hatoum com imagens de Álbuns e cartões postais, produzidos por veículos oficiais do estado do Pará. Destaco a imagem de uma Belém contraditória e segregada. Aí também verifico o diálogo da narrativa de ficção de Milton Hatoum com os relatórios dos naturalistas, a iconografia da cidade e com a historiografia atualizada sobre a história social da cidade de Belém. Nesse sentido, destaco os estudos de historiadoras e historiadores impressos, essencialmente, em duas coletâneas: *Belém do Pará, história cultura e cidade: para além dos 400 anos* e *Os oitocentos na Amazônia: política, trabalho e cultura* (organizadoras: Maria de Nazaré Sarges e Franciane Gama Lacerda). Destas coletâneas usei vários ensaios para pensar e fazer um esboço de parte da história da cidade de Belém, a partir do diálogo com a novela *Órfãos do Eldorado* de Milton Hatoum.

Em suma, na esteira do que sugere François Hartog, utilizado como epígrafe dessa introdução, sobre o ofício do historiador, enveredo pelas sendas da literatura de ficção: sair da zona de conforto, e lidar com a questão da temporalidade, através de uma relação menos enclausurada.<sup>49</sup> Perpasso o tempo histórico, e o do enunciado. Entrelaço o enredo ficcional ao historiográfico. E, nessa relação fronteira, procuro valorizar o enlace entre Clio e Caliope. Aqui, está o esboço dos caminhos trilhados nas veredas da literatura e da história: condições de possibilidade para a concretização dessa narrativa que, pela força dos limites da operação

---

<sup>49</sup> BURKE, Peter. “A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa”. In. \_\_\_\_\_. *A escrita da história: novas perspectivas* (org.); tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 347.

historiográfica, no momento, ocorreu um esforço de comportá-la no formato *tese*.<sup>50</sup> Contudo, todo conhecimento histórico é inacabado, vazado de fissuras. No texto que se avizinha essa preposição jamais deixaria de ser improvável. Entretanto, espero que elucide, pelo menos, pertinências históricas e historiográficas; enfim, indagações, às pessoas leitoras.

---

<sup>50</sup> Meu desejo original seria escrever um ensaio...



## ***PRIMEIRO CAPÍTULO***

### ***Nos caminhos de Milton Hatoum***

Para mim a literatura dá sentido à minha vida. São poucas coisas que dão sentido à nossa vida e das poucas coisas a literatura é das mais importantes. Escrevo com desejo, com paixão. Eu escrevo à mão de manhã cedo. Eu sei a que horas eu começo a escrever, mas não sei a que horas vou parar. Eu levo muito a sério a literatura, mas eu mesmo não me levo a sério. Não tenho a pretensão de ser um escritor representativo ou das academias. Não tenho nenhuma pretensão ao pedestal, nem à respeitabilidade. O escritor que se leva muito a sério se torna um pouco patético. Não tenho essa pretensão.<sup>51</sup>

#### **1.1 “Mil e uma noites em busca de um estilo”**

A propósito da intenção da narrativa que se avizinha, utilizo as significativas declarações do referido literato, como um impulso para iniciar o primeiro capítulo desse estudo sobre um escritor amazonense, que, desde o fim da última década do século passado ganhou notoriedade no conjunto de estudos literários desenvolvidos dentro e fora do Brasil. Nessa medida, também pretendo me apropriar da literatura de Hatoum para fazer uma análise inserida no campo da história social da cultura e da linguagem; como já deixei dito na Introdução desta tese, o imaginário de Hatoum, representado através de sua escrita criativa, assim, é utilizado aqui, como fonte de história. Assim, busco compreender os porquês relativos à elaboração de seus enredos, tramas, suas personagens. Na problemática da poética<sup>52</sup> de suas obras, cato também o sentido de história aí representado. Perceptível no registro, que serve de epígrafe neste capítulo, as vivências e as experiências do escritor que tem na literatura um alento para o sentido da vida.

---

<sup>51</sup> EL GEBALY, T. M. A. “Milton Hatoum: ‘não há tantos tradutores de língua portuguesa’”. In. : *Revista Crioula*. Maio de 2010 – Nº 7. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/crioula>. Acessado em 14/10/2017 às 02:13H.

<sup>52</sup> Procuro fazer o que proponho através na esteira das reflexões inscritas na seguinte obra: BAKHTN. M.M. Problemas da poética de Dostoiévski; tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

É como se aí estivesse implícito que escrever é um ato do trabalho intelectual, mas também de desejo.<sup>53</sup>

O que desenho aqui, para usar uma imagem relativa às minhas intenções, pode ser comparada como a tela que um possível artista plástico [amador] pretendeu fazer; pois, a partir de um projeto original, o “quadro” que agora chega aos olhos das pessoas, atingiu apenas a fase mais incipiente dessa pintura: o esboço do desenho. Trago a imagem lembrando das palavras de Bourdieu: é uma quimera querer tecer a biografia de qualquer sujeito histórico. Fiz, simplesmente, um “esboço da trajetória intelectual” de Milton Hatoum. Nele, constam lacunas. À luz das palavras precisas do sociólogo Pierre Bourdieu, que tanto contribuiu ao saber histórico, penso que: “[...], tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimento com significados e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão teórica, uma representação comum da existência [...]”.<sup>54</sup> Pois, como afirma, também, o filósofo francês Albert Camus: a vida é um absurdo.<sup>55</sup> Por isso, é impossível desenhar os seus rumos de forma linear, pois, todas as vidas são descontínuas. Assim, estarão entrelaçados nesse e nos outros capítulos os conceitos de verossimilhança, memória (e esquecimento), oralidade, história. Estes, talvez sejam amálgamas da narrativa, a qual esbocei; na acepção de que “(...), a história aposta na descontinuidade, visto que, ela é ao mesmo tempo, registro, distanciamento, crítica e reflexão; (...)”.<sup>56</sup> “A memória não é confiável, assim, como a história, que deixa de ser tomada como exatidão e passa a ser admitida por suas versões, ambiências, disparidades”.<sup>57</sup>

Sinto a necessidade iniciar minha história sobre a trajetória de Milton Hatoum por meio de um relato inscrito nas páginas de um determinado jornal paulistano. Assim, as pessoas leitoras compreenderão, inclusive, o porquê do enunciado do subtítulo deste segmento. Nas páginas que seguem, recorro à fonte, a qual me reporto.

O tempo era estável naquela manhã de sábado na cidade com maior número de habitantes da América do Sul.<sup>58</sup> Abrindo o impresso *O Estado de São Paulo* as pessoas que liam suas

---

<sup>53</sup> No dia 10 de abril de 2020, na conjuntura em que o Brasil e o mundo estava vivendo a experiência do confinamento devido ao problema da pandemia provocada pelo covid-19 (o novo corona vírus), Hatoum postou em seu *story* do *instagram* parte de uma conversa na qual ele fazia essa afirmação: “a leitura é um ato de prazer”. Quando a tese demandar, estarei, também, recorrendo a determinados registros, os quais considero pertinente à minha narrativa histórica, inscritos nas às redes sociais de Milton Hatoum.

<sup>54</sup> BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In.: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta M. (orgs). - 8ª ed. - *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 2006.

<sup>55</sup> CAMUS, Albert; RUMJANECK, Valerie. *O estrangeiro*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1999.

<sup>56</sup> MOTTA, Márcia Maria Menendes. “História, memória e tempo presente”. In.: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos domínios da história* – Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 25

<sup>57</sup> AZEVEDO, Véra Lúcia de. *A dispersão da memória e da escrita em Milton Hatoum e Lobo Antunes*. – Niterói: Editora da UFF, 2016, p. 10.

<sup>58</sup> De acordo com informações sobre a previsão do tempo inscrita na página 30 do jornal *A folha de São Paulo* do dia 19 de outubro de 1991.

páginas vislumbraram o registro de acontecimentos naquele primeiro ano, em que o Brasil respirava os ares de país que, após longos anos sem ter ido às urnas, havia recentemente eleito o primeiro presidente, sob a égide da Constituição de 1988, “a mais progressista e avançada das constituições brasileiras”.<sup>59</sup> Anos depois, a sociedade viveria as agruras das políticas econômicas que regeram as primeiras décadas dos anos 1990. O resultado das eleições de 1989 colocou em cena um devastador efeito ao processo democrático, este que fora herdeiro das lutas sociais e políticas gestadas desde os tempos do regime militar brasileiro.<sup>60</sup> O grande capital, a começar pelas manobras eleitoreiras, instalou seu projeto de hegemonia.<sup>61</sup> Contudo, essa conjuntura também plantou a arte: nas páginas do referido jornal, no caderno de Cultura, estava o depoimento de um escritor amazonense que há poucos anos chegara da Europa, com passagens por Barcelona e Paris, e também, possuía em sua bagagem as experiências vividas na cena literária daquela que outrora fora a “terra da garoa”.<sup>62</sup> Quando saiu da São Paulo dos anos de 1970,

“(…), era ‘um poeta bissexto e um contista inédito’. Doze poemas haviam sido publicados no volume *Amazonas, palavras e imagens de um rio entre ruínas*, com fotos ilustrativas. Os contos foram todos parar na lata do lixo. Também já havia escrito uma novela histórica, sob influência de Alejo Carpentier, mas sem a publicar.”<sup>63</sup>

O referido livro de poemas ficara perdido nas brumas espessas do tempo. Seus passeios pelas trilhas da arte literária iniciaram na adolescência, em Manaus, sua cidade natal. Mas foi em Brasília, nas folhas do jornal *Correio Braziliense*, em 1969, que ele publicou seu primeiro poema: um protesto a Guerra do Vietnã. Nesse testemunho do dia 19 de outubro de 1991, fora revelada parte de sua trajetória intelectual, inclusive, contando sobre o processo de criação do

---

<sup>59</sup> NETTO, José Paulo. “Em busca da contemporaneidade perdida: a esquerda brasileira pós-1964”. In: MOTA, Carlos Guilherme (organizador). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transição*. 3ª ed. – São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2013, p. 239.

<sup>60</sup> Na “Apresentação” de seu livro *1964: História do Regime Militar Brasileiro*, publicado pela editora Contexto (SP), lançado, originalmente, em 2020, buscando uma definição para o referido regime, o historiador Marcos Napolitano assevera (p. 12): “Trata-se de um regime complexo, muitas vezes aparentemente contraditório em suas políticas, que mobilizou vários tipos e graus de tutela autoritária sobre o corpo político e social, articulando um grande aparato legal-burocrático para institucionalizar-se, aliado à violência policial-militar mais direta”. Nessa direção, com ele, adoto a seguinte convicção, inscrita na página 11 do mesmo documento: “[...], não endosso a visão de que o regime político [...] tenha sido uma ‘ditadura civil militar’ ainda que tenha tido entre seus sócios e beneficiários amplos setores sociais que vinham de fora da caserna, pois os militares sempre se mantiveram no centro decisório do poder”.

<sup>61</sup> NETTO, 2013, p. 240.

<sup>62</sup> São Paulo é conhecida como *terra da garoa* porque as chuvas com partículas mais finas de água, as *garoas*, costumavam ser dos meses de março a junho. Contudo, é bem provável que nos anos de 1990, as modificações causadas a partir das transformações do espaço urbano, na referida cidade, terem provocado a escassez dessas águas que, inclusive, foram inspiração para músicos, escritores.

<sup>63</sup> PIZA, Daniel. “Perfil Milton Hatoum”. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. (org.) *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte*. – Manaus : Editora da Universidade Federal do Amazonas/ Uninorte, 2007, p.p. 15 e 16. Adiante esse evento será retomado.

livro *Relato de um certo Oriente*, seu primeiro romance publicado no Brasil. Passo significativo para tornar-se um escritor mundialmente conhecido. Nesse texto, Milton Hatoum, deixava transparecer determinadas especialidades de seu processo criativo. “Mil e uma noites em busca de um estilo” é, portanto, pleno de indícios quanto a essa averiguação.

Com efeito, para esse primeiro livro, depois de pelo menos três projetos de romance, gestados desde sua passagem por São Paulo, Hatoum afirma que partiu da ideia de urdir um texto lírico, na qual diversas vozes narrativas em primeira pessoa iriam se alternar. Por sinal, o leitor atento ao *Relato de um certo Oriente* percebe sinais da ideia a qual o escritor se refere nas páginas finais do referido livro, quando Hatoum, evidenciando uma de suas peculiaridades literárias – o fato de no próprio enredo de seus livros deixar transparecer os processos de criação e elaboração de suas obras, suscitando certa metalinguagem – inscreve:

Confesso que as tentativas foram inúmeras e todas exaustivas, mas ao final de cada passagem, de cada depoimento, tudo se embaralhava em desconexas constelações de episódios, rumores de todos os cantos, fatos medíocres, datas e dados em abundância. Quando conseguia organizar os episódios em desordem ou encadear vozes, então surgia uma lacuna onde habitavam o esquecimento e a hesitação: um espaço morto que minava a sequência de ideias. E isso me alijava do ofício necessário e talvez imperativo que é o de ordenar o relato, para não deixá-lo suspenso, à deriva, modulado pelo acaso.<sup>64</sup>

Noutro lugar, Hatoum deixou registrado que um dos vetores da literatura é a ambiguidade: “É isso que o livro insinua. É o mistério em torno desse Oriente que está um pouco nebuloso, e ainda não se sabe qual é o Oriente do romance.”<sup>65</sup> É sabido que o escritor levou um longo período para estruturar esse coral de vozes que, a propósito, vaza um entrelaçamento das falas de suas personagens, como o fragmento acima desenha. Apesar de ter sido um livro premiado não atingiu muitos leitores, ficou mais no plano das academias, posto que: “É mais difícil de ser lido; o leitor tem que descobrir a voz da personagem e quem está falando”.<sup>66</sup> Depreende-se dessa perspectiva o valor da narração oral na literatura de Hatoum: “(...), a cultura do Outro estava delineando-se por um outro caminho, talvez o mais fecundo para mim: o da narração oral”.<sup>67</sup> Ao lado dessas vozes em conversação, o entrelaçamento cultural entre o Oriente e o Amazonas. Aí o literato deixava vazar sua relação afetiva com a cultura árabe-amazonense,

---

<sup>64</sup> HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2008, p. 147. [Edição de Bolso].

<sup>65</sup> EL GEBALY, T. M. A. “Milton Hatoum: ‘não há tantos tradutores de língua portuguesa’”. In. : *Revista Crioula*. Maio de 2010 – Nº 7. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/crioula>. Acessado em 13/10/2017 às 23:29H.

<sup>66</sup> EL GEBALY, 2010 - Nessa entrevista Hatoum assevera: “Às vezes, você nem precisa ter muitos leitores, se os seus leitores forem fiéis e gostarem de literatura [...]. O que mais me entusiasma é ter bons leitores. Acho que isso é mais importante.”.

<sup>67</sup> HATOUM, Milton. “Escrever à margem da História” – texto da participação do autor em 4 de novembro de 1993 no seminário de escritores brasileiros e alemães, realizado no Instituto Goethe, São Paulo, p. 1. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/fornteiraz/article/viewFile/12593/9167>. Acesso em 14/10/2017 às 04:13H.

marcada por sua ancestralidade, pois se considerada suas vivências desde a infância, na casa, no ambiente familiar “(...) o pequeno Oriente que me cercava (e do qual emanavam códigos visíveis e invisíveis) foi decisivo”.<sup>68</sup>

Mas seu desafio mais intrincado fora romper com os limites das constantes representações hiperbólicas e exóticas sobre o Oriente e a Amazônia. Para tanto, segundo ele, diversas leituras posteriores lhes “permitiram aprofundar a compreensão de dois mundos complexos e distintos”.<sup>69</sup> Necessário se fazia romper aquelas representações do Oriente como enigmático e misterioso, pujante na literatura de viagem que determinados escritores como Gerard Nerval<sup>70</sup> reproduziam, por exemplo. Irromper com visões etnocêntricas igualmente, onde “o projeto literário serve ao expansionismo colonial. Por isso, alguns desses textos não estão isentos de distorções, de observações negativas sobre o mundo em que transitam os narradores.”<sup>71</sup> Hatoum, em face da diversidade literária sobre o Oriente, como afirma, degustou aquilo que lhe dera prazer. Foi, portanto a leitura de *Viagem ao Oriente*, de Nerval e *As mil e uma Noites* que lhe deu chaves importantes para compreender o valor simbólico dos ecos de uma determinada voz de um narrador, mesmo depois de sua morte. Noutro lugar de escrita o escritor amazonense afirma que a literatura hispano-americana lhe fez também conhecer o Oriente imaginário, em especial: “O que mais me impressionou na obra de Borges, antes mesmo de me deslumbrar com o Oriente que ele comentava e inventava em seus ensaios e ficções, foi a linguagem, uma linguagem que combina imaginação e exatidão, ou exatidão e imaginação”.<sup>72</sup> E ainda:

(...), foi exatamente a leitura de algumas obras de Borges que me proporcionou um conhecimento do Oriente. Um Oriente simbólico, presente tanto nos comentários das traduções como em alguns contos do livro *El Aleph* e em certos textos “híbridos”, em que o leitor não divisa a fronteira entre a ficção e o ensaio. Além disso, um dos tantos prólogos de Borges me despertou o interesse pela prosa narrativa de Marcel Schwob<sup>73</sup>, um escritor francês importante, mas pouco conhecido. Depois de ter traduzido um livro de contos de Schwob ambientado no Oriente percebi que essa tradução fora uma homenagem sincera, ainda que modesta, de um leitor anônimo ao escritor argentino. Com essas pistas de leitura deixadas por Borges, viajei como bolsista para Europa, onde tive a oportunidade de conhecer alguns arabistas espanhóis e franceses, assim como a tradução de várias obras da literatura árabe: os relatos de

<sup>68</sup> HATOM, 2017, p. 2.

<sup>69</sup> HATOUM, Milton. “Depoimento: Mil e uma noites em busca de um estilo”. In.: *Jornal O Estado de São Paulo*, sábado, 19 de outubro de 1991, no caderno de Cultura. Número 584. Ano VIII – Página 3.

<sup>70</sup> Literato francês, nasceu em Paris, 1808. Morreu na mesma cidade em 1855. A riqueza crítica costuma associá-lo ao Romantismo.

<sup>71</sup> HATOUM, Milton. “Depoimento: Mil e uma noites em busca de um estilo”. In.: *Jornal O Estado de São Paulo*, sábado, 19 de outubro de 1991, no caderno de Cultura. Número 584. Ano VIII – Página 3.

<sup>72</sup> HATOUM, Milton. “Prefácio: Passagem para um certo Oriente”. In. BRUNN, Albert von. Milton Hatoum : entre Oriente e Amazônia. Tradução : Rafael Rocca dos Santos. – São Paulo : Humanitas, 2018, p. 13.

<sup>73</sup> Mayer André Marcel Schwob (1867-1905), escritor simbolista francês, conhecido por seus contos e influência literária sobre a obra de Jorge Luiz Borges e Roberto Bolaño. A riqueza crítica já o chamou de precursor do surrealismo.

viagem de Ilbn Battuta<sup>74</sup>, a narrativa lírica e erótica de Ahmed Tifachi<sup>75</sup> e Nafzawi<sup>76</sup>, a mística mulçumana de Ibn Al Farid e outros textos com os quais alguns poetas e romancistas espanhóis vêm mantendo um diálogo fecundo.<sup>77</sup>

*O Relato de um certo Oriente* inscreve também, outra relação com a Amazônia: uma representação na qual a cultura e as personagens são elucidadas de forma pujante. Refutando, assim, com uma tradição literária em que o espaço é privilegiado. Hatoum se desliga da ideia de Amazônia como *inferno verde*.<sup>78</sup> Por suas palavras, o espaço “é antes objeto de reflexão do que cenário a ser protagonizado”.<sup>79</sup> Outra marca de Hatoum gira em torno de sua acepção acerca do matiz regionalista na literatura; o que já está posto desde aquele livro de poemas, mencionado linhas acima; abordado com certa ênfase linhas mais abaixo deste capítulo. Dito corretamente, para Hatoum narrar sobre a Amazônia não precisou usar o mesmo recurso de alguns escritores regionalistas: “reproduzir a fala cabocla”.<sup>80</sup> De tanto procurar um tema, uma fatalidade diretamente relacionada à perda drástica de um exímio contador de história, figura significativa na vida de Hatoum, fará com que o literato perceba que a trajetória de seus ancestrais, da qual ele fazia parte, era um palimpsesto do qual, através da latente reminiscência,

<sup>74</sup> Ilbn Battuta (1304-1368/1369), mulçumano beber marroquino, estudioso que viajou por inúmeros lugares durante sua vida. Destinando a maior parte dessas viagens para conhecer o mundo islâmico e não islâmico (Ásia Central, Sudeste Asiático, Índia e China). Os registros dessas viagens estão em dois livros: *Um presente para aqueles que contemplam as maravilhas das cidades* e *As maravilhas da Viagem*. Relativo a essas literaturas conferir: SILVA, Bruno Rafael Veras de Moraes e. *Viagem e alteridade: a construção do “outro” na Rihla de Ibn Battuta*. – séc. XIV. Recife, Ed. UFPE, 2013.

<sup>75</sup> Ahmed Tifachi ou Ahmad al-Tifashi (1184-1253), poeta árabe, antologista, musicólogo e geólogo. Uma de suas obras mais conhecidas é *As delícias de copas ou o que não é encontrado em nenhum livro*. Cf. J.Ruska e O. Kahl, "Tifashi" em *The Encyclopaedia of Islam*, 2ª edição, ed. por H. Gibbs, B. Lewis, Ch. Pellat, C. Bosworth et al., 11 vols. (Leiden: EJ Brill, 1960-2002), vol. 10, pág. 476

<sup>76</sup> Muham Al-Nafzawi (1300-1450), Xeique islâmico, autor do livro *O Jardim perfumado do prazer sensual* (Al-rawd al-âtir fi nuzhat al-khâtir). O livro apresenta opiniões sobre quais qualidades os homens e mulheres devem ter para serem atraentes, dá conselhos sobre técnicas sexuais, avisos sobre saúde sexual e receitas para remediar doenças sexuais. Possui uma seção sobre a interpretação de sonhos e, intercaladas com estas, há uma série de histórias que pretendem dar contexto e diversão. De acordo com a introdução da tradução de Colville em inglês, Muhammad ibn Muhammad al-Nafzawi provavelmente escreveu O Jardim Perfumado em algum momento entre 1410 e 1434. Sheikh Nefzawi, nome completo Abu Abdullah Muhammad ben Umar Nafzawi, nasceu na região de Nefzawa, no sul da atual Tunísia e, por volta de 1420, ele compilou a pedido do governante Hafsid de Túnis, Abû Fâris `Abd al-`Azîz al-Mutawakkil, o famoso livro e com ele ganhou grande reputação no mundo árabe. Al-Nafzawi, Muhammad Ibn Muhammad. *Sacred Sexuality: The Perfumed Garden of the Shaykh Nefwazi*. Tradução de Richard Burton. New York: Bibliotech Press, 2013.

<sup>77</sup> HATOUM, 2018, p. 15.

<sup>78</sup> FERREIRA, Arcângelo da Silva. *“Na vaga claridade do luar”: História & Literatura do Movimento Madrugada na cidade de Manaus (1954-1967)*. – Curitiba: Appris Editora, 2020. Nessa obra verifica-se o conceito de “inferno verde” a partir do livro de contos com título homônimo, elaborado pelo escritor Alberto Rangel. Essencialmente no conto “Maibi”, o referido literato, através de evidente influência das reflexões de Euclides da Cunha, acerca de suas interpretações sobre a relação Cultura e Natureza na Amazônia da passagem do século XIX para o século XX, aponta para um certo “determinismo geográfico”, um “geografismo”, quando afirma que as relações socioeconômicas inscrevem o trabalhador (seringueiro) na ambiência inóspita da floresta amazônica, onde o homem (o referido trabalhador, seringueiro) é engolido pela Natureza. Daí, o conceito de “inferno verde”.

<sup>79</sup> HATOUM, 1991, p. 3.

<sup>80</sup> HATOUM, 1991, p. 3.

ele deveria recorrer para construir e reconstruir a sua obra literária. Nas curvas das metáforas dessas mil e uma noites, afloradas das lembranças de seus ancestrais, Hatoum encontrou seu estilo. Muitos anos depois ele deixaria registrado em seu segundo romance que “cedo ou tarde, o tempo e o acaso acabam por alcançar a todos”.<sup>81</sup> Ficara claro, assim, como o literato menciona em outro depoimento que “a literatura não é apenas entretenimento, não é apenas diversão. É um dos modos de ver o mundo de forma complexa, oblíqua, e não direta. [...]. Literatura exige reflexão [...]”<sup>82</sup> Dito isto, como “arquitetar” um esboço da trajetória intelectual de Milton Hatoum? Em princípio recorrendo aos vestígios deixados no tempo.

Preposição que me fez recordar do estudo de Carlos Antônio Aguirre Rojas; ao propor uma biografia de Fernand Braudel sugere algumas chaves das quais pretendo apropriar-me para tecer, mesmo que de forma incipiente, um esboço da *biografia intelectual* do escritor amazonense Milton Hatoum. Delinear algumas das “experiências vividas” pelo escritor desde as vivências no meio familiar. O próprio Braudel afirmava não existir “um só personagem que não deva ser captado em seu tempo e em seu meio”.<sup>83</sup> E para Walter Benjamin “ninguém morre tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si”.<sup>84</sup> Com efeito, a biografia, se sabe, enfrenta a problemática indivíduo/sociedade, como assevera Aguirre Rojas:

(...): assumir como historiador o tema da biografia de determinado personagem é aproximar-se da reconstrução global dessa complexa tensão que, na dialética progressiva / regressiva das diversas “escolhas” do personagem histórico, desdobradas dentro do particular “campo dos possíveis” estabelecido por sua época e seu meio, terminam por definir a singularidade das condições e o itinerário do “projeto” desse mesmo personagem, mas igualmente o impacto real e as consequências concretas desse mesmo projeto sobre o referido contexto de época e do meio correspondente.<sup>85</sup>

Isto me faz ponderar, inicialmente, sobre como a obra de Hatoum dialoga com a realidade histórica, assim como a realidade histórica se inscreve na urdidura de Milton Hatoum? Perguntas que culminam, essencialmente, em outro problema: qual a relação do referido escritor com o passado e como este interpreta a história? Interrogações que me fizeram chegar à Manaus, capital do Amazonas. Não que esta cidade responda todas as questões, mas porque percebi que aonde Milton Hatoum for ele leva o lugar onde viveu uma parte significativa de

<sup>81</sup> HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2000, p. 259.

<sup>82</sup> SERRÃO, Cláudia Maria. Milton Hatoum fala sobre o processo de constituição do livro *Dois Irmãos* e suas relações editoriais. Disponível em <https://livreopiniao.com/2017/02/07/milton-hatoum-fala-sobre-o-processo-de-constituicao-do-livro-dois-irmaos-e-suas-relacoes-editoriais>. Acesso em 18/10/2017 às 16:40h.

<sup>83</sup> BRAUDEL, Fernand. *George Gurvitch ou la discontinuité du social*, 1953, apud. AGUIRRE ROJAS, Carlos Antônio. *Braudel, o mundo e o Brasil*; tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. – São Paulo : Cortez, 2003, p.1.

<sup>84</sup> BENJAMIN, 1985, p. 212

<sup>85</sup> AGUIRRE ROJAS, 2003, p. 11.

sua vida, como um de seus personagens, Arminto Cordovil, aqui pensado como *alter ego* do autor, observa: “(...), isso aí revela também o meu próprio movimento de sair de Manaus e voltar para Manaus. De sair do seu lugar e voltar para seu lugar (...).<sup>86</sup> Penso que, por isso, Arminto Cordovil, protagonista da novela *Órfãos do Eldorado*, em uníssono a epígrafe de Guimarães Rosa: “Eu sou donde nasci. Sou de outros lugares”, a qual Hatoum usa no livro *Cinzas do Norte*, lança mão de sutil ressignificação quando observa: “porque, se fores embora, não vais encontrar outra cidade para viver. Mesmo se encontrares, a tua cidade vai atrás de ti”.<sup>87</sup> Nessa esteira, o imaginário da cidade registrado nos seus romances, novela, contos e crônicas pode ser compreendido como uma espécie de “*espelho de uma sociedade*”.<sup>88</sup> Sociedade crível, decerto, abstraída da transfiguração de outra sociedade, a “imaginária” configurada na *determinação*<sup>89</sup> do chão histórico, no tempo em que nasce a escrita criativa, os enunciados de Milton Hatoum. O que quero propor é que as vivências e nestas a trajetória intelectual deste escritor foi tecendo-se através de experiências<sup>90</sup> culturais e políticas as quais fizeram dele, um artista preocupado com as representações sobre a Amazônia. Para ele a história – fundamentalmente da Amazônia - precisa ser compreendida na sua alteridade.<sup>91</sup> Por isso busca a outricidade, “[...], procurando esse outro que é ele mesmo. E nada pode trazê-lo de volta a si, exceto o salto-mortal: o amor, a imagem, a Aparição”.<sup>92</sup>

---

<sup>86</sup> LEAL, Cláudio. Hatoum: a literatura é a arte da paciência – entrevista. Disponível em: terramagazine.terra.com.br. Publicado quarta-feira, 19 de setembro de 2007, 13H51. Acessado em 19/09/2017 às 16:56h.

<sup>87</sup> HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo : Companhia da Letras, 2008, p. 97.

<sup>88</sup> A partir de uma observação feita pelo professor Márcio Couto Henrique sobre um ensaio produzido como produto da disciplina O Metier do Historiador, ministrada no primeiro semestre de 2016, considero que a ideia de "espelho de uma sociedade", aqui manipulada, não implica na noção de reflexo, como se a obra do autor refletisse a sociedade, não soa, portanto, como um movimento mecânico, que nega o diálogo, o dinamismo da relação do autor/obra com seu tempo e lugar. Decerto, como me fez verificar a professora Magda Ricci, através das aulas de Teoria e Metodologia da História, ministradas no período referido acima, procuro pensar na direção de Febvre, quando reescreveu a história de Lutero, de Duby, aos construir a peculiaridade da cavalaria através de seu Guilherme, o marechal; em Le Goff, ao pensar e reescrever as trajetórias de São Luís e São Francisco de Assis, lógico, guardadas as devidas proporções deste esboço biográfico que estou procurando desenhar.

<sup>89</sup> Aqui estou, de certa forma, pensando com Raymond Williams, ao me debruçar na leitura da seguinte passagem da obra *Marxismo e Literatura*, publicada em 1979, através da Editora Zahar: “ Na prática, a determinação não é nunca apenas a fixação de limites, mas também a existência de pressões. É também esse o sentido de ‘*determine*’ em inglês: determinar que se faça alguma coisa, ou estar disposto (*determined*) a fazê-la, é um ato de vontade e propósito.” (p. 91).

<sup>90</sup> Estou adotando os conceitos de *vivência e experiência* dos revisionistas do marxismo, como por exemplo, Walter Benjamin, no seu escrito *Teses sobre História*, e E. P. Thompson, no seu livro *Miséria da Teoria: um planetário de erros*.

<sup>91</sup> FERREIRA, Arcângelo da Silva; OLIVEIRA, Patrícia de Souza. “Mito, memória e história: nos caminhos de *Órfãos do Eldorado*” In. : FERREIRA, Arcângelo da Silva... [et. al.]. (orgs.). *Pensar, fazer e ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas*. – Manaus (AM): UEA Edições; Valer, 20015.

<sup>92</sup> PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 141.



Em suma, ficou posto, assim que Literatura e História, guardam, portanto, fronteiras móveis. Dito isto, convido as pessoas que acompanham minha narrativa para adentrarem na próxima seção deste capítulo inicial. Vamos a ela?

## 1.2 A profícua relação com intelectuais paraenses: Edineia Mascarenhas, Benedito Nunes e Luiz Braga

Quando leitoras e leitores receberam em suas mãos a primeira edição do livro *A ilusão do Fausto*, de Edineia Mascarenhas, verificaram que o livro ganhou o prefácio do escritor amazonense Milton Hatoum. Como adiante elucidarei, o referido literato naquela década era professor de literatura brasileira da Universidade do Amazonas, instituição em que a historiadora paraense também pertencera<sup>93</sup>. Com já foi mencionado iniciavam os anos de 1990, nessa conjuntura Hatoum já havia publicado seu primeiro romance, *Relatos de um certo Oriente* - ganhador de um dos prêmios mais importantes no que tange à literatura de ficção, no Brasil<sup>94</sup>. Edineia, naquele dia vivenciou a experiência de ver sua dissertação de mestrado adaptada para livro, concretizada pela Editora Valer<sup>95</sup> quando “mais um lançamento movimentava o mercado literário em Manaus”.<sup>96</sup>

“Manaus: o impasse da modernidade” foi o título que o literato deu ao mencionado prefácio. Este evento inscrito na história social da cultura da cidade de Manaus é, decerto, bom para pensar. O escritor argentino Jorge Luiz Borges, em sua conferência *La poesia* asseverou que literatura é imagem, pois “*el concepto de que el lenguaje es un hecho estético*”.<sup>97</sup> Talvez, por meio de determinada experiência compartilhada, Hatoum ao urdir o texto, do qual me reporto, tenha deixado os indícios do imaginário da cidade e, por extensão, das representações

---

<sup>93</sup> Quando o livro da mencionada historiadora é publicado ela já havia se aposentado como professora mestre da UA que é considerada, historicamente, como a primeira Instituição de Ensino Superior do Brasil. Criada em 17 de janeiro de 1909, como *Escola Universitária Livre de Manaós*. Em 1962, é criada como Fundação Universidade do Amazonas, mas instalada somente em 1965. E em 2002 é denominada Universidade Federal do Amazonas.

<sup>94</sup> Com esse romance, publicado originalmente em 1989, na 32ª premiação do *Jabuti*, o escritor ganhou o prêmio de literatura de ficção, o evento ocorreu em 1990. Na 44ª premiação, ocorrida em 2001, ganha o segundo *Jabuti* com o romance *Dois Irmãos* e em 2006, com o livro *Cinzas do Norte*, durante a 48ª premiação, pela terceira vez leva o prêmio de melhor romance de ficção.

<sup>95</sup> A Editora Valer, criada em 1990, manteve também uma livraria que fechou suas portas em 2015, devido à crise, conjuntural, que contribuiu com falência de muitas livrarias físicas. Nos seus 25 anos de existência a livraria priorizou a publicação de autores amazonenses e temas regionais. Realizou também a “Quarta Literária”, durante 19 anos e o *Flifloresta* – Festival Literário na Floresta, ocorrido em 2008.

<sup>96</sup> De acordo com o Jornal do Comércio, de 5 de março de 1999, o referido livro foi lançado na mesma data em uma cerimônia ocorrida às 19h no Espaço Cultural Valer.

<sup>97</sup> BORGES, Jorge Luis. “La poesia”. In.: \_\_\_\_\_ *Siete Noches*. México : Fondo de Cultura Económico, 1981, p. 36.

sobre a Amazônia, os quais ele iria novamente trazer à baila através de um de seus livros, publicado originalmente anos mais tarde. Por outras palavras, quiçá seja possível conjecturar: o prefácio que Hatoum elaborou para a obra de Mascarenhas é indício para a narrativa que iria ser publicada originalmente dezoito anos mais tarde, isto é, a novela *Órfãos do Eldorado*<sup>98</sup>. O mencionado prelúdio é mote para a averiguação de certos vestígios acerca da relação dialógica entre a literatura de Hatoum com as ciências sociais, aí especificamente, a História e a Historiografia. Adiante um trecho:

Já muito se comentou e escreveu sobre o espaço embelezado da cidade: suas praças, seus monumentos, seus edifícios suntuosos, dotados de estilos superpostos, importados da Europa. Esta é a Manaus mais divulgada, a cidade revelada em fotografias e cartões-postais. Mas há uma *zona de sombra*, escondida ou muito pouco revelada nesse urbanismo pretensamente grandioso, espalhado na Paris do prefeito Haussmann. Trata-se da outra face da ‘urbs’, uma face nada edificante da mesma fisionomia urbana: a Manaus dos excluídos. Ou seja, dos pobres, miseráveis, imigrantes, enfermos, loucos.<sup>99</sup>

O grifo é meu. Com ele é possível ponderar que a memória e a história presentes na Historiografia e produzidas anteriormente aos estudos de Edineia Mascarenhas, no que diz respeito à história da mencionada cidade amazônica, deixam nas sombras personagens excluídos. Ao elucidar a outra face da cidade de Manaus, Mascarenhas “impôs-se a tarefa de questionar muitas histórias sobre Manaus do fim-de-sècle.”<sup>100</sup> Olhando, uma vez mais as palavras de Hatoum, e procurando verificar o quanto a narrativa histórica mantém relação fronteira com a narrativa literária, penso no conto *O Aleph*, o que me induz a compreender, conforme o que esta investigação propõe alcançar, que a literatura é “o lugar onde estão, sem confundirem, todos os lugares do orbe, vistos de todos os ângulos”.<sup>101</sup> Jorge Luis Borges também me faz imaginar uma alegoria: representação do ofício do historiador, na sua comparação ao trabalho do literato.

Tal imagem consiste numa transfiguração: um quarto escuro, de porta única e sem janelas - somente com poucas fissuras no telhado por onde adentram escassos feixes de luz. Ao pesquisador é destinado pouquíssimo tempo para entrar, movido pelo desejo de seguir os rastros para impetrar os fios que possam lhe aproximar da realidade social, inscrita no tempo pretérito.

<sup>98</sup> O leitor desta investigação histórica verificará que me aproprio inúmeras vezes de conjecturas.

<sup>99</sup> HATOUM, Milton, “Manaus: o impasse da modernidade” – Prefácio (p.12) – In. DIAS, Edineia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. – Editora Valer, 1999.

<sup>100</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. “Resenha do livro *A Ilusão do Fausto*” (p. 1) In.: *Revista Brasileira de História*. V. 21. N. 40. São Paulo, 2001. Acesso em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882001000100014> no dia 17.07.2017 às 01:03H.

<sup>101</sup> BORGES, Jorge Luiz. “O Aleph”. In.: *Obras completas de Jorge Luiz Borges*. Volume 1. São Paulo: Globo, 1999, p. 55.

A incerteza lhe aguarda na procura de pistas nesta *zona de sombra* na qual se propôs tatear. Ora, em muitos arquivos escuros Mascarenhas talvez possa ter igualmente ingressado para colher, depois selecionar, catalogar fontes e, após, acurada análise, perceber as tensões sociais, no contexto que sua pesquisa histórica abarca. Como ela mesma assevera, um problema evidente é a bruma espessa imposta por um conhecimento há muito “oriundo de um mundo exterior, sem a compreensão das condições concretas do homem da região, suas diferenças e especificidades”.<sup>102</sup> Os monumentos edificados na passagem do século IX ao XX são as marcas do projeto civilizatório deixadas no tempo, representam registros desse conhecimento exterior, evidente, inclusive, no traçado urbano das principais capitais brasileiras, à época, erguidas. Manaus, assim como Belém, foi exemplo clássico.

Eis a *zona de sombra*: a memória social solidificada na pedra que edifica o discurso urbanístico. No desenho da arquitetura de uma reminiscência que tem a pretensão de registrar a História dos vencedores. Hatoum, nas curvas do exórdio que estou utilizando como fonte, demonstra, com Mascarenhas, a preocupação de narrar outra história, a dos vencidos. Nessa medida, é possível verificar certa convergência do escritor e da historiadora acima mencionados, quando examino que a cidade “é feita das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”.<sup>103</sup> Pois, o que faz Mascarenhas analisar as transformações da cidade de Manaus, ocorridas nos anos de 1890-1920, decerto, é a permanência histórica que mensura seu traçado urbano. E, assim, portanto, a segregação social: “Como se sabe, a opulência econômica gerada pelo extrativismo concentrou-se nas mãos de poucos. Também, a cidade embelezada serviu para um punhado de privilegiados”.<sup>104</sup> Milton Hatoum sinaliza afinidade com o pensar e o fazer historiográfico apropriando-se da categoria *tempo* como chave de leitura fundamental para a acepção do conceito de *história problema*<sup>105</sup>, o qual Mascarenhas lança mão para delinear sua análise. Veja, pessoa leitora, no indício abaixo:

Embora este ensaio analise em profundidade uma época determinada, o leitor atento é convidado a pensar na cidade atual, pois *não podemos entender o presente sem compreensão aguda do passado*. Um século depois do fausto da borracha, questões referentes à habitação, saúde, educação e ao transporte urbano emergem não apenas como problemas urbanos, mas sobretudo como ausência ou falha de uma política voltada para a população mais desfavorecida. Esta constitui a grande maioria da população manauara que continua segregada, abandonada, e, por que não dizer, aviltada. Hoje o cenário político e econômico é outro, muito mais complexo em suas particularidades regionais e nacionais, ligadas, por sua vez, à trama de interesses

<sup>102</sup> DIAS, Edineia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. – Editora Valer, 1999, p. 11.

<sup>103</sup> CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainard. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003, p. 15.

<sup>104</sup> HATOUM, 1990, p. 12.

<sup>105</sup> Aporte formulado pela primeira geração dos *Annales*.

internacionais. No entanto, pode-se falar de uma nova ilusão de um outro fausto, já que a industrialização não garante, por si só, cidadania e bem-estar social.<sup>106</sup>

O presente é herdeiro do passado. É o que Hatoum deixa transparecer nesse testemunho. Para ele, reside na memória social uma permanência: a crença naquilo que o escritor, com Mascarenhas, denomina de ilusão acerca de uma variante da História. Desta forma, conjecturo que Hatoum traz à baila novamente, a reflexão sobre o problema da representação do Tempo, da História e da Memória. Ao elaborar, anos mais tarde, a novela *Órfãos do Eldorado*<sup>107</sup> a problemática relativa a esse *mito viajante* é focada. Essa novela narra a trágica história da família Cordovil, nos críveis relatos de Arminto, o narrador-personagem. Captando o passado em relampejos irreversíveis de imagens<sup>108</sup>, no entrelaçar das lembranças do protagonista do enredo, o literato desenha uma memória em ruínas. Assim, o literato faz escolhas significativas, como fez a historiadora paraense quando na *zona de sombra* coloca em xeque o “fausto”, assumindo “o compromisso de recuperar, para a história do Amazonas, as condições de vida e de trabalho em Manaus no início do século”.<sup>109</sup> Nessa esteira, Hatoum, para além de Manaus, constrói imaginário de outras cidades: Parintins e Belém. Não sem sentido, corroborando com as teses da historiadora Edneia Mascarenhas, ele assume o compromisso de desmistificar *Eldorado*.

A afinidade de Milton Hatoum com intelectuais paraenses é fecunda. Quando veio ao público leitor da cidade de Belém o livro “Crônicas de duas cidades – Manaus – Belém” esta relação ficou bem representada. Escrevendo o livro juntamente com o filósofo Benedito Nunes<sup>110</sup>, Hatoum deixa transparecer, novamente, seu imaginário sobre a cidade de Manaus. A crônica, portanto, é outro vestígio que utilizo como “campo de possibilidade” para esta investigação. Veja o leitor que os indícios da memória são cruciais à literatura de Hatoum:

*A memória é o único desafio do passado, de prestar contas com ele, seja através de uma imagem, de uma história oral e escrita. É como se, diante de uma ruína a gente tentasse imaginar a casa antes de sua demolição ou destruição: quem morava ali, como e que tempo viveram aquelas pessoas, como eles se relacionavam entre si, etc. o ponto*

<sup>106</sup> HATOUM, Milton, “Manaus: o impasse da modernidade” – Prefácio (p.12) – In. DIAS, Edineia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. – Editora Valer, 1999.

<sup>107</sup> Publicado originalmente, pela Companhia das Letras, em 2008, a análise da novela como fonte para o saber histórico será problematizada, mais acuradamente, nos capítulos posteriores.

<sup>108</sup> BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história” In.: *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas, volume 1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio: Jaenne Marie Gagnebin, 3ª edição – São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 224.

<sup>109</sup> MASCARENHAS, 1990, p. 18

<sup>110</sup> O mais recente romance de Milton Hatoum *A noite da espera*, originalmente lançado em 2017, é também dedicado à memória de Benedito Nunes.

de partida são as *ruínas*, e a *ficção* é uma tentativa de imaginar sua *história*, reconstruindo o que não existe mais. [grifos meus] <sup>111</sup>

É como se o fragmento fizesse o leitor perceber que o passado é um conjunto de ruínas guardadas nas camadas da memória. <sup>112</sup> A imagem, desnudada por meio da linguagem, parece se reportar às reflexões de Walter Benjamin sobre outra imagem: o quadro do pintor suíço Paul Klee, intitulado *Angelus Novus*.<sup>113</sup> Paralelo a isso, às reflexões do mencionado filósofo a propósito do conceito de história. Diz este, também crítico de artes, que as ruínas são análogas aos acontecimentos com os quais a história é narrada. Alguns acontecimentos são herdeiros de lembranças felizes, outros de reminiscências traumáticas. Mas todos inscrevem memórias, algumas evidentes outras latentes, no tempo.<sup>114</sup> Ora, “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um ‘tempo saturado de agoras’”.<sup>115</sup> Neste aporte reside a missão de se valer daquilo que foi esquecido no tempo pretérito. Cabe à História, e por extensão, à ficção, salvar o passado, elaborando no presente a história dos silenciados: deixados nos escombros, velados pelas ruínas da memória; como assevera Hatoum ao lembrar-se do valor da ficção, a qual imagina a casa e a sociabilidade entre seus moradores muito antes de sua demolição. Em suma, tanto em Benjamin como em Hatoum a imagem das ruínas pressupõe a referida acepção de história.<sup>116</sup>

São mesmo sobre as ruínas que o escritor amazonense busca recursos para elaborar as imagens, essencialmente, da cidade de sua infância e adolescência, por um lado como o leitor verá mais à frente. Contudo, nesse momento mostro que o literato continua sua missão de verificar os problemas sociais alojados na raiz histórica dessa urbe. Os viajantes que por aqui aportaram no século XIX são alvo de sua pena:

---

<sup>111</sup> NUNES, Benedito & Hatoum, Milton. *Crônicas de duas cidades: Belém – Manaus*. – Belém: Secult, 2006, p. 25

<sup>112</sup> BENJAMIN, 1987, p. 226.

<sup>113</sup> Verifiquei que Benjamin viu pela primeira vez o quadro em uma passagem por Berlim, onde estava exposto. Quando da sua venda, na Galeria de Hans Goltz de Munique, fez uma visita a seu amigo Gershom Scholem, em 1921, comprou o quadro e pediu para que o amigo guardasse até obter um apartamento em Berlim. Consigo levou a obra quando foi para o exílio em Paris, 1935. 1940: decidido a fugir do nazismo, e com destino aos Estados Unidos, deixou o *Angelus* aos cuidados de George Batalille. Foi a última vez que viu o quadro, pois em Port Bou, enclausurado no trem onde estava e ameaçado de ser devolvido à Gestapo, Benjamin cometeu o suicídio. Contudo, o quadro chega às mãos do filósofo Adorno, o qual já estava morando em Nova York. Este filósofo, então, levou a obra até *Israel Museum*, em Jerusalém. Ali *Angelus Novus* ainda está exposto ao público. (MATE, 2011, pp. 2016 e 2017).

<sup>114</sup> MATE, Rayes. “O anjo da história ou por que o que para nós é progresso para o anjo é catástrofe”. In.: *Meia-noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin “sobre o conceito de história”*; tradução Nélio Schneider. São Leopoldo, RS : Ed. UNISINOS, 2011, p. 211.

<sup>115</sup> BENJAMIN, 1987, p. 229.

<sup>116</sup> No segundo capítulo desta tese pondero sobre o *sentido da história* na literatura de Milton Hatoum.

Esses viajantes não percebem, ou talvez não pudessem perceber o fosso existente entre o desenvolvimento do capitalismo nos centros europeus mais avançados e a sua periferia mais distante. O mesmo anseio pela modernidade marcará a tônica dos discursos dos administradores e políticos do Amazonas durante o apogeu da borracha. Essa concepção de um *urbanismo planejado e higienizado excluía uma tradição dos povos nativos*.<sup>117</sup>

Percebo, através da recorrência ao meu grifo, a constante denúncia na obra de Hatoum. Evidente se faz no seu livro de 2005, *Cinzas do Norte*, onde, se considerado o tempo da escrituração desta obra, pode-se compreender a ferrenha crítica do autor sobre os falidos projetos arquitetônicos planejados para a cidade de Manaus.<sup>118</sup> Na citação supra, as palavras de Hatoum conotam que a herança cultural deixada pelas populações indígenas em todas as cidades amazônicas foi soterrada pelas ideias plantadas por sistemas externos. Assim, o passado aparece como um cemitério indígena posto que Manaus, edificada através de projetos civilizatórios, fez de seu chão um dissimulado campo de mortos: ruínas de ancestrais etnias. No passado, o traçado deixado pelas culturas indígenas foi “soterrado” por outro traçado, o exógeno. Quando ocorreu uma abrupta desintegração: a Natureza foi separada do espaço urbano. Quanto a isso, emblemático foi o aterramento dos igarapés de Manaus (como o leitor verá adiante, espaços de memória nas lembranças de Hatoum), assim como o quase extermínio das árvores na ambiência urbana (agonizando algumas mangueiras seculares se fazem imponentes em certas ruas)<sup>119</sup>. Conforme Hatoum, as precárias condições de vida para além do centro histórico de Manaus é o testemunho do equivocado plano urbano da cidade, posto que a política excludente seja de fato uma herança histórica. A multiplicação de miseráveis, em paralelo às doenças, é visível, decerto, desde os antigos Códigos de Postura, esse acontecimento é dissimulado por determinadas técnicas de poder, assevera Hatoum. Permanência histórica da qual vazam bairros periféricos e suas humildes condições de vida. Moradias improvisadas por alguma arte de viver que os segregados tiram de suas miseráveis experiências. Para Hatoum, circunstâncias que se arrastam desde o “processo histórico da cidade e de sua política

---

<sup>117</sup> NUNES & HATOUM, 2006, p. 52.

<sup>118</sup> HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2005, p. 145.

<sup>119</sup> Na rua Barroso – localizada bem no centro da Manaus antiga -, por exemplo, quando eu era graduando do curso de História e morador da Casa do Estudante Universitário do Amazonas (CEU-AM), presenciei a derrubada de duas centenárias *mangífera indicas*, nome científico das populares mangueiras, o que me fez escrever o conto “Clarissa na cidade”, publicado originalmente no livro *A sombra e seus duplos*, em 2015, pela editora Thisanura – edições de rua. Adiante um fragmento do conto: “Preciso voar fora desse céu. Esconder-me no vão dos telhados dos Correios. Aqui resido porque ontem, quatro de novembro de mil novecentos e noventa e seis, aproximadamente às dezoito horas e trinta minutos, a *Bemol* assassinou minhas amigas. Ficou o que elas me contaram antes de morrer [...]: eram frondosas, ancestrais de asiáticas seiscentistas. Alimentavam invisíveis meninos na multidão das ruas frenéticas. Quebravam, de propósito, os vidros dos carros barulhentos, jogando seus frutos. E abraçavam bêbados, notívagos quando, descidos da vida, paravam para jorrar água e espuma quente em seus pés de caule sólido” (Ferreira, 2015, p. 27).

excludente”.<sup>120</sup> Com efeito, “a modernidade de Manaus foi, na verdade, efêmera e para poucos. O senso comum de que a cidade foi uma réplica equatorial de Paris parece exagerado”.<sup>121</sup> Apesar disso, as cidades amazônicas, para muitos, são percebidas de forma exagerada, como observa Hatoum:

Quase tudo na Amazônia é visto de uma forma hiperbólica. Os superlativos em torno da grandeza e da exuberância escondem o que há de mais prosaico, o chão mesmo de nosso cotidiano. A retórica oficial e iconoclasta atribui à cidade a grandiosidade e a exuberância da natureza. O luxo urbano-arquitetônico de Manaus teria, enfim, encontrado os objetivos que antes só eram atribuídos à floresta que a envolve. Muitos mitos foram fabricados em torno desse urbanismo ostentoso. [...], E se o projeto deste [Teatro Amazonas] lembra o do Scala de Milão ou o Teatro da Ópera, de Paris, trata-se realmente de uma comparação de fachadas e interiores. São grandezas que se acercam mas só na superfície. No fundo, as diferenças são muitas e saltam aos olhos e aos ouvidos. Houve, por certo, uma dinamização da cultura, com seus teatros, cinemas, ateliês fotográficos, jornais, editores e livrarias. [...]. É como se a opulência econômica nublasse para sempre a experiência da escassez: cegueira que entranhou na elite um sentimento de infinitude com relação ao fausto.<sup>122</sup>

Ele, o fausto, no devir enfraqueceu. O porvir assistiu seu declínio, ou melhor, sua fuga. Mas a aura na qual ele se envolveu foi tão forte, historicamente, ao ponto de Hatoum apresentar elementos que sinalizam para a denúncia desse traçado anacrônico, o qual insiste em desenhar a Amazônia, os monumentos de suas cidades, através de rabiscos hiperbólicos. Para Hatoum, Manaus é uma espécie de mímica turva de Paris, desde sua arquitetura. Nessa medida, perpassada as temporalidades os velhos projetos urbanísticos abraçam-se com os supostamente novos. A estrutura destes, alude para balizas alicerçadas numa certa tautologia: “a Natureza ainda não encontrou seu lugar na *urbs*”.<sup>123</sup> Como alguém que experimentou uma cidade engolida pela Cidade idealizada pelo desrespeito a alteridade local, Hatoum grafa seu desabafo:

Sem laivos de nostalgia, penso que as metamorfoses por que passou a cidade nas últimas décadas emitem signos sombrios. O que restam dessas ruínas de um passado tão recente, apagando abruptamente, brutalmente?  
Reminiscências... Passeios ao léu em busca de imagens porque a cidade tornou-se, para mim ‘*imagem do pensamento e do inconsciente*’.  
Tornou-se, enfim, um texto em andamento, páginas sempre reescritas, *palimpsesto* a ser desvelado pelo vão da imaginação e da memória.<sup>124</sup>

Na citação reside “a comparação diante da ruína e o desejo de que o passado não se torne um pretérito mais que perfeito”<sup>125</sup>. E, novamente me aproprio de grifos para chamar a atenção

<sup>120</sup> NUNES & HATOUM, 2006, p. 55.

<sup>121</sup> NUNES & HATOUM, 2006, p. 58.

<sup>122</sup> NUNES & HATOUM, 2006, pp. 61 e 62.

<sup>123</sup> NUNES & HATOUM, 2006, p. 62.

<sup>124</sup> NUNES & HATOUM, 2006, p. 70.

<sup>125</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Prefácio. In.: NUNES, Benedito & HATOUM, Milton. *Crônicas de duas cidades: Manaus – Belém*. Belém : Secult, 2006, p.7.

das pessoas que continuam lendo esta narrativa. Beatriz Sarlo ao verificar as imagens inscritas na literatura de Jorge Luis Borges, argumenta que para o escritor argentino a representação do real é impossível, por isso, a originalidade de sua poética reside na intertextualidade: na escrituração do texto a partir de diversos outros textos surgidos da leitura inúmera. Acepção que Borges talvez tenha desenvolvido desde os seis anos de idade quando adentrou pela primeira vez na biblioteca de seu pai.<sup>126</sup> Sendo assim, em Borges também reside a ideia do *palimpsesto*, tecido pelo movimento do imaginário, nato de lembranças guardadas no inconsciente, posto que na “busca conflitante de um passado na inquietante cidade presente, desaparece na serenidade de sua escrita”.<sup>127</sup> Considerando as experiências compartilhadas, arrisco em dizer que na citação retirada da crônica sobre a cidade de Manaus, escrita por Hatoum, há convergência com as acepções de Jorge Luis Borges. Em suma, para os mencionados escritores, na perspectiva da constante busca do passado, a cidade vem como um texto urdido e reescrito. Daí a memória se constituir como eficaz recurso. Esse poeta e contista argentino é, de fato, uma inspiração para Hatoum, pois, como ele afirma: “em 1982, quando ainda morava na França, decidi seguir um conselho de Borges: é melhor deixar que um tema nos procure ao invés de persegui-lo com obstinação”.<sup>128</sup> As pessoas leitoras percebem que as acepções de Hatoum sobre a Amazônia e, por extensão, a história e memória de sua cidade natal são peculiares.

Fecundas são, por exemplo, as imagens que compõem as capas dos livros de Hatoum: antecedem as representações acerca da acepção do literato sobre a Amazônia. Pelo menos nas capas das primeiras edições dos livros *Relato de um certo Oriente*, *Cinzas do Norte*, *A cidade Ilhada e Órfãos do Eldorado* estão fotografias produzidas pelo paraense Luiz Braga, arquiteto de formação, como Hatoum. Meu argumento; ambos, através da peculiaridade de suas artes, narraram uma espécie de “micro-história da Amazônia”. “Fui apresentado há alguns anos ao Milton pelo artista Rubens Matuck em SP. De lá pra cá temos mantido uma amizade fraterna, inclusive ele já escreveu um texto sobre meu trabalho”.<sup>129</sup> As imagens colocadas nas capas dos livros de Hatoum são o testamento desta amizade. Contudo, elas traduzem, também, o lugar desses artistas no *campo de poder* inscrito no *campo cultural* em que estão inseridos. Noutros termos, tornaram-se *mediadores culturais*. A acepção de arte relativa às suas obras revela o

<sup>126</sup> SARLO, Beatriz. Jorge Luis Borges, um escritor na periferia. São Paulo: Iluminuras, 2008.

<sup>127</sup> LOURENÇO, Clediane; Makowiecky, Sandra. Possíveis concretos: a Buenos Aires de Jorge Luis Borges. Disponível em [www.anpap.org.br](http://www.anpap.org.br). Acesso em 17/08/2017 às 16:37 hs.

<sup>128</sup> Jornal *O Estado de São Paulo*, 19 de outubro de 1991, Caderno Cultura; número 584, Ano VIII, p. 3

<sup>129</sup> Entrevista, gentilmente, concedida por Luiz Braga em fevereiro de 2017 (via e-mail). A partir de agora quando me referir a ela usarei: BRAGA, 2017.



diálogo entre o olhar de quem utiliza as narrativas (fotográfica e literária) para tecer representações sobre a realidade social, com o propósito de colocar questões nos receptores de suas respectivas obras. Inclusive, essa afirmação é corroborada no significativo depoimento de Milton Hatoum, que utilizo abaixo, sobre o valor da obra fotográfica de Luiz Braga, quando esta é agregada à obra literária elaborada pelo escritor amazonense:

(...) a foto do interior de uma casa antiga, com retrato de um casal de velhos na parede, que é a foto do Luiz Braga do *Relato de um certo oriente*, ela vai além, quer dizer, ela tem o poder conotativo e denotativo ao mesmo tempo, certo? A foto da capa do *Cidade Ilhada*, que é do Luiz Braga, também tem alguma coisa que vai além daquele barco, daquelas redes, onde as pessoas estão dormindo. Aquele barco, ele está andando, ele está no tempo ali, no tempo da Amazônia.<sup>130</sup>

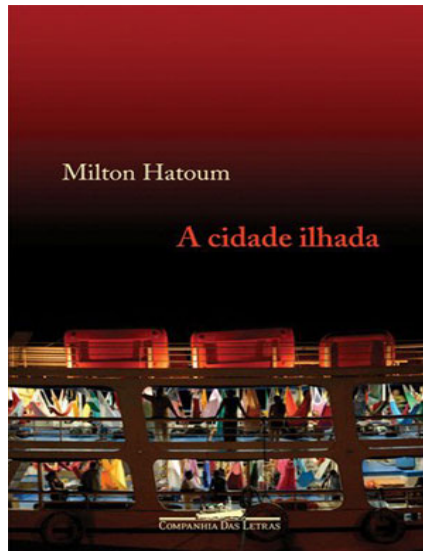
Pertinente também reproduzir as imagens das capas dos livros mencionados por Hatoum. Respectivamente, foram adaptadas das seguintes fotografias *Interior Palacete Pinho* (1977) e *Barco em Santarém* (2007):



**Figura 1:** imagem da capa do livro *Relato de um certo Oriente*.<sup>131</sup>

<sup>130</sup> Entrecho retirado das respostas às perguntas que fiz a Milton Hatoum sobre a relação de sua obra à obra de Luiz Braga, quando o escritor amazonense esteve em Manaus, em 06 de dezembro de 2019, para lançar o seu livro *Pontos de Fuga*. Esse evento ocorreu em uma tarde de sexta-feira no auditório da Escola Superior de Tecnologia (EST) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

<sup>131</sup> Vale dizer que a edição original do referido livro, 1989, mantinha outra imagem na capa.



**Figura 2:** imagem da capa do livro  
*A cidade Ilhada* (2009)

Nessa perspectiva, Hatoum e Braga congregam de um propósito: contar histórias da Amazônia lançando mão do insólito. Está implícito em suas obras um *tipo ideal* de leitor hábil no processo de decifração das alegorias (culturais, mas, essencialmente, políticas) da realidade inscrita no tempo que o fotógrafo e o literato recorta.<sup>132</sup> Quando indagado sobre a proximidade de sua fotografia à literatura de Hatoum, assim Luiz Braga se pronuncia:

Quando li *Relatos...* eu fiquei impressionado exatamente com essa capacidade do Milton de *fotografar com palavras*. Ao amadurecer fui percebendo *o quanto de literatura tenho produzido com minhas imagens* e as histórias reais a partir delas pelo público. Algumas são filmes de um só quadro. Ou livros de uma página. Com camadas ínfimas. [...]. Acredito que nós produzimos *uma visão da Amazônia sobre si mesma*, intimista eu diria, sem os estereótipos usuais. [...]. Milton fala de suas referências de vida, do que lhe moldou como homem. Ambos somos descendentes de imigrantes libaneses. *Não nascemos caboclos, mas nos tornamos a partir de um processo de maravilhamento com a cultura ribeirinha.*<sup>133</sup>

Fiz esses grifos com o propósito de suscitar a convergência entre as narrativas de Braga e Hatoum, essencialmente, quando li o prefácio que o escritor elaborou à obra do fotógrafo. Neste percebi que o que mais chama a atenção do literato é, de fato, a simplicidade inscrita nas fotografias do paraense.<sup>134</sup> Olhando para o referido prefácio, concluí, com a professora Caroline Fernandes, que:

<sup>132</sup> Verificar: BELTING, Hans. *Antropologia de la imagen*; traducido por Gonzalo Maria Vélez Espinosa. 1ª Edição. – Buenos Aires, 2007.

<sup>133</sup> BRAGA, 2017.

<sup>134</sup> Consegui O prefácio “Desenhos do Olhar: fotografias de Luiz Braga”, escrito por Milton Hatoum e gentilmente cedido pelo fotógrafo paraense, via e-mail (neste documento não há registro do local onde o texto foi publicado, originalmente, tampouco, a datação de sua escrituração). Mais tarde, verifiquei que o referido texto consta no livro de Luiz Braga: *Crônica fotográfica do universo mágico no mercado Ver-o-Peso*. 1ª Edição. São Paulo. Modernsign, 2008.

[...], há uma verdade íntima no olhar de Braga. Beleza que fura a palidez da memória estereotipada. O tempo de Braga é prazenteiro, porque lento: perde-se nos devaneios. Valoriza a moleza do gesto, o jeito de viver da cultura e da história amazônica. Os registros do trabalho humano, que o fotógrafo faz, são testamentos de um tempo longo onde reside a permanência de uma tradição pautada nas marcas deixadas pela gente subsumida. Desta forma, há humanidade até mesmo em imagens sem a presença de figuras humanas: Braga elucida, assim, os indícios dessa cultura simples. No olhar de Braga existe a impressão de uma etnografia do cotidiano que o fotógrafo anota pacientemente.<sup>135</sup>

A obra de Luiz Braga foi-me apresentada em um encontro acadêmico. Nesse momento surgiu uma provocação: qual o caráter do diálogo entre a narrativa dessas artistas?<sup>136</sup> Ora, Braga e Hatoum trazem à baila sujeitos colocados na invisibilidade: heróis anônimos, mas, sobretudo, anti-heróis inscritos em uma realidade social que segrega. Estes, falam por meio do som latente da fotografia e da literatura. Adiante exponho a fotografia de Luiz Braga:



**Figura 3:** *Janela em Marabá, 2005.*

Observando a referida imagem é possível depreender que:

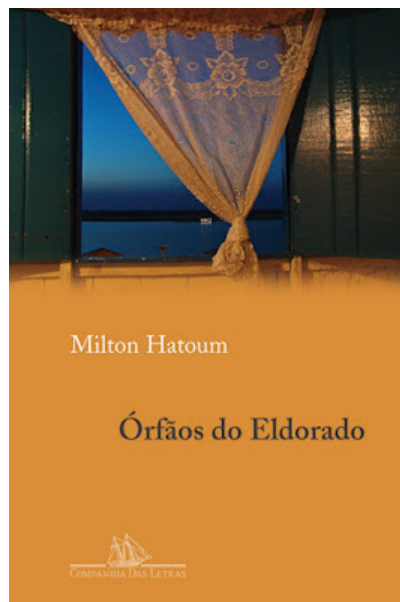
A imagem deixa ver no horizonte o avesso do dia. O leitor, antes de tudo é expectador. Diante da paisagem em tons de azul que se firma afora da janela, nos damos conta de que a vemos do interior da casa. A janela é o meio que confirma a condição dessa fronteira. Em oposição ao que está lá fora, ao céu infinito que aparece por trás da delicada cortina rendada, amarrada na ponta. Trata-se da tarde que finda ou da chegada do dia? O instante exato nos escapa à primeira vista. Da moldura sólida da

<sup>135</sup> FERREIRA, Arcângelo da Silva & FERNADES, Caroline. “Arquitetos da memória e as cidades encantadas: literatura e fotografia na Amazônia de Milton Hatoum e Luiz Braga”. In.: FERREIRA, Arcângelo da Silva... [et. al.]. *Nas curvas do tempo: História e historiografia na Amazônia em debate* (v. 2). Manaus -AM: Editora UEA, 2018, p. 168-169.

<sup>136</sup> Em uma aula realizada no Museu do Estado do Pará no ano de 2016, em Belém, da disciplina Seminário de Linha de Pesquisa II, ministrada pela professora Caroline Fernandes, quando levou sua turma de doutorado para visitar a exposição *Luiz Braga, retumbante natureza humanizada*.

janela de madeira, pende a transparência sensual da renda. Aqui do lado de dentro faz calor, como as noites mornas da Amazônia.<sup>137</sup>

*Janela em Marabá*, “foi feita no momento em que eu experimentava a câmera digital e a capacidade de capturar essas misturas de temperatura de cor, nesse caso a quentura da luz interior da casa contra a frieza do azul do exterior.”<sup>138</sup> por meio de suas experiências sensíveis, o fotógrafo imprime a luz: captura as cores do mundo na densa simplicidade representada nessa janela amazônica. Não sem sentido que essa imagem foi parar na capa da novela *Órfãos do Eldorado*:



**Figura 4:** Capa do livro *Órfãos do Eldorado*, 2008.

Argumento que esta imagem ao se inserir na capa da primeira edição do livro *Órfãos do Eldorado* apresenta uma das chaves de leitura da novela, posto que por meio desta fotografia é possível imaginar, após a primeira leitura da obra, Florita, personagem feminina de Milton Hatoum, observando o rio Amazonas a banhar cidades anfíbias da Amazônia, lembrando Dinaura, menina órfã que preferiu morar no fundo das águas, no *encante*: a cidade conhecida como *Eldorado*. Inscrita na capa do terceiro romance, *Cinzas do Norte*, que veio ao público em 2005, como já mencionei, está a fotografia Babá Patichouli. Sobre a imagem, o fotógrafo relata:

Babá marca o início de minha jornada pela cor do crepúsculo amazônico e as misturas de luzes. Foi feita num fim de semana de férias com a família na Ilha de Mosqueiro.

<sup>137</sup> FERREIRA, Arcângelo da Silva & FERNADES, Caroline. “Arquitetos da memória e as cidades encantadas: literatura e fotografia na Amazônia de Milton Hatoum e Luiz Braga”. In.: FERREIRA, Arcângelo da Silva... [et. al.]. *Nas curvas do tempo: História e historiografia na Amazônia em debate* (v. 2). Manaus -AM: Editora UEA, 2018, p. 165-166.

<sup>138</sup> BRAGA, 2017.

Não foi uma foto produzida, com modelos, etc. Um flagrante que ficou meses na gaveta pois no início estranhei a cor esverdeada (tecnicamente um defeito) e depois foi assumido e se transformou num ícone de meu processo/técnica. Hoje mais maduro vejo que ali estávamos eu e minha querida madrinha representados.<sup>139</sup>

Decerto, nesta fotografia compreende-se certa convergência: a peculiaridade que o literato aborda as lembranças e memórias sobre a Amazônia por meio de suas narrativas. Como estou tentando argumentar é possível conjecturar: assim como a literatura de Hatoum suscita, a fotografia de Braga procura romper com o fantasma do exotismo, do geografismo e, ao contrário disso, traz à baila vazão aos aspectos antropológicos e históricos; a relação dialógica entre os sujeitos amazônicos e a natureza; a percepção da polifonia e da diversidade para se tentar compreender a realidade social amazônica. Abaixo inscrevo a referida fotografia:



**Figura 5:** Babá Batchouli, 1986. In.: CHIODETTO, 2014.

Isso posto, penso ser pertinente verificar os acontecimentos vividos pelo literato, no contexto de sua ambiência familiar, considerando, assim, alguns registros sobre a infância e a adolescência, indícios relacionados às experiências vividas por Hatoum. Dizendo corretamente, é o momento de utilizar outros sinais, inclusos na trajetória intelectual de nosso literato.

### **1.3 Memórias ancestrais: onde nascem as narrativas**

---

<sup>139</sup> BRAGA, 2017.

É no sistema de relações (sociais, econômicas, políticas, culturais e ideológicas) que afloram: autor e sua obra. Aí é estruturado os campos de poder e intelectual, pois o *habitus* de classe, da mesma forma, se constitui desde a ambiência familiar, de onde o intelectual aprende a fazer suas escolhas. Pensando nisso procurei averiguar as redes de relações nas quais Hatoum se insere. Nesse sentido, no decorrer da investigação, conferi que:

A família de Hatoum esteve pela primeira vez no Brasil no início do século, quando seu avô foi para Xapuri (AC) animado pelo milionário ciclo da borracha (sic) e depois de 11 anos voltou para Beirute, Líbano. Contou histórias do Brasil para o pai de Milton, que, durante a Segunda Guerra, também decidiu ir para o Acre e, mais tarde, se instalou em Manaus como comerciante, tal como outros libaneses, sírios e judeus marroquinos que vieram ‘fazer a América’ – uma outra América – no Norte do Brasil.  
140

É, portanto, ouvindo as experiências de viagens do avô que, em parte, Hatoum obtém seus motes para a composição de seus personagens e enredo de seus romances e da novela que estou me apropriando como fonte histórica. Ora, basta ler as primeiras páginas de *Órfãos do Eldorado* para perceber que a memória é central nesta narrativa de Milton Hatoum. Aliás, em todas as suas obras ela é indispensável. Averigüei também que seus ancestrais foram peritos contadores de histórias.<sup>141</sup> Reafirmando o que venho dizendo, os relatos dos ancestrais de Hatoum ecoam significativamente em sua literatura. Durante sua infância a voz e o imaginário do imigrante são inventivos, havia fantasia, contudo, contextualização nas histórias de seus avós. Por sinal, quando seu avô libanês contava suas histórias ele também relatava acerca de suas relações comerciais, a sociabilidade com os moradores das várzeas, por onde seu regatão passava, detalhava sobre a peculiaridade e localidade dos rios, relatos contagiantes ao ponto de detalhar o encanto das florestas, a etnografia dos povoados, a especialidade de etnias indígenas, o jeito da cultura híbrida o fluxo entre cidade e campo. “Quer dizer, falava dessa vida entre Manaus e o interior, da história dele. Falava desse mundo em trânsito, entre a cidade e a floresta, com suas peculiaridades culturais e econômicas”.<sup>142</sup>

Por certo, o depoimento do escritor revela outra de tantas experiências vividas, aquelas que brotam no bojo da ambiência familiar, na herança de sua ancestralidade. Vivência que influenciou determinada perspectiva histórica presente em sua literatura. Tramas que parecem

<sup>140</sup> PIZA, Daniel. Perfil Milton Hatoum. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. (org.). *Arquitetura da Memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte*. – Manaus : Editora da Universidade Federal do Amazonas/Uninorte, 2007, p. 19.

<sup>141</sup> LEAL, Bruno Avelino. *Nas trilhas de Milton Hatoum: um breve estudo de uma trajetória intelectual*. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas/UFAM, 2010.

<sup>142</sup> KASSAR, Álvaro. “A pátria sem fronteiras”. *Jornal da Unicamp*, Campinas, junho de 2001 - ano XV – n. 163; Disponível em <http://www.unicamp.br/unicamphoje/ju/jun201/unihojeju163pg18html>. Acesso em 16.07.2017, às 19:17h.

fazer eco às palavras de Raymond Williams quando, ao buscar a relação do campo e a cidade na história e na literatura me fez observar particularidades, pois “a vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões”.<sup>143</sup> Arrisco em comparar aqui, pois, assim como aconteceu com Milton Hatoum, as idas e vindas do campo às cidades, fez o aludido historiador inglês, como ele mesmo afirma, ter aprendido:

(...) sob muitas formas, os aspectos dessa história, as ideias e as imagens, na sociedade e na literatura que foram as primeiras a experimentar, mas a fundo, uma mudança que depois se tornaria universal, ou pelo menos seria proposta como modelo de desenvolvimento universal. Isso deixou em minha mente toda espécie de questionamento e complexidade, e precisei recriar essa experiência lentamente, em mim mesmo e na literatura, a fim de recuperar o presente e o futuro através de uma compreensão diferente de um passado que nos deu forma e nos fascina.<sup>144</sup>

Semelhante a Williams, Hatoum foi um migrante entre campo e a cidade, não diretamente. Contudo, através das histórias contadas por seus avós. Ora, os historiadores que usam as fontes orais como recurso para buscar a memória sobre determinados acontecimentos, ensinam ser “possível nos lembrarmos de algo que não nos atingiu diretamente, mas que, por uma razão ou outra, contaminou nossa própria lembrança”.<sup>145</sup>

Paralelo às lembranças dos ancestrais atrelaram-se as próprias lembranças do escritor quando viveu em Manaus. Após a morte de seu avô materno, Mamed Ali Assi, um mascate que veio de Beirute no início do século XX, tornou-se um rico comerciante de sedas. A mãe de Hatoum, Naha Ali Assi, casa com Hassan Ibrahim Hatoum, um regatão, mascate dos rios da Amazônia. Da união nasceu o escritor que, como já foi dito, cresce na Manaus dos anos 1950. Os registros mostram que a vivência de Hatoum em Manaus fez com que ele guardasse lembranças significativas: “foi uma festa de arromba da minha infância e parte da juventude”.<sup>146</sup> Nesse período, no bojo da cultura escolar em que participava, havia momentos de sociabilidade, nos quais fez amizades com pessoas pobres e remediadas, pois, a escola, segundo o escritor, era um “microcosmo que espelhava o ensino público eficiente e relativamente democrático daquela época”.<sup>147</sup> Aí, os exercícios de leitura oportunizaram o contato com clássicos da literatura

<sup>143</sup> WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*; tradução Paulo Henriques Britto. – São Paulo : Companhia das Letras, 2011, p. 21.

<sup>144</sup> WILLIAMS, 2011, p. 497.

<sup>145</sup> MOTA, Márcia Maria Menezes. História e memória e tempo presente. In: CARDOSO, C. R. *Novos domínios da história*. RJ: Elsevier, 2012, p. 26.

<sup>146</sup>HATOUM, Milton. “Águas encontradas”. *Correio Braziliense*. Disponível em <http://www.miltonhatou.br.conet/upload/2011/03/%c3%81guasencontradascorreioBraziliense2002jpg>. Acesso em 20/07/2017, às 14:33h.

<sup>147</sup> HATOUM, 2017.

brasileira como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *O Ateneu*, de Raul Pompéia,<sup>148</sup> *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, *Quarup*, e *Vidas Secas*, de Antônio Callado e Graciliano Ramos, respectivamente. Fato que demonstra a dimensão de seu contato com a literatura desde cedo. Por isso, décadas mais tarde, como escritor legitimado, “no conjunto de seus romances estão os ecos de José de Alencar, (...), de Flaubert, de José Lins do Rego, (...), das tragédias gregas, da Bíblia...”<sup>149</sup> Dom Pedro II, nessa conjuntura, era um colégio rigoroso, no qual, com Hatoum, os estudantes participavam disciplinarmente de marchas cívicas, trajando fardamento impecável desde as rígidas gravatas, com as quais perfilavam sob o sol manauara.<sup>150</sup> Ainda sobre as experiências vividas no referido colégio, assim Hatoum faz observação sobre a cultura escolar:

Na minha adolescência, quando estudante do Ginásio Amazonense Pedro II (o imponente edifício neoclássico que, juntamente com a sede não menos imponentes do quartel da Polícia Militar formavam duas “paredes” da Praça Heliodoro Balbi<sup>151</sup>), eu acompanhava a professora de Ciências, cujas aulas ao ar livre constituíam em nomear as plantas aquáticas, as orquídeas aninhadas na copa das árvores, os peixes e animais que habitavam essa praça. De certo modo, uma amostra da fauna e da flora amazônica pertencia à cidade, como agora pertencem apenas à nossa memória.<sup>152</sup>

Imagem peculiar. Remete novamente ao valor que tem a memória na busca dos acontecimentos perdidos no tempo. Suscita determinados sentimentos aferidos das condições

---

<sup>148</sup> Inclusive, em um depoimento publicado no Jornal *O Estado de São Paulo* em 19 de outubro de 1991, na página 3 (Caderno de Cultura) o escritor afirma que a leitura de *O Ateneu*, nos tempos de ginásio possibilitou que, anos mais tarde quando morava na França, desenvolvesse um projeto relacionado à escrituração de um romance onde enfocava a vida de um grupo de ginásianos nos anos de 1960, em Manaus, recriando a transição da infância à adolescência no micro mundo do liceu Dom Pedro II, mas logo o projeto foi guardado, posto que outras experiências vividas oportunizaram a concretização de seu primeiro romance de ficção: *Relato de um certo Oriente*.

<sup>149</sup> MELLO, J. A. Percurso para a utopia: o Eldorado de Milton Hatoum. In. *Revista Letras*, Curitiba, N. 86, Jul./Dez. Editora UFPR, 2012, p. 12.

<sup>150</sup> PIZA, Daniel. “Perfil Milton Hatoum”. In. CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de (org.). *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um Certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas / Uninorte, 2007.

<sup>151</sup> Vale dizer, se considerada a história social da cultura da cidade de Manaus, a referida praça representa um espaço de memória, posto que, conforme a dissertação de mestrado “*Na vaga Claridade do Luar*”: *Movimento Madrugada – História e Literatura (1954-1964)*, de minha autoria, na madrugada de 22 de novembro de 1954, aí nascia o *Movimento do Clube da Madrugada*, influenciado pela terceira geração do *Movimento Modernista* ocorrido no Brasil. É perceptível, através da análise do *Manifesto Madrugada*, elaborado pelos sócios do mencionado clube, a defesa de uma literatura mais modernizante, portanto, questionadora das amarras, heranças europeias, essencialmente, o positivismo, no campo da ciência, e do simbolismo e parnasianismo, no campo das artes, influenciadoras dos literatos amazonenses desde a *Belle Époque*. É possível conjecturar que a relação dialógica entre Natureza e Cultura, presente na literatura de Hatoum são convergentes com aquelas desenhadas pela literatura produzida pelos poetas, contistas, cronistas e romancistas oriundos do *Movimento Madrugada*. Em suma, observei que as críticas as imagens hiperbólicas, ao exotismo acerca da Amazônia já se faziam presente nas expressões artísticas do *Movimento do Clube da Madrugada*. Um dos mais ilustres representantes desse movimento sócio cultural e, também, educativo foi o poeta premiado, autor de *Frauta de Barro*, Luiz Bacellar.

<sup>152</sup> NUNES, Benedito; HATOUM, Milton, *Crônica de duas cidades: Belém – Manaus, - Belém : Secult, 2006, p. 63.*



de possibilidade entrelaçadas a partir das relações entre o espaço urbano e a Natureza viva em lugares de memória onde Hatoum viveu sua juventude. Faz o escritor revelar, de certa forma, determinadas matrizes intelectuais, as quais trazem à baila o imaginário da cidade representado, fecundamente, em sua obra. Essa cidade ficou no passado. Tempo pretérito que procura salvar por meio de suas reminiscências. Assim ele relata, em frações, algumas de suas experiências vividas em Manaus:

Eu ia ao prostíbulo, ia para a noite, para o futebol de várzea, tinha brigas homéricas. A cidade para mim não era uma ameaça, eu a dominava. Como estudei em escola pública, tinha contato com classes sociais diferentes. Filhos de lavadeiras e empregadas, filhos de desembargadores, uma sociedade mais diferenciada estava em contato comigo. Entrei em mansões e em palafitas, sabia como viviam meus amigos porque brincava com eles. Isso foi fundamental. São dados da minha vida que me ajudaram a entender e a vivenciar mais a sociedade.<sup>153</sup>

Partindo dessa fonte existe possibilidade de imaginar, historicamente: nos anos de 1950/1960, Manaus não era uma cidade refém do mercado imobiliário, como na conjuntura atual. A poluição dos igarapés, por exemplo, inexistia. Daí a frequência, nessas águas geladas, onde adolescentes como Milton Hatoum, buscavam para fugir do calor manauara nos dias de verão: “o igarapé dos Cornos não era a imundice de hoje”.<sup>154</sup> Os ambientes de lazer e, por extensão, os usos e costumes aproximavam a Natureza da cultura. Quando moço, o escritor frequentou clubes noturnos. Juntamente com amigos criou uma banda, *The Stepping Stones*, na qual foi o vocalista por três anos, “tocava nos clubes da cidade e voltava a cantar nas ruas mal iluminadas, as noites de seresta que terminavam no Mercado Municipal ou no bar do Sujo, na Praça da Saudade”.<sup>155</sup> O referido depoimento faz eco com outro, oportuno, emitido pelo cineasta Aurélio Michiles, o qual, participou da “tribo” de Milton Hatoum, nos tempos de juventude em Manaus:

Naquele anos sessenta formávamos um bando empertigado,<sup>156</sup> queríamos desafiar o desconhecido, colocar à prova os limites da realidade, somente por uma questão de curiosidade. Tínhamos fome pelo absoluto, e naquela cidade, não havia nenhum adulto para escutar meia dúzia de adolescentes entre treze e quinze anos. [...]. Mesmo assim, continuávamos no anonimato, invisíveis. O escritor Milton Hatoum, por exemplo, balançava-se entre exibir sua voz de barítono na banda de música pop “The Stepping Stones” e as primeiras leituras de “Os Sertões”, enquanto na sua casa se

---

<sup>153</sup> *Revista História* da Biblioteca Nacional. Edição nº 122 de novembro de 2015. É provável que para a composição de algumas tramas, personagens, ambiências, enredos presentes no livro de contos *A cidade Ilhada*, Hatoum tenha partido das experiências da infância e juventude, as quais suscitam comparação entre o relato concedido à revista aqui utilizada e os contos do respectivo livro o qual menciono.

<sup>154</sup> HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2005, p. 192

<sup>155</sup> *Idem*.

<sup>156</sup> Aurélio Michiles, Carlito Michiles, Cláudia Silva, Enéias Valle, Franca Moss, Hernneman Bacellar, Ilton Oliveira, *Milton Hatoum*, Narciso Lobo, Plínio Jr., Regina Farias. – Reproduzido de uma nota de pé de página do artigo de onde estou usando este depoimento. Na próxima nota registro a referência completa.

organizava o evento mais comentado do ano, a primeira festa “psicodélica” de Manaus – 1967.<sup>157</sup>

Estes relatos recuperam Hatoum, à geração de sua juventude... Tais testemunhos me induziram a perguntar: como as experiências da infância e parte da juventude dialogam com a formação intelectual de Hatoum?

Problematização que me fez continuar verificando indícios de suas experiências no âmbito cultural. Hatoum estudou em duas escolas que recebiam os filhos da elite política e econômica da cidade de Manaus, ou seja, o Colégio Barão do Rio Branco – este, por sinal, mencionado no seu segundo livro, *Dois Irmãos* e o Ginásio Amazonense Dom Pedro II – também mencionado no seu terceiro livro, *Cinzas do Norte*. Segundo, porque naqueles anos viveu em uma cidade que já era caracterizada por sua diversidade étnica e social. Ora, as temáticas da diversidade, identidade, alteridade (étnica, social, cultural), assim, com as discrepâncias sociais são constantes nas narrativas do escritor em análise. Por sinal, muito presente também no seu livro de contos *A cidade ilhada*. E quanto ao tino para a arte literária? De acordo com seus depoimentos, no tempo em que foi aluno secundarista começa a escrever artigos e publicá-los, inaugura na literatura por meio da poesia, como afirma nas linhas abaixo:

Sempre participei de revistas e jornais. Escrevia artigo em um jornal do grêmio estudantil do Colégio Pedro II chamado *O elemento 106*. Na época, havia 105 elementos químicos na tabela periódica. E nós criamos o elemento 106.<sup>158</sup> Falo disso em *Cinzas do Norte*. Mas só fui publicar meu primeiro poema em Brasília, no Correio Brasiliense. Era um poema protesto contra a Guerra do Vietnã. Depois vim para São Paulo e entrei na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP.<sup>159</sup>

Essa afinidade com as artes, evidenciada quando estudante no Colégio Pedro II, já aflorava na infância, pois o escritor revela que desde cedo possuía pretensões no campo das artes: “gostava de desenhar, imitava Picasso. (...). Era também fascinado por Gaudí”.<sup>160</sup> Isso, inclusive, aparece no seu *Relato de um certo Oriente* quando a narradora principal deixa transparecer seus pensamentos, sobre a escrituração de uma missiva que seria endereçada a seu irmão que mora na Espanha: “Como contar a essa gente o teu fascínio exagerado por Gaudí, o poema que dedicaste à Sagrada Família, o esquisito sabor da horchata ou aquele crepúsculo em Lloret del Mar?”.<sup>161</sup> Representado também no tempo da

<sup>157</sup> MICHILES, Aurélio. “E tu me amas?”. In.: *Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas*. Ano 1, n.1 (2000-). – Manaus: Edua/Capes, 2000, p. 10.

<sup>158</sup> MICHILES, 2000, p. 10. – o referido autor, contemporâneo de Milton Hatoum, corrobora essa memória: “Resolvemos, então, editar um jornal estudantil, “O Elemento 106”, uma metáfora para dizer que éramos muitos “especiais” (sic) – o mais novo elemento químico da natureza.”

<sup>159</sup> *Revista História* da Biblioteca Nacional. Edição nº 122 de novembro de 2015.

<sup>160</sup> *Revista História* da Biblioteca Nacional. Edição nº 122 de novembro de 2015.

<sup>161</sup> HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2008, p. 121. (edição de bolso).

narrativa de seu terceiro romance, *Cinzas do Norte*, onde Mundo<sup>162</sup>, é artista instigado desde a infância: “Foi o primeiro desenho que ganhei dele: um barco adernado, rumando para um espaço vazio”<sup>163</sup>, lembra Lavo, o narrador de *Cinzas do Norte*. Essa permanente busca foi gradativamente enveredando para o mundo das letras. Como ele afirma, “(...) durante muito tempo eu li mais poesia do que prosa. Eu queria ser poeta”.<sup>164</sup> Como mencionado, linhas acima, o poema do qual o escritor se reporta foi escrito aos 16 anos. Com ele ganhou um concurso do jornal *Correio Braziliense*, em 1969.

Nessa conjuntura já estava residindo na capital do Brasil, quando aos quinze anos, juntamente com dois amigos, migrou para estudar na escola de formação da Universidade Federal de Brasília. Em uma de suas entrevistas relata que os anos de 1968, 1969 foram difíceis, devido à efervescência do regime totalitário, “depois me mudei para São Paulo, onde vivi dez anos, para então viajar novamente, dessa vez para o exterior, [...], fugir do regime totalitário. Minha geração não aguentava isso aqui na época da ditadura”.<sup>165</sup> Percebe-se em quase todos os depoimentos já registrados, sobre a primeira vivência longe de sua cidade natal, a experiência traumática.<sup>166</sup>

O momento histórico em que Hatoum sai da cidade, em que viveu relativamente livre sua infância e parte da juventude, é significativo. Havia por um lado toda aquela representação relacionada à construção de Brasília, à luz de um governo desenvolvimentista, deixando no ar aspirações de progresso e democracia. Nessa conjuntura a classe média brasileira parece ter adotado como horizonte de expectativa o “*slogan* de sucesso: 50 anos em 5”.<sup>167</sup> Porém, imediatamente depois, a imposição de outro regime, opressor e violento: a ditadura militar brasileira, ceifando, assim, muitos projetos juvenis. Este período transitório deixou marcas que irão implicar na trajetória intelectual de Milton Hatoum.

Conforme os registros deixados pelo escritor, publicados em fontes impressas, os projetos ocorridos durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek fascinaram os jovens de classe média, essencialmente, devido às apologéticas representações das propagandas políticas divulgadas pelos veículos midiáticos, inclusive asseverando sobre os benefícios que Brasília traria à Amazônia. Com Hatoum não foi diferente, pois, como se observa: “o urbanismo e a

<sup>162</sup> Mundo é o codinome de Raimundo, personagem protagonista deste romance.

<sup>163</sup> HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2005, p. 12.

<sup>164</sup> CASARIN, Rodrigo. *Milton Hatoum, da literatura à política*. (entrevista). Disponível em [revistasentido.com](http://revistasentido.com). Acesso em 20/09/2017 às 18:18h.

<sup>165</sup> PINTO, Júlio Pimentel; IEGELSKI, F. ; CIARELLI, S. “Entrevista com Milton Hatoum”. *Intelligere*, Revista de História Intelectual, São Paulo, v.2, n.2 [3], p.2-10. 2016. Disponível em <http://revista.usp.br/revistaintelligere>. Acesso em 20/07/2017 às 13:15h.

<sup>166</sup> KASSAR, Álvaro. “A pátria sem fronteiras”. *Jornal da Unicamp*, Campinas, junho de 2001 - ano XV - n.

163; Disponível em <http://www.unicamp.br/unicamphoje/ju/jun201/unihojeju163pg18html>. Acesso em 16.07.2017, às 19:17h.

<sup>167</sup> FICO, Carlos. “O Brasil no contexto da Guerra Fria: democracia, subdesenvolvimento e ideologia do planejamento (1946-1964)”. In. MOTA, Carlos Guilherme (organizador). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transição*. 3ª ed. – São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2013, p. 176.

arquitetura exerceram um fascínio na minha geração, mais que isso, a fama e o prestígio da UnB e do Colégio de aplicação era mais do que um sonho no mormaço amazônico”.<sup>168</sup>

Para o literato, sair do passado infantil e adolescente foi uma drástica ruptura, um trauma dilacerante. Deixar a cidade de Manaus, conforme afirma, apesar de ter sido um privilégio, “não anula o sentimento de perda e abandono do que fica para trás, no tempo e no espaço”.<sup>169</sup> Ao contrário da sua infância em Manaus, a vivência na capital federal vaza indícios traumáticos, presente em suas lembranças. Experiência vivida, decerto, marcante em sua trajetória intelectual. A solidão do cerrado foi angustiante, pois, abandonou o paraíso da infância. Paraíso que passou a residir na camada mais distante da memória, posto que: “em Brasília comecei a pensar no passado ainda recente, sem saber que na minha memória giravam os temas e problemas que, duas décadas depois, iriam dar corpo ao meu trabalho ficcional”.<sup>170</sup> Com efeito, as experiências vividas em Brasília viriam à lume com a publicação do romance *A noite da Espera*: “Parece que o medo governa todo mundo... e governa com terrível eficiência”.<sup>171</sup>

Aspectos dessa trajetória são narradas na seção abaixo.

#### 1.4 Noutras cidades: motes literários

Ao falar sobre o processo de adaptação em Brasília, Hatoum afirma que quando chegou foi acometido de um estranhamento. Pensava na explícita diferença entre a cidade de Manaus e a cidade utópica que, naquele momento, se deparou. Dizendo corretamente, do passado ficaram as reminiscências de uma cidade histórica; no chão do presente, o qual ele passou a pisar, uma cidade do futuro, porém, insólita aos seus olhos de migrante inexperiente. Mas havia o caldo cultural e político. Nesses, gradativamente, o jovem Hatoum começou a se integrar. Vale a pena a citação adiante. Nela consta indícios significativos das experiências vividas por Hatoum em Brasília:

(...), a História política do país estava ali latejando na praça dos Três Poderes, por onde eu passava todos os dias a caminho do CIEM. Este colégio, que hoje é um ambulatório, foi a extensão do meu quarto. Para os que vinham de fora e de muito longe, o CIEM foi um laboratório de ciências e artes. Dessa estufa nasceu um pouco de tudo: das horrendas ervas daninhas (coloridas e venenosas) aos jequitibás do cerrado, que depois cresceram e se espalharam por todo Brasil. Eu tentava compensar a brutalidade da vida política com o aprendizado, as leituras na biblioteca da UnB, as conversas com professores as discussões intermináveis no bar Beirute. A militância estudantil e a consciência política, que eram tênues em Manaus, foram acirradas em

<sup>168</sup>HATOUM, Milton. “Águas encontradas”. Correio Braziliense. Disponível em <http://www.miltonhatou.br/wp.conet/upload/2011/03/%c3%81guasencontradascorreioBraziliense2002.jpg>. Acesso em 20/07/2017, às 14:33h.

<sup>169</sup> Idem.

<sup>170</sup> PINTO, Júlio Pimentel; IEGELSKI, F. ; CIARELLI, S. op. cit.

<sup>171</sup>HATOUM, Milton. *A noite da espera*. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2017, p.137

Brasília. No entanto, nunca ingressei em partido ou movimento político. Por pura intuição pensava (e ainda penso) que a atividade política podia ser exercida sem peias de comando ou estrutura burocrática partidária. Participava de pichações, panfletagens, passeatas, como um solitário, meio patético e totalmente *gauche* contra a opressão. Naquela época a cidade, penso, que muitos se sentiram como Stephen Dedalus, a personagem do *Retrato de um artista quando jovem*: “sentia raiva da mudança da sorte que estava transformando o mundo ao seu redor numa visão de sujeira e insanidade”.<sup>172</sup>

Convido as pessoas leitoras para observarem alguns aspectos desse relato. O primeiro aspecto a se considerar é a experiência vivida no Centro Integrado do Ensino Médio, escola associada ao projeto pedagógico da UnB, na qual o jovem Hatoum estudou dos quinze aos dezoito anos. Nesse colégio frequentado pela elite, o acesso para os que não eram de Brasília dava-se através de um exame, diferentemente daqueles filhos ou apadrinhados de políticos, que não precisavam realizar esse mini vestibular: “os que vinham de fora tinham que fazer exame, [...], os filhos dos políticos e dos ministros, não, eles simplesmente entravam”.<sup>173</sup> Hatoum lembra que alguns de seus colegas de turma iam à escola em carros oficiais. Ai já residia explícita discrepância social.

Outro aspecto é a relação com a mobilização política. Apesar do ativo movimento estudantil, e das acirradas disputas pela direção do grêmio do CIEM, essa experiência fez Hatoum assumir peculiar postura, aporética, diante da política partidária. Entretanto, não deixando de se mobilizar. Inclusive, em uma entrevista, comparando os acontecimentos políticos de Brasília, no contexto em que era estudante secundarista aos ocorridos entre os anos de 2015 e 2016, essencialmente àqueles que culminaram no *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, o literato afirma: “coisa mais condenável, nem os jornalistas, nem os intelectuais, nem os professores, podem se calar, acho que as pessoas têm que se posicionar contra isso”.<sup>174</sup> Esse depoimento representa, de fato, a postura de intelectual, por um lado, ativo politicamente, por outro desatrelado de políticas partidárias: “eu procuro interferir de modo mais ou menos literário, mais ou menos sutil nas minhas crônicas. Por exemplo, não pude calar diante da declaração fascista de Bolsonaro”.<sup>175</sup> Nessa esteira, acima de tudo o literato não pode se deixar aprisionar por determinadas amarras institucionais e partidárias. Segundo ele:

<sup>172</sup> HATOUM, Milton. “Águas encontradas”. Correio Braziliense. Disponível em <http://www.miltonhatou.br/wp.conet/upload/2011/03/%c3%81guasencontradascorreioBraziliense2002jpg>. Acesso em 20/07/2017, às 14:33h.

<sup>173</sup> PINTO, Júlio Pimentel; IEGELSKI, F. ; CIARELLI, S. op. cit.

<sup>174</sup> PINTO, Júlio Pimentel; IEGELSKI, F. ; CIARELLI, S. op. cit.

<sup>175</sup> PINTO, Júlio Pimentel; IEGELSKI, F. ; CIARELLI, S. op. cit. - Aqui o escritor está refutando a declaração do deputado federal Jair Bolsonaro (Partido Social Cristão), quando da votação na Câmara dos Deputados sobre o afastamento da presidente Dilma Rousseff, pois o referido deputado dedicou seu voto a favor do impedimento a um dos torturadores do regime militar brasileiro, ou seja, o coronel Brilhante Ustra. Adiante coloco um trecho do discurso retirado da fonte [www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/16415\\_bosonaro\\_ongs\\_oab\\_mdb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/16415_bosonaro_ongs_oab_mdb): “Pela

Então, em uma certa perspectiva, o escritor, a princípio, não deve ser leal nem à religião e nem a partidos. O escritor é basicamente um solitário, um intelectual que não se sente disposto quando não se sente livre para criticar aquilo que está errado – que ele acha que está errado – e, assim, acaba se tornando um solitário.<sup>176</sup>

As pessoas leitoras que chegaram até aqui percebem nas palavras de Hatoum indícios da aceção de Edward W. Said quando assevera que “o principal dever do intelectual é a busca de uma relativa independência [...]. Daí minhas caracterizações do intelectual como um exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder”.<sup>177</sup> Em um dos primeiros depoimentos sobre a publicação de seu livro *A noite da espera*, o qual aborda, em uma de suas ambiências, o cenário político de Brasília na conjuntura em que o escritor foi estudante secundarista, Hatoum volta a afirmar que não foi um militante aguerrido. Assim como o narrador desse romance de formação, Martim que prefere a arte poética.<sup>178</sup> Depreende-se daí que sua arma é a literatura de ficção. Nessa direção, Hatoum argumenta sobre o valor da literatura às análises de conjuntura. Os leitores podem verificar essa assertiva no depoimento colocado na próxima citação:

Não é preciso ser um grande observador para perceber que uma faixa considerável da classe média brasileira não tem acesso, não está interessada na literatura. Que tipo de formação educacional eles tiveram? Pensa um pouco: alguém que tenha lido *Os sertões*, ou *Vidas secas*, não pode erguer uma faixa escrita “Somos milhões de Cunha”.<sup>179</sup> A pessoa que faz isso, a pessoa que se cala diante dessa barbaridade, diante da desfaçatez, é uma pessoa que, de fato, não tem a mínima compreensão do Brasil. A compreensão de seu país passa também pela leitura da ficção e da poesia.<sup>180</sup>

Perceptível: para o escritor amazonense os questionamentos sobre a estrutura política passam pela importância do ato de ler. Ademais, a leitura, como venho afirmando, consiste na experiência significativa na trajetória intelectual de Hatoum. Ao lado das leituras estavam outras experiências vividas no CIEM: as redes de relações feitas por Hatoum estabeleceram novos espaços de sociabilidade amalgamados pelos diálogos desde essa instituição de ensino, espraiando-se também aos debates nas mesas de bar, naquele exercício imediato de liberdade -

---

memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil, acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim”.

<sup>176</sup> PINTO, Júlio Pimentel; IEGELSKI, F. ; CIARELLI, S. op. cit.

<sup>177</sup> SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*; tradução Milton Hatoum. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 15.

<sup>178</sup> De acordo com, Ruan de Souza Gabriel no artigo “Milton Hatoum o arquiteto do tempo”. Disponível em: [epoca.globo.com/cultura/2017/10/milton-hatoum-o-arquiteto-do-tempo](http://epoca.globo.com/cultura/2017/10/milton-hatoum-o-arquiteto-do-tempo). Acesso em 23/10/2017, às 08:42h.

<sup>179</sup> O escritor está se reportando aos cartazes que pessoas carregavam em campanha a favor da permanência do deputado federal Eduardo Cunha, quando acusado de corrupção, acabou sendo impedido de permanecer no cargo. Esse episódio político, a cassação, ocorreu no dia 12 de setembro de 2016.

<sup>180</sup> PINTO, Júlio Pimentel; IEGELSKI, F. ; CIARELLI, S. op. cit.

se for possível falar desta sensação nos tempos em que se vivia sob a égide de um Estado de exceção. Na memória de Hatoum reside um passado em ruínas:

[...], o clima político, pesado e sufocante derrotou muita gente. Alguns amigos e conhecidos partiram de Brasília nos anos 70, outros ainda jovens, partiram para sempre. A imagem de tanques e veículos militares invadindo o campus ainda é recorrente.<sup>181</sup>

O terceiro aspecto é a frequência à biblioteca e, por extensão, o ato da leitura, práticas que o escritor trouxe desde, pelo menos, as experiências vividas no início de sua adolescência, pois a primeira biblioteca a qual o escritor teve acesso foi nos anos de 1960. Ele mesmo afirma ter ficado impressionado “quando vi essa biblioteca fabulosa, muitos livros editados no século XIX”.<sup>182</sup> Tratava-se de uma biblioteca de língua e literatura francesa instalada na residência de uma “senhora muito simpática chamada Liberalina, esposa do cônsul da França em Manaus, uns 70 anos mais velha do que eu. [...], altiva, que conhecia muita coisa de literatura francesa”.<sup>183</sup> Essa pessoa foi sua professora de francês. Talvez devido à ligação de ancestrais do escritor com a língua francesa, a mãe de Hatoum quis manter a tradição na família e contratou uma professora para ensiná-lo. Assim, leu “pela primeira vez, textos originais, em francês, que era uma língua falada pela minha avó libanesa – que, por coincidência, tem o mesmo nome, Emile, da personagem do meu primeiro romance, só para enganar leitores ingênuos”.<sup>184</sup> Em Beirute, a avó de Hatoum havia estudado em um liceu francófono, por isso, ela procurou preservar, obviamente, ao lado da língua oriental, a europeia, como relata Hatoum: “Na minha casa se falava árabe e português, mas quando minha avó nos visitava, ela gostava de praticar a língua francesa”.<sup>185</sup>

As aulas de línguas estrangeiras, nesse período, foram herdeiras do fausto amazônico trazidos pela economia da borracha. O indício usado aqui é um testamento daquela quase obrigação colocada pela mãe do jovem Hatoum que, segundo ele, aos poucos se tornou um

<sup>181</sup> HATOUM, Milton. “Águas encontradas”. Correio Braziliense. Disponível em <http://www.miltonhatoum.br/wp.conet/upload/2011/03/%c3%81guasencontradascorreioBraziliense2002jpg>. Acesso em 20/07/2017, às 14:33h.

<sup>182</sup> Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. “Um escritor na biblioteca: Milton Hatoum”. Disponível em <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modulares/conteudo/conteúdo?conteudo=142>. Acesso em 16.07.2017 às 19:11h.

<sup>183</sup> Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. “Um escritor na biblioteca: Milton Hatoum”. Disponível em <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modulares/conteudo/conteúdo?conteudo=142>. Acesso em 16.07.2017 às 19:11h..

<sup>184</sup> Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. “Um escritor na biblioteca: Milton Hatoum”. Disponível em <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modulares/conteudo/conteúdo?conteudo=142>. Acesso em 16.07.2017 às 19:11h.

<sup>185</sup> EL GEBALY, T. M. A. “Milton Hatoum: ‘não há tantos tradutores de língua portuguesa’”. In. : Revista Crioula. Maio de 2010 – Nº 7. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/crioula>. Acessado em 13/10/2017 às 23:29H.

prazeroso hábito.<sup>186</sup> Este que levou à Brasília ao fazer da biblioteca do CEMI uma espécie de extensão do seu quarto. Nesse colégio o literato teve a oportunidade de ler “bons livros, orientado por ótimos professores, os debates intelectuais em sala de aula. [...]. E, é claro sob o céu do planalto no coração do Brasil, a leitura dos versos de Drummond (...): ‘A tarde talvez fosse azul. / não houvesse tantos desejos’”.<sup>187</sup> Assim, a passagem por Brasília foi curta, porém é necessário relativizar essa escala de tempo, posto que se considerar a experiência vivida pelo jovem Hatoum, a referida temporalidade se espraia significativamente. Para ele, a vivência de dois anos, no bojo da efervescência intelectual e política da capital federal, no final dos anos de 1960, lhe fez amadurecer “uns dez anos”.<sup>188</sup> Anos mais tarde Hatoum deixava registrado: “em Manaus, os acontecimentos políticos gerados pelo regime militar chegaram com fraca ressonância. Em Brasília e depois em SP, esse eco tornou-se presença: arbítrio e violência”.<sup>189</sup> Como já se deixou transparecer:

A política deixou marcas em Hatoum e em sua ficção. Até 1968, quando se mudou para Brasília, levava o que chama de uma vida provinciana, estudando, farreando e até cantando serestas de todos os gêneros musicais sob encomenda. O seresteiro manauara estava em Brasília no auge do regime militar, quando o governo baixou o AI-5. Lia ‘Sartre, Camus, Graciliano’, escrevia crônicas políticas e participava do movimento estudantil. Mas Brasília não ajudava: ‘Era o oposto de uma cidade como Manaus, que nos anos 60 era belíssima. Em Brasília faltavam vizinhos, e a atmosfera da época era de delação e violência.’<sup>190</sup>

Circunstância que lhe fez passar um breve período nessa urbe, para onde rumou, conforme perceberão adiante. Talvez, mesmo convicto de o futuro ser uma falácia, por sinal, “essa falácia que persiste”,<sup>191</sup> partiu para São Paulo, em busca da concretização de novos projetos. Da “cidade do futuro” migrou para a cidade industrial. Talvez sonhasse traçar desenhos e deixar seus registros através de obras edificadas com pedra, cimento e ferro, por um lado, como o fez Yaqub, no tempo da narrativa do segundo romance de Hatoum. Contudo, a literatura continuou

---

<sup>186</sup> Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. “Um escritor na biblioteca: Milton Hatoum”. Disponível em <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modulares/conteudo/conteúdo?conteudo=142>. Acesso em 16.07.2017 às 19:11h.

<sup>187</sup> HATOUM, Milton. “Águas encontradas”. *Correio Braziliense*. Disponível em <http://www.miltonhatou.br/wp.conet/upload/2011/03/%c3%81guasencontradascorreioBraziliense2002jpg>. Acesso em 20/07/2017, às 14:33h.

<sup>188</sup> HATOUM, Milton. “Águas encontradas”. *Correio Braziliense*. Disponível em <http://www.miltonhatou.br/wp.conet/upload/2011/03/%c3%81guasencontradascorreioBraziliense2002jpg>. Acesso em 20/07/2017, às 14:33h.

<sup>189</sup> Jornal *O Estado de São Paulo*, sábado, 19 de outubro de 1991, Caderno de Cultura. Número 584 – Ano VIII, p. 3.

<sup>190</sup> PIZA, Daniel. “Perfil Milton Hatoum”. In. CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de (org.). *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um Certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas / Uninorte, 2007, p. 18

<sup>191</sup> HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2000, p. 263.



a compor o seu horizonte de expectativas. Por isso, nos anos de 1970 morou em São Paulo, onde cursou Arquitetura na USP. A paralela afinidade com a arte literária lhe fez escrever muitos contos, e outros gêneros. Contudo, nenhum publicado, como ele observa:

Eu tentei muito, durante mais de 10 anos, sobretudo na década de 70, quando morei em São Paulo e na Espanha. Tentei escrever um romance político, mas não deu certo. Não era um romance, não era ficção. Estava mais para crônica, era uma coisa que está muito em moda, que hoje chamaria de jornalismo adaptado. Precisei de muito tempo para publicar algo.<sup>192</sup>

E ainda:

Olha, eu tentei a poesia. Meu primeiro poema foi publicado quando eu tinha 16 anos e morava em Brasília, entre 1968 e 1969. Escrevi um poema-protesto contra a Guerra do Vietnã (ri). E foi publicado no Correio Braziliense. Eu me lembrei disso há poucos anos, quando voltei a Brasília. Escrevi textos poéticos, poemas em prosa, no livro *Imagens e Palavras* (fiz os textos e três fotógrafos publicaram fotografias). E tentei alguns contos, nos anos 70, quando morava em São Paulo. Mas tudo saiu meio torto. [...].<sup>193</sup>

Perpassados anos posteriores a esses eventos relatados por ele, verifiquei outro episódio artístico, significativo na trajetória intelectual de Hatoum, inclusive, mencionado no fragmento da entrevista que usei linhas acima: em novembro de 1979 ao lado de Isabel Gouvêa, João Luiz Musa, Sônia Silva Lorenz, fotógrafos paulistas, Hatoum publicou seu primeiro livro. Fruto de experiências vividas através de uma aventura: “viajou pelo rio, por Belém e Manaus há três anos, colhendo e anotando impressões. O resultado foi um livro *Amazonas, palavras e imagens de um rio entre ruínas*”<sup>194</sup>. No dia 27 de novembro daquele ano quando, em Ipanema, o livro, editado pelos autores e pela Livraria Diadorin, foi festejado em sua noite de autógrafo, na Livraria Mourinho. Para aguçar o desejo do possível público leitor, a fonte impressa deixava o seguinte registro sobre o conteúdo do livro:

Barcos próximos às docas da feira do *Ver-o-peso*, crianças na travessia de Belém e Manaus, redes dependuradas, o horizonte enorme e como que indiferente ao homem, mestiços, lavadeiras, o mercado municipal de Manaus, um circo indigente, rostos fixados durante o sono, imobilidade enquanto as máquinas e a correnteza se movem.

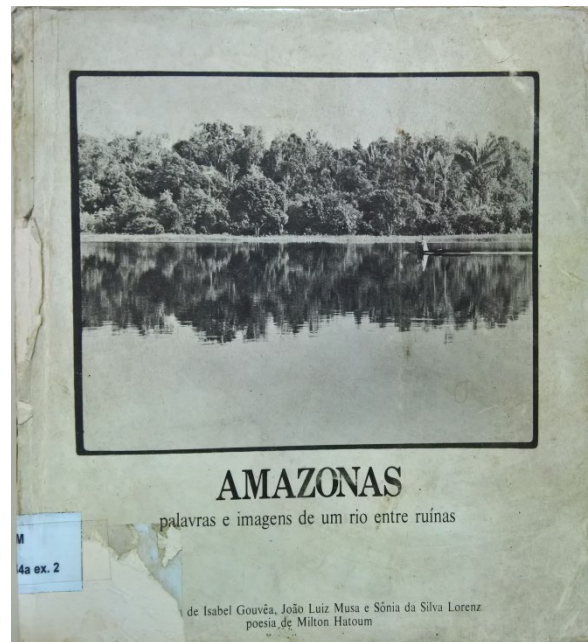
É a ocasião de observar o referido livro. As pistas deixadas pela citação transparecem cognições de Hatoum para com a narrativa fotográfica. Seu primeiro livro é híbrido: paralelo às imagens forjadas pelos versos do poema escrito por ele, estão às imagens registradas pela

<sup>192</sup> KASSAR, Álvaro, 2001.

<sup>193</sup> LEAL, Cláudio. Hatoum: a literatura é a arte da paciência – entrevista. Disponível em: terramagazine.terra.com.br. Publicado quarta-feira, 19 de setembro de 2007, 13H51. Acessado em 19/09/2017 às 16:56h. Ainda a pouco, na mesma data e horário da pesquisa supra, quando estava escrevendo esse capítulo recebi uma mensagem de minha filha, Olga, via rede social, dizendo que a editora Companhia das Letras acabou de lançar a pré-venda do mais novo livro de Milton Hatoum. Trata-se do primeiro volume da série “O lugar mais sombrio”, “A noite da espera”. Ambientado na cidade de Brasília, retrata a formação, cultural e política de um grupo de jovens, nos anos de 1960-70. Exatos nove anos após a publicação de *Órfãos do Eldorado*, pela mesma editora.

<sup>194</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, terça-feira, 27 de novembro de 1979, página 2 do Caderno B.

grafia da luz, através da subjetividade dos seus colegas coautores. Penso que é válido mostrar a imagem colocada na primeira capa do livro, aqui digitalizada do volume encontrado na Biblioteca Pública da cidade de Manaus:



**Figura 6:** capa do livro: *Amazonas, palavras e imagens de um rio entre ruínas*

A imagem supra me reportou ao pensamento de Montaigne, expresso no ensaio *Dos Canibais*. Vejam, pessoas leitoras:

As pessoas dotadas de finura observam melhor e com mais cuidado as coisas, mas comentam o que vêem e, a fim de valorizar sua interpretação, persuadir, não podem deixar de alterar um pouco da sua verdade. Nunca relatam pura e simplesmente o que viram, e para dar crédito a sua maneira de apreciar, deformam e ampliam os fatos.  
195

Remeto-me ao trecho para buscar a problematização da imagem: nessa primeira capa do livro, aparece a fotografia onde as águas do rio Amazonas refletem a vegetação erigida em suas margens. Águas cortadas por um homem, que, solitário, conduz sua canoa com o peculiar movimento de seu remo. O que, em um olhar desatento, parece corroborar a tradicional representação do exotismo (como já foi dito, herança cultural presente desde os cronistas do século XVI.<sup>196</sup>), reproduzindo o histórico imaginário no qual “a natureza engole o homem”,<sup>197</sup> pode, por meio doutro olhar, concentrado, se verificar que essa primeira fotografia suscita

<sup>195</sup> MONTAIGNE, Michel Equem de. “Dos canibais”. In.: *Ensaio*. 2ª ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Hucitec, 1987, p. 258.

<sup>196</sup> COSTA, Hideraldo. *Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia*. Discurso dos Viajantes – Século 19. Manaus : Editora Valer e Fapeam, 2013.

<sup>197</sup> FERREIA, Arcângelo da Silva. “Do espaço à personagem”. In *Revista Travessias Ed. XIV*. Disponível em [revistatravessias@gmail.com](mailto:revistatravessias@gmail.com) e [www.unioest.br/travessias](http://www.unioest.br/travessias), p. 382. Acesso em 15/09/2017 às 06:22h.

uma representação à contrapelo da narrativa hiperbólica, pois vai além dos limites do determinismo geográfico em questão. O horizonte de expectativa parece ser outro: o mencionado homem, a propósito quase subsumido na imagem, induz-me a conjecturar que sua presença permite pensar sobre a relação dialógica entre a natureza e a cultura.

O ângulo no qual a câmera dos fotógrafos enquadra a imagem traz à baila um campo de possibilidades. Esse que remeteu a Montaigne, um dos primeiros pensadores europeus a propor um olhar antropológicamente construído, essencialmente sobre culturas sul-americanas. No entanto, a etnologia elaborada pelo filósofo francês foi veementemente obstada por seus pares à luz da justificativa que fundamentava os projetos civilizatórios ocidentais vigentes à época da reflexão inscrita no fragmento aqui abstraído.<sup>198</sup> Pensando assim, argumento que a imagem de capa, do primeiro livro de Hatoum, questiona o axioma “o rio comanda a vida”.<sup>199</sup> Ora, o movimento, no sentido inverso do tempo do relógio, no qual o homem direciona sua canoa, elucida aquela alteridade há muito escondida, reivindicada nas entrelinhas do fragmento retirado do livro de Montaigne. Sugiro, inclusive, que o terceiro romance de Hatoum, *Cinzas do Norte*, é emblemático no que tange às críticas direcionadas à visão dos cronistas dos séculos XVI ao XVIII e naturalistas do século XIX sobre a Amazônia. Por outras palavras, à poética “cartão-postal”. Penso que o indício abaixo corrobora o que afirmo:

Agora, Arana transformava toras de mogno em animais enormes, que nem metiam medo, nem surpreendiam, nem emocionavam. Suas telas, que traziam paisagens com caboclas e índias nuas, a pele acobreada e um sorriso complacente, eram pastiches pobres de Gauguin e das pinturas do salão nobre do Teatro Amazonas. A técnica não era menos impecável que o exotismo. Num dos quadros, uma plateia de índios extasiados assistia a uma ópera.<sup>200</sup>

Alguns anos antes, como eu estou tentando desenhar aqui, os primeiros ecos dessa denúncia, através de metáforas, surgiam nos versos do poeta e nas imagens dos fotógrafos, posto que, desde a capa do primeiro livro de Hatoum memórias e histórias subsumidas suscitam desse tempo das águas do rio Amazonas. Águas que vazam culturas diversas, inscritas nas ruínas do passado. Nessa medida, às pessoas que pacientemente seguem lendo, apresento alguns versos de Hatoum, retirado desse livro no qual ele surge, no campo da literatura, como um jovem poeta:

Braçadas.  
A travessia morna  
o mago horizonte: lago

<sup>198</sup> PINTO, Renan Freitas. *A viagem das ideias*. Manaus : Editora Valer/Prefeitura Municipal de Manaus, 2006, p. 17.

<sup>199</sup> TOCANTINS, Leandro. *O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.

<sup>200</sup> HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2005, p 227.

Miragem.  
 Vagar sobre o vácuo,  
 eclodir, de braços rachar o baço,  
 fulminar com goivas o vago

Verdugo.

E ainda:

Que outro rio surgirá  
 além da superfície  
 deste rio feito deserto?

Os primeiros versos remetem, igualmente, a alteridade: busca por meio da linguagem, grafar, decerto, a tensão existencial. A existência se revela através de um instante eterno: o ato de remar. O “eu lírico” navega sobre a densa bruma que cobre o rio, procurando vencer seu carrasco, o inexorável tempo. Se considerados os versos como fruto e produto de seu chão histórico é possível conjecturar que deles vazam, por um lado, ponderando sobre os aspectos estéticos, certas influências da poética concretista de João Cabral de Melo Neto;<sup>201</sup> paralelo a isso, a forte adesão à filosofia existencialista, essencialmente, dos filósofos, e também literatos, Jean Paul Sartre e Albert Camus.<sup>202</sup> Já os três últimos versos são alegóricos da “literatura como missão”: aí reside a denúncia do que estava acontecendo com a Amazônia, como Hatoum mesmo registra no texto de abertura de seu primeiro livro, deixando transparecer sua inquietação: “depois da década de 50, a devastação da Amazônia assume proporções alarmantes com o surgimento de um novo mapa a ser explorado até se tornar um painel bastante agradável para grandes empresas instaladas no Sul do País”.<sup>203</sup> Por outras palavras, reafirmo, assim, que as imagens inscritas na linguagem, pela qual Hatoum elabora seus versos, correspondem a

---

<sup>201</sup> Quem entra no escritório de Milton Hatoum, em Vila Madalena – SP, na casa onde reside atualmente, verifica que o escritor mantém entre seus livros o *A educação pela pedra*, de João Cabral de Melo Neto, ali repousando “sobre uma das duas mesas de madeira”, conforme o texto *Milton Hatoum, o arquiteto do tempo*, escrito por Ruan de Souza Gabriel, para a revista *Época*, sobre o mais recente livro do escritor amazonense, o romance *A noite da Espera*. Disponível em: [epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/10/milton-hatoum-o-arquiteto-do-tempo.html](http://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/10/milton-hatoum-o-arquiteto-do-tempo.html). Acesso em 21/10/2017, às 16:03h.

<sup>202</sup> No tempo da narrativa do mais recente romance *A noite da espera* há constante alusão ao pensamento dos filósofos supracitados. Isso me levou a conjecturar, obviamente, que Hatoum consumiu os, já clássicos, *A náusea*, *O Muro* (de Jean Paul Sartre) e *O Estrangeiro* (Albert Camus), bem difundidos na conjuntura da publicação de seu primeiro livro. Adiante um entrecho: “O curso de uma vida depende de certas decisões. Nem toda decisão é sábia, mas cada ato da vida é uma escolha mais ou menos consciente; às vezes, inconsciente.” (In.: HATOUM, Milton. *A noite da Espera*. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2017, p. 101.). Argumento que o referido fragmento suscita a matriz intelectual existencialista porque ressignifica axiomas colocados no enredo dos livros citados nas linhas acima, dessa nota de pé de página.

<sup>203</sup> HATOUM, Milton. “Amazônia: um ciclo de sono e violência ou Motocu, o demônio, cumpriu sua missão”. In.: \_\_\_\_\_ et al. *Amazonas: Palavras e imagens de um rio entre ruínas*. São Paulo : o Autor; coedição Livraria Diadorim, 1979, p. 5.

indícios dessa denúncia. Esta que iria se tornar uma peculiaridade, se observado o conjunto de sua obra, posteriormente elaborada. Ora, desde seu primeiro livro, Hatoum vem expondo seus posicionamentos contrários ao histórico processo de destruição da Amazônia. Isso me fez lembrar que:

O homem é um animal político, nós o sabemos desde Aristóteles. Mas ‘ser político’ significa que deve *se expor*, em todos os sentidos desse termo: expor-se à contradição dos outros pontos de vista, expor-se para se tornar visível em todas as suas tomadas de posição, expor-se aos perigos inerentes a tal postura.<sup>204</sup>

O livro de estreia, *Amazonas, palavras e imagens de um rio entre ruínas*, representa, também, o resultado das articulações de Hatoum na Universidade de São Paulo. Nesse período, estabeleceu uma rede de relações no âmbito da reflexão e produção literária, posto que, a gradativa trajetória como escritor, pode-se afirmar, iniciou de fato, a partir dos primeiros resultados realizados com as experiências vividas no curso de Teoria Literária e Literatura Hispano-Americana, na Faculdade de Letras, onde, segundo o autor, teve “o privilégio, a sorte de ter sido aluno de Davi Arricuci Júnior, Irleamar Chiampi, Leyla Perrone-Moisés, (João Luiz) Lafetá, meu amigo, saudoso Lafetá”.<sup>205</sup> Ao mesmo tempo, cursou Faculdade de Arquitetura – FAU: onde “se tem uma visão ampla de arte Ocidental e também do Oriente”.<sup>206</sup> No bojo desse caldo cultural conheceu muitos intelectuais ligados ao campo literário.<sup>207</sup> Terminado o curso de Arquitetura, articula no mesmo ano da publicação de seu primeiro livro, uma bolsa de estudos do Instituto Ibero-Americano de Cooperacion, para passar quatro meses na Espanha. Os indícios mostram que antes de ir para Europa, Hatoum buscava se legitimar como escritor na cena literária que participava. Seus pares o reconheciam como poeta, tentando iniciar na prosa de ficção através da publicação de livro de contos. Testemunho disso são as credenciais inscritas no seu livro de estreia: atuava como professor de História da Arquitetura, era colaborador de jornais e revistas da imprensa paulista, estava reunindo uma coletânea de textos poéticos ainda inéditos naquela conjuntura, “no mesmo momento, estava escrevendo um livro de contos”.<sup>208</sup>

O projeto de passar meses na Espanha foi redefinido, pois acabou ficando quatro anos na Europa. Primeiro residindo em Madri e Barcelona, depois foi para França fazer pós-graduação

<sup>204</sup> DIDI-HUBERMAN, *Quando as imagens tomam posição* – O olho da história, I; tradução Cleonice Paes Barreto Mourão. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2017, p. 114 – grifos do autor

<sup>205</sup> HATOUM, Milton. *Milton Hatoum fala sobre a importância das Universidades* (entrevista de Mauro Malin a Milton Hatoum). Acesso: [redeglobo.globo.com](http://redeglobo.globo.com). acessado em 15/05/2020, às 20:37H.

<sup>206</sup> HATOUM, Milton. *Milton Hatoum fala sobre a importância das Universidades* (entrevista de Mauro Malin a Milton Hatoum). Acesso: [redeglobo.globo.com](http://redeglobo.globo.com). acessado em 15/05/2020, às 22:26H.

<sup>207</sup> LEAL, Bruno Avelino. *Nas trilhas de Milton Hatoum: um breve estudo de uma trajetória*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2010.

<sup>208</sup> Fragmento extraído das credencias inscritas no primeiro livro de Hatoum (p. 6).

– onde estudou Literatura Comparada - na Universidade de Paris III (Sorbone). Na Espanha inicia a escrituração de um romance, primeira tentativa, nesse gênero, como já foi mencionado linhas acima. Tratava-se de um enredo político sobre os anos 1970, mas logo declina desse projeto. O enredo e parte desse material pesquisado para a preparação desse romance, possivelmente, foi usado na escrituração do primeiro volume do mais recente romance “O lugar mais sombrio”, ou seja, “A noite da espera”, lançado originalmente em setembro de 2017, posto que seja romance com conotações políticas e recupera as experiências vividas do jovem Hatoum na rápida passagem por Brasília, quando estudante secundarista, e, posteriormente, por São Paulo, onde cursou faculdade de Arquitetura na USP. Faço essa conjectura, considerando o depoimento adiante:

Na verdade, desde que terminei o *Órfãos do Eldorado*, estou escrevendo esses livros, serão dois volumes. Já tenho o título provisório: *O Lugar Mais Sombrio*. Tem a ver com a minha vida em Brasília quando eu era jovem, muito jovem. É a história de duas tribos: a primeira é a de Brasília de 1968 até o começo dos anos 1970, quando Brasília também era muito jovem e com muitas promessas, era uma cidade muito envolvida na luta contra a ditadura. [...]. É a história de jovens perdidos, jovens que querem se encontrar, que estão à procura de alguma coisa, de algum sentido. As pessoas desprezam um pouco Brasília quando se fala em movimentos estudantis dos anos 1960 e 1970, mas lá era um dos centros mais ativos contra a ditadura. Quando morei lá, dava muito medo, era uma cidade pequena, com uma repressão violentíssima... Então li muito sobre Brasília, inclusive teses e dissertações sobre a grilagem de áreas do Plano Piloto feita por empresas e construtoras, por exemplo. [...]. E o romance terá outra parte em São Paulo, com outra tribo, que é de quando eu morava aqui na Vila Madalena, isso até o final dos anos 1970. Uma parte em Brasília, outra em São Paulo e escrita em Paris. <sup>209</sup>

Como narrei anteriormente, foi na Europa que Hatoum inicia a escrituração do romance que viria a se tornar seu livro de estreia na literatura brasileira, *Relato de um certo Oriente*: iniciado na Espanha e terminado no Brasil. Lembrando dessas experiências, ele afirma: “eu quis pular o muro e fui morar fora do Brasil, nos anos 80, percebi que a distância me ajudou a pensar de outra forma meu passado, minha família, o Brasil. [...]. Percebi que tinha matéria para um romance.” <sup>210</sup> As experiências vividas na Europa são significativas:

Um ano na Espanha e três na França foram marcados pelo estudo das literaturas hispano-americanas e francesas. (...). Hatoum sempre mostrou mais interesse pela arquitetura textual de autores como Carpentier, Juan Carlos Onetti, Mario Vargas Llosa, Lezama Lima, Juan Rulfo, Julio Cortazar, Gabriel Garcia Marquez. Sua obra não partilha o barroquismo da maior parte desses autores, mas tem alguns pontos em comum com a descrição de uma vida em clã de seus efeitos no tempo. <sup>211</sup>

<sup>209</sup> CASARIN, Rodrigo. *Milton Hatoum, da literatura à política*. (entrevista). Disponível em [revistasentido.com](http://revistasentido.com). Acesso em 21/09/2017 às 12:17h.

<sup>210</sup> LEAL, Cláudio. Hatoum: a literatura é a arte da paciência – entrevista. Disponível em: [terramagazine.terra.com.br](http://terramagazine.terra.com.br). Publicado quarta-feira, 19 de setembro de 2007, 13H51. Acessado em 21/09/2017 às 14:35h.

<sup>211</sup> PIZA, Daniel. op.cit. 2007, p. 16.

Ressalte-se na citação acima que, ao longo de sua trajetória nas capitais brasileiras e europeias, Hatoum tornou-se um intelectual atento à história da literatura dos países por onde habitou. Essa peculiaridade contribuiu para que seja considerado, pela crítica especializada, um romancista influenciado pela literatura mundial. Mais ainda: mistura o local com o universal, fazendo assim “uma revisitação do regionalismo, a qual possibilitou que ele renovasse um gênero e uma perspectiva ainda necessários para o país”.<sup>212</sup>

Nessa esteira, as pessoas leitoras irão perceber que o escritor amazonense saiu do Brasil como incipiente poeta e aspirante a contista. Contudo, as experiências vividas através de suas andanças contribuíram, de forma significativa para fazer-se romancista. Por suas palavras: “[...]. Sou muito lento, meu ritmo é muito amazônico. A minha maior herança, minha amazonidade está na meditação, na lentidão e no absoluto desprezo pela pressa”.<sup>213</sup>

É fecundo esse depoimento, pois tenciona com a permanente ideia de que as culturas inscritas na Amazônia guardam, historicamente, a indolência, se comparadas ao peculiar ritmo civilizatório. Mas, se tais atitudes podem revelar, aos olhos de outrem, o signo do atraso, por ser lento, essencialmente, surge, com Milton Hatoum, como eficaz e inteligente mecanismo de invenção do cotidiano no processo de sua criação literária. Como se ele se permitisse “capitalizar vantagens conquistadas, preparando expansões futuras e obter assim para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias. [...] um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo”.<sup>214</sup> Foi, portanto, a vivência europeia que possibilitou Hatoum trazer à baila um dos mais significativos motes para a literatura de ficção que, desde então, passou a produzir: a memória. Mote para seu primeiro romance. Uma vez mais recorro ao processo de criação de *Relato de um certo oriente*:

[...]. Só comecei a escrever o *Relato* quando a estrutura da narrativa estava armada. Escrevi à mão depois datilografava tudo, corrigia... Isso parecia não ter fim. Comecei em Barcelona continuei em Paris e terminei em Manaus, em 1987. Não tinha pressa para publicar o manuscrito. O livro só saiu em 1989, depois de muitas correções. Demorei muito tempo para construir o coral de vozes da narrativa. Fui movido por incertezas e hesitações.<sup>215</sup>

<sup>212</sup> MELLO, J. A. Percurso para utopia: o Eldorado de Milton Hatoum. In. *Revista Letras*, Curitiba, N. 86, Jul./Dez. Editora UFPR, 2012, p. 18.

<sup>213</sup> Idem.

<sup>214</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano* : 1. Artes de fazer; 15 ed. tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2008. p. 99.

<sup>215</sup> CARPEGIANI, Schneider. “Relato de um certo oriente, de Milton Hatoum, completa 25 anos”. In.: *Suplemento Cultural do Diário do Estado de Pernambuco* nº 14 – Outubro 2104. Disponível: [www.suplementoculturalpernambuco.com.br](http://www.suplementoculturalpernambuco.com.br). Acesso: 24/09/2017 às 01:02h.

Parece que esse depoimento de Hatoum remete ao registro deixado pela personagem que amálgama o coro de vozes, através de uma missiva, inscrito no *Relato de um certo Oriente*: “a vida começa verdadeiramente com a memória...”.<sup>216</sup> De fato, foi recorrendo à memória de seus ancestrais que ele atinge o reconhecimento no mundo das letras. Como ele mesmo afirma: “é preciso deixar passar o tempo, esquecer o que passou pra que a memória reconstrua pela linguagem o que poderia ter ocorrido”.<sup>217</sup> Paralelo a isso, reitero que a decisão do escritor amazonense, no que diz respeito a estrutura narrativa de seu primeiro romance, a qual foi inspirada na reminiscência de seus ancestrais, deveu-se a notícia trágica que chegou até ele quando residia fora do Brasil: “(...) a morte de um familiar, velho contador de histórias orientais durante minha infância”.<sup>218</sup> Episódio que fez Hatoum redefinir as veredas por onde sua literatura, a partir de então, iria trilhar: “Para alguns escritores, o desejo de mediar o mundo pela linguagem escrita nasce de uma ausência, de um certo inconformismo face a realidade”.<sup>219</sup>

*Relato de um certo Oriente* foi se delineando em diversas cidades europeias, para ser finalizado em Manaus, quando Milton Hatoum fazia aulas na Universidade Federal do Amazonas. Na peculiaridade de seu ofício de escritor, urdiu o livro, primeiramente, à mão “entre Barcelona, Madri, Paris e Manaus. Depois datilografei e terminei em 1986 ou no começo de 1987”.<sup>220</sup> Decerto, foram motivos financeiros que fizeram com que Hatoum retornasse à cidade de Manaus. Assim, no início dos anos de 1980 torna-se professor da Universidade Federal do Amazonas ministrando aulas na disciplina de Língua e Literatura Francesa. Período que inicia em 1984 e finaliza em 1998, quando também foi professor visitante por alguns semestres em Universidades estrangeiras, como, por exemplo, Berkeley, na Califórnia, Yale e Stanford, nos Estados Unidos da América. Como ele afirma:

Quando eu fui dar aula nos Estados Unidos, eu tinha publicado o *Relato de um certo Oriente*, que por sorte foi muito traduzido. O meu editor, Luiz Schwarcz, gostou muito do romance. Naquela época eu não tinha agente literário, ele levou o livro para a Feira de Frankfurt, convenceu um editor americano a publicá-lo – é muito difícil entrar nos Estados Unidos. Na França, não, houve interesse de alguns editores, na Alemanha também. Com esse livro, nos Estados Unidos, como eu era professor – eles gostam da combinação do escritor com professor ou escritor que topa falar sobre literatura – tive

<sup>216</sup> HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. – 1ª edição [de bolso]. – São Paulo : Companhia das Letras, 2008, p. 19.

<sup>217</sup> Jornal *O Estado de São Paulo*, 19 de outubro de 1991, nº 584, ano VIII, p. 3. Caderno Cultura; seção Depoimento.

<sup>218</sup> Jornal *O Estado de São Paulo*, 19 de outubro de 1991, nº 584, ano VIII, p. 3. Caderno Cultura; seção Depoimento.

<sup>219</sup> Jornal *O Estado de São Paulo*, 19 de outubro de 1991, nº 584, ano VIII, p. 3. Caderno Cultura; seção Depoimento.

<sup>220</sup> SERRÃO, Cláudia Maria. Milton Hatoum fala sobre o processo de constituição do livro ‘Dois irmãos’ e suas relações editoriais. Disponível em: <https://livreopiniao.com>. acessado em 15/10/2017 às 09:54h.



essa experiência americana, de que eu gostei. Sobretudo na Califórnia, que é um lugar mais arejado.<sup>221</sup>

Observando a trajetória do literato no exterior, essencialmente na Europa, é possível indagar se a memória sobre a Amazônia não se sedimenta e se reinventa através desses percursos e experiências. Dizendo de outro modo, quanto de Espanha e de Paris há na realidade Amazônica elaborada através da narrativa de Milton Hatoum?

Conexa problemática, posto que o período que passou na Europa foi significativo para a formação como escritor. Segundo depoimentos inscritos nas suas entrevistas, nesse tempo mantém contato com os escritores Carpentier, Juan Carlos Onetti, Vargas Llosa, Legenda Lima, Ruan Rulfo, Júlio Cortazar, Gabriel Garcia Marques, Jorge Luiz Borges, Sartre, Camus, Proust, Conrad, Stendall. Tais escritores, representam signos da consagração de Hatoum, principalmente, após a publicação de seu primeiro romance. Não se pode esquecer Flaubert<sup>222</sup>, pois uma das características, tanto deste como de Hatoum, é a busca da palavra certa, segundo os críticos do escritor amazonense.<sup>223</sup> No seu ensaio “Laços de parentesco: ficção e antropologia Hatoum, falando da construção de sua personagem Domingas, a mãe de Nael, filho de um dos irmãos, do romance *Dois irmãos*, afirma:

Em várias casas de Manaus presenciei muitas cenas de humilhação e ressignificação, cenas que lembram muito a vida da pobre Félicité.<sup>224</sup> O nome e o rosto de cada uma ainda estão vivos na minha memória, de modo que toda uma vida sofrida dedicada à patroa e a família podia ajustar-se na história dos *Dois irmãos*. Como contraponto ao trabalho árduo do dia-a-dia, Domingas, em sua reclusão noturna, trabalha com as mãos, esculpindo bichos de madeira. É um trabalho herdado de sua família, um vestígio de sua herança cultural, que ela cultiva até o momento de sua morte, quando um dos pássaros esculpidos se ilumina com luz solar. Também nessa cena há uma referência oculta ao papagaio Loulou, cultuado com ares e halo de Espírito Santo por Félicité: uma espécie de pomba do divino que surge iluminada, gigantesca e prestes a voar na hora delirante da morte desse tocante personagem flaubertiano.  
(...)

<sup>221</sup> HATOUM, Milton. *Milton Hatoum fala sobre a importância das Universidades* (entrevista de Mauro Malin a Milton Hatoum). Acesso: redeglobo.globo.com. acessado em 15/05/2020, às 20:37H.

<sup>222</sup> Inclusive, se considerados os métodos da literatura comparada, no mais recente livro do escritor amazonense, *A noite da Espera*, é patente a forte influência de Flaubert na composição, principalmente, desse romance ao clássico *Educação Sentimental*, do referido escritor francês.

<sup>223</sup> LEAL, Bruno Avelino. *Nas trilhas de Milton Hatoum: um breve estudo de uma trajetória intelectual*. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas/UFAM, 2010.

<sup>224</sup> Aqui um trecho: “Emma tomou a seu serviço uma mocinha de 14 anos, órfã e de fisionomia serena. Proibiu-a de usar toucas de algodão, ensinou-a a tratá-la de Madame, a trazer um copo d’água num pires, a bater nas portas antes de entrar, a passar, a engomar, e ajudá-la a vestir-se, com a intenção de fazer dela sua camareira. A nova empregada obedecia sem discutir para não ser despedida; e como Madame, habitualmente, não fechava o guarda-comida, Félicité, todos as noites, apanhava um pouco de açúcar, que comia, sozinha, na cama, depois de rezar” (In.: FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*; tradução Sérgio Duarte. [Ed. Especial] – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2017, pp. 74 e 75). Outra menção à Flaubert pode-se perceber no enredo do romance de Hatoum, *A noite da espera*, publicado originalmente em 2017, essencialmente no seu capítulo 12.

Plágios conscientes, diria Sérgio Buarque de Holanda num ensaio erudito d' O Espírito e a Letra. E também uma homenagem modesta à tradição literária (nossa e dos outros).<sup>225</sup>

E ainda:

(...). Influências vêm de toda parte, e às vezes a gente nem percebe quem nos inspirou ou sugeriu uma frase, uma paisagem, uma ideia. Claro que há referências mais ou menos explícitas. Por exemplo, *As mil e Uma Noites* e alguma coisa de Virgínia Woolf e Faulkner no *Relato*. E no *Dois Irmãos*, a dívida a dois grandes textos, o *Esau e Jacó*, de Machado e um conto extraordinário de Flaubert: “Um coração simples”. Este conto me persegue desde a juventude manauara. Recentemente, Samuel Titan Jr. comentou o perfil e os traços da personagem Domingas inspirados diretamente da Felicité. O Samuel sabe tudo da obra de Flaubert e começou a enumerar as aproximações entre as personagens, inclusive alguns detalhes precisos sobre o “perroquet Amazone”. As vezes a gente esconde as referências, e o olhar crítico revela. Tudo isso coincidiu com a tradução que fizemos do *Três contos* [*Trois Contes*]<sup>226</sup>

Olhando as palavras de Hatoum eu digo que aí estão reveladas suas diversas experiências compartilhadas, pois que essa literatura estrangeira iria se juntar à tradição literária brasileira que, como já foi mencionado, lhe acompanha desde os tempos de estudante no Ginásio Amazonense Pedro II. A literatura francesa, por certo, é prometeica à prosa de ficção de Hatoum:

Tudo, primeiro, está em Marcel Proust, cuja imagem da mãe que beija o filho antes do sono é usada em *Relato*. Dos franceses, Hatoum cita também Flaubert (...) e Stendhal. E há ainda Joseph Conrad, com sua escrita que trafega da ação à reflexão no cipoal do choque de culturas. Hatoum faz o mesmo em sua ficção, sem o tom grandioso – o contraste moral com a natureza – que existe em Conrad. Apesar de muitas dessas leituras, nacionais e internacionais, sugerirem um gosto pelo épico, Hatoum não o adota em sua ficção. ‘O romance nasceu da fragmentação do épico. Põe a história em perspectiva, mas com objetividade e com desencanto’, diz. “O romance é uma busca de sentido num mundo que, ao final, não tem sentido.”<sup>227</sup>

Tais escritores representam signos da consagração de Hatoum, principalmente, após a publicação de seu primeiro romance. Não custa reafirmar: Flaubert, por exemplo, suscitou em Hatoum a adoção de suas melhores características: a busca da palavra certa, conforme seus críticos.<sup>228</sup> Pois que, “a leitura dos romances de Hatoum pode gerar diversas discussões, mas há um traço característico, atingido por formas diferentes, impossível de ser relevado: o trabalho

<sup>225</sup> HATOUM, Milton. “Laços de Parentesco: Ficção e Antropologia”. In.: *Raízes da Amazônia*. Ano I – V.1 - , nº 1 , 2005 – Manaus INPA, 2005. p.p. 86 e 87.

<sup>226</sup> Revista Magma – USP. “Entrevista com Milton Hatoum”. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. *Arquiteto da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um Certo Oriente e Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/UNINORTE, 2007, p. 29. É válido dizer que o livro *Trois contes*, foi traduzido por Milton Hatoum e Samuel Titan Jr, o qual faz o prefácio da publicação realizada pela editora Cosac & Naify em 2004.

<sup>227</sup> PIZA, Daniel. op. cit, 2007, p. 17.

<sup>228</sup> LEAL, Bruno Avelino. *Nas trilhas de Milton Hatoum: um breve estudo de uma trajetória intelectual*. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas/UFAM, 2010.

com a escrita, o manuseio cuidadoso com a palavra”.<sup>229</sup> Há semelhanças: “Flaubert não pretende escrever ‘belo’ ou ‘bonito’, mas ‘certo’. [...]. Para dar determinado sentido, só pode haver uma determinada palavra, que é preciso descobrir. [...]. E Flaubert é, realmente, o maior artista em toda a história da ficção em prosa”.<sup>230</sup> Seria Hatoum um dos poucos discípulos do autor de *Madame Bovary*? Talvez a resposta seja óbvia, se considerarmos que Hatoum, também é um escritor que, para criar um romance, leva um longo período na lida com essa busca da palavra certa [dez anos, pelo menos]. Quando os críticos se reportam a criação do romance do literato francês em questão afirmam: “Qualquer um não tem o temperamento de poder enclausurar-se em Croisset, como um monge no deserto, para elaborar obra daquelas”.<sup>231</sup> Talvez por isso, Alfredo Bosi encontra convergência entre Hatoum e Flaubert nessa peculiaridade de ambos: a “busca da palavra justa (‘escrita apurada’).”<sup>232</sup> Ora, a epígrafe usada nesse capítulo é o testemunho da semelhança entre o ofício do escritor amazonense se comparado ao francês.

Retomando o que estava contanto anteriormente: a passagem do escritor pela Universidade Federal do Amazonas deixou alguns vestígios na memória de professores e alunos que conviveram com ele. Depreende-se daí que no período que fez aulas na referida instituição ele deixou a impressão de ter sido uma pessoa que primava por um método mais aberto, libertário, conforme os depoimentos registrados abaixo:

Eu estudei com o Milton Literatura Brasileira 3 (...). Ele era do departamento de francês da UFAM. As aulas do professor Milton Hatoum, na verdade, cada aula era uma espécie de debate, seminário. Não era aquela aula convencional. Ele, simplesmente, expunha muita experiência dele com a narrativa. Mas, especificamente, eu lembro que ele colocou uns teóricos para a gente ler. É... Foi a primeira vez que eu tive contato com o Barthes. E... Depois ele soltou a poesia. E eu percebi que ele era muito fã do Bandeira. [...]. Era uma aula que a gente não perdia. A gente dizia: “Ele deve ter alguma coisa nesse cigarro” (risos). [...]. Ele chegava, [...], enquanto conversava com a gente, ele tirava uma sacolinha lá, uma carteirinha que vinha uma espécie de kit. E... aí vinha o tabaco. Ele colocava o papeline e fazia o cigarro, não tinha essas frescuras de hoje em dia: “ah não pode fumar, não sei o que”. É uma questão de saúde... Mas, eu achava um charme aquilo ali (risos). Nunca fumei, mas, eu achava, assim: era uma maneira dele ficar mais à vontade entre a gente. E eu acho que ele fazia muito bem isso. Foi, assim, uns três meses de contato muito forte com a Literatura. [...]. Foi isso, a condução era essa: ele sempre passava o material teórico antecipando o que ele trabalharia. Para a gente pesquisar antecipadamente, tirar nossas impressões pessoais mesmo. Ele deixava a gente muito aberto. Não tinha uma condução direcionada, sabe. *Deixava a gente em liberdade*. E eu achava isso ótimo.

<sup>229</sup> CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. “Introdução”. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente, Dois Irmãos e Cinzas do Norte*. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/Uninorte, 2007, p. 11.

<sup>230</sup> CARPEATUX, Otto Maria. “Prefácio”. In: FALUBERT, Gustave. *Madame Bovary*; tradução Sérgio Duarte. [Ed. Especial] – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2017, p. 13.

<sup>231</sup> Idem, p. 15.

<sup>232</sup> MELLO, J. A. O percurso para utopia: o Eldorado de Milton Hatoum. In. *Revista Letras*, Curitiba, N. 86, Jul./Dez. Editora UFPR, 2012, p. 14.

Um método totalmente diferente do método dos outros colegas de profissão de Milton. Então, eu lembro muito dele disso aí. A nossa, para você ter uma ideia, eu lembro da nossa sala. No segundo pavilhão do ICHL, do lado esquerdo, a primeira sala. A gente chegava sempre muito cedo porque era uma aula que a gente podia perder (risos). E os caminhos da poesia, por incrível que pareça, não foi nem da narrativa em si. Mas, da poesia, né. Ele contava muito das experiências porque, a gente sabe, que ele é um cara hiper viajado, né. Então, quando ele falava, falava de contatos com alguns autores. E eu achava aquilo o máximo. Em princípio é isso, a impressão de que ele estava ali palestrando. Não era uma aula cheia de pontos, tópicos. [...]. Ele sempre extrapolava muito, assim, na questão da poesia: *um discurso social muito forte. Um discurso que ele levantava sempre. E fazia a gente ir além do poema*. Milton extrapola isso. Mas sempre com o discurso muito seguro. E aí dá para você entender: o Bandeira por essa via, o Drummond, umas coisas do Oswald. Aquela primeira fase, ali, do Mário de Andrade. Mas, eu acho que o xodó dele (risos) era o Manuel Bandeira.<sup>233</sup>

E,

[...] simples, atencioso e sem ambição. [...]. Nossos contatos eram esporádicos, nos corredores do Instituto de Ciências Humanas e Letras, [...]. Milton ministrava aulas sempre à noite, quando os departamentos do Curso de Letras estavam sempre esvaziados, daí os contatos esporádicos acontecerem na cantina, no pouco espaço do cafezinho, [...], mas nas poucas conversas Milton sempre manifestava duras críticas à falta de liberdade no país e professava seu espírito libertário. [...]. Das conversas que tinha com alunos do Milton, as referências ao seu trabalho eram sempre elogiosas ao seu trabalho didático e abrangentes à sua pregação da liberdade.<sup>234</sup>

A pregação da liberdade, a qual o linguista faz menção, é representada no conjunto da obra de Hatoum, através, por exemplo, de enunciados políticos. Por vezes, mais sutis, como em determinados episódios acerca do regime militar brasileiro, presentes em seu segundo romance *Dois irmãos*, posto que, nessa obra a referida conjuntura política aparece como um cenário que é coadjuvante. De acordo com Hatoum, a elaboração de seu segundo romance foi demorada. Ocorreram muitas mudanças antes da constituição da narrativa final os editores desse livro e algumas pessoas, as quais o escritor considera “grandes leitores”, como por exemplo, Raduan Nassar, Davi Arrigucci Junior<sup>235</sup> e Ruth Lanna, também leram os originais. As sugestões que vieram dessas leituras fizeram com que Hatoum mudasse muitas coisas: “[...], principalmente a posição do narrador, que parecia um pouco distante do drama familiar.”<sup>236</sup> conjecturo que isso também possa ter implicado de certa forma, na constituição de determinados personagens como, por exemplo, Antenor Laval, libertário, admirador de poetas simbolistas franceses

<sup>233</sup> Conforme depoimento gentilmente concedido, via WhatsApp, no dia 16 de julho de 2019, pelo professor do IFAM – Instituto Federal do Amazonas, Washington Luiz Alves da Silva, o qual foi aluno do curso de Letras da UFAM, quando Milton Hatoum atuou como professor. [os grifos são meus, servem para indicar peculiaridades na prática pedagógica de Hatoum, conexas a determinados enunciados presentes em sua escrita criativa.

<sup>234</sup> Conforme depoimento gentilmente concedido, via e-mail, no dia 15 de julho de 2017, pelo professor Odenildo Sena, do Departamento de Letras da Universidade Federal do Amazonas.

<sup>235</sup> Inclusive, o romance *A noite da espera*, originalmente lançado em 2017, entre outras pessoas é dedicado a Davi Arrigucci Jr.

<sup>236</sup> SERRÃO, Cláudia Maria. Milton Hatoum fala sobre o processo de constituição do livro ‘Dois irmãos’ e suas relações editoriais. Disponível em: <https://livreopiniao.com>. acessado em 15/10/2017 às 09:54h.

professor de literatura de Omar,<sup>237</sup> em uma peculiar instituição de ensino: “O nome do colégio era pomposo - Liceu Rui Barbosa, o Águia de Haia -, mas o apelido era bem menos edificante: Galinheiro dos Vândalos”.<sup>238</sup> É, assim, fecunda a imagem que Hatoum desenha, por meio de sua narrativa, quando representa a peculiaridade do regime militar brasileiro. A cena é sobre a prisão de Antenor Laval:

Foi humilhado no centro da praça das Acácias, esbofeteado como se fosse um cão vadio à mercê da sanha de uma gangue feroz. Seu paletó branco explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, as mãos cegas procurando um apoio, o rosto inchado voltando para o sol, o corpo girando sem rumo, cambaleando, tropeçando nos degraus da escada até tombar na beira do lago da praça. Os pássaros, os jaburus e as seriemas fugiram. A vaia e os protestos de estudantes e professores do liceu não intimidaram os policiais. Laval foi arrastado para um veículo de Exército, e logo depois as portas do Café Mocambo foram fechadas. Muitas portas foram fechadas quando dois dias depois soubemos que Antenor Laval estava morto. Tudo isso em abril, nos primeiros dias de abril.<sup>239</sup>

O trecho elucida as peculiaridades da prosa do escritor amazonense. Os símbolos que utiliza para representar essa imagem, elaborada através de palavras, suscitam o momento histórico em que a liberdade foi obstada. Há certa leveza em sua linguagem, posto que, através da constante busca da palavra perfeita ele narra de forma poética sobre um acontecimento sofrível. Isso se evidencia em seu terceiro romance: “parte também da minha vida, da minha geração, que vivenciou essa época, que cresceu durante o regime militar, sobretudo no *Cinzas do Norte*, onde há a relação do pai de Mundo com os militares, relações muito fieis e comprometedoras”.<sup>240</sup> Aí as menções sobre o cerceamento da liberdade tornam-se central. Adiante, um trecho significativo – representação do regime militar brasileiro:

Os homens voltaram no meio da madrugada. A cachorrada latiu, foi o primeiro aviso. Depois teve a gritaria na casa do padre, e o louco do teu tio saiu da nossa toca e deu uns berros... foi enfrentar os capangas. Por instinto, trepei numa mangueira e fiquei lá em cima, quieto. Ouvi os urros, as porradas, destruíram o depósito; acharam o penico no quintal e jogaram a merda na cara do teu tio, eram muitos; só pararam quando o padre chegou com vizinhos; uns três ou quatro meganhas ainda ficaram rondando com uma lanterna; eles queriam me dar um susto... acho que iam quebrar minhas mãos. Um meganha perguntava pelo artista...<sup>241</sup>

Obviamente ficção não é realidade. Contudo, a verossimilhança inscrita no indício supra ressignifica aqueles anos sofríveis, os quais Hatoum, no tempo da escrituração desse romance

<sup>237</sup> No tempo do enunciado desse romance Omar é irmão gêmeo de Yaqub. O enredo gira em torno da permanente querela entre ambos.

<sup>238</sup> HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2000, p. 35.

<sup>239</sup> Idem, p.p. 189-190.

<sup>240</sup> EL GEBALY, T. M. A. “Milton Hatoum: ‘não há tantos tradutores de língua portuguesa’”. In. : Revista Crioula. Maio de 2010 – Nº 7. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/crioula>. Acessado em 13/10/2017 às 23:29H.

<sup>241</sup> HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 212.

busca, através de latentes reminiscências. O enredo corrobora, inclusive, o depoimento do escritor registrado acima. Ora, o narrador de Hatoum parece incorporar a presença real, concreta, da referida temporalidade. Arrisco em afirmar que Hatoum, portanto, se apropria da noção de *representação*<sup>242</sup>: busca fazer desse romance uma espécie de símbolo da luta pela liberdade. Ademais, a memória é mesmo a agulha utilizada por Hatoum para tecer seus enredos; é ela que aproxima o escritor amazonense da História. Nesse sentido, lembro das afirmações de Roger Chartier, ao se reportar a Paul Ricoeur: “(...), é no testemunho da memória, na recordação da testemunha, que a história encontra a certeza na existência de um passado que foi, que já não é mais e que a operação historiográfica pretende representar adequadamente no presente”.<sup>243</sup>

É, pois, a partir dessa peculiaridade de Milton Hatoum, isto é, a recorrências à memória, nesta tese tratarei o escritor amazonense como “um historiador”. Para tanto, me aproprio dos estudos de John Gledson, Roberto Schwartz, Sidney Chalhoub, Jefferson Cano, pesquisadores que, no Brasil, elegeram Machado de Assis e o viram como um escritor que elaborou obra fecunda, a qual é possível utilizá-la como fonte para se pensar e fazer parte da História do Brasil. Aqui me aproprio, grosso modo, dos estudos de E. P. Thompson sobre os românticos, principalmente, William Blake.<sup>244</sup> Debates que serão aprofundados no próximo capítulo.

Mas, de imediato vale lembrar, para não perder o argumento, que o *fazer-se* do literato Milton Hatoum está, obviamente, relacionado com as escolhas que fez. Ir à Brasília, à São Paulo, Barcelona, depois Paris, retornar à Manaus: etapas de parte de sua existência que lhes puseram em caminhos, os quais lhes promoveram determinadas transições. Trajetórias que podem ser traduzidas através das sensações alegres, utópicas nas conjunturas da infância e parte da juventude em Manaus; também, das sensações mais dramáticas da dura realidade, vivenciadas fora de sua cidade natal, no chão da Ditadura, do exílio noutro continente. Sensações ainda que lembram aquilo que o poeta e pintor inglês, William Blake, chamou de *canções de inocência e canções de experiência*. Ora, significativamente a obra do referido literato inglês é fruto e produto do período em que ele viveu: 1760/1830:

Esse, o período histórico no qual a Inglaterra mudou de uma economia agrária/artesanal, (“na terra verde e aprazível da Inglaterra”, como o poeta a descreve no seu livro *Milton*) para uma economia industrial, de intensa produção fabril

<sup>242</sup> Aproprio-me do conceito de representação colocado por Carlo Ginzburg no ensaio “Representação: a palavra, a ideia, a coisa”. In.: GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*; tradução de Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 103.

<sup>243</sup> CHARTIER, Roger. O passado no presente. Ficção, história e memória. In.: \_\_\_\_\_ - *a força das representações: história e ficção* / João Cezar de Castro Rocha (Org.) – Chapecó, SC: Argos, 2011, p. 117.

<sup>244</sup> Poeta desenhista, pintor, gravador e compositor nascido em 28 de novembro de 1757 e falecido em 12 de agosto de 1827, na Inglaterra.

(“fábricas negras e satânicas”, mesmo livro), William Blake testemunhou essa mudança e, de uma certa maneira, sua obra é um comentário e uma reação às suas consequências.<sup>245</sup>

Proporções e distanciamentos históricos guardados, as vivências e experiências de Hatoum, também, obviamente, foram fundamentais para que sua obra encontrasse uma peculiaridade, talvez, e adotando esse argumento, herdeira dos românticos do século XVIII, inscrita na *busca do universo a partir do sujeito*. Conforme a riqueza crítica acerca da peculiaridade literária trazida pelos Românticos, parece ser a principal preposição dos literatos que nesse Movimento estiveram inseridos. Daí essa busca do universo a partir do sujeito. Por isso, os personagens, no contextos dessa literatura, foram construídos a partir de suas demandas psicológicas; no século XVIII, o inglês, William Blake é exemplo profuso. Paralelo a isso, a influência do conceito de *antinomia*, o qual foi, fundamentalmente, estudado pelo historiador inglês E. P. Thompson.<sup>246</sup> Através desse conceito é possível tecer relações dialógicas entre as obras de Blake e Hatoum, pois, assim como Blake revela um certo desencanto com a Inglaterra, transformada pela industrialização ( processo que forjou o limpador de chaminés – “Me vestiram as vestes da morte,/ E me ensinaram o canto em tom de ai”, crianças que eram usadas para limpar a sujeira das chaminés das fábricas, como ele representa no livro *Canções da experiência*), Hatoum também se manifesta contrário a determinadas mudanças impostas pelo advento da economia capitalista industrial trazidas pelo processo de Industrialização da Amazônia (instalação do Distrito Industrial em 1967) trazendo rupturas drásticas, por exemplo, na capital do Amazonas. Rupturas de ordem material e cultural. Esse descontentamento de Hatoum está posto em suas narrativas, em poesia – primeiro livro lançado – e em prosa (principalmente nos romances Dois irmãos e Cinzas do Norte). Na novela *Órfãos do Eldorado* também traz a lume mudanças ocorridas a partir do declínio da economia da borracha.

Outro escritor que traz influências significativas na obra de Hatoum, possivelmente, foi o russo Fiódor Dostoiévski. O testemunho disso é o processo de composição do perfil psicológico, dos personagens, elaborado pelo escritor russo. Assim, como no russo, Hatoum procura alcançar a consciência de suas personagens. Para os meus argumentos, necessito lançar

---

<sup>245</sup> COUTINHO, Mário Alves; GONÇALVES, Leonardo. William Blake: Humano, Demasiado Humano – Prefácio – BLAKE, William. *Canções da Inocência e da Experiência*: revelado os dois estados opostos da alma humana. edição bilingue; tadoção, prefácio e notas Mário Alves Coutinho e Leonardo Gonçalves. Crisálida : Belo Horizonte, 2005, p. 11.

<sup>246</sup> E. P. Thompson no clássico *A formação da classe operária inglesa* (essencialmente no seu segundo volume) verifica o *antinomianismo* como um amalgama da sociedade inglesa . Estudo que rendeu trabalho amplo sobre a temática relacionada ao poeta inglês do século XVII William Blake, como, por exemplo, a obra – ainda não traduzida para a Língua Portuguesa – *Witness Against the Beast: William Blake and the moral law*, ou seja, *Testemunha contra a besta: William Blake e a lei moral*.

mão de citações. Adiante, retiro um trecho onde está representada uma digressão do *homem do Subsolo*:

um romance precisa de herói, e, por acaso foram acumulados *intencionalmente* todos os traços de um anti-herói, e, principalmente, tudo isto dará uma impressão extremamente desagradável, porque todos nós estávamos desacostumados da vida, todos capengamos, uns mais outros menos. Desacostumamo-nos mesmo a tal ponto que sentimos por vezes certa repulsa pela ‘vida viva’, e achamos intolerável que alguém a lembre de nós.<sup>247</sup>

Como em Dostoiévski, há, em Hatoum, uma peculiar preocupação na composição de suas personagens: há nestas, quase sempre, um conflito interno entre lados opostos. O narrador personagem da novela *Órfãos do Eldorado*, por exemplo, é emblemático para a preposição que acabo de fazer. Aqui o fragmento citado subsequentemente:

No cais, fui cercado por vendedores de objetos deixados pelos americanos durante a Segunda Guerra. Não comprei nada. Ninguém reconheceu um Cordovil do passado. Eu até podia estar na pele de um dos marreteiros; a diferença é que minha história era outra. Mas isso não é tudo? Por vingança e por prazer pueril eu tinha jogado fora uma fortuna. E olha só: não me arrependo.<sup>248</sup>

O anti-herói de Hatoum é bom para pensar sobre o “problema da poética”, inscrita na obra do escritor amazonense. Essa questão está inserida na perspectiva histórica porque verifica as fontes utilizadas pelo autor para compor sua obra. Para o saber histórico, é óbvio que a obra de Hatoum, é uma minúcia. Condições de possibilidade para se perceber aspectos relativos a determinadas rupturas na estética da Literatura originária do Amazonas. Contudo, não é minha intenção aprofundar esse debate, porém, vale indicar alguns indícios. Nesse sentido, há no conjunto de sua obra aquilo que Mikhail Bakhtin encontrou na obra de Dostoiévski: o *dialogismo*. Ora,

Dostoiévski, cujo universo é plural a representação das personagens é, acima de tudo, a representação de consciências plurais, nunca da consciência de um único indivíduo é indiviso, mas da interação de muitas consciências, de consciências unas, dotadas de valores próprios, que dialogam entre si, interagem, preenchem com suas vozes as lacunas e evasivas deixadas por seus interlocutores, não se objetificam, isto é não se tornaram objeto dos discursos dos outros falantes nem do próprio autor e produzem o que Bakhtin chama de *grande diálogo do romance*<sup>249</sup>

O grifo é meu. Ele vem com o propósito de arriscar em afirmar, novamente, que Hatoum propõe a relação dialógica entre os seus romances. Seus personagens através de suas diálogos

<sup>247</sup>DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*; tradução, prefácio e notas de Boris Schnaiderman – São Paulo: Editora 34, 2009 (6ª edição), p.145-146 [grifos do autor].

<sup>248</sup>HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo : Companhia das Letras, 2008, p. 100-101

<sup>249</sup>BEZERRA, Paulo. “Prefácio: Uma obra à prova do tempo”. In.: BAKHTIN, MIKHAIL Mikhailovitch. *Problemática da poética em Dostoiévski*; tradução de Paulo Bezerra. – 4 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. X.



polifônicos viajam entre as diversas narrativas do romancista amazonense. Migram de *Relato de um certo oriente* à *Cinzas do Norte*. De *Cinzas do Norte* à *A noite da espera*, de *A noite da Espera* à *Pontos de Fuga*. E numa perspectiva mais ampla, por exemplo, os lugares trafegados por Arminto Cordovil à procura de Dinaura, sua amada, na novela *Órfãos do Eldorado* mantem uma relação dialógica através do entrelaçamento das imagens inscritas na Divina Comédia, de Dante, como demonstrarei no capítulo II.

Sugerindo assim, e considerando todas as narrativas, os enredos, já compostos até o momento, que o escritor traz a lume aquilo que crítico literário Theodor W. Adorno denominou de “epopeia moderna”.<sup>250</sup> É, portanto, nessa esteira que, no capítulo ulterior, desenvolvo a hipótese de uma possível interpretação da novela *Órfãos do Eldorado* como uma *epopeia moderna [amazônica]*<sup>251</sup> primeiro porque, no formato narrativa em prosa, e não em verso, conta a trajetória histórica de Arminto Cordovil, um anti-herói (ou, pra usar as palavras de Adorno, um *herói problemático*); segundo, porque, através da referida narrativa, Hatoum sugere a tessitura de uma história da Amazônia a contrapelo, portanto, insurreta à Historiografia Oficial. Relativo a esse aspecto, reafirmo uma proposição: assim como em *Órfãos do Eldorado*, toda a obra de Hatoum é escrita para contar uma outra história da Amazônia. Nessa perspectiva ele se aproxima da perspectiva da história social. Partindo das angústias de suas personagens, o escritor amazonense procura reescrever a história da Amazônia contemporânea, de certa forma, na perspectiva vista de baixo – aproximando da perspectiva histórica do historiador inglês E. P. Thompson, por exemplo.

Então, é o momento de caminhar para o segundo capítulo. Convido as pessoas que, pacientemente, chegaram até aqui, para continuarem essa caminhada, a qual estou propondo.

---

<sup>250</sup> ADORNO, Theodor W. “Sobre a ingenuidade épica”, In.: \_\_\_\_\_. *Notas de literatura*; tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

<sup>251</sup> Talvez seja plausível argumentar sobre o dialogismo em Hatoum, pois na leitura minuciosa de suas narrativas percebe-se personagens que fluem entre um romance e outro por meio de seus diálogos; os enredos, as narrativas se entrecem, onde uma história interpenetra na outra, constituindo, assim, o que eu estou argumentando como uma epopeia moderna [amazônica]; terei a oportunidade de suscitar esta hipótese no próximo capítulo.

## CAPÍTULO II

### *Raízes, escombros e ruínas do “Eldorado”: o sentido da história na literatura de Milton Hatoum.*

A tradição dos oprimidos nos ensina que “estado de exceção” (“Ausnahmezustand”) em que vivemos é a regra. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a esse ensinamento. Percebemos, assim, que nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção; e com isso nossa posição ficará melhor na luta contra o fascismo. Este se beneficia da circunstância de que seus adversários o enfrentam em nome do progresso, considerando como uma norma histórica. – O assombro com o fato de que os episódios que vivemos no século XX “ainda” sejam possíveis, *não é um assombro filosófico*. Ele não gera nenhum conhecimento, a não ser o conhecimento de que a concepção de história em que se origina é insustentável.<sup>252</sup>

#### **2.1 Sobre algumas experiências compartilhadas de Milton Hatoum**

No final de 2017, Milton Hatoum, através da editora Companhia das Letras, trazia à lume o romance *A noite da Espera*. O primeiro da série *O lugar mais sombrio*. A referida narrativa faz alusão a contextos históricos e ambiências, guardadas nas reminiscências do escritor se consideradas as experiências vividas em Brasília, São Paulo, Barcelona e Paris: onde se entrelaçam a trama, o enredo e as personagens. Como disse no primeiro capítulo, quando Hatoum era muito jovem, migrou da capital do Amazonas para o Distrito Federal. Depois, foi para São Paulo. Mais tarde, viajou para Europa, com passagem por Espanha e França. Levando em consideração essas vivências, é válido dizer: no livro *A noite da Espera*, Hatoum lança mão da verossimilhança nuançada na *realidade social*<sup>253</sup> na qual, quando estudante, esteve inserido. O livro demandou dez anos, no processo de sua criação. Conjecturo que das anotações feitas nos anos de 1960 e 1970, a versão definitiva começa a ser escrita em 2007 e, vai a público em 2017. A narrativa conta a história de uma tribo urbana (de estudantes secundaristas), ambientada em Brasília. Esse romance entretetece duas temporalidades, a da escrituração da obra<sup>254</sup> e a do enunciado, amalgamadas pelo aspecto político, pois “(...) a política podia estar

<sup>252</sup> BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In.: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 8ª Ed. revista – São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 245. [A citação corresponde a VIII]. tese.

<sup>253</sup> *realidade social*: construção simbólica desenvolvida por uma determinada sociedade.

<sup>254</sup> Para a elaboração desse romance Hatoum faz anotações que iniciam na conjuntura das décadas de 1970 e 1980, retomadas na segunda década dos anos 2000. Considerar, portanto, o tempo da escrituração da obra, é perceber as

num sonho, na sombra de um texto, no detalhe de um desenho ou de uma fotografia”.<sup>255</sup> No plano do enunciado, Martin, personagem principal, jovem paulista, expõe suas memórias, através de um diário, fonte de dispersas lembranças quando a personagem se encontra no exílio, em Paris. Tais registros evidenciam experiências na capital federal, onde sua tribo vivia sob a égide da vigilância policial, posto que “(...). Sem discrição (ou com discrição detetivesca) todos estão atentos à vida de todos. No silêncio da capital, rostos invisíveis vigiam e depois caluniam, acusam, delatam...”.<sup>256</sup>

Em setembro de 2019, pela mesma editora mencionada anteriormente, ocorreu o pré-lançamento do segundo volume da referida trilogia. Trata-se do livro *Pontos de Fuga*. O enredo elucida as experiências vividas na cidade de São Paulo, onde, Martin a mesma personagem narrador de *A noite da Espera*, migra, em plena ditadura militar brasileira, de Brasília para fazer o curso de Arquitetura, em São Paulo. A narrativa continua tratando do cotidiano dos estudantes: o narrador (Martin), agora é morador de uma república de universitários, no bairro Vila Madalena (Bairro paulistano onde Hatoum mantém residência, atualmente). Conforme entrevista de Hatoum concedida ao jornal *Correio Brasiliense*, o enredo elucida as experiências vividas na cidade de São Paulo, onde, Martin o mesmo personagem narrador de *A noite da Espera*, migra, na conjuntura do regime militar brasileiro, de Brasília para fazer o curso de Arquitetura, em São Paulo: “De um modo geral, *Pontos de Fuga* narra a passagem da juventude à maturidade. É quando a vida ultrapassa uma linha de sombra, e muita coisa fica pra trás: a ingenuidade, as ilusões, algumas ambições...”.<sup>257</sup> Reflexões sobre a educação sentimental, as lutas políticas, as condições socioeconômicas desses jovens vêm à baila nesse *romance de educação*<sup>258</sup>. Mas, também, por conta das circunstâncias da conjuntura política, inscrita no tempo do enunciado do romance, representação do tempo em que a obra iniciou a ser escrita<sup>259</sup>,

---

influências de dois períodos políticos bastante significativos na vida do escritor, e por extensão dos brasileiros: A ditadura militar brasileira e o período posterior ao impeachment da presidente Dilma Rousseff e, subsequentemente, à eleição e primeiros anos de governo do presidente Jair Messias Bolsonaro. Segundo Hatoum, em seus depoimentos, “a partir de 2018, o clima, o ambiente político ficou muito pesado” – transcrição feita a partir de depoimento postado na sua rede social *instagram* [story], postado em 10 de abril de 2020.

<sup>255</sup> HATOUM, 2017, p. 69.

<sup>256</sup> HATOUM, Milton. *A noite da espera*. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2017, p. 99

<sup>257</sup> Jornal *Correio Brasiliense*. Milton Hatoum lança ‘Pontos de Fuga’ segunda parte de trilogia. Seção Diversão e Arte do *Jornal Correio Brasiliense*, disponível: <http://www.correiobrasiliense.com> – acesso: 04/11/2019.

<sup>258</sup> A riqueza crítica sobre o conjunto da obra de Milton Hatoum, assim como algumas declarações do referido autor sobre sua estética literária são convergentes acerca das conclusões que giram em torno dos romances *Dois irmãos*, *Cinzas do Norte* e os mais recentes *A noite da Espera* e *Pontos de Fuga*: sofrem significativa influência da obra de Gustave Flaubert, qual seja, *Educação Sentimental*. Crédito sobre o francês, que, inclusive, de certo modo, já foi mencionado no primeiro capítulo desta pesquisa.

<sup>259</sup> Como já foi elucidado no primeiro capítulo desta tese, existem alguns indícios para se argumentar que a trilogia *O lugar mais sombrio*, decerto, tem origem no esboço do primeiro projeto de romance escrito por Hatoum no

o livro se reporta à angústia da perda, da ausência, da saudade, da distância. Para tanto, Hatoum, na perspectiva de representar essas drásticas sensações, se apropria dos sentimentos inscritos em determinados poemas de Fernando Pessoa, deixando, assim, transparecer um indício, acerca de suas *matrizes intelectuais*<sup>260</sup>: E, por extensão, considerando as preposições de Bakhtin, acerca de Dostoiévski: “o autor participa do diálogo, em isonomia como as personagens, mas exerce funções complementares muito complexas, uma espécie de correia de transmissão entre o diálogo ideal da obra e o diálogo real da realidade”.<sup>261</sup> Isto pode ser ponderado, a partir da imagem citada adiante:

Penso na minha infância com meu pai, ao lado dele; penso na minha ida a Brasília, a primeira de tantas viagens: São Paulo, Rio, Santiago, o deserto do Norte Grande chileno, Nazca, Lima. Nenhum céu nos abriga. Sempre partir, sem encontrar o que mais se busca. Partir e voltar ao lar, “como quem ainda é amado na aldeia antiga,/Como quem roça pela infância morta em cada pedra de muro...”<sup>262</sup>

Ao usar as duas estrofes retiradas do poema “Passagem das horas”, publicado originalmente em 1916, de Álvaro de Campos, heterônimo do poeta português Fernando Pessoa, Hatoum deixa vaziar o perfil viajante do personagem Martin, assim como dos companheiros deste, estudantes exilados na França, na conjuntura do regime militar brasileiro, representada no tempo do enunciado do romance, e, por extensão, no contexto histórico, em que esteve inserido o escritor amazonense; pois, a trajetória migrante de Hatoum, de certa forma, se entretece nas representações inscritas nos versos de Álvaro de Campos: “Onde estais que seja um lugar,/quando sois que seja uma hora?/Quero partir e encontrar-me,/ Quero voltar a saber de onde,/Como quem volta ao lar, como quem torna a ser social.”<sup>263</sup>

Ao fazer menção ao poema “Passagem das horas”, entretido no romance *Pontos de Fuga*, a obra de Milton Hatoum suscita uma conjectura a mais: o referido poema é, decerto, um vetor para se pensar sobre parte da trajetória histórica do referido escritor manauara. Pois, através deste poema pode-se refletir sobre uma possível interpenetração entre narrativas: as, do eu lírico do poema e da personagem do romance; narram a partida de casa, mas o desejo de retorno ao lar, à cidade imaginária inscrita nas ruínas da memória. Nessa medida, no plano do

---

período em que morava em São Paulo. Tal manuscrito consiste em um material fecundo para a composição da referida trilogia, portanto.

<sup>260</sup> Como já estou apresentando, desde o primeiro capítulo desta tese, evidentemente, sem a pretensão de indicar todas, pois, não teria fôlego, para tanto.

<sup>261</sup> BEZERRA, Paulo. “Prefácio: Uma obra à prova do tempo”. In.: BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*; tradução de Paulo Bezerra. -4ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. XI.

<sup>262</sup> HATOUM, Milton. *Pontos de Fuga*. 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2019, p. 296

<sup>263</sup> CAMPOS, Álvaro de. “Passagem das horas”. In.: \_\_\_\_\_. *Livro de Versos*. Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes). Lisboa: Estampa, 1993, p. 46.

enunciado, ocorre a relação dialógica em meio a poesia do lisboeta e a prosa do amazonense. Pois:

Não há contradição em dizer que o autor está no romance e o transcende; do mesmo modo, não há contradição em dizer que o autor, ao mesmo tempo, domina seus personagens e respeita sua alteridade. A totalização sob forma de romance e a condição da abertura, do inacabado dos personagens.<sup>264</sup>

Por isso, Hatoum adota um fragmento da narrativa de Álvaro de Campos para sugerir: o sentimento que esse poema expressa é semelhante ao sentimento de Martin e, por extensão, aos sentimentos dele, Hatoum, jovem estudante exilado na França. Enfim, “Passagem das horas”, ao ser mencionado por Martin, no enredo de *Pontos de Fuga*, como parte de uma lembrança de um fato ocorrido ano de 1979, pode ser adotado como um testemunho histórico, relativo às matrizes intelectuais, as experiências compartilhadas por Milton Hatoum ao longo de sua trajetória no exílio. Paralelo a esse argumento, é razoável afirmar que “todo texto se reporta a outros textos, todo discurso remete a outros discursos”.<sup>265</sup>

Não é demais reafirmar que essa característica migratória do literato possibilitou determinadas condições objetivas para que, a partir de 1989, ano da publicação de *Relato de um certo Oriente*, ele se tornasse um escritor legitimado, pois:

(..), estreia com um romance [*Relato de um certo oriente*, 1989] de ambição universal e traços líricos, escreve na sequência dois romances [*Dois irmãos*, 2000 e *Cinzas do Norte*, 2005] permeados por traços dramáticos, em diálogo mais evidente com questões locais brasileiras, e, em uma espécie de volta ao começo, publica em 2008 uma novela [*Órfãos do Eldorado*] em que convivem utopia, lirismo e universalismo.<sup>266</sup>

Assim, Hatoum, destaca-se por determinadas peculiaridades artísticas, algumas, decerto, já mencionadas no primeiro capítulo desta tese, tais como: a revisitação do regionalismo, principalmente porque articula, com maestria, uma literatura híbrida onde o local se mistura com o universal. Nesse aspecto sua prosa é convergente à poética de João Cabral de Melo Neto, visto que, como é peculiar no pernambucano, assim como no amazonense, “nenhum outro regionalismo pode ser mais universal que este[s]”.<sup>267</sup> Tal convergência é evidente se compararmos os romances de Hatoum, por exemplo, a dois livros de Cabral de Melo Neto, isto

<sup>264</sup> FRANCOIS, Frédéric. “ ‘Dialogismo’ e romance ou Bakhtin visto através de Dostoiévski”. In.: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. – B179 2ª ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005, p. 197

<sup>265</sup> FRANCOIS, 2005, p. 190.

<sup>266</sup> MELLO, 2012, p. 13 (E como já foi abordado em, 2017 e 2019, publica-se, originalmente, *A noite da Espera e Pontos de Fuga*)

<sup>267</sup> OLIVEIRA, Marly de. João Cabral de Melo Neto: “Breve introdução a uma leitura de sua obra”. In.: MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa* : volume único; organização Marly de Oliveira. – Rio de Janeiro : Nova Aguiar, 1994, p. 23.

é, *A escola das facas* (1979) e *Auto do frade* (1982). Do primeiro livro, reproduzo um poema: “A voz do canavial”, para um breve comentário, averiguando similitudes entre a poética do pernambucano à prosa do amazonense:

Voz sem saliva da cigarra,  
do papel seco que se amassa,

de quando se dobra o jornal:  
assim canta o canavial,

o vento que por suas folhas,  
assim canta a navalha, soa,

vento que o dia e a noite toda  
o folheia, e nele se esfolia.<sup>268</sup>

Os versos, acima impressos, registram uma memória que se expande em outras memórias suscitando um movimento no tempo e no espaço: a voz do canavial pernambucano parece traduzir a voz do mundo. Assim, o local vaza o universal; e isso se percebe no som das palavras que brotam das folhas do jornal, quando as páginas se dobras, no ato da leitura do eu lírico, provavelmente, em um dos espaços de sua casa, trazendo as notícias; a constância do vento, insone, amalgamando uma imagem na outra; e, essencialmente, a representação do trabalho, essa instituição universal, motor material e cultural da história. Percebe-se, então, que ao falar de um canavial pernambucano, João Cabral de Melo Neto, consegue cantar o sentimento do mundo. Assim como Melo Neto, Hatoum, através das visões do urbano, por exemplo, entretece o regional no universal.

A citação retirada de *Pontos de Fuga*, utilizada acima, é um indício do que estou afirmando. Nela coloca-se a intertextualidade, característica da interpenetração entre a literatura de Hatoum e seu diálogo com a literatura universal, por um lado. Por outro, o fragmento representa essa costura entre o regional e o universal através do jogo de escalas proposto por suas *visões do urbano*.<sup>269</sup> Como o escritor amazonense afirma, seu imaginário está diretamente relacionado às suas experiências e vivências: “Para onde vou levo esse rio<sup>270</sup> dentro de mim. Quando vou a certos lugares de São Paulo [por exemplo], tenho a sensação de estar em bairros de Manaus. *No meu imaginário, as cidades brasileiras se misturam o tempo todo*”.<sup>271</sup>

<sup>268</sup> MELO NETO, João Cabral de. *A escola das facas*. In.: \_\_\_\_\_. *Obra completa* : volume único; organização Marly de Oliveira. – Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1994, p. 419.

<sup>269</sup> As visões do urbano no imaginário de Milton Hatoum é um tema de interesse, abordado no terceiro capítulo desta tese.

<sup>270</sup> O rio o qual o autor se refere é o Negro. Maior afluente da margem esquerda do rio Amazonas.

<sup>271</sup> HATOUM, Milton. Escritor manauara leva o rio dentro de si (entrevista de Heloísa Lupinacci a Milton Hatoum). São Paulo: Caderno Turismo. Folha de São Paulo, 9 jun. 2003, p. F 10. Apud. FANTINI, Marli. “Hatoum

Uma prova a mais de que a poesia de João Cabral de Melo Neto é fonte para Hatoum são as escolhas que o escritor amazonense faz. Pois em *Pontos de Fuga* constam, como terceira epígrafe, quatro versos do poema “Fabula de um arquiteto” do referido poeta pernambucano. Iniciando o capítulo oito do seu romance *Pontos de Fuga*, Hatoum, relata indícios das experiências de Martin, personagem narrador, que, para sobreviver no exílio, como também fez Hatoum, trabalha como tradutor e professor de francês.<sup>272</sup> A subsequente citação é eficaz para se perceber uma relação dialógica da ficção do escritor amazonense com a poética do literato pernambucano:

Paris, fim do inverno, 1979.  
Seis e dez. Apesar do frio, abri um pouco a janela, o cheiro no estúdio é insuportável. Tento fazer uma versão francesa de “Tecendo a manhã”, meu aluno de Neuilly-sur-Seine se interessou pela poesia brasileira, pinçou esse poema belíssimo e cabeludo do João Cabral de Melo Neto, e ainda me pediu um comentário, promessa de uma ótima gorjeta.<sup>273</sup>

Relativo à imagem supra, obviamente, pode-se conjecturar que até mesmo antes do ano de 1966, quando foi originalmente, publicado o livro *A educação pela pedra*, no qual consta o poema “Tecendo a manhã”, Hatoum, já era leitor do poeta pernambucano. Aliás, posso até arriscar em dizer que o trabalho intelectual de João Cabral de Melo Neto, orientou [quiçá orienta] ao ofício de Milton Hatoum, pois ambos escolheram a arquitetura como profissão acadêmica, e, talvez, por isso se destacaram, até o momento, pelo fato de inscreverem no centro de seus processos criativos a constante busca de uma “arquitetura da memória”.<sup>274</sup> Tanto Cabral como Hatoum, encontram na memória a chave para a construção da arte literária. Sobre a influência da obra de João Cabral de Melo Neto no processo criativo de Milton Hatoum voltarei, brevemente, em alguns momentos desse capítulo, portanto.

Como estou elucidando, as narrativas de Hatoum adotam matrizes intelectuais e imagéticas que abarcam influências diversas, inclusas nas tradições da literatura brasileira e estrangeira.<sup>275</sup> Sutis são as suas experiências com a tradição oral e o diálogo constante com

---

& Rosa: Matrizes, mesclas e outras misturas”. In. CRISTO, Maria da Luz Pinheiro (org.). *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas / UNINORTE, 2007, p. 142. [os grifos são meus, a propósito, estão aí para elucidar os meus argumentos].

<sup>272</sup> Algumas experiências de Hatoum como professor e tradutor no exterior são abordadas no seguinte trabalho: LEAL, Bruno Avelino. *Nas trilhas de Milton Hatoum: um breve estudo de uma trajetória intelectual*. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas/UFAM, 2010.

<sup>273</sup> HATOUM, Milton. *Pontos de fuga*. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2019, p. 59.

<sup>274</sup> Peculiaridade que também será verificada na comparação das trajetórias de Milton Hatoum e Luiz Braga, dois arquitetos de formação que se transformaram também em arquitetos da memória. Hatoum, através da literatura, Braga através da fotografia. Isto será abordado em seção deste capítulo.

<sup>275</sup> A indicação das matrizes intelectuais e imagéticas é um dos objetivos de minha pesquisa; portanto, esta abordagem será constante nas curvas dos três capítulos desta tese.

literatos brasileiros, por exemplo, Guimarães Rosa. Relativamente a este, o escritor amazonense constrói personagens significativamente marcantes, Emile, de *Relato de um certo Oriente*, é um emblemático exemplo. Pois, carrega uma peculiaridade: a representação do processo de transculturação, isto é, a transformação, a partir do contato entre culturas. Isto aproxima Hatoum de Rosa, visto que essa transculturação se elucida na personagem Riobaldo, narrador do romance *Grande Sertão Veredas*, do escritor alagoano. Conjecturo, portanto, que tanto Emile, como Riobaldo “é [são] legítimo [e legítima] transculturador [e transculturadora] que, por sua vez, efetua a mediação entre ‘duas urbes culturais desconectadas: o interior-regional e o exterior-universal’”.<sup>276</sup>

Outra matriz frequente na obra e na trajetória histórica de Hatoum, talvez desde os tempos em que era estudante em Brasília, é o poeta mineiro Carlos Drumond de Andrade. Uma pista disso é, obviamente, a citação que Hatoum utiliza como epígrafe de seu segundo romance, *Dois irmãos*:

A casa foi vendida com todas as lembranças  
 todos os móveis todos os pesadelos  
 todos os pecados cometidos ou enfiados de cometer  
 a casa foi vendida com seu bater de portas  
 com seu vento encanado sua vista no mundo  
 seus imponderáveis [...].

No plano da literatura estrangeira, muitos aparecem como fonte para Hatoum. Talvez, o mais evidente é Gustave Flaubert, a quem o próprio Hatoum já assentiu inúmeras vezes, em seus depoimentos, ser um devedor, como já foi debatido no primeiro capítulo desta tese, com efeito. Literatos hispano-americanos, como Jorge Luiz Borges, destacam-se como fontes significativas de Hatoum, pois, “foi a linguagem, uma linguagem que combina imaginação e exatidão, ou exatidão na imaginação”<sup>277</sup> que, desde os primeiros contatos com o escritor argentino, chamou a atenção de Hatoum. A obra de Hatoum é fascinante, principalmente, porque acompanha as experiências compartilhadas e as vivências: “combina a melhor tradição moderna (desde Proust até Autran Dourado, ou seja, a cultura dominante) e outras tradições árabes e subalternas que às vezes oferecem novas imagens dentro da cultura hegemônica”<sup>278</sup>. Assim, o uso dos relatos orais, converge a narrativa do amazonense a escritores, qual Marcel

<sup>276</sup> FANTINI, Marli. “Hatoum & Rosa: Matrizes, mesclas e outras misturas”. In. CRISTO, Maria da Luz Pinheiro (org.). *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas / UNINORTE, 2007, p. 131.

<sup>277</sup> BRUNN, Albert von. *Milton Hatoum: entre Oriente e Amazônia*. Tradução: Rafael Rocca dos Santos. – São Paulo : Humanitas, 2018, p. 11-12.

<sup>278</sup> WILLIAMS, Raymond. L. “A ficção de Milton Hatoum e a nova narrativa das minorias na América Latina”. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. (org.) *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte*. – Manaus : Editora da Universidade Federal do Amazonas/ Uninorte, 2007, p. 170.



Proust. Este que, como será abordado no terceiro capítulo desta tese, parece ter influenciado Hatoum, também, sobre a importância da fotografia como “metáfora da memória”. O escritor amazonense dialoga com muitos escritores das minorias, os quais relacionam a identidade do clã à tradição oral.<sup>279</sup>

Nos romances e outros gêneros literários utilizados por Hatoum, é perceptível uma escolha, diria política: a elucidação da voz narrativa surgindo desde baixo, posto que, na maioria de suas obras, é dos escombros, das ruínas, do espaço da segregação que brotam as vozes que narram. Isso se espalha do plano da imaginação e ganha a realidade, muita das vezes. Pois uma parte de Hatoum é aquilo que seus livros revelam por meio da ficção. A outra parte, dentre diversas outras, se manifesta através de seus inúmeros depoimentos. Nestes, por vezes pululam uma determinada postura política. É possível verificar esse caráter quando se reporta ao público leitor, também, por meio de sua oratória. Por falar nisto, em uma breve passagem pela cidade de Manaus, quando veio divulgar seu romance *Pontos de Fuga*, num auditório com a maioria de estudantes e professores do curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), após a fala de Hatoum, a pessoa que estava mediando a mesa redonda, naquela ocasião,<sup>280</sup> oportunizou o momento para rodadas de perguntas, surgiram muitos questionamentos, dentre estes os seguintes: “Qual tribo tu frequentavas quando jovem, em Manaus, em Brasília, em São Paulo, por exemplo? E agora, a que tribo tu pertences?”<sup>281</sup>

Assim, Hatoum respondeu:

As tribos? Ah! Eu sou da tribos dos.. dos anarquistas, dos *doudivanos*, dos comunistas, dos desgarrados, das feministas, dos antirracistas. Essa é minha tribo. [aplausos]. Portanto, *eu sou odiado por alguns. Vocês devem imaginar por quem, mas isso não me preocupa nem um pouco, nem um pouco.*<sup>282</sup>

Penso que essa resposta é, decerto, um testemunho das escolhas políticas que acompanham Hatoum desde os tempos de juventude. Se consideradas suas vivências e experiências, percebe-se em seus romances a polifonia entre os narradores/narradoras e o autor implícito, inscrito na estrutura das narrativas. Pois nos dois mais recentes romances, por exemplo, as imagens

---

<sup>279</sup> Essa peculiaridade de Milton Hatoum é analisada pelo historiador da cultura Raymond Williams, no ensaio “A ficção de Milton Hatoum e a nova narrativa das minorias na América Latina”. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro (org.). *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas / UNINORTE, 2007.

<sup>280</sup> Mediou a mesa a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Juciane dos Santos Cavalheiro, do departamento de Letras da Universidade do Estado do Amazonas e, a época, Pós-Doutoranda, no Programa de Pós-Graduação da UnB, em Milton Hatoum.

<sup>281</sup> A pergunta foi feita por mim no auditório da Escola Superior de Tecnologia (EST) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Manaus, na tarde de 06 de dezembro, sexta-feira.

<sup>282</sup> HATOUM, Milton. Fragmento de depoimento gravado em Manaus, na tarde de 06 de dezembro de 2019, sexta-feira. no auditório da Escola Superior de Tecnologia (EST) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), quando o escritor fez palestra de lançamento de seu romance *Pontos de Fuga*.

representadas no tempo do enunciado dizem muito sobre o tempo histórico em que viveu o literato amazonense nas décadas de 1960 e 1970, tanto no Brasil, como no exterior.

Coloquei os grifos na citação acima com o propósito de verificar a conjuntura em que essa fala é articulada, o ano de 2019. Ora, nesse chão histórico, é peculiar uma determinada evidência relativa à tomada de posição política da grande maioria de intelectuais brasileiros; inclusive àqueles que, há muito viviam no ostracismo por opção, como, por exemplo, Ruadan Nassar.<sup>283</sup> Ao lado desses intelectuais, Hatoum se dispõe. Seus depoimentos, no Brasil e no exterior, são contundentes. Adiante reproduzo fragmentos de uma destas declarações, feita na França, em 2018:

A eleição de Bolsonaro foi uma derrota brutal, e para a cultura acima de tudo. Fomos derrotados pela extrema direita, não é trivial, mesmo que a imprensa brasileira por desonestidade intelectual, não diga que Bolsonaro é de extrema direita. Apelamos mais uma vez a solidariedade da França, que acolheu muitos exilados, durante ditaduras na América Latina. [...]. A vitória de Bolsonaro liberou o racismo, o machismo e a homofobia. Ele fala de pessoas negras como se fossem animais; ele disse que preferia morrer a ter um filho gay e tacitamente admite estupro [...]. Ser escritor em um país onde o presidente tem como seu livro de cabeceira as memórias de um torturador da ditadura, é loucura! [...]. Bolsonaro não se importa com a cultura. Ele é um homem sem educação, vulgar, de terrível ignorância. Seu governo é anti-intelectualista por princípio. [...].<sup>284</sup>

O registro retirado do pronunciamento de Hatoum antecede, a resposta que ele proferiu em Manaus. De certo modo, faz eco com o declaração feita, na ocasião em que o literato esteve em sua cidade natal. Juntos, tais indícios se interpenetram. Revelam peculiaridades, relativas à tomada de posição política, do escritor em estudo. Especialidades que foram se delineando ao longo de sua trajetória estudantil. Como foi abordado no primeiro capítulo desta tese, é perceptível, pois em parte e de forma significativa, que Hatoum, começa a se construir politicamente no bojo da cultura escolar, essencialmente, na ambiência das instituições públicas, das quais, inclusive, ele é um defensor ferrenho. Ora, brotam, das vivências nos espaços escolares, experiências com os grêmios político-culturais. É daí que o escritor amazonense escreve e encontra espaço para publicar seus primeiros poemas, ensaios: emite opiniões através de textos literários; enfim, ambiências que se constituem como o seu *habitus*

<sup>283</sup> Premiado escritor brasileiro, autor de *Lavoura Arcaica*, *Um copo de cólera*, *Menina a caminho*, *“Safrinha”*. Professor de Hatoum no período em que estudou na USP. Este escritor também é uma significativa matriz intelectual para a obra de Milton Hatoum. E, conforme declarações de Hatoum, um fecundo leitor de seus textos ainda no formato manuscrito.

<sup>284</sup> HATOUM, Milton. “Milton Hatoum: a vitória de Bolsonaro libertou o racismo, o machismo, a homofobia”. (entrevista de Chatal Rayes a Milton Hatoum). <http://www.liberation.fr> – publicado em 11 de dezembro de 2018; acessado em 14/04/2020; às 19:13H. A entrevista foi concedida na oportunidade em que Hatoum esteve na França para receber o prêmio Roger Caillois de Literatura Latino Americana, ocorrido em 13 de dezembro de 2018.

*de classe*, na acepção de Pierre Bourdieu.<sup>285</sup> Evidências dessa afirmação, constam nos romances *Dois irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) e *A noite da Espera* (2017) [para ficar somente nesse gênero literário] os quais, respectivamente, representam, no tempo de seus enunciados, as experiências políticas de Hatoum, no ensino secundário, em escolas públicas: em Manaus e Brasília; também recuperam um imaginário das lutas estudantis, nas quais o autor esteve envolvido, no contexto da ditadura militar brasileira, quando cursou o ensino médio na escola de formação da UnB. No romance *Pontos de Fuga*, já foi tido, é possível tecer conjecturas sobre o processo de formação do caráter político de Hatoum no âmbito de sua graduação na Universidade de São Paulo (USP).

A conexão com a escola e com o ensino público, talvez, seja uma peculiaridade para se notar, brevemente, duas questões inseridas nos romances de Hatoum. Primeiro a constante preocupação de, através de suas obras, dar condições de possibilidade para que a história ensinada apresente nuances divergentes ao ensino da história tradicional. Segundo, construir uma narrativa para, quando for adotada como fonte de análise [nos mais diversos campos do saber – mas aqui estou pensando na História e Ensino da História] traga problematizações às metodologias no processo de ensino/aprendizagem acerca do significado do tempo passado e, por extensão, a leitura de contexto do tempo presente. A propósito de meus argumentos, faço uma breve divagação. Para tanto, me aproprio de um fragmento da narrativa que serve de fonte de história, essencial, para esta tese. Trata-se de uma passagem da novela *Órfãos do Eldorado*, publicada, originalmente, em 2008, onde o narrador, Arminto Cordovil, lembra das memórias de seus ancestrais:

Amando contava com atos heroicos de Edílio: a coragem como ele e seus soldados derrotaram mais de trezentos revoltosos na batalha do Uaicurapá. Mas outras vezes desmentiam esse heroísmo, diziam que em 1839 Edílio havia comandado um massacre contra índios e caboclos desarmados. Depois dessa matança, ele tomou posse de uma área imensa na margem direita do Uaicurapá. Um sobrevivente deve ter gravado os crimes do tenente-coronel Edílio Cordovil no tronco de uma árvore secular. Amando queria escrever um livro, “Façanhas de um civilizador”, uma elegia ao pai dele, um dos líderes da contra-revolta. Não escreveu nada, os cargueiros sugaram toda a sua energia e tempo.<sup>286</sup>

Nesse entrecho é possível verificar como a narrativa de Hatoum tem um propósito político, se for levado em consideração o seu *tipo ideal de leitor*.<sup>287</sup> Pois Hatoum sugere uma

---

<sup>285</sup> BOURDIEU, Pierre. “Campo do Poder, Campo Intelectual e *Habitus* de Classe”. In.: *A Economia das trocas simbólicas*. – 5ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2001.

<sup>286</sup> HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2008, p. 71.

<sup>287</sup> Conjecturo que no conjunto da obra de Milton Hatoum se sugere um determinado tipo ideal de pessoa leitora: aquela que se propõe fazer leituras *a contra pelo*. Corroborando, assim, com a refutação da concepção tradicional da História da Amazônia e, por extensão, do Brasil.

interpretação da história contrária aos padrões tradicionais. Para ele, não vale mais a pena reproduzir a História, mas, ao contrário disso, abrir chaves para histórias, estas nascidas a partir das ruínas do passado: onde brotam mônadas. Por isso, as outras vozes narradoras, subversivas, à voz da personagem que representa a memorialística reacionária, oficial, sugeridas no trecho acima pelo autor implícito, suscitam, igualmente, outras formas de interpretação da efeméride vinda à lume – a Cabanagem (1835-1845)<sup>288</sup>. Assinto, portanto, que essa ideia de história inscrita em suas obras, se edificou no bojo de seu *habitus de classe*<sup>289</sup>, essencialmente, no âmbito da cultura escolar em que Milton Hatoum experimentou. Pois, aí, vivenciou a leitura de clássicos da literatura nacional e estrangeira, as quais apresentam narrativas que se contrapõe à História Oficial. Hipótese que, de certa forma, procurarei argumentar também ao longo do primeiro capítulo.<sup>290</sup> Ora, um escritor se faz através das formas socialmente herdadas, por meio das notações e convenções, igualmente, socialmente herdadas e ainda vivas, de lado a lado, às experiências e consciências continuadas e construídas no âmbito cultural e social em que se insere gradativamente.<sup>291</sup>

Como Hatoum afirma:

---

<sup>288</sup> Sobre a Cabanagem, oportunamente, indico dois trabalhos importantes: RICCI, Magna. “Passos imperiais e (des)compassos cabanos: Belém e sua ‘índole’ – 1800-1840”. In.: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (orgs). *Belém do Pará: história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. Ed. ver. E ampl. – Belém: Açaí, 2016, o qual verifica a ação dos cabanos na cidade de Belém. Cf. BARRIGA, Leticia Pereira. *Entre leis e baionetas: independência e Cabanagem no médio Amazonas (1808-1840)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, Belém, 2014. – A autora verifica a expansão da Cabanagem para o médio Amazonas. Sobre a presença dos Cabanos na cidade de Parintins e adjacências as pesquisas ainda estão incipientes. Há evidências inscritas na memória social de antigos habitantes da referida cidade acerca da presença dos cabanos na comunidade do Uaicurapá. Talvez tenham sido tais evidências, e possíveis outras, utilizadas por Hatoum para elaborar o imaginário sobre a Cabanagem inscrito na citação retirada da novela *Órfãos do Eldorado*. Para uma consulta sobre os cabanos na memória de habitantes de Parintins verificar: ANDRADE, Renan Jacauna; FERREIRA, Arcângelo da Silva Ferreira. *Lembranças de uma luta social: a Cabanagem no imaginário parintinense*. Trabalho de Conclusão de Curso. História (CESP/UEA), 2014.

<sup>289</sup> BOURDIEU, Pierre. “Campo do Poder, Campo Intelectual e *Habitus* de Classe”. In.: *A Economia das trocas simbólicas*. – 5ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2001, p. 183-202. Não de forma metódica, mas talvez o leitor perceba, ao logo da leitura desse capítulo, que procurei responder algumas indagações a partir das proposições colocadas pelo referido sociólogo ao buscar adentrar nas veredas intelectuais trilhadas por Milton Hatoum: Qual o lugar da obra do escritor amazonense no campo ideológico e intelectual em que está inserido? Onde residem suas tensões, se considerados seus posicionamentos político e estético? Qual o conjunto de fatores que ajudam a compreender sua inserção no campo ideológico no campo intelectual. Nessa perspectiva, onde reside sua tomada de consciência no que tange a sua condição de classe? Qual seu lugar, como intelectual, no campo do poder? Se não de forma direta, estas questões, mas de forma latente, amalgamam minhas reflexões.

<sup>290</sup> Conferir esse debate também em: FERREIRA, Arcângelo. “O imaginário de Hatoum: campo de possibilidade para o saber histórico e para o ensino de história”. In.: MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza Monteiro. *Filosofia, política, educação, direito e sociedade 2*. – Ponta Grossa (RN): Atena, 2019. - Nesse ensaio faço um relato de experiência sobre a utilização da novela *Órfãos do Eldorado* em uma oficina voltada à História e ao Ensino de História.

<sup>291</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1979, p.192

A literatura é uma forma de conhecimento. Ela não explica nada, nem deve explicar. O romance não deve ser didático, nem explicativo. Ele tem que interrogar sobre o mundo. Mas o romance é uma forma de conhecimento. Eu mesmo, na minha juventude, quando li trechos de “Os Sertões”, ou quando li “Vidas Secas”, ou quando li “O continente”, do Érico Veríssimo, descobri um outro Brasil. Eu achava que o meu mundo era aquele mundo superlativo da Amazônia – os amazonenses têm esse orgulho, essa ideia de que tudo é grandioso, fenomenal, hiperbólico -, mas existia o Brasil de carências, carência de água, carência de tudo, de saber. E isso eu descobri pela literatura quando eu estava em Manaus.<sup>292</sup>

Posicionamento que faz lembrar as afirmações do historiador italiano Carlo Ginzburg, sobre o valor da literatura, acerca de seu fecundo estudo sobre *O vermelho e o negro*, de Stendhal:

*O vermelho e o negro* sempre foi lido como um romance. Mas as intenções de Stendhal são claras. Por meio de um relato baseado em personagens e acontecimentos inventados, ele procurava alcançar uma verdade histórica mais profunda. É uma atitude compartilhada com outros romancistas do início do século XIX; em primeiro lugar, Balzac, ‘esse grande historiador’, como Baudelaire o definiu.<sup>293</sup>

E Hatoum é sabedor disso, pois, como procuro expor e problematizar em meu estudo, o escritor amazonense, por meio de seus romances, novela, essencialmente, a que eu uso como corpus de análise, [*Órfãos do Eldorado*], é visível o valor que ele atribui à literatura e à história: ambas se entretecem e são vetores para a compreensão da realidade social, assim, como para a crítica social e histórica. As pessoas leitoras perceberão, ao longo de minha narrativa, que por algumas vezes eu assinto, na esteira de Walter Benjamin, que Hatoum, através da sua arte literária, procura fazer *justiça histórica* [adiante isto será discutido mais detalhadamente].

Dito isto, volto àquela ocasião do evento mencionado supra [na cidade de Manaus]. Lembro que Hatoum foi indagado sobre um possível reconhecimento público em sua cidade natal, assim, respondeu; o retorno traz mais sinais do seu perfil político, como procuro indicar após a transcrição subsequente:

Eu prefiro que nem haja isso porque no dia que fizeram um nome de uma rua eu vou desconfiar [risos do escritor] não só da rua, como da minha obra também. Se quiserem ligar meu nome ou alguma coisa à minha cidade que essa relação seja com a escola pública, porque eu devo tudo a escola pública [aplausos] e na verdade eu nunca consegui falar, dar uma palestra para professores da escola pública de Manaus, municipal, já fiz isso em vários lugares. O último, em São Paulo, tinha mais de trezentas pessoas do ensino público de São Paulo, convidado pela Prefeitura de São Paulo, pela Secretaria de Educação. Enfim, em Manaus eu nunca fui convidado, eu acho que nenhum ou poucos escritores foram convidados pra falar. Não é sobre política, porque eu não gosto de falar de política. Eu gosto de falar de literatura, vocês perceberam. Mas, eu não sei, eu acho que não interessa também ao poder, sabe: convidar um escritor pra falar. E no entanto, eu sou tão inofensivo. O que que eu ia falar com os professores, eu ia falar das minhas leituras, da minha formação, do Graciliano Ramos. De como que eu conheci profundamente o Brasil, através da

<sup>292</sup> HATOUM, Milton. *Milton Hatoum fala sobre a importância das Universidades* (entrevista de Mauro Malin a Milton Hatoum). Acesso: redeglobo.globo.com. acessado em 18/05/2020, às 16:57H.

<sup>293</sup> GINZBURG, 2007, p. 174.

literatura, na minha juventude porque nem havia televisão. Mas não me recinto não porque eu acho que a pior coisa, eu devo ter muitos vícios, mas uma virtude eu tenho: eu acho que nunca me resenti. Mas que eu tenho bons leitores, e não são poucos, aqui, eu tenho. E disso eu me orgulho, muito.<sup>294</sup>

O indício é prenhe do matiz político. Apesar de ele ter afirmado que não iria falar de política, caso fosse convidado para fazer uma palestra em uma das escolas públicas da cidade de Manaus, que iria falar de seu processo criativo, das suas influências intelectuais, essa fala, em si, vaza uma postura extremamente política, uma determinada afinidade com o tipo ideal de intelectual formulado pelo crítico literário e cultural Edward W. Said. Num certo sentido a postura do escritor amazonense converge com os posicionamentos políticos do pensador norte-americano: ambos usam suas obras para questionar a ordem dos valores vigentes, contudo, não se atrelam, no que tange a militância partidária, às entidades políticas. Entretanto, não se consideram apolíticos, qual Martin, a personagem narradora da trilogia *O lugar mais sombrio*. Sobre essa afinidade com Said, lembro as pessoas leitoras, que já fiz menção no primeiro capítulo, e mencionarei, brevemente, no próximo segmento desse capítulo.

No momento, assinto que Hatoum revela seu posicionamento político através do ato de escrever. Suas obras também buscam uma determinada escolha. Lembrando de um dos estudos do russo Mikhail Bakhtin<sup>295</sup>, eu diria que a problemática da poética de Hatoum se relaciona também com o peculiar sentido que suas narrativas trazem à história. A obra do escritor amazonense Milton Hatoum, mantém determinadas peculiaridades que podem ser observadas, por exemplo, através de uma relativa dialógica, entre as experiências históricas, inscritas na sua trajetória intelectual. E isto diz respeito à subjetividade. A relativa intertextualidade, no bojo das narrativas elaborada pelo autor, assim como entre determinados personagens, tramas, imagens que se interpenetram nos romances, novelas, crônicas, contos escritos pelo autor. Peculiaridades que me remetem aos estudiosos de Bakhtin, quando ponderam: “[...], o dialogismo [...] define o texto como um ‘tecido de muitas vozes’ ou de muitos textos e discursos, que se entrecruzam, se completam, respondem umas às outras ou polemizam entre si no interior do texto. [...]”<sup>296</sup> Especialidade inerente à escrita criativa de Hatoum. Esta é visível nos mais recentes romances do escritor amazonense. Há um determinado *dialogismo* entre seus romances. Por isso, necessário se faz perceber, mais de perto, algumas amostras intertextuais

<sup>294</sup> Entrecho retirado das respostas às perguntas feitas a Milton Hatoum quando ele veio à cidade de Manaus em 06 de dezembro de 2019, lançar o seu livro *Pontos de Fuga*. Esse evento ocorreu em uma tarde de sexta-feira no auditório da Escola Superior de Tecnologia (EST) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

<sup>295</sup> BAKHTIN, M.M. Problemas da poética de Dostoiévski; tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

<sup>296</sup> BARROS, Diana Luz Pessoa de. “Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso”. In.: BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2ª ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005, p.33.

inscritas nas narrativas de Hatoum. Assim como os diálogos que se fazem ecoar entre personagens que atravessam os romances. O exemplo mais evidente é, como já foi colocado aqui, Martin, pois ele, obviamente é o amálgama da narrativa que costura o enredo da trilogia *O lugar mais sombrio*. Contudo, Hatoum já vem inserindo imagens e personagens que pululam entre suas narrativas e, por extensão, emitem discursos que se interpenetram entre os seus romances. Linhas adiante, noutra seção, abordarei essa problemática.

Nesse momento, abro espaço para falar brevemente de um debate que, decerto, será retomado, minuciosamente na seção subsequente: a ponderação em torno do *sentido da história* em Hatoum. Ora, é uma das peculiaridades do mencionado escritor elucidar as narrativas a partir de vozes que brotam *res do chão* [pra também usar um termo do historiador italiano Giovanni Levi], oriundas das lutas dos silenciados; as quais suscitam um convite à reflexão sobre a busca da justiça, da consciência, históricas. Senão, observem estes fragmentos: “Parece que o medo governa o mundo... e governa com terrível eficiência”<sup>297</sup>, “sem a memória dos outros eu não poderia escrever”.<sup>298</sup> Eis um exemplo onde está representado o *sentido de história*, inscrito na literatura de ficção, de Milton Hatoum. Sentido que aparece desde o seu primeiro livro: *Amazonas, palavras e imagens de um rio entre ruínas*, o qual já foi mencionado no primeiro capítulo desta tese, mas que por aqui retomarei.

Reunindo determinados conhecimentos a partir de acontecimentos passados, através da observação consciente, pela reflexão<sup>299</sup>, Milton Hatoum reuniu algumas *experiências* políticas, construídas através de suas *vivências*, essencialmente, intelectuais. Para ele, a memória é um amálgama por onde vazam todas as suas *experiências compartilhadas*, estas, onde ele remonta as *ruínas*, deixadas nos escombros do Tempo. Para ele, ainda, o medo é uma sensação, por onde pode ser representado um período de longa duração. E esta reflexão é suscitada através de sua mais recente trilogia. Como ele deixa evidente em seus depoimentos, reproduzidos nesta tese; também nas imagens que constrói através de sua poética. No fragmento abaixo, por exemplo, Martin, espera por sua mãe. Essa passagem pode ser interpretada como a alegorias política de um tempo. Tempo em que a *liberdade* era, constantemente, aguardada:

No quarto do Grande Hotel em Goiânia terminei a leitura, fiz anotações e passei o resto da noite numa quase vigília, à espera da mulher que bateria à porta e dormiria ao meu lado. A crença de que a qualquer momento ela chegaria dificultou meu sono, eu emergia assustado de um cochilo e via o rosto da minha mãe num lugar sombrio do quarto, ou deitada na cama, o corpo quieto e frio como o de uma morta; essas

<sup>297</sup> HATOUM, 2017, p. 137.

<sup>298</sup> HATOUM, 2017, p. 71.

<sup>299</sup> WILLIAMS, Raymond. “Experiência”. In.: \_\_\_\_\_. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*; tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. – São Paulo: Boitempo, 2007, p. 172.

visões, entre o milagre e o sobrenatural, me assustavam e me deixavam prostrado na longa noite da espera.<sup>300</sup>

No trecho, se percebe a interpenetração entre as duas temporalidades. *A noite da Espera*, [assim como *Pontos de Fuga*], revela um movimento entre o tempo do enunciado e o tempo da escrituração dos romances. A representação do medo é a mediadora, a qual entretece as temporalidades (passado/presente). Pois, assim como houve medo na conjuntura dos anos de 1960, 1970 (tempo representado), parece ocorrer um certo medo, no final da primeira década dos anos 2000 (tempo da urdidura): anos em que o Brasil retorna a experimentar as sensações de um possível retorno sombrio a uma ordem, a qual amarra a sua vigência, no discurso do ódio, da discriminação às minorias, repressão [mesmo que virtual] às opiniões divergentes do poder estabelecido. Não sem sentido, os dois romances de Hatoum [*A noite da espera* e *Pontos de fuga*] oportunizam a percepção de vozes em uma ambiência e conjuntura histórica [décadas de 1960 e 1970] que, historicamente, o sistema político, opressor, tentou emudecê-las. Os romances inscrevem uma determinada interseção entre discursos, onde são elucidadas as falas, as linguagens e as reminiscências de jovens estudantes, personagens, que representam, por exemplo, as falas, os discursos, as linguagens, as memórias daqueles inúmeros estudantes desaparecidos para nunca serem encontrados, nas brumas do Tempo. Não somente nestes dois romances, mas em toda obra de Hatoum, ocorre o *dialogismo* entre os tempos da narrativa e da escrituração porque “o autor-criador é componente da obra; ele não é simplesmente *Fulano de Tal*, que escreveu tal livro. E não é, também, uma instância narrativa abstrata, o narrador; não é apenas uma instância gramatical do texto”<sup>301</sup>, como faz lembrar, por exemplo, os estudiosos de Mikhail Bakhtin. E é o que vou buscar verificar na próxima seção. No centro dessa procura, obviamente está a relação entre o tempo da escrituração e o tempo do enunciado, como venho desenhando desde o início de minha narrativa histórica.

---

<sup>300</sup> HATOUM, 2017, p. 98.

<sup>301</sup> TEZZA, Cristovão. “A construção das vozes no romance”. In.: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. – B179 2ª ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005, p.210.



## 2.2 Dialogismo<sup>302</sup> na obra Milton Hatoum

“[...] sem a memória dos outros eu não poderia escrever”.<sup>303</sup> É sabido que Milton Hatoum utiliza a memória como amálgama de seus enredos. Desta forma, o autor costura o seu imaginário. Entretece determinados espaços, paisagens, personagens as quais atravessam seus poemas, romances, novelas, contos, crônicas. Perceptíveis são os percursos que suas personagens fazem entre as narrativas onde estabelecem relações dialógicas. Constatação que, de certa forma, pode ser empregada para corroborar a hipótese que, como já se sabe, atravessa minha investigação histórica: desde seu primeiro livro, Hatoum pretende suscitar uma outra história da Amazônia, partindo da oralidade e da memória, recortando um período que abarca os anos finais do século XIX até a oitava década do século XX (levando-se em consideração toda sua obra, inclusive a mais recente trilogia, a qual abarca as décadas de 60, 70 e 80 do século passado). Nesta seção, busco observar essa peculiaridade, dialógica e intertextual inscrita nas narrativas de Hatoum, visto que, ao que parece, também na obra do literato amazonense, “[...]. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina e nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência”.<sup>304</sup>

Conforme as oportunas palavras do russo Mikhail Bakhtin eu recorro ao livro de estreia de Hatoum, *Amazonas: palavras e imagens de um rio entre ruínas*, o qual já referi no capítulo inicial desta tese. Livro, onde consta polifonia a partir da relação dialógica entre vozes representadas nos poemas. Na esteira dos estudiosos do, anteriormente mencionado, filósofo, linguista, crítico de arte etc., considero que nesse “diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade.”<sup>305</sup>. No poema do escritor amazonense, que linhas mais abaixo lançarei mão, ocorre

---

<sup>302</sup> Na esteira deste conceito [dialogismo], formulado a partir da riqueza crítica sobre a obra de Dostoiévski, essencialmente, pelo historiador da linguagem Mikhail Bakhtin, procuro a relação dialógica entre as narrativas de Hatoum, na intenção de comprovar a hipótese ancorada na ideia de que o referido escritor entretece enredos, através de imagens e personagens que migram de uma narrativa na outra. Assim, penso que o escritor pretende desenvolver uma tessitura marcada pela descontinuidade, mas também pela continuidade, na pretensão de elaborar aquilo que estou chamando de *epopeia moderna*. Desde o lançamento de seu segundo romance, esse recurso se apresenta nas sutilezas e peripécias de sua escrita criativa. Pois, como vou argumentar, ancorado nos estudos que reviso, todas as obras que vem após o romance *Relato de Um certo Oriente*, apresentam fios e rastros, marcados por uma polifonia que estende elos entre memórias, as quais entretecem as narrativas de Hatoum, pois o literato amazonense é, decerto, herdeiro da tradição técnica literária que se espalha desde a obra clássica *As mil e uma noites*. É o que pretendo argumentar nesta seção, portanto.

<sup>303</sup> HATOUM, 2017, p. 71.

<sup>304</sup> BAKHTIN, 2008, p. 293.

<sup>305</sup> BRAIT, Beth. “Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem”. In.: \_\_\_\_\_. (org.) *Bakhtin. Dialogismo e construção do sentido*. – 2ª ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005, p. 94.

a polifonia. O diálogo entre vozes, representadas através das configurações do *eu lírico*, inserido no contexto da narrativa do poema, do autor-criador da obra (Hatoum) e das vozes de determinados discursos ideológicos balizados na ideia de progresso à Amazônia. Colóquio, portanto, que insere no centro do debate, lembranças, memórias e histórias que giram em torno do emblemático rio Amazonas. Este que comporta muitos alvitres, emitidos através de vozes subsumidas, dos sujeitos que ficaram silenciados nos discursos oficiais do poder. A recorrência das palavras e das imagens [as fotografias que retratam a sociedade, a natureza e a cultura, ao longo do rio Amazonas], são os argumentos que Hatoum, e as pessoas coautoras do seu primeiro livro, utilizam, para remover dos escombros, as ruínas onde se encontram história, lembranças e memórias do rio Amazonas, seus fios e rastros, portanto. Assim, o poema canta outras histórias desse rio em ruínas: as anônimas. Perspectiva latente na obra de Hatoum, pois em seu segundo romance ele registrou: “nenhum passado é anônimo”<sup>306</sup>.

Assim como na conjuntura atual, no ano da publicação original do livro (1979), a região amazônica já estava ameaçada pelos interesses do capitalismo internacional atrelado à política entreguista nacional, balizado na constante voz desse discurso que se reveste da ordem estruturada, historicamente, através dos projetos de colonização, neocolonização, imperialismo, globalização etc. da Amazônia.<sup>307</sup> Observem a polifonia na qual estou me referindo:

#### O rio entre ruínas

Que sobrou de ti?  
 Que outra folha brotar?  
 Que rugido ainda escoar?  
 Qual verbo manhoso escorrer?  
 Rosnar? Remar? Roçar? Sussurrar?  
 Qual verde?<sup>308</sup>

<sup>306</sup> HATOUM, 2006, p. 125.

<sup>307</sup> Não é demais reafirmar que o projeto de ocupação e monopólio da região amazônica tem início no século XVII, 1616, pra ser mais exato, motivado por uma questão militar: a coroa Portuguesa necessitou montar suas bases geopolíticas e culturais devido às investidas dos franceses, ingleses e espanhóis à região que, no referido contexto, pertencia, conforme o Tratado de Tordesilhas (1494), ao reino de Portugal.

<sup>308</sup> Estes primeiros versos indicam a fala do *eu-lírico*, este personagem narrador inscrito no poema. As interrogações feitas, logo na primeira estrofe do poema, mostram uma perspectiva relativa à “história problemática”, peculiaridade da literatura de Hatoum, desde o seu primeiro livro [como venho argumentando nesta tese]. Nessa medida, estes versos remetem às reflexões de Mikhail Bakhtin, acerca do discurso em Dostoiévski, especificamente, àquilo que o russo denomina “discurso monológico”. Pois, o *eu-lírico*, do poema de Hatoum dialoga com os fatos, questionando-os, induzindo sobre estes, tirando determinadas conclusões. Bakhtin, faz essa discussão quando verifica o discurso monológico de Raskólnikov, personagem de Dostoiévski. No que tange ao poema de Hatoum, quando o *eu-lírico* fala do rio, ao mesmo tempo, ocorre os discursos: *monológico*, *polifônico* e o *dialogismo*. Dizendo em outros termos, percebe-se um discurso de si, consigo mesmo, paralelo a isto, diversas vozes de sujeitos históricos que narram sobre suas existências relativas ao cotidiano do rio Amazonas e, ainda a relação dialógica, entretecendo experiências e vivências através dos diálogos que se cruzam. Estou usando a 5. Edição do livro *Problemas da Poética de Dostoiévski* de Mikhail Bakhtin; tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Publicado pela Editora Forense Universitária, do Rio de Janeiro, no ano de 2013. Mais especificamente as ponderações feitas pelo russo, localizadas na página 275.

Tua história é remoção  
 e tua face em planície  
 já desabriga sonhos, e o úmido  
 se esvaio no árido, se infiltrou  
 nas ranhuras de tantas máscaras.

O que de ti era templo  
 já não rima mais com incenso.  
 E o que se dizia pulmão ou plumária  
 se irmana ao latejo do fogo  
 a semelhança de oásis  
 à semelhança de país antojo  
 alojado no íntimo de um continente.

Planície e país finalmente se entrelaçam  
 não em gravetos ou essência.  
 Se entrelaçam em farpas e gaiola  
 como um pássaro que ao voar desaba  
 e cai no desconhecido  
 cai sobre o mais disforme  
 sobre matéria que não é mais única  
 que não é plana ou funda  
 que não é rio ou relva  
 e que já pode ser tudo.  
 Maranhão, degelo, Ucrânia.

Matéria que pode ser sintoma  
 de convulsões da Terra  
 de cisão entre homens  
 da refração do verde  
 em cores menos férteis  
 em tonalidades pardas  
 talvez matrizes de sanha  
 ou ecos de vozes, da água  
 do invisível de vozes

Ecos,  
 do teu erótico verbo.<sup>309</sup>

E para corroborar meu argumento, vejo a necessidade de reproduzir uma das imagens do referido livro (p.15):

---

<sup>309</sup> HATOUM, et. al., 1979, p.8. Novamente lembrando das reflexões de Mikhail Bakhtin sobre os Problemas da poética de Dostoiévski, o poema de Milton Hatoum, emitem a voz penetrante do Outro: discurso que revela as lutas cotidianas, as aspirações revolucionárias, o erotismo, por sinal: “discurso penetrante capaz de interferir ativa e seguramente no diálogo interior do outro, ajudando a reconhecer sua própria voz”. Estou usando a 5. Edição do livro Problemas da Poética de Dostoiévski de Mikhail Bakhtin; tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Publicado pela Editora Forense Universitária, do Rio de Janeiro, no ano de 2013. O trecho foi retirado da página: 281.



**Figura 7:** Viagem Belém-Manaus  
**Foto:** João Luiz Musa<sup>310</sup>

Essa fotografia me fez lembrar das palavras de Milton Hatoum registradas noutro trabalho do escritor amazonense: “Aqui, fato e ficção se entrelaçam como fibras de uma palmeira que tecem um jamachi”.<sup>311</sup> A menina e sua ancestral, juntas para uma longa viagem iniciada na cidade de Belém, que se espalhará até Manaus – banhada pelo rio Negro, onde, nesse trajeto, navegariam pelo rio Amazonas, um dos maiores do planeta Terra, o qual ganhou, historicamente, muitas denominações.<sup>312</sup> Olhares, da criança e sua antepassada, semelhante ao olhar de Halim, significativa personagem de *Dois irmãos*, romance que Hatoum iria escrever mais de vinte anos após essa profícua viagem: olhar “procurando a serenidade nas águas que espelhavam nuvens brancas imensas”.<sup>313</sup>

---

<sup>310</sup> Fotógrafo professor. Nasceu em 1951, em São Paulo. Em 1974, forma-se em engenharia de produção pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli/USP). No centro acadêmico da Poli/USP, organiza o laboratório de fotografia. Nos anos de 1978 a 1982, atua no laboratório da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU/USP). A relação dialógica de Hatoum com a fotografia, o que demonstro no terceiro capítulo de minha tese, deve muito a amizade que ele manteve com Musa. Pois, quando o literato estudou na faculdade de Arquitetura da USP, participou das atividades desenvolvida no laboratório de fotografia, aquela conjuntura organizado pelo referido fotógrafo. .

<sup>311</sup> HATOUM, Milton. “Laços de parentesco: Ficção e Antropologia”. *Raízes da Amazônia*, Ano I – V.1 -, nº 1-, 2005 – Manaus INPA, 2005, p. 84.

<sup>312</sup> Fora do território brasileiro, Apurima, Ene, Tambo, Ucayali, entre outros. No Brasil, adota os seguintes nomes: Solimões, Negro, Amazonas.

<sup>313</sup> Hatoum, 2000, p.183.

O registro fotográfico, aí reproduzido, suscita conjecturas àquela polifonia inscrita no poema supracitado, pois a fotografia de João Musa surge como representação do seguimento das vozes latentes no discurso, estas que o poeta sugere, às pessoas leitoras mais atentas, a sua polifonia. Vozes, porém, pouco ouvidas na História Oficial da Amazônia, por exemplo. Ora, esta peculiaridade de Hatoum, conforme ele mesmo argumenta, reside nos fundamentos que a etnografia trouxe para seu projeto literário, posto que o escritor vislumbra, nas viagens relatadas pela visão antropológica “ [...] paisagens e culturas desconhecidas, o olhar do narrador é também voltado para si próprio, num processo constante de auto-reflexão em diálogo com o Outro.”<sup>314</sup> Assim, “o autor não nos mostra a palavra dele (como palavra objetificada do herói) mas a usa de dentro para fora para atender aos seus fins, forçando-nos a sentir nitidamente a distância entre ele, o autor, e essa palavra do outro”.<sup>315</sup> Nessa perspectiva adiante, coloco um distinto registro: cabe a essas constatações, relativas às declarações de Hatoum sobre determinadas experiências de viagens ocorridas pelo rio Negro; rio, significativamente, representado na maioria de seus romances:

Fiz duas longas viagens ao Alto rio Negro. A primeira, em 1976, com um grupo de amigos da FAU-USP: uma viagem de barco, de Manaus a Camanaus, próximo de São Gabriel da Cachoeira. Viajamos durante um mês inteiro, conhecendo os povoados do rio Negro, conversando com ribeirinhos, índios, missionários, pescadores. Três anos depois, antes de passar uma longa temporada na Europa, voltei sozinho àquela região. Tinha em mente escrever um longo artigo sobre a “aculturação” de algumas tribos, a relação entre os Macu e os Tucano, a presença de missionários, militares garimpeiros etc. Passei algum tempo entre São Gabriel da Cachoeira, Cucuí e Iauretê, e me deparei com um mundo complexo, que as minhas leituras etnográficas não bastavam para explicar. No fim, não escrevi o artigo, e voltei deprimido com a situação desses povos espoliados material e simbolicamente por religiosos, militares, comerciantes e abandonados pelo poder público. O fato é que essa última viagem ficou viva na minha memória, e até hoje as anotações de campo, as observações de um leigo sobre uma região que sempre me atraiu. Afinal, o rio Negro diz muito para mim, desde a infância: é o rio que banha minha cidade, cujo nome (Manaus) e boa parte de sua população são originários de povos indígenas.<sup>316</sup>

É visível que Hatoum elabora a construção de seu olhar multifacetado sobre a sociedade, a natureza e a cultura amazônica, primeiro, através das experiências de leitura oportunizadas, essencialmente, pelos relatos dos cronistas (séculos XV ao XVIII) e naturalistas (século XIX) europeus, os quais estão frequentes em sua prosa de ficção, como verificarei, alguns indícios, no terceiro capítulo desta tese. Contudo, por meio das vivências, *in loco*, o literato manauara, também fez seus registros etnográficos ( mesmo que de forma amadora)<sup>317</sup>: quando se deparou

<sup>314</sup> HATOUM, 2005, p. 83.

<sup>315</sup> BAKHTIN, 2008, p.218.

<sup>316</sup> HATOUM, 2005, p. 85.

<sup>317</sup> No capítulo 4 do livro *Nenhuma Ilha é uma Ilha: quatro visões da literatura inglesa*, do historiador italiano Carlo Ginzburg; tradução de Samuel Titan Jr., publicado pela Companhia das Letras (SP), 2004, mais

com realidades pouco vistas nos livros que havia lido. Assim, tocado pela história e memória, relativas à trajetória da região a qual é, também, originário, parece ter adotado, como um dos propósitos de seu projeto literário, a representação das vozes subsumidas nas brumas do tempo. Fios que desenham os rastros da história que acompanha o percurso e o movimento das águas dos rios amazônicos. Rios (o Negro, o Amazonas, por exemplo.) que servem de mote para a composição das narrativas imaginárias do escritor e, por extensão, águas que vazam essa polifonia, guardada nas lembranças das populações das *várzeas* e aquelas que se fixaram nos ecossistemas de *terra firme*, “autóctones”<sup>318</sup> ou não (como a família de Hatoum, descendente de libaneses), inúmeras e diversas, existentes na Amazônia: “[...] eu me lembro, sempre tive sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia de rio.”<sup>319</sup> Observando a obra de Hatoum, desde seus primeiros projetos literários, latente já estavam evidências da sua polifonia, a qual ele projetava suscitar. Não sem sentido, a relação dialógica com o Outro foi/é uma constante preocupação inscrita na arte literária do escritor em estudo. Ora, “o olhar e o ouvir de Nael [narrador de *Dois irmãos*, por exemplo] estão completamente voltados para o outro. [...]. E sua procedência será o que ecoar disso, [...]”<sup>320</sup> Para corroborar essa hipótese, reproduzo a voz do narrador do segundo romance de Hatoum (que por sinal é uma continuidade do romance *Relato...*<sup>321</sup>), *Dois Irmãos*:

---

especificamente na página 105, consta uma reflexão, significativa, acerca da experiência da escrita de Bronislaw Malinowski, sobre os registros de seus apontamentos em diário de campo, quando fez a etnografia que resultou no clássico: *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Diz o historiador: “Deve ter sido justamente a experiência da escrita do diário que o ajudou a reconhecer o papel desempenhado pela teoria na interpretação de dados dispersos, transformando-os em fatos dotados de significados”. Usando esse episódio, conjecturo que as experiências de Hatoum, no que tange ao exercício de observação e escrituração de determinados apontamentos sobre a vida cotidiana dos indígenas, no Alto rio Negro, foi fecunda no processo de sua escrita criativa. A composição da personagem Domingas (*Dois Irmãos*) e Dinaura (*Órfãos do Eldorado*) corresponde a um testemunho histórico desta afirmação, em suma.

<sup>318</sup> *Várzea e terra firme*, são os dois ecossistemas, predominantes, na região Amazônica desde o processo de ocupação das primeiras sociedades. Considerando as conclusões acerca da idade do *homem americano*, inexistiram populações originárias do continente americano, conforme os estudos arqueológicos, e etnohistóricos, principalmente. Nesse sentido, os primeiros habitantes são oriundos de processos migratórios vindos da África, Ásia, Oceania. Daí a colocação das aspas na palavra *autóctone*. Sobre esse debate, verificar as pesquisas de Antônio Porro e Eduardo Góes Neves.

<sup>319</sup> HATOUM, 2006, p. 67.

<sup>320</sup> LEÃO, Allison. “A narrativa poética em *Dois Irmãos* – lugar de intercâmbio entre suportes arquivísticos”. In.: *Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas*, Ano 1, n. 1 (2000-). – Manaus: Edua/Capes, 2000, p. 27.

<sup>321</sup> O professor Marcos Frederico Krüger Aleixo, num ensaio minucioso, o qual nas próximas linhas, vou me apropriar, afirma que, Hatoum, apoiado na tradição literária que utiliza a técnica narrativa chamada *mise-en-abime*, a mesma adotada no livro *As mil e uma noites*, isto é, a *narrativa em abismo*, insere inúmeras narrativas na estrutura de seus romances. Assim como, a narrativa de um romance interpenetra na narrativa de outros romances, numa constante intertextualidade. Nessa medida, “Não se pode compreender o *Dois Irmãos*, em profundidade, sem o *Relato*. (ALEIXO, 2007, p. 182), só para citar os dois primeiros romances elaborados por Hatoum, os quais foram objetos de interesse no referido ensaio. Este mesmo crítico, verifica a originalidade de Hatoum, a partir, evidentemente, da influência de *Mil e uma noites*. Dito corretamente, no *Relato...* a cada capítulo Hatoum apresenta uma voz narrativa, a qual Aleixo classifica como *relato em mosaico*. Já no *Dois irmãos* ocorre a *narrativa em*

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal de origem. É como esquecer uma criança dentro de um barco num rio deserto, até que uma das margens acolhe. Anos depois, desconfiei: um dos gêmeos era meu pai. Domingas disfarçava quando eu tocava no assunto; deixava-me cheio de dúvidas, talvez pensando que um dia eu pudesse descobrir a verdade.<sup>322</sup>

O trecho acima evidencia o debate sobre as origens das populações que, historicamente, compõe/compuseram a sociedade e a cultura da Amazônia; a ênfase à polifonia. Nessa medida, também é possível adotar Nael como uma evidência histórica do projeto literário de Hatoum. Pois pode-se conjecturar que a criação dessa personagem narradora do enredo de *Dois irmãos*, é uma testemunha a mais do processo de “dignificação do anônimo” no tempo do enunciado, e, por extensão, no tempo da escrituração do romance, a testemunha de uma época. Voz pela qual, o escritor-criador, também fala. Nael, inclusive, traz a lume a relação dialógica, a qual estou me referindo. Assim: “Embora haja vários narradores que se expressam através de um só – Nael -, [...]. Digamos que é narrativa em afluência, numa metáfora expressiva do sistema hídrico da região amazônica”.<sup>323</sup> Como se Nael fosse o rio Negro, em sua calha principal, descendo do “[...] noroeste para o sudeste. Os afluentes e subafluentes são virtuais”<sup>324</sup> [representados por cada uma das personagens, por meio de seus relatos memorialísticos, lembrados por Nael]. Para o crítico que, nesse momento, estou lançando mão, no romance *Dois irmãos*, até mesmo o espaço, onde a história é ambientada, isto é a Amazônia, emite sua voz narrativa. Assim como

a cidade de Manaus, através, evidentemente, de seus habitantes. Manaus também tem ânsia de contar, [...]. Assim, Manaus, situada na foz do rio Negro, é a narradora derradeira. É o momento em que o romancista está prestes a terminar [o romance]. O rio Negro vai desaguar no Amazonas.<sup>325</sup>

Contudo, como faz lembrar outro crítico, “[...] o espaço a gente ouve com os olhos. Nael, pelo menos, percorre o espaço com os olhos”.<sup>326</sup> Diante de tais considerações, eis, outros exemplos da polifonia verificada na obra de Hatoum. Paralelo a isso, é posta a questão da

---

*afluência*, conforme Aleixo. Esta, por sinal, será abordada adiante. Face às duas técnicas narrativas, adotadas por Milton Hatoum, apresentada na análise de Aleixo, é possível utilizá-las como evidência para corroborar minhas afirmações sobre o projeto literário do escritor amazonense: a representação da polifonia, da significação das personagens anônimas, por meio da elucidação de suas vozes.

<sup>322</sup> HATOUM, 2006, p. 54.

<sup>323</sup> ALEIXO, Marcos Frederico Krüger. “O mito de origem em *Dois irmãos*”. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de (org.). *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances: Dois Irmãos, Relatos de Um certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas / UNINORTE, 2007, p.186.

<sup>324</sup> ALEIXO, 2007, p. 187.

<sup>325</sup> ALEIXO, 2007, p. 188 e 189.

<sup>326</sup> LEÃO, 2005, p. 28.

identidade. Igualmente cara, nos romances de Hatoum. Para tanto, novamente, recorro às palavras do professor Marcos Frederico Krüger Aleixo, acerca dos dilemas da personagem Nael:

O fato de Nael ( o narrador principal) não saber quem é seu pai – Omar ou Yakub? – leva-nos a outra ordem de considerações. Nael não sabe sua origem pelo lado paterno. De quem é filho? Ele é um Édipo amazônico, porém, ao contrário do grego, ele não tem nenhuma falsa verdade. Ele não pensa ser filho de Pólipo. Ele não sabe que é seu pai.

E temos, então, a decifração de um enigma da Esfinge. Se Nael, como vimos, é o rio Negro, ou seja, uma região importante na História do Amazonas, significa que nós também não sabemos nossa origem. Somos o quê? Índios, renegando, através do cristianismo, nossa cultura? Somos brancos? Portugueses? Libaneses? Desconhecemos nossa verdadeira face, nosso ser. Por não sabermos quem é nosso pai e por possuímos uma mãe descaracterizada, desconhecemos nossa origem e, mais que isso, nosso verdadeiro significado no mundo.<sup>327</sup>

Parece que tanto nas Histórias Oficiais, como nas fictícias, acerca da Amazônia, os/as heróis/heroínas e os/as anti-heróis/anti-heroínas guardam dilemas, semelhantes ao de Nael. À luz das palavras de Aleixo pode-se pensar que Hatoum, por meio de suas narrativas de ficção, alude uma, também cara, problemática histórica, a qual, a historiografia oficial tratou de forma indiferente.<sup>328</sup> Nessa perspectiva, como estou argumentando desde o início de minha narrativa histórica, ao colocar essa questão no centro de seu enredo, o escritor-criador também emite sua voz, contribuindo, portanto, com a narrativa historiográfica, pois aqui a utilizo como fonte para o pensar, o saber histórico. Possibilitando, assim, que o historiador, aberto à literatura como manancial profícuo, possa lançar mão das narrativas de Hatoum para buscar as vozes anônimas, ruínas da memória de personagens históricas, representadas por personagens fictícias. Tais suscitam trajetórias inscritas no passado: revelam a permanência de um tempo longo, pois a voz do Outro da história ainda se perde num determinado laconismo. O Outro da história, por meio da ficção de Hatoum, sugestiona essa voz dissimulada, no tempo e no lugar onde traçaram suas trajetórias, como a história de Domingas:

[...]. a cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama, “louca pra ser livre”, como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das

<sup>327</sup> LEÃO, 2005, p. 191.

<sup>328</sup> FREIRE, José Bessa. “A transmissão da Experiência”. Resumo do artigo “De fala boa ao português na Amazônia brasileira”, publicado na Revista *Ameríndia*, nº B, 1983 – pp 39 a 83 – CNRS – Paris. In.: (et.al.) *Amazônia Colonial (1616-1798)*. 4ª edição revisada e ampliada. Editora Metro Cúbico. Manaus, 1994, p. 35. Aqui é discutido a problemática da identidade étnica, social e histórica do amazonense [e por que não dizer dos habitantes da Amazônia?]. O autor conclui acerca de sua peculiaridade: um desfibrado, incoerente, atravessado entre o mundo do colonizador e do colonizado. Silenciado pela ordem do discurso oficial, inscrita na História e Historiografia tradicionais.



missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade.<sup>329</sup>

Como faz pensar um certo historiador da cultura popular, através da personagem Domingas, de Hatoum, é possível conjecturar sobre a busca da reconstrução analítica de uma determinada diferença, “[...] a fim de podermos reconstruir a fisionomia, parcialmente obscurecida, de sua cultura e contexto social no qual ela se moldou”.<sup>330</sup> Menina órfã, originária do Alto rio Negro, pela força das circunstâncias étnico-históricas, viu a necessidade de inventar o seu cotidiano na cidade de Manaus: lança mão de muitas máscaras e performances sociais. Como faz lembrar o historiador Carlo Ginzburg, o narrador-criador [assim como as pessoas leitoras] do referido romance recupera a voz de Domingas por sobre os ombros de seu filho Nael<sup>331</sup>, quando este, usando lembranças fissuradas, recolhidas das conversas com sua mãe, uma das guardiãs do saber – “no sentido do que foi vivido. [...] Nael narra o outro, o alheio”.<sup>332</sup> Assim, necessário se faz ouvir a voz de Domingas, por meio da escrita elaborada por Nael, a partir dessa profícua fonte: a oralidade. O rio, na lembrança reproduzida abaixo, aparece como um catalizador de memórias. É assim, que flui a escrita criativa de Hatoum e, por extensão, é assim, que as vozes de suas personagens afloram:

[...]. Caminhamos até o porto da Catraia e embarcamos num motor que ia levar uns músicos para uma festa de casamento à margem do Acajatuba, afluente do rio Negro. Durante a viagem, Domingas se alegrou, quase infantil, dona de sua voz e do seu corpo. Sentada na proa, rosto ao sol, parecia livre e dizia para mim: “Olha as batuínas e as jaçanãs”, apontando esses pássaros que triscavam a água escura ou chapinhavam sobre folhas de matupá; apontava as ciganas aninhadas nos galhos tortuosos dos

<sup>329</sup> Aqui estou observando que Domingas, provavelmente, seja uma personagem elaborada a partir das experiências relativas à “pesquisa de campo” etnohistóricas e antropológicas e, por extensão, a utilização de seus “registros etnográficos” que fez quando esteve viajando pelo rio Negro.

<sup>330</sup> GINZBURG, Carlo. “Prefácio à edição inglesa”. In.: \_\_\_\_\_ *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*; tradução Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas José Paulo Paes; revisão técnica Hilário Franco Jr. – São Paulo : Companhia das Letras, 2006, p. 9. Conferir também: CORDEIRO JUNIOR, Jussaty Luciano. *O imbricamento entre vozes e ecos da cultura popular e da cultura erudita [manuscrito]: um estudo sobre o dialogismo na obra “O queijo e os vermes” de Carlo Ginzburg – 2008 – Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.*

<sup>331</sup> GINZBURG, Carlo. “O inquisidor como antropólogo”. In.: \_\_\_\_\_ *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*; tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 280-293. Assim como os historiadores - que usam o método da História Cultural, como Ginzburg, o qual recupera por meio da oralidade, oriunda das vozes que vem das minorias, aquelas que estão por trás dos discursos dos agentes do poder, estes que produzem os discursos oficiais, quase sempre materializados nos documentos escritos, oficiais - Hatoum, o artista-criador (que assume uma postura de historiador, pois também lida com a memória e assim, faz sugestões à história, contudo a uma outra história, a às avessas) desenha a personagem Nael como se ele fosse um sujeito que reuni os fios e os rastros de uma história latente. Quando ele revela as lembranças de sua mãe, por exemplo, ele elabora uma memória que se estende nas fissuras de uma História que, há muito optou por esconder a trajetória desses sujeitos que necessitam falar, porém, há muito tal oportunidade foi negada. Nael, assim, traz a lume a história do Outro. Dizendo corretamente, desse Outro que, historicamente, reside esse Eu: Nael. Pois, ele é também um dos fios, por onde se tece os rastros das histórias desses inúmeros sujeitos silenciados no discurso do poder. Porém, na polifonia de Hatoum, como estou argumento, ouvem-se as vozes dos anônimos.

<sup>332</sup> LEÃO, 2000, p. 27.

aturiás e os jacamins, com uma gritaria estranha, cortando em bando o céu grandioso, pesado de nuvens. Minha mãe não se esquecera desses pássaros: reconhecia os sons e os nomes, e mirava, ansiosa, o vasto horizonte rio acima, relembando o lugar onde nascera, perto do povoado de São João, na margem do Jurubaxi, braço do Negro, muito longe dali, “O meu lugar”, lembrou Domingas. Não queria se afastar do pai e do irmão; ajudava as mulheres da vila a ralar mandioca e a fazer farinha, cuidava do irmão menor enquanto o pai trabalhava na roça. A mãe dela... Domingas não se lembrava, mas o pai dizia: tua mãe nasceu em Santa Isabel, era bonita, dava risadas alegres, nas festas do ajuri e nas noites dançantes era a mais bonita de todas. Um dia bem cedinho, o pai saiu para cortar piaçaba e colher castanha. Era junho, véspera de São João, a canoa com a imagem do santo se aproximava do rio, os gambeiros batiam tambor, cantavam e pediam esmola para São João. O povoado de Jurubaxi já se animava com rezas e danças, e das vilas vizinhas e até mesmo de Santa Isabel do rio Negro chegavam caboclos e índios para o festejo. Os sons do tambor foram abafados por grunhidos, e então Domingas viu um porco-do-mato esperneando, tremendo, sufocado, com baba no focinho, o caldo venenoso de mandioca brava. “um homem jogou água fervente e deu umas cacetadas na cabeça do bicho e depois arrancou os pelos para ser moqueado”, contou Domingas. “corri para dentro da tapera, onde meu irmão brincava. Fiquei ali, arrepiada de medo, chorando... Esperei meu pai... ele demorou... Ninguém sabia de nada”.

Não houve festa pra ela. O pai tinha sido encontrado morto num piaçabal. Ainda se lembrava do rosto dele, do enterro no pequeno cemitério, na outra margem do Jurubaxi. Não se esquecia da manhã que partiu para o orfanato de Manaus, acompanhada por uma freira das missões de Santa Isabel do rio Negro. [...].<sup>333</sup>

Apesar de extenso, o trecho é necessário. Como se percebe, foi elaborado a partir do acesso aos arquivos orais, recolhidos das lembranças de Domingas. Reminiscências, as quais, seu filho Nael recolhe, feito um etnohistoriador, um arqueólogo ou arquiteto da memória [qual Hatoum]. Evidências que, de fato, tornam-se testemunhos históricos. Vestígios que estão, por um lado, relacionados ao processo criativo de Hatoum. Por outro, às suas experiências de viagem pelos rios da Amazônia. Ora, nas história de Domingas reside uma determinada humanidade redimida do passado. É visível, assim, que um dos propósitos do projeto literário de Hatoum é abrir veredas para a produção de um saber compromissado com a busca da libertação dessa humanidade a qual estou me referindo: as minorias [nesse caso as indígenas, mas são tantas em sua obra...]. Daí à baila, a história de uma menina órfã de Santa Isabel do rio Negro [lugar que o autor-criador conheceu de perto]. Personagem, sua trajetória histórica, a qual circula entre a ficção e a realidade social e que, por isso, aparece como o testemunho de uma época. E, por extensão, de uma permanência de longa duração na história da Amazônia. Essa “prosopografia fictícia” de Domingas é remontada de lembranças. Isto nos fez lembrar, no que se refere a história indígena da Amazônia que “relembrar é ir retirando do ‘esquecimento’ parte da memória sepultada pelo processo de colonização”<sup>334</sup> Em suma, se na história de sua

<sup>333</sup> HATOUM, 2000, pp. 74-75.

<sup>334</sup> MACIEL, Benedito do Espírito Santo Pena. “Entre os rios da memória: história e resistência dos Cambeba na Amazônia brasileira”. In.: SAMPAIO, Patrícia Melo; ERTHAL, Regina de Carvalho (org.). *Rastros de memória: histórias e trajetórias das populações indígenas da Amazônia*. – Manaus EDUA, 2006, p. 211.

mãe Domingas, Nael busca saber sobre sua origem, origens; Hatoum coloca uma pergunta à recepção de *Dois irmãos*: qual o lugar dos indígenas na história da Amazônia? Questão que, com Hans Robert Jaus, argumento, faz da literatura de Hatoum um acontecimento<sup>335</sup>. A ênfase a esse debate perpassa temporalidades e, senão o contrário, continua indagando a sociedade leitora, a qual se depara com a trágica história dessa menina indígena e órfã: “Domingas serviu; e só não serviu mais porque a vi morrer, quase tão mirrada como no dia em que chegou em casa, e, quem sabe, ao mundo”<sup>336</sup>, lembra e escreve Nael.

Como estou falando sobre personagens e lugares de memória, e suas relações com a problemática da polifonia, convém dar continuidade ao debate. No romance *Relato de um certo oriente*, aparece uma imagem que é frequente no conjunto da obra de Milton Hatoum. Dito corretamente, ela surge nas dobras da intertextualidade que o autor-criador elabora e reelabora para compor as suas narrativas: guarda lembranças, ponto de partida para o entrelaçar dos enredos do escritor amazonense. Abaixo reproduzo o trecho:

O encontro aconteceu na noite do domingo, sob a parreira do pátio pequeno, bem debaixo das janelas dos quartos onde havíamos morado. Na manhã da segunda-feira tio Hakim continuava falando, e só interrompia a fala para rever os animais e dar uma volta no pátio do fonte, onde molhava o rosto e os cabelos; *depois retornava com mais vigor, com a cabeça formigando de cenas e diálogos, como alguém que acaba de encontrar a chave da memória.*<sup>337</sup>

Como venho elucidando, a oralidade, principalmente, de seus ancestrais, e, por extensão, a memória são chaves de leitura significativas, por onde se percebe como Hatoum elabora seus enredos. Suscitam a interpenetração que se faz presente nas obras do romancista. Ocorre, assim, um fecundo dialogismo. Os grifos feitos, nas duas últimas linhas da citação, são meus, e, de fato, pretendem chamar a atenção das pessoas leitoras para esse debate. Pois.

[...]. Contar ou cantar não apaga a nossa dor? [...]. Espero Macucauá cantar no fim da tarde. Ouve só esse canto. Aí a nossa noite começa. Estás me olhando como se eu fosse um mentiroso. Mesmo olhar dos outros. Pensas que passaste horas nesta tapera ouvindo lendas?<sup>338</sup>

---

<sup>335</sup> Pois, conforme o autor referenciado (Jaus), a literatura torna-se acontecimento histórico quando consegue provocar a recepção (a riqueza crítica) no contexto em que a obra literária foi publicada, isto é, seu chão histórico original. Mas, também, posteriormente. Nesse sentido, quando as indagações, os questionamentos, colocados pela obra, perpassam temporalidades e, por extensão, de alguma forma, afrontam as estruturas sociais e culturais, ao longo do tempo. Em suma, assinto que, assim como a obra de Machado de Assis (por exemplo), trouxe questionamentos significativos a problemática da escravidão, (como é o caso da obra *Helena* que coloca como essencial o debate sobre o tempo e a ordem saquarema), Hatoum, através de suas obras, questiona, semelhantemente, o lugar, o papel e a condição de determinadas minorias sociais, culturas subsumidas, na História do Brasil, mas, essencialmente, da Amazônia. A personagem Domingas, de *Dois irmãos*, reafirma pela enésima vez, é um exemplo emblemático, referente a essa afirmação.

<sup>336</sup> HATOUM, 2000, p. 65.

<sup>337</sup> HATOUM, 2008, p. 28

<sup>338</sup> HATOUM, 2008, p. 103.

Assim, Arminto Cordovil, personagem narrador da novela *Órfãos do Eldorado*, questiona o seu interlocutor. Essa imagem aloca uma ambiência amazônica onde à sombra de uma árvore duas ou mais pessoas se acomodam para contar e ouvir uma determinada história, polifônica, gestada nas lembranças e nas *memórias por tabela*.<sup>339</sup> Nesse sentido, relacionada a passagem supracitada, encontra-se em *Dois irmãos* a seguinte alusão:

Talvez por esquecimento, ele omitiu algumas cenas esquisitas, mas a memória inventa, mesmo quando quer ser fiel ao passado. Certa vez tentei fígar-lhe uma lembrança: não recitava os versos do Abbas antes de namorar? Ele me olhou, bem dentro dos olhos, e a cabeça se voltou para o quintal, o olhar na seringueira, a árvore velha, meio morta. E só silêncio. Perdido no passado, sua memória rondava a tarde distante em que o vi recitar os gazais de Abbas. Era um preâmbulo, e Zana se excitava com aquela voz grave, cheia de melodia, que devia tocar a alma dela antes da loucura dos corpos. Omissões, lacunas, esquecimento. O desejo de esquecer. Mas eu me lembro, sempre tive sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia de rio.<sup>340</sup>

É como se a memória se tornasse um portal por onde migram as personagens, estas que revelam, uma Amazônia oriental por meio das vozes de dois imigrantes árabes: Hakim e Halim. Estes, que, saídos do plano histórico, chegam até o plano do imaginário para configurarem-se como guardiões das memórias de um remoto passado e suas ruínas. Onde Hatoum vai buscar, por entre os escombros do silêncio, as histórias de longínquas pessoas. As mesmas que alimentam o imaginário que nutrem a prosa de ficção do autor. Uma polifonia, transfigurada no espaço de memória relacionada à metáfora do sabor, do cheiro do tempero árabe, se misturando ao tempero amazônico. Sabores que alimentam vozes pretéritas, alento para a escrita criativa, desse escritor-criador em questão, quando narra sobre o Outro, na ambiência do restaurante Biblos, de um certo imaginário, nascido de um determinado chão histórico... Aí a polifonia se entretém:

Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo: uma dor ainda viva, uma paixão ainda acesa, a perda coberta de luto, a esperança de que os caloteiros saldassem as

<sup>339</sup> As histórias contadas por seus avós, semelhante ao que ocorreu com escritores hispano-americanos, como é o caso de Gabriel Garcia Marques, que elaborou *Cem anos de Solidão*, a partir das histórias contadas por seus ancestrais, faz Hatoum inserir em seus romances essa imagem onde um personagem ouve e outro conta sobre o seu passado em baixo de uma árvore e/ou às margens de um rio (arquétipos, significativos relativos à região Amazônica). Inclusive, o enredo que estrutura a novela *Órfãos do Eldorado*, historicamente é gestado a partir de uma história que Hatoum ouve de um de seus avós, embaixo de uma árvore em um determinado dia de sua infância, como será discutido, mais minuciosamente, em uma das seções desse capítulo.

<sup>340</sup> HATOUM, 2006, p. 67.

dívidas. Comiam, bebiam, fumavam, e as vozes prologavam o ritual ,adiando a sesta.  
341

Evidencia-se também aí os lugares, as ambiências onde o dialogismo se alimenta, se nutre. As latentes lembranças vêm à baila.

Usando a ótica da história cultural pode-se verificar alguns indícios, a propósitos, utilizados por Hatoum, com extrema sutileza, para contar acerca de uma Amazônia pouco vista pela historiografia tradicional: “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”.<sup>342</sup> Por exemplo, considerando a citação que se refere ao diálogo de Halim com Nael [*Dois irmãos*] a imagem da *parreira* [*Relato...*], árvore de origem asiática, pode-se argumentar, “dialoga” com a imagem da *seringueira*, amazônica, [*Dois irmãos*]. Talvez para que, no ato da recepção de sua literatura, as pessoas leitoras percebam que a parreira asiática e a seringueira amazônica, servem, como alegoria dessa multiplicidade de vozes e culturas que teceram e tecem a história da Amazônia. Árvores que também elucidam a peculiaridade migratória das populações que, saídas de seus continentes de origem, fincaram raízes, como as estirpes da parreira asiática, na região amazônica. Genealogias que balizaram uma ancestral dona de muitos frutos, sementes de muitas outras árvores. Qual o processo migratório, iniciado pelos ancestrais de Hatoum e continuado por este literato viajante, como seus personagens: Mundo (*Cinzas do Norte*), Martim (*Um lugar mais sombrio*). Não sem sentido, as personagens que o escritor manauense constrói, configuram a gente diversa, percebidas também por suas vozes, qual aquelas que dialogam no espaço de sociabilidade do restaurante Biblos, da ficção.<sup>343</sup>

O dialogismo inscrito na obra de Hatoum, mostra um certo Oriente na Amazônia. Mas também uma Amazônia que se faz representar através de seus odores, lembranças e memórias em lugares distantes do rio Negro, rio Amazonas, por exemplo. Com efeito, é possível conjecturar, uma vez mais: a Amazônia que Hatoum desenha em seus romances também ganham traços de outros lugares: pontos de fuga, perspectivas, desenvolvidos através de suas viagens, por Brasília, São Paulo, Barcelona, Paris, por exemplo. Pois a distância e a saudade dos lugares de memória (na Amazônia, principalmente), são alentos para a imaginação do escritor-criador em questão. Isto se traduz em seus romances. Testemunho dessa constatação

<sup>341</sup> HATOUM, 2000, p.p. 47-48.

<sup>342</sup> GINZBURG, Carlo. “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”. In.: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*; tradução: Federico Carotti. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 177.

<sup>343</sup> Ademais, como já foi inúmeras vezes mencionado em diversos trabalhos, o escritor Milton Hatoum, um sujeito, descendente de árabes, nascido em Manaus, influenciado por diversas culturas e, por extensão, pela literatura universal, pode ser representado como a síntese de tudo isso. Ele é fruto e produto desse processo conflitivo, entre choques e encontros de diversas culturas, ocorrido desde o advento da colonização, e acalorado na passagem do século XIX para o século XX, chão histórico de seus antepassados.

são, decerto, as sensações do artista Mundo, personagem de *Cinzas do Norte*, terceiro romance. Como fez o francês Marcel Proust, no seu *Em busca do tempo perdido*, o escritor amazonense, recorre aos odores, como metáforas da reminiscência:

[..]; então senti, pela primeira vez em Londres, alguma coisa íntima: um cheiro que só o porto quente e úmido da infância exala. Um pedaço das Antilhas e da Amazônia se espalhava nos pequenos empórios e nas tendas que vendiam quiabo, farinha de mandioca, azeite-de-dendê, melancia...<sup>344</sup>

Assim, é possível observar a relação dialógica entre o narrador e o autor-criador. A referida imagem comporta a Amazônia de Hatoum. Essa que se forja a partir das vivências e das experiências compartilhadas durante suas viagens pela Europa. Ora, essas são evidências históricas, as quais, de certo, servem de mote para compor as sensações das personagens do escritor. Não custa reafirmar: Mundo, a personagem, revela, no plano do enunciado, trajetórias semelhantes àquelas que o jovem Hatoum, da realidade, aspirante a escritor, vivenciou quando foi estudar fora do Brasil.

De tal modo, Lavo, o narrador da história (*Cinzas do Norte*), potencializa a voz de Mundo, ao ler a carta enviada por este para aquele: “Tarde demais para tudo... mas eu tinha que contar a alguém essa história... *o fim de uma história antes do fim. A vida pelo avesso, [...] ... Ontem foi um dia escuro, sono e exaustão, dia de olhos fechados.*”<sup>345</sup> A propósito, coloquei os grifos na citação. Estes servem para eu lembrar às pessoas leitoras essa peculiaridade do projeto literário de Milton Hatoum: compor uma narrativa que perpassa o conjunto de sua obra, como elucidou, linhas acima, o professor Marcos Frederico Krüger Aleixo. E como vou buscar discutir nas linhas subsequentes.

Uma técnica, frequentemente usada por Hatoum, é a utilização de relatos fraturados em seus romances, por meio de cartas, fragmentos de diários etc., fontes para a composição de seus enredos.<sup>346</sup> Assim, em seu terceiro romance, o diálogo, a partir da inserção de uma missiva, estabelece uma intertextualidade com o romance *A noite da Espera e Pontos de Fuga*, quinto e sexto no conjunto da obra do literato, os quais, inscritos na trilogia *O lugar mais sombrio*. Pois, Mundo é uma personagem que, indiretamente, está na narrativa dos dois primeiros volumes da mencionada trilogia. Por meio de um esforço interpretativo e argumentativo é possível tecer essa conjectura: a construção minuciosa das personagens, os diálogos estabelecidos entre elas, proporcionam elos entre as narrativas que, desta forma, armam e amarram o dialogismo entre

<sup>344</sup> HATOUM, 2005. p.242.

<sup>345</sup> HATOUM, 2005, p. 305.

<sup>346</sup> Fecundas fontes de história, por sinal. Nesse sentido, a representação desse tipo de gênero nas narrativas, por si só, já sugere essa implícita percepção de Hatoum sobre o saber histórico. Saber que, também, se faz entre fissuras, fragmentos e silêncios deixados no tempo.

os romances de Milton Hatoum. Ora, a trajetória de Mundo se entrelaça à trajetória da personagem, narradora, dos dois volumes da trilogia *Um lugar mais sombrio*. Pois, a personagem de *Cinzas do Norte* assume especificidades corroborantes às adversidades da segunda personagem: Martin, narrador do romance *O lugar mais sombrio*. Como se este fosse a representação daquele e vice-versa.

*Cinzas do norte*, através dos dilemas de um jovem artista deixa patente que “a vida é cruel e que viver não é um prêmio, mas um castigo”.<sup>347</sup> Mundo é um artista em autoexílio, viajando por várias cidades europeias. Sai de Manaus, primeiro por questões relacionadas a estrutura e à ordem familiar: seu pai, Jano (o qual, de fato, não é o pai de Mundo, pois, no final do romance, as pessoas leitoras ficam sabendo que o pai do jovem artista é outra personagem), é um opressor, discorda das escolhas do filho, essencialmente, das concepções de arte deste, nas quais se ancoram as convicções da personagem, mas também por Mundo ser visto como um transgressor da ordem social, política e cultural, no contexto do regime militar brasileiro (as pessoas que conhecem a obra de Hatoum, sabem que esse chão histórico, que serve de pano de fundo para o referido romance, também se faz presente em *Dois irmãos*, um aspecto a mais para verificar a relação dialógica entre os dois romances, portanto.). Já Martin, personagem narrador em *A noite da espera* e *Pontos de fuga* (volumes 1 e 2 da aludida trilogia) é um estudante, artista – aspirante a escritor – que, por conta de o regime militar brasileiro perseguir jovens estudantes da USP, considerados subversivos, é obrigado a passar um período de sua vida, em Paris (como já foi relatado em outras partes desta tese). O dilema das duas personagens é semelhante. Assim, as narrativas são fronteiriças e se encontram através de elos.

O gênero narrativo é outro elo. Como já foi dito anteriormente, tanto os dois volumes da trilogia como em determinadas partes, significativas à estrutura narrativa de *Cinzas do Norte*, surgem cartas, fragmentos de diários, que revelam os ecos de vozes das outras personagens através dessa relação dialógica, inscritas nos romances mencionados. Não sem sentido, assim, inicia o *A noite da Espera*:

Inverno e silêncio. Nenhuma carta do Brasil.  
**Paris, dezembro, 1977**

Cidade gelada, nem sempre silenciosa: algazarra de turistas na travessia de uma ponte sobre o Sena. Somos do mesmo país, andamos para margens opostas. Essas gargalhadas e vozes são verdadeiras?<sup>348</sup>

Nessa esteira, a propósito, assim, finaliza o romance *Pontos de Fuga*:

**Rue de la Goutte-d’Or, Paris, primavera, 1980**

---

<sup>347</sup> ALEIXO, 2006, p. 212.

<sup>348</sup> HATOUM, 2017, p.11.

A memória só faz sentido depois do esquecimento?<sup>349</sup>

Quando se recorre às narrativas inscritas nesses dois relatos fraturados, acima citados (*A noite da Espera*, *Pontos de Fuga*), mas também noutra (*Cinzas do Norte*) percebe-se uma determinada continuidade, emitida pelas vozes das personagens, pela voz do autor-criador. Vozes plasmadas pelo tempo histórico. Este que, na polifonia inscrita na obra de Hatoum, também jacula sua fala. Mas, com o literato amazonense, a fala é avessa a ordem do discurso opressor, vem a contrapelo. Mundo, Martin, assim, tornam-se a representação alegórica da busca da liberdade, face a clausura amarga de uma temporalidade opaca. E Hatoum, no tempo da escrituração, recorre à memória de um tempo passado, a partir das angústias que ele começa a viver no presente, pois aquele tempo pretérito se assemelha como o tempo da urdidura, principalmente, de quando elabora os dois volumes de *A noite da espera* [já se colocou essa problemática, inclusive, no primeiro capítulo desta tese]. A memória, portanto, faz sentido diante de inúmeros indivíduos que ficaram esquecidos nas sombras desse tempo sombrio. Tempo que insiste em dissimular sua Voz [em maiúsculas porque autoritária, opressora], atrás do forjado esquecimento.

Na cidade estrangeira, de gargalhadas e vozes que até parecem não ser verdadeiras, por causa do estranhamento do jovem exilado, sozinho e distante de seus amigos, familiares, amores, como inúmeros, se faz necessário, sim, buscar sentido e luz à memória, à memória, gestadas nas lembranças. Não deixar que o frio conjuntural do tempo e do lugar, estrangeiro, traga obstáculos para que essas histórias deixem de ser contadas. Mesmo que desde o final, pelo avesso, lançando-se mão de um método remissivo. Pois: “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente.”<sup>350</sup> Afinal o passado tem vozes, muitas dessas quase sempre silenciadas. Uma vez mais, Hatoum está buscando, por meio de suas narrativas entrecidas, dignificar os rastros, os ruídos, as ruínas, os brados. Enfim, vozes das personagens anônimas.

Ainda falando sobre a relação dialógica entre *Cinzas do Norte* e a trilogia *O lugar mais sombrio*, vale colocar em destaque a figura da personagem do coronel Zanda, O fato desta personagem vazar as duas narrativas suscita, obviamente, algumas conjecturas.

---

<sup>349</sup> HATOUM, 2019, 310.

<sup>350</sup> BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 65.



O coronel Zanda, aparece umas poucas vezes em *A noite da Espera e Pontos de Fuga*. Isso tem um propósito no dialogismo de sua obra, portanto: representar as redes de ligações existentes entre os militares, desde Amazônia (Manaus) até o restante do Brasil (mais, especificamente, Brasília). Nos traços do relato, emitido por Lavo, narrador de *Cinzas do Norte*, Hatoum faz uma espécie de caricatura da elite que, provavelmente, compunham o poder social, econômico e político na cidade de Manaus. Aí, portanto, estão três personagens, as quais irei me ater – mostrando traços de suas especificidades, conforme suas trajetórias, elucidando aspectos, essencialmente políticos - , incluindo, é claro, o coronel Zanda:

Mundo me puxou para um canto da cozinha, apontou os convidados e cochichou: “Aquele grandalhão ali é o Albino Palha... amigo e conselheiro do meu pai, Exporta juta, castanha e borracha. Se dependesse dele, exportaria até os empregados de Vila Amazônia. Palha é um solteirão... se derrete todo na frente dos militares. Olha como bajula os caras. Só falta pentear o bigode do mais alto, o *coronel Zanda*, que o *Jano* vive dizendo que é o preferido do Comando Militar da Amazônia. O outro é o tenente Galvo, ajudante-de-ordem do Zanda. Aquele esqueleto corcunda é presidente da Associação Comercial. Tem vários apelidos: Caveira de Bigode, *Heródoto*... Sabe de cor as datas dos grandes feitos da história. Quando fala, parece que está numa tribuna. O lesão se considera um historiador, e a mulher dele, aquela vassoura torta, manga o tempo todo do seu amado Heródoto. Os outros são cupinchas e penetras. Minha mãe odeia essa gente. Já está bebendo...”<sup>351</sup>

Jano, coronel Zanda e o Caveira de Bigode ou Heródoto: personagens centrais dessa chacota, a propósito, inscrita no enredo de *Cinzas do Norte*. Feita para contar sobre determinadas trajetórias de sujeitos que se “destacaram” como pessoas influentes e poderosas na cidade de Manaus. Mas também para representar o absurdo de um tempo ainda opaco, aos olhos da historiografia contemporânea, porque obstado é, de fato, o acesso aos arquivos do Ditadura Militar: guardados sigilosamente, a sete chaves. Portanto, a ironia de Mundo, na imaginação do escritor-criador do referido romance, traz aproximações com esse tempo pretérito (1964-1985). Pois “as melhores vias de acesso, numa tentativa de penetrar uma cultura estranha<sup>352</sup> podem ser aquelas em que ela parece opaca”.<sup>353</sup>

A citação me faz necessitar, novamente, das reflexões do professor Marcos Frederico Krüger Aleixo: “*Cinzas do Norte* é um *roam à clef*, ou seja, um romance em que os personagens

<sup>351</sup> HATOUM, 2005, p. 46

<sup>352</sup> No que se refere ao romance *Cinzas do Norte*, diria obscura, como uma cultura estranha, por ser tão abstrusa, pela força das circunstâncias políticas, no passado, mas também, no momento da urdidura desse romance. Talvez essa imagem elaborada por Milton Hatoum, nela, seus diálogos, emitam vozes, dizendo: as informações sobre as ações opressoras e violentas dos gestores do regime militar brasileiro nem sempre foram revelados (o que é verossímil e verdadeiro, pois, tais agentes foram/são protegidos por um silêncio seletivo. Neste, consta uma memória, oficial, a qual dissimulada eventos. Daí a ironia, o propósito desse diálogo de Mundo e Lavo, elaborado pela literatura de Milton Hatoum.

<sup>353</sup> DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*; tradução de Sonia Coutinho. – Rio de Janeiro: Graal, 1986, p.106.

(vários deles) podem ser identificados com pessoas da vida real[...].<sup>354</sup> Porém, as trajetórias das pessoas da vida real, obviamente, tomam rumos diferentes dos caminhos trilhados pelas personagens criadas através do imaginário de Hatoum. Mas, as personagens representam uma determinada temporalidade histórica, por meio da alegoria que representam no tempo do enunciado, como faz lembrar Sandra J. Pesavento [debate já posto desde a Introdução desta tese]. Nessa medida, é provável que a personagem de Jano tenha sido composta por Hatoum para configurar o tradicional poder dos membros da família J.G. Araújo Jorge, um dos “dono do poder”<sup>355</sup> do Amazonas. Mantenedor de um vasto patrimônio material, na cidade de Manaus e no interior, como por exemplo o lugar conhecido como “Vila Amazônia”. Lugar, inclusive, bem evidente, no romance *Cinzas do Norte* [capítulo quarto]. Não é demais, verificar que a tradição dessa riqueza empresarial familiar inicia no século XIX e se espraia, pelo menos, até a quinta década do século XX, remontando, assim, a trajetória empresarial da firma Araújo Rozas & Irmão, onde se deu início a história da riqueza e do poder de J. G. Araújo, pois:

Araújo Rozas & Irmão utilizar-se-ão das condições típicas desse sistema mercantil regional [aviamento] para implantarem um controle eficaz sobre o comércio e o crédito, que são dois lados da mesma moeda. Segundo Weinstein a casa aviadora trabalhava como representante legal e financeira de seu cliente criando um sistema mercantil baseado nos vínculos de endividamento. O negociante detinha o monopólio comercial praticando preços abusivos apropriando-se de um excedente adicional. Criava-se assim um círculo vicioso do endividamento que era tolerado pelos aviados como única forma de ter acesso as mercadorias.

[...] o processo de acumulação, que deu base a Araújo Rozas & Irmão, aconteceu através do controle do comércio e do crédito possibilitados pelo conhecimento dos padrões internos de distribuição baseados num processo de relações mercantis tradicionais no âmbito de uma economia regional. É nossa opinião que o “bom” da economia gomífera veio acelerar esse processo de acumulação, mas não substituí-lo.

Assim, a personagem de Jano, da ficção, indica a figura de J. G. de Araújo Jorge, inscrito no chão da história de Manaus, do Amazonas, parte da Amazônia. Ai, vê-se portanto, o aro

---

<sup>354</sup> ALEIXO, 2006, p. 211.

<sup>355</sup> Com base nas reflexões do historiador Almir de Carvalho Júnior, conjecturo que J. G. de Araújo Jorge, fruto e produto do século XIX, obviamente, é herdeiro de uma tradição que perpassou temporalidades. “Dono do poder” [só para usar uma expressão de Raimundo Faoro] porque sua influência era constituída através de elos que abarcam os âmbitos da política, economia, atingindo, assim, um significativo prestígio sociocultural no Amazonas e, essencialmente, na cidade de Manaus. A representação desse poder se inscreve, constantemente, nos romances de Hatoum, onde a Amazônia está ambientada. A título de exemplo, cito uma emblemática passagem do romance *Dois irmãos* (2000, p. 83), onde Hatoum faz menção à família dos Reinoso, riquíssima, por sinal: “Zana se deixava impressionar com o passado de Estelita. O avô dela, um dos magnatas do Amazonas, aparecera na capa de uma revista norte-americana que a neta mostrava para todo mundo. Mostrava também as fotografias das embarcações da firma, que havia navegado pelos rios da Amazônia vendendo de tudo aos ribeirinhos e donos de seringais”. Ai, portanto, reside a representação do poder, do prestígio e da influência, construída historicamente, a qual, através da memória social, e oficial, mas também das experiências de Hatoum [durante sua infância e parte da juventude teve a oportunidade de observar o *modus vivendi* da referida família] é ressignificada, por meio da literatura. Estou falando da herança deixada por J. G. de Araújo Jorge. Personagem real que aparece em *Dois irmãos*, ai citado, mas também em *Cinzas do Norte*, configurado na personagem Jano.

entre o imaginário de Hatoum com a historiografia e, nessa esteira, sugerindo condições de possibilidade para a extensão da reflexão elaborada pelo historiador, ao qual me apropriei, acerca da herança da tradição constituída através da trajetória histórica de sujeitos oriundos da Europa. Pois que, no mesmo estudo referido acima, afirma-se que tal herança tem seus antecedentes na chegada de portugueses à Manaus no ano de 1863:

[...] - vindo de Portugal – então com 17 anos, a chega de Bernardo Gonçalves Araújo que, em Manaus, trabalhou para um comerciante português chamado Silva. Em 1865, com a ajuda de um amigo (Nuno Brasil) consegue local casa, mercadoria e crédito para abrir um comércio no ramo de panificação. [...], Bernardo chamou seu irmão, José Gonçalves de Araújo, de Estela, Conselho de Póvoa de Varzim, Portugal. Parece ter chamado também outro parente homônimo de José Gonçalves de Araújo, fazendo com que esse acrescentasse Rozas ao nome. A atitude de trazer parentes de Portugal foi repetida por José Rozas, chamando em 1871, Joaquim Gonçalves de Araújo. [...], com apenas 15 anos, parte para aventuras de penetrar a selva empreendendo uma viagem ao alto Rio Negro e, finalmente, em 1877, associa-se ao irmão abrindo a Araújo Rozas & Irmão.<sup>356</sup>

Eis, portanto, alguns indícios da trajetória histórica dessa herança [de poder político e riqueza material] usufruída por J. G. de Araújo Jorge. Sujeito que, como já mencionei no primeiro capítulo desta tese, faz parte da memória de Hatoum, porque, de fato, conviveu com seus ancestrais, comerciantes libaneses, na Manaus dos anos da infância e adolescência do escritor (essencialmente, 1940-1950).

Já o coronel Zanda é a representação de Jorge Teixeira de Oliveira. “Ambos, o homem da ficção e o ‘personagem real’ devastaram a cidade de Manaus, em sonho alucinado de progresso”.<sup>357</sup> Natural do Rio Grande do Sul (1921), mais especificamente o município de General Câmara. Em 1942, inicia a carreira militar, passando pela Academia das Agulhas Negras. Em 1947 torna-se aspirante do Exército. Em 1966, tenente-coronel. Frequentou a Escola das Américas, nos EUA. Também no ano de 1966, na cidade de Manaus, é o responsável pela criação do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), comandou-o até 1971. Nessa conjuntura atuou na ofensiva contra a Guerrilha do Araguaia (1967-1974), propósito, essencial, do CIGS. Teixeira também fundou o Colégio Militar de Manaus, dirigindo-o até 1973.<sup>358</sup> As fontes, por mim visitadas, demonstram que Jorge Teixeira, na Amazônia, assumiu papel estratégico, durante o regime militar brasileiro:

Em 1974, foi nomeado pelo presidente da República Ernesto Geisel (1974-1979) prefeito de Manaus. Em 1979, foi nomeado pelo presidente João Figueiredo (1979-1985), por meio da indicação do ministro do Interior Mario Andreazza, para o governo

<sup>356</sup> CARVALHO JÚNIOR, 1993/1994, p. 236.

<sup>357</sup> ALEIXO, 2006, p. 211.

<sup>358</sup> Sobre a trajetória política de Jorge Teixeira recomendo a leitura do artigo de Cátia Franciele Sanfelice de Paula, inclusive, a ele me reporto nas linhas que seguem.

do território de Rondônia pela legenda do Partido Democrático Social (PDS). Assumindo o cargo, recebeu a missão de transformar o território em Estado.<sup>359</sup>

Durante sua atuação, como prefeito da cidade de Manaus, à luz do projeto desenvolvimentista, o então prefeito Jorge Teixeira lançou o plano urbanístico, conhecido e propalado pelos jornais mais influentes da urbe, como “Grande Manaus”. Na esteira do que afirmou Marcos Frederico Krüger Aleixo, anteriormente citado, o referido plano de metas urbano-administrativo, almejava a “modernização da capital amazonense” (como o meu grifo elucidado), através do fragmento do discurso inscrito na fonte impressa, abaixo mencionado:

[...], promovendo um ‘rush’ de trabalho que se vê em todos os quadrantes da cidade no centro e nos bairros. As Praças da Matriz, da Bola João Coelho e a da Saudade marcaram essa arrancada pela *modernização da capital amazonense*. A conclusão e a inauguração da *nova ponte de Educandos*, iniciada na administração Frank Lima, foi outra meta imediatamente atingida pelo atual prefeito. Ruas novas estão sendo abertas nos bairros mais pobres da cidade e avenidas vêm sendo asfaltadas no objetivo conjugado de favorecer a população, embelezar a cidade saneando-a e de permitir maior normalidade e desafogo no trânsito.<sup>360</sup>

Para corroborar tal relato, reproduzo uma imagem, bastante emblemática, referente às transformações urbanísticas que ocorreram nos anos de 1970. É, portanto, reminiscente a *ponte de Educandos* – um dos símbolos dessa acepção de modernidade, alavancada à urbe, a qual grifei no indício aí extraído como prova histórica, qual a fotografia que agora me aproprio e reproduzo adiante:



<sup>359</sup> PAULA, Cátia Franciele Sanfelice de. “Jorge Teixeira: apontamentos sobre sua trajetória política e sua relação com a Igreja Católica no Estado de Rondônia (1979-1985)”. In. UGARTE, Auxiliomar Silva; QUEIRÓS, César Augusto Bubolz (orgs.). *Trajelórias políticas na Amazônia Republicana*. — Manaus: Editora Valer, 2019, p. 276.

<sup>360</sup> *Jornal do Comércio*. “Um ano de governo Jorge Teixeira”. Manaus – quinta-feira, 15 de abril de 1976, p.1.

**Figura 8:** Ponte de Educandos, anos de 1970.

**Fonte:** Acervo Digital do Centro Cultural Povos da Amazônia (ADCCPA).

A imagem captura, do alto, o processo de construção da mencionada obra de engenharia. A qual, de certa forma, corrobora a ideia norteadora da ideologia desenvolvimentista, em voga na conjuntura do regime militar brasileiro: conectar geograficamente um espaço a outro. Tanto no interior das cidades (propósito da ponte de Educandos na cidade de Manaus); entre as regiões brasileiras (pois, a palavra de ordem era: “integrar para não entregar”). Por isso, algumas rodovias foram construídas. A mais eloquente foi a Belém-Brasília [também projetada para desarticular guerra de guerrilhas a partir do campo com, por exemplo, a Guerrilha do Araguaia].

No romance *Dois irmãos*, Hatoum, através da personagem Nael, lembra das peculiaridades do bairro de Educandos, antes desse “processo urbanístico modernizador”, mas também devastador, trazido pelos militares:

Ele me levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus. Era a hora do alvoreço. O labirinto de casas erguidas sobre troncos fervilhava: um enxame de canoas navegava ao redor das casa flutuantes, os moradores chegavam do trabalho, caminhavam em fila sobre as tábuas estreitas, que formavam uma teia de circulação. Os mais ousados carregavam um botijão, uma criança, sacos de farinha; se não fossem equilibristas, cairiam no Negro. Um outro sumia na escuridão do rio e virava notícia.<sup>361</sup>

Como se percebe, o citado imaginário da cidade elucida a *Cidade Flutuante*, paralela ao bairro de Educandos, desativada, historicamente, no início do regime militar brasileiro. Deste foi construída uma ponte para ligar o referido bairro ao centro da cidade, como é visível na fotografia supra. Contudo, o governo de Teixeira, ao redesenhar urbanisticamente a cidade, rompeu, de certa forma, com uma determinada transmissão da experiência inscrita na memória e na arte de viver, principalmente, referente às classes populares da cidade de Manaus.<sup>362</sup> As mesmas que, ao longo do tempo, montaram suas casas nas águas do rio Negro: o fazer-se da cidade em uma ambiência anfíbia. Morar no centro da cidade foi/é, historicamente, oneroso. Daí, a explicação para o desenho arquitetônico de uma cidade sob as águas. Nesse contexto, o projeto “Grande Manaus” mantém uma peculiaridade ambígua: se por um lado, alguns lugares centrais da cidade de Manaus estavam recebendo a inserção de obras de infraestrutura, outros ficaram esquecidos. Ocorre que ano de 1976, a fonte impressa, a qual estou, aqui, usando, registra:

<sup>361</sup> HATOUM, 2000, p. 120.

<sup>362</sup> No Amazonas, na sua capital, isto é permanente. Testemunho histórico desta continuidade pode ser observado através da implementação do projeto arquitetônico e habitacional que retirou famílias de determinadas espacialidades urbanas através do projeto denominado Prosamim.

o crescimento urbanístico desordenado de Manaus durante longo tempo e sua explosão demográfica que surpreendeu até mesmo as mais otimistas previsões estatísticas, agravaram todas os problemas da metrópole na decadência dos sistemas básicos de sua infra-estrutura (infraestrutura). Bairros inteiros nascem e crescem da noite para o dia, em áreas sem arruamento, sem esgoto, sem drenagem das águas pluviais; o número de novas construções com surgimento dos grandes edifícios aumentou consideravelmente.<sup>363</sup>

Portanto, uma questão de ordem social, cultural, política e histórica. Ordem herdada de governos anteriores ao regime militar brasileiro<sup>364</sup>. Tampouco, projetos como “Grande Manaus” não conseguiram resolver. Pois, tais problemas de saneamento básico, são históricos. Assim, se espalharam nos anos subsequentes. Coronel Zanda, da ficção; Jorge Teixeira de Oliveira, da realidade social, são, de tal modo, agentes desse processo de modernização da cidade.

Zanda, como frisei anteriormente, migra entre alguns romances de Milton Hatoum. Leva sua representação, sua voz, a qual surge nas dobras, curvas, das narrativas. Contudo, significativa voz. Ora, ele, no plano do enunciado dos romances *Cinzas do Norte* e nos dois volumes da trilogia *O lugar mais sombrio* é a incorporação do regime militar brasileiro, em voga, como já elucidei. Regime, que também surge em *Dois irmãos*: “Eu não queria sair de casa, não entendia as razões da quartelada, mas sabia que havia tramas, movimento de tropas, protestos por toda parte. Violência. Tudo me fez medo.”<sup>365</sup> Como deixa dito a voz de Nael. Ocorre que dezessete anos, depois da publicação do mencionado romance, o mesmo chão histórico amalgama a estrutura do romance *A noite da espera*, ambientado, essencialmente, em Brasília:

A primeira bomba de gás caiu perto do corpo de Lázaro, a fumaça me cegou por um instante, consegui tocar as costas de Dinah, mas fui empurrado e caí; quando levantei, os estudantes se dispersavam aos tropeções na fumaceira de outras bombas de gás, não vi Dinah nem o *Nortista*, corri num ritmo tão veloz que mal sentia minhas pernas.<sup>366</sup>

Assinto que esse chão histórico inscrito nas experiências e vivências de Hatoum faz-se representar por meio do dialogismo de sua obra, obviamente. Ouçam, portanto, vozes extraídas do romance, acima citado. De fato, um registro fictício: fecunda fonte, porque suscita relação dialógica com a história do Brasil, no contexto do regime militar brasileiro:

[...].

<sup>363</sup> *Jornal do Comércio*. “Um ano de governo Jorge Teixeira”. Manaus – quinta-feira, 15 de abril de 1976, p.1.

<sup>364</sup> Sobre o contexto anterior, recomendo o livro: “*Na vaga claridade do luar*”: *História & Literatura do Movimento Madrugada na cidade de Manaus (1954-1967)*, do historiador Arcângelo da Silva Ferreira, publicado pela editora Appris, Curitiba, 2020.

<sup>365</sup> HATOUM, 2000, p. 199.

<sup>366</sup> HATOUM, 2017, p. 123. [O grifo é meu. Adiante, voltarei à problemática relativa ao nome da personagem aí elucidado].

“Coronel Zanda...” disse o gaúcho. “Quem é esse teu querido milico infalível?” Qual é a estirpe desse machão? Ou será uma bichona enrustida?”

“É assim que tu tratas o futuro prefeito de Manaus?”

“Os golpistas de 64, civis e militares, Áurea. Machões empertigados... e alguns psicopatas. O marechal Castelo Branco era um macho letrado. Um intelectual carrancudo, com um vago ideal democrático, mas foi garroteado pelos truculentos da caserna. O marechal Costa e Silva era um machão triste, de índole feroz e vingativa. Um verdadeiro cavaleiro do Apocalipse da Ordem Militar de Cristo. E esse general Médici, a matança... ele é capaz de mandar arrancar os olhos dos torturados, só para impedir que eles chorem de tanta dor”.

Cuidado, Galindo”, advertiu a Baronesa, “em Brasília até os jarros escutam.”

[...].<sup>367</sup>

Não vou tecer uma resenha do livro a partir do referido episódio. Teria que incorrer em uma digressão, talvez inútil, pois convém remeter as pessoas à leitura do primeiro volume da referida trilogia. O propósito aqui é reproduzir o diálogo entre as personagens que aí aparecem para corroborar meus argumentos acerca do papel significativo do dialogismo inscrito na obra de Milton Hatoum. Não sem sentido, surge, nesse diálogo, a menção ao coronel Zanda. A mesma personagem do romance *Cinzas do Norte*. Tal representação, por um lado, confirma a perspectiva do projeto literário de Hatoum: elaborar narrativas que entrecem seus romances [ressignificando a técnica literária utilizada em *Mil e uma noites*, reafirmando]. Por outro, construir elos entre ficção e história, verossimilhança e realidade social. Zanda é uma alegoria de Jorge Teixeira de Oliveira, portanto. O militar gaúcho, prefeito interventor da cidade de Manaus nos anos de 1970. Usando novamente da ironia, o escritor-criador, por meio da (es)história contada, através da fala do jovem estudante Martim, desenha um quadro verossímil da peculiaridade de Zanda (Jorge Teixeira) e dos governos militares. Essencialmente, de suas estratégias, projetos políticos no que se refere à região amazônica.

Assim, a trajetória de Martim, configura-se em um dos fragmentos das memórias de Hatoum. Memórias que trazem à lume as experiências de seu peculiar envolvimento nas lutas, inscritas no bojo do movimento estudantil [o que, em parte, já foi mencionado no primeiro capítulo desta tese]. Nesse sentido, Nortista, personagem que, de certa forma, representa um rastro da Amazônia, de Manaus, em um enredo que faz raríssimas menções sobre a Amazônia, porque, tanto *A noite da espera* (romance ambientado em São Paulo (poucas cenas) e Brasília (maior parte do enredo), quanto *Pontos de Fuga*, onde consta cenas, na sua grande maioria, em São Paulo (e algumas em Brasília, Paris e cidades da América Latina), a personagem do Nortista é secundária. Porém, se faz presente, de forma significativa, para que a referida trilogia mantenha uma relação dialógica com as outras obras, totalmente ambientadas na Amazônia. Para que esse argumento se corrobore, adiante reproduzo uma cena, em que a personagem

---

<sup>367</sup> HATOUM, 2017, pp. 142-143.

Nortista reproduz uma reminiscência, inscrita em uma missiva enviada à personagem central da referida trilogia, Martim:

São Paulo, 26 de maio de 1973.

Querido Martim,

[...]. Cego pelo aguaceiro, recordei as brincadeiras na chuva com amigos de infância no Igarapé de Manaus e na praça São Sebastião, o bate-bola nos balneários, os bailes carnavalescos no Rio Negro Clube e no Fast, os desenhos coloridos – caveiras, espinhos, formas geométricas – dos papagaios que meu pai fazia, recordei a filhinha de uma amiga da minha mãe, uma criança surda-muda, o corpo caído na rua de pedras cinzentas, os lábios azulados da menina morta, o choro dos mais velhos. Lampejos da infância, imagens do rosto da Vana, Manaus tão longe e os amigos em cana. [...]. Pensava nos versos do poeta: “A vida te venceu/em luta desigual”.<sup>368</sup> [...] Para onde ir depois da tempestade? [...]. A coragem pode nos livrar de um impasse, mas também pode ser fatal. [...].<sup>369</sup>

No referido fragmento consta relação dialógica, a qual pode ser verificada através de três ângulos de análise. O primeiro sugere a necessidade de o escritor-criador inserir uma personagem originária da Amazônia, Manaus, para conectar a narrativa da referida trilogia com as narrativas, anteriormente elaboradas e reveladas, através de *Órfãos do Eldorado*, *Cinzas do Norte*, *Dois Irmãos* e *Relato de um certo Oriente*, por exemplo. Paralelo a isso, o chão histórico das narrativas, pois se fazem presentes no segundo, terceiro e neste acima, que agora cito. Por outro ângulo, percebe-se nessa memória, relatada por meio da carta da personagem Nortista, a lembrança de um episódio trágico: a morte, por acidente, de uma criança, surda muda: “[...] Soraya Ângela era minha companheira”.<sup>370</sup> Ocorre que a mesma cena aparece no primeiro romance de Milton Hatoum, reproduzido abaixo através do trecho retirado da edição de bolso:

Sob a luz intensa do sol todos pareciam de bronze, apenas destoavam o florido da saia de Emilie e a mancha vermelha que ainda se alastrava ao longo do lençol transbordado em casulo, a cabeça tal um gorro grená, ou um vermelho mais intenso, mais concentrado, como se a cor tivesse explodido ali, numa das extremidades do corpo. Foi uma das imagens mais dolorosas da minha infância; talvez por isso tenha insistido em evocá-la em duas ou três cartas que te escrevi; na tua resposta me chamavas de privilegiada, porque esses eventos haviam acontecido quando eu já podia, bem ou mal, fixá-los na memória.<sup>371</sup>

<sup>368</sup> Menção ao poema “Tu? Eu?” de Carlos Drummond de Andrade. Diante dos sinais, inscritos nos depoimentos e na literatura de Hatoum, suscitam a seguinte conjectura: desde a juventude, o escritor amazonense se tornou leitor voraz do referido poeta mineiro. Nesse sentido, essa experiência compartilhada aparece e reaparece nas obras do literato amazonense, principalmente, é bem marcante em sua trilogia. Pois, no tempo do enunciado, principalmente, nas décadas de 1960 a 1980, Drummond era bastante visitado entre os estudantes envolvidos, de alguma forma, com projetos de mudança social, política e cultural para o Brasil. E, Hatoum, era, evidentemente, um dentre esses os jovens que, adotavam os poemas de Drummond como uma bandeira de luta política e existencial.

<sup>369</sup> HATOUM, 2017, p. 84 e 87.

<sup>370</sup> HATOUM, 2008, p. 11. A citação se reporta a neta surda-muda de Emilie. Soraya Ângela é, portanto, filha bastarda de Samara Délia. Vale dizer que o fato de ser uma filha bastarda consiste em um dos cismas familiar, o qual mobiliza a trama do enredo de *Relato...*

<sup>371</sup> HATOUM, 2008, pp. 18-19.



Vejam, o recurso que Hatoum utiliza para armar e amarrar o dialogismo de sua obra. Tanto em *Pontos de Fuga*, como em *Relato...* a reminiscência funda-se na memória trazida por uma carta [estou me reportando à morte da menina surda-muda]. Na missiva de Nortista, há a indicação da amizade de sua mãe, manauense, provavelmente, com a personagem Emilie, mãe adotiva da narradora de *Relato...* É, por meio de uma carta que a narradora de *Relato...* lembra do passado trágico envolvendo o episódio da morte de Soraya Ângela. É, lançando mão de uma carta, que a personagem Nortista, insere o relato da morte da criança de Manaus, no bojo de outro relato: esse sobre a opressão do regime militar brasileiro aos estudantes em Brasília. A chuva, uma manifestação da natureza que se faz presente no inverno da região amazônica, foi, desta forma, uma metáfora da memória. Memória que trouxe o elo entre os dois romances, *Pontos de Fuga* e *Relato de um certo Oriente*. Episódio trágico, guardado na lembrança de personagens que, através de seus relatos, migram de um enredo a outro, na obra de Milton Hatoum.

Outra personagem que, dentre tantas alcunhas, é conhecido como Heródoto, corresponde, na realidade a Arthur César Ferreira Reis, o primeiro interventor do regime militar brasileiro no Amazonas. Responsável por um episódio histórico, como afirmei linhas mais acima, registrado na memória coletiva e social da cidade de Manaus: à destruição da *Cidade Flutuante*<sup>372</sup>. Inclusive a representação desse acontecimento aparece numa das cenas do romance *Dois irmãos*:

Assistiam, atônitos, à demolição da Cidade Flutuante. Os moradores xingavam os demolidores, não queriam morar longe do pequeno porto, longe do rio. Halim balançava a cabeça, revoltado, vendo todas aquelas casinhas serem derrubadas. Erguia a bengala e soltava uns palavrões, gritava “Por que estão fazendo isso? Não vamos deixar, não vamos”, mas os policiais impediam a entrada no bairro. Ele ficou engasgado, e começou a chorar quando viu as tabernas e o seu bar predileto. A sereia do Rio, serem desmantelados a golpes de machado. Chorou muito enquanto arrancava os tabiques, cortavam as amarras dos troncos ficaram flutuando, até serem engolidos pela noite.<sup>373</sup>

---

<sup>372</sup> É frequente a imagem da *Cidade Flutuante* nos romances de Hatoum. Conjecturo que a trajetória histórica do referido espaço urbano, alternativo, é marcante também na trajetória histórica da família de Hatoum. Outra conjectura é que as imagens elaboradas pelo autor, por meio de sua literatura do urbano, são relativas à “memória por tabela” (conceito explicado desde a *Introdução* desta tese), a qual o escritor amazonense recupera dos relatos contados e recontados por seus ancestrais. Adiante, reproduzo uma imagem da *Cidade Flutuante* – e a sugestão de sua importância à existência, à vida cotidiana dos ancestrais do autor amazonense, representados na personagem descrita nesse fragmento -, inscrita no romance de estreia de Hatoum, *Relato...* (2008, p. 31, da edição de bolso. – Companhia das Letras): “Todos se reuniam na copa do casarão rosado, com a exceção de meu pai, que se ilhava no quarto ou ia passear na *Cidade Flutuante*, onde ele entrava nas palafitas para conversar com os compadres conhecidos, com os caboclos recém-chegados do interior, e depois caminhavam até o porto para visitar armazéns e navios”. (grifo meu).

<sup>373</sup> HATOUM, 2000, p. 211.

Para elucidar o que pretendo expor, convém, reproduzir uma imagem da referida cidade:



**Figura 9** - “Detalhe da Cidade Flutuante” (1953)

**Fonte:** Acervo Digital do Centro Cultural do Povos da Amazônia (ADCCPA)

É possível o entretecer das duas narrativas, a fotográfica e a literária. Pois, nestas parece residir a representação dos sentimentos de sujeitos que construíram suas trajetórias, na ambiência da mencionada Cidade Flutuante. A lembrança de Halim, sobre o episódio supracitado, descrito por Nael, é, decerto, uma vereda que Hatoum trilhou, através da ficção para que a literatura dialogasse com a realidade. O imaginário da cidade elaborado por Hatoum, lá, inscrito como parte do capítulo sete do romance *Dois irmãos*, é fecundo para se verificar e analisar a necessidade de uma determinada política habitacional aplicada, radicalmente, pelo regime militar brasileiro, na cidade de Manaus. Ora, a desativação daquela estrutura habitacional elaborada a partir das peculiaridades de uma determinada geografia e cultura popular, portanto, marginal aos olhos da nova ordem que começava a se estabelecer na cidade, no Amazonas, no Brasil, foi um projeto planejado e concretizado durante o governo de Arthur César Ferreira Reis, o qual “chefiou o governo do Amazonas, em junho de 1964, iniciado pelo marechal-presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, após a instalação do regime militar”<sup>374</sup>, personagem real, que, na obra de Hatoum ganha a alcunha de Heródoto. Ora, é sabido, na envergadura do pensamento social e da historiografia, acerca da Amazônia que: “Não esquecendo a postura autoritária de Arthur Reis, fica nosso compromisso, menos em julgá-lo,

<sup>374</sup> UGARTE, Auxiliomar Silva. “Arthur César Ferreira Reis (1906-1993): Um ‘déspota esclarecido’ da Amazônia brasileira?”. In.: \_\_\_\_\_; QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. . *Trajetoárias políticas na Amazônia Republicana*. – – Manaus: Editora Valer, 2019, p.166.

o que já foi feito por seus contemporâneos, desafetos ou não, mas compreendê-lo como um homem de ideias e homem de ação” .<sup>375</sup> Nessa medida, representante, na sua geração, da concepção tradicional da História da Amazônia/Amazonas. Por isso, talvez a ironia inscrita na fala da personagem de Hatoum: as datas das efemérides, Heródoto sabia de cor.<sup>376</sup> O mandato de Reis, como governador interventor do Amazonas, “se realizou no período de 27 de junho de 1964 a 31 de janeiro de 1967”.<sup>377</sup> O período faz verificar: com Hatoum, ficção e fato guardam relações fronteiriças. Corroboro isto, lançando mão de um determinado documento histórico, oficial:

Dentro dos grandes objetivos do Plano de Desenvolvimento Econômico e Social para o biênio 1965/1966, inseriu-se a política habitacional, que visa estimular a construção de moradias próprias, destinadas a abrigar classes menos favorecidas.

O problema habitacional mais se fazia sentir na capital do Estado, através da *Cidade Flutuante*, que se localizava nas proximidades do porto de Manaus, ou seja, na entrada da cidade. Levantamentos efetuados, revelaram a existência de 2.500 casa flutuantes. *Essas habitações não apresentavam as mínimas condições de conforto e higiene aos seus usuários, além de constituírem um grave problema de ordem social.*

Sentindo a necessidade de resolver esse difícil problema, o Governo Revolucionário extinguiu a cidade flutuante e, ao mesmo tempo, elaborou um programa de construção de 2.000 casa populares, a cargo da Secretaria de Viação e Obras públicas, dos quais concluiu 130 unidades.<sup>378</sup>

O documento revela a justificativa da extinção da Cidade Flutuante: o desconforto e a falta de higiene aos seus habitantes; o problema nascido no centro da cidade, o qual ameaçava a ordem social vigente. Assim, Arthur Reis, usando de seu perfil autoritário; representante fiel do “Governo Revolucionário”, coloca abaixo aquela cidade improvisada na ambiência da cultura popular. Relembrar esse evento, por meio de seus registros históricos, suscita remover dos arquivos da memória os registros historiográficos. Estes que revelam as adversidades de um sujeito, o qual assume um caráter, segundo o historiador abaixo citado, um tanto quanto ambíguo. Por um ângulo, intelectual defensor da cultura, a partir de suas concepções tradicionais, obviamente; por outro, autoritário, devotado que foi, ao sistema político que representava, pois:

---

<sup>375</sup> UGARTE, 2019, p. 173.

<sup>376</sup> Isto parece uma ironia barata. Contudo, não é. Pois torna-se um indício significativo da acepção de história do escritor amazonense. Esse pequeno fragmento localiza Hatoum como um contundente crítico da história como *mestra da vida*, por exemplo, elucidando que, sua narrativa se aproxima da perspectiva da história *vista de baixo*. Daí ele, elucidar o Outro, este anônimo da História oficial. Nessa medida, não deixando de considerar que literatura almeja a verossimilhança e, a história, a busca da verdade, é possível dizer que a obra de Hatoum é profusa para se pensar e fazer um saber relativo a perspectiva da história social da cultura. Portanto, não sem sentido, Mundo, através do narrador Lavo (*Cinzas do Norte*), e, por extensão, do escritor-criador, Milton Hatoum, tem um propósito ao ironizar as peculiaridades da personagem Heródoto: sugerir uma ferrenha crítica a história laudatória.

<sup>377</sup> UGARTE, 2019, p. 166.

<sup>378</sup> REIS, Arthur César Ferreira. *Como Governei o Amazonas – Relatório dos dois anos e seis meses de meu mandato como governador do Estado do Amazonas, no período de 27 de junho de 1964 a 31 de janeiro de 1967*. Manaus – Amazonas. Secretaria de Imprensa e Divulgação. Janeiro de 1967, p. 121.

Na qualidade de servidor público e pesquisador já consagrado, Reis proporciona uma dupla contribuição à nova ordem que pretendia se instituir no país: seja fazendo parte do processo de modernização através da execução dos grandes projetos desenvolvimentistas previstos para a Amazônia, seja conferindo legitimidade intelectual ao regime através das medidas culturais que concebeu e aplicou tanto na chefia do Estado do Amazonas como na presidência do Conselho Federal de Cultura.<sup>379</sup>

Aquela imagem, inscrita em *Dois Irmãos*, a qual me remeteu à figura de Reis, por sinal, um episódio cruel aos olhos de Halim, emblemática personagem de Hatoum, guardião de uma memória que nasce na realidade e alimenta a imaginação do escritor, faz, como já afirmei, observar o elo dialógico entre Clio e Caliope<sup>380</sup>. Reside aí, portanto, alguns indícios do dialogismo na obra do referido escritor amazonense.

De tal modo, me reportando à riqueza crítica assinto que, por meio dos poemas, romances, novelas, crônicas, os narradores de Hatoum [assim como este escritor-criador] parece querer “puxar conversa também conosco”.<sup>381</sup> Ocorre, assim, o dialogismo endógeno e exógeno à obra do literato amazonense, como busquei desenhar aqui. Colocado tais argumentos, é o momento de enveredar por outra trilha: o debate sobre o sentido da história, inscrito na literatura de Milton Hatoum. O que farei na próxima seção desta tese.

### **2.3 A novela *Órãos do Eldorado* e o sentido da história na obra de Milton Hatoum**

Aqui farei uso de algumas imagens, significativas aos meus argumentos.

---

<sup>379</sup> AMARAL, Vinícius Alves do. “Vicissitudes de um Heródoto caboclo: Arthur Reis e a ditadura civil-militar em Manaus (1964-1966)”. In.: *Temporalidades* – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. V5, n.3 (set./dez, 2013) – Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2013, p. 126.

<sup>380</sup> Na mitologia grega, Clio configura a deusa da História e Caliope, deusa da Literatura.

<sup>381</sup> MENEZES, Roniere. “Milton Hatoum, cronista brasileiro”. In.: HATOUM, Milton. *Sete crônicas de Milton Hatoum*. – Belo Horizonte, MG : Páginas Editora. 2020, p. 16.



Figura 10: *Angelus Novus*<sup>382</sup>

Aproprio-me desta evidência, significativa à composição deste segmento: o quadro de Paul Klee, *Angelus Novus*. Meu propósito é relacioná-la a outro indicio histórico: a imagem do mito viajante *Eldorado* [por sinal, a esta, algumas vezes retornarei]. Pois: “O homem, em sua eterna busca pelo ilimitado, acabou criando mitos que respondem ao seu desejo de poder e conquista, características inseparáveis tanto das cidades fantásticas como da própria sociedade moderna.”<sup>383</sup> Procedo, assim, para tecer uma relação dialógica com algumas das teses de Walter Benjamin, inscritas nos apontamentos publicados após a sua morte, isto é, a narrativa *Sobre o conceito de história*.<sup>384</sup> Nessa medida, os raciocínios subsequentes estarão relacionados

<sup>382</sup> *Agelus Novus* é uma criação do artista plástico Paul Klee (1879-1940), que além de pintor foi poeta; suíço, de nacionalidade alemã; segundo a crítica de arte, o conjunto de sua obra tem significativas influências do *expressionismo*, *cubismo* e *surrealismo*. O quadro *Agelus Novus* foi originalmente publicado em 1920 e comprado por Walter Benjamin em 1921; como venho verificando, desde o primeiro capítulo desta tese, foi apropriado pelo filósofo como uma imagem emblemática da concepção de história por ele formulada. Início esse capítulo com a imagem porque a partir dela formulo uma hipótese, a qual norteou a composição desse capítulo e, por extensão dessa tese.

<sup>383</sup> LANGER, Johnni. “O mito do Eldorado: origem e significado no imaginário Sul-Americano (Século XVI)”. *Revista de História* 136; FFLCH-USP; 1º semestre de 1997, p.39

<sup>384</sup> BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In.: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 8ª Ed. revista – São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 45-46: *Tese IX*: “Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Nele está desenhado um anjo que parece estar na iminência de se afastar de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, seu queixo caído e suas asas abertas. O Anjo da história deve ter esse aspecto. Seu

à obra de Milton Hatoum, mais especificamente, à novela *Órfãos do Eldorado*, às teses de Benjamin.

Como mostrarei linhas abaixo, é provável que no projeto de criação da novela mencionada acima, o escritor Milton Hatoum, assume um significativo propósito quando adota a imagem e a ideia de *Eldorado* para compor o título de sua novela; para estruturar o enredo de sua narrativa; para delinear, através da referida literatura de ficção, um *sentido de história*. Conjecturo que há, nas dobras da narrativa de *Órfãos do Eldorado*, indícios suficientes para a verificação de um fecundo diálogo do escritor-criador, por exemplo, com a “Tese VII” de Walter Benjamin. Esta que pondera acerca dos sentidos da história, na acepção de que “todo documento de cultura é também um documento de barbárie”. Nesse sentido, ao se utilizar do mito viajante da cidade encantada, *Eldorado*, o escritor-criador escovando-o “a contrapelo”, pretende colocar no centro do debate a ideia de que a História, quase sempre, urde uma escritura dos vencedores. Contudo, para usar uma imagem relativa a peculiaridade da literatura deste escritor, Hatoum pretende nadar, nos rios da história da Amazônia, “contra a correnteza”, como propõe Benjamin: “Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores”.<sup>385</sup> Assinto que “os combates pela História” – em uma alusão a uma fecundo historiador -<sup>386</sup>, inscrito na literatura de Hatoum, estabelece um profícuo diálogo com a referida assertiva do filósofo alemão, supracitado. Portanto, a referida novela do escritor amazonense, tomada como fonte de história, é um campo de possibilidade para a problematização da História oficial da Amazônia, ancorada em determinados documentos de barbárie. Hatoum percebe que *Eldorado*, o símbolo, é um *monumento*; representa uma imagem edificada na Memória, História e Cultura tradicionais da Amazônia. Portanto, este debate, giram em torno das linhas subsequentes.

---

semblante está voltado para o passado. Onde *nós* vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as arremessa a seus pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele volta as costas, enquanto o amontoado de ruínas diante dele cresce até o céu. É essa *tempestade* que chamamos progresso.” [grifos do autor].

<sup>385</sup> BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In.: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 8ª Ed., revisada – São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 244.

<sup>386</sup> Lucien Febvre, historiador francês, da primeira geração da Escola dos Annales, autor do, já clássico, *Combates pela História*. No referido livro, página 24, da edição portuguesa de 1989, pela Editoria Presença, lançado originalmente em Lisboa, consta a assertiva, significativa aos meus propósitos nesta tese. Daí seu registro, aqui: “História ciência do Homem, e então os *factos*, sim: mas, são os *factos humanos*: tarefa do historiador: encontrar os homens que os viveram, e deles os que mais tarde aí se instalaram com as suas ideias, para os interpretar. [...]. Os textos, sem dúvida: mas todos os *textos* [...], um poema, um quadro, um drama: documentos para nós, testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de ação me potência”. [grifos, tal como no original].

Sob a égide do mito viajante de *Eldorado*, diversas formas de narrativas foram construídas, desde a elaboração dum determinado imaginário mental, para suscitar um período histórico, enraizado por uma peculiaridade: a “civilização europeia”. Assim, conjecturo que, historicamente, a imagem do *Eldorado* – ideia construída e ressignificada desde os cronistas, cartógrafos, pintores, grafistas dos séculos XVI, XVII e XVIII – foi, intencionalmente, adequada como símbolo de representação da busca dos rastros do progresso inscritos na América, fundamento da colonização geopolítica e, essencialmente, da profunda colonização do imaginário. E, a égide desse imaginário, se estendeu/estende em um processo de longuíssima duração. Por exemplo, até a atualidade.

Nas América, como um todo, a figura do *Eldorado* foi significativamente marcante, alhures e nas temporalidades contemporâneas. Por sinal, Edgar Alan Poe, escritor norte-americano, também se apropria do mito do *Eldorado* para representar parte da história dos E.U.A. Em 1849, o mencionado escritor publicaria, originalmente, o emblemático poema *Eldorado*:

Alegre e elegante,  
Um cavaleiro galante,  
Sob brilho de sol e sombra  
Viajara um montão  
Cantando uma canção  
Em busca do Eldorado

Logo ele ficou idoso  
O cavaleiro corajoso  
E caiu no peito uma sombra  
Quando ele não achou  
Nenhum pedaço de chão,  
Parecido com Eldorado.

E, enquanto seu poder  
Já deixava à mercê  
Cruzou uma peregrina sombra,  
“Sombra”, disse primeiro,  
Qual será o paradeiro  
Dessa terra do Eldorado?

“Sobre as montanhas  
Da Lua,  
Pelo Vale da Sombra,  
“Cavalgue, cavalgue, sem medo”  
Respondeu a sombra em segredo  
“Se você busca o Eldorado”<sup>387</sup>

---

<sup>387</sup> Disponível em <https://estudiorealidade.blogspot.com/2009/02/eldorado-poema-de-edgar-allan-poe.html>.  
Acessado em 28/08/2020. Às 20:53.

O poema apresenta um eu lírico que narra a conquista do Oeste, relativo à “corrida do ouro”, descreve as angústias daqueles que buscavam encontrar a almejada “cidade do ouro”.

No caso do Amazonas, por exemplo, os governos do estado empregaram a referida figura mitológica, para representar e ressignificar o período que se convencionou denominar de *Belle Époque*. Assim, é possível suscitar que *Eldorado* é uma imagem utilizada para se transfigurar a ideia de retorno à *Idade de Ouro* da história do Amazonas (1890-1913).<sup>388</sup> Ao que tudo indica, cada conjuntura buscou/busca o “seu *Eldorado*”.

Nos anos de 1939 a 1945, através da campanha *Batalha da Borracha*, nordestinos foram deslocados para a Amazônia com o propósito de encontrar o “*Eldorado*”. O fragmento abaixo é um testemunho histórico dessa conjuntura:

[...].

Escreve-se uma página de coragem na colonização brasileira, em que a percentagem maior cabe ao seringueiro, ao homem do nosso interior, incapaz de recuar até a agressividade de nossa natureza, na segregação dos altos rios ou nos prejuízos enormes das enchentes. Certamente, como Vossa Excelência bem sabe, é o início do plano, a arrancada para melhores dias no Amazonas, a passagem da fase aventureira para a localização permanente do trabalhador, alicerçado à agricultura e à família

[...].

O recurso econômico dos negócios, no Amazonas, decorre, em alto grau (grau), das providências do Governo, através dos convênios, das autarquias, do financiamento, do povoamento e do transporte. É compreensível que se vá processando a estruturação para o após guerras, pela melhor compreensão dos particulares aos benefícios que lhes proporcionou a Nação. Si (se) diminuírem, devem ser substituídos por iniciativas firmadas à própria organização econômica do Estado de tal modo que não desapareceram as providências atuais.

[...].<sup>389</sup>

Nesta *Exposição*, um relatório elaborado por Álvaro Maia, governador-interventor do estado do Amazonas, durante o Estado Novo, é perceptível a ideologia do progresso. Nas dobras desta narrativa oficial, direcionada ao presidente Getúlio Vargas, no período em que às políticas nacional, estadual e internacional (relativas aos interesses econômicos dos Aliados, isto é, dinamizar a extração do látex, matéria prima demandada pela II Guerra Mundial) reside a ideia da conquista da Amazônia sob a égide do antigo sonho de conquista do *Eldorado*. O trabalhador seringueiro, elucidado pelo discurso de Maia, foi personagem central da referido acontecimento, nacionalmente, conhecida como *Batalha da Borracha*. Campanha que alentou, novamente, a busca do *Eldorado* na Amazônia. Há, portanto, nesse documento, forjado sobre

<sup>388</sup> No terceiro capítulo desta tese, apresento algumas representações das transformações ocorridas nas cidades de Manaus e Belém, durante à Belle Époque, a partir da historiografia especializada e, essencialmente, da literatura do urbano presente na obra de Milton Hatoum.

<sup>389</sup> Interventoria Federal do Estado do Amazonas. *EXPOSIÇÃO*. Ao Excelentíssimo Senhor Doutor Getúlio Vargas, presidente da República. Por Álvaro Maia, Interventor Federal. (Maio de 1943-Junho de 1944), 1944, D.E.I.P., MANAUS-AMAZONAS, pp. 4-5.



os auspícios do Departamento de Imprensa e Propaganda do governo Vargas, o propósito de justificar o projeto em voga. Uma vez mais latente está o espectro do mito viajante da cidade encantada: fecunda de riquezas; pronta para ser explorada.

No ano de 1967, a ideia do *Eldorado*, igualmente, corroborou o advento da industrialização, ocorrida no Amazonas, através da implementação do projeto da Zona Franca de Manaus. Pois,

Desde que começou a funcionar em agosto de 1967 [criada em 1957, através de um projeto de lei, a Zona Franca de Manaus só foi regulamentada em 1960] depois de reestruturada, a vida de Manaus se transformou radicalmente, abrindo-se uma avalanche de novas casas comerciais e iniciando-se uma atividade econômica trepidante, de há muito desaparecida da cidade, que se *encheu de gente recém-chegada, a procura novamente dos outrora famosos filões de ouro*.<sup>390</sup>

Os grifos colocados, por mim, na citação, são para elucidar o retorno, naquela conjuntura, do sonho do *Eldorado*, esse mito que atravessa territórios e perpassa temporalidades. Aliás, o projeto da Zona Franca de Manaus, sutilmente, corroborou a ideia de progresso à Amazônia, trazido pelo regime militar brasileiro. Aí, havia um propósito dos governos militares: impedir o avanço da ideologia e das articulações políticas, atreladas ao comunismo, na região [afinal eram anos de guerra: “Guerra Fria”]. Ora, àquela conjuntura, dinamizar as relações socioeconômicas de produção capitalista, através do advento de um Distrito Industrial, instalado na cidade de Manaus estava na ordem do dia do regime militar brasileiro. Desta forma, esse novo *Eldorado*, a Zona Franca de Manaus, foi trazida à lume. Afinal, ao que tudo indica, “a cidade de Manaus sempre viveu de ilusões”.<sup>391</sup>

O século XXI, em Manaus, ainda comporta uma tradição herdeira dos idos da *Cidade Flutuante*: as habitações construídas às margens dos igarapés que resistiram, historicamente, apesar da significativa transformação urbana que a urbe sofreu desde o advento da *Belle Époque*. Na perspectiva de resolver essa histórica questão urbana, o governo do Amazonas, àquela conjuntura, tomou emprestado, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), duzentos milhões de dólares, o que instigou uma corrida das empreiteiras, pois “Construtores querem obras de igarapés”.<sup>392</sup> Portanto, apregoava o jornal:

As obras a ser implementada (sic) na primeira fase do Prosamin compreendem a bacia do Educandos, onde se encontram os igarapés de Manaus, do Mestre Chico, Bittencourt, do Quarenta, além do igarapé da Cachoeirinha, que será inserido no programa.<sup>393</sup>

<sup>390</sup> BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia – Análise do processo de desenvolvimento*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, EDUA e INPA, 2007, p. 345.

<sup>391</sup> SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo*. – Manaus: Editora Valer, 2003, p.187.

<sup>392</sup> Jornal do Comercio, Manaus, sexta-feira, 28 de maio de 2004, p.4. [Caderno de Economia].

<sup>393</sup> Jornal do Comercio, Manaus, sexta-feira, 28 de maio de 2004, p.4. [Caderno de Economia].

Atrelado ao discurso de embelezamento da cidade, qual aquele elaborado no contexto da *Belle Époque*, igarapés foram, novamente, pavimentados, para a ereção das habitações. Casas balizadas em um modelo de uma arquitetura totalmente estrangeira,<sup>394</sup> portanto, sem nenhuma relação com as peculiaridades ambientais e culturais da região amazônica. Contudo, conjecturo que a estratégia propagandista do *Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus* (Prosamin) procurou justificar a referida transformação urbana relacionando o programa à busca de uma reedição do período áureo no qual a cidade de Manaus embelezou-se. Em suma, o discurso oficial entrelaçou essa ideia de retorno à *Belle Époque*, atrelado a ideia do *Eldorado*. Novamente o mito, de forma latente, porém pujante, vinha à baila. Passados alguns anos, distantes da referida notícia retirada do *Jornal do Comércio*, no dia 01 de setembro de 2009, a inauguração do *Parque Senador Jefferson Peres*<sup>395</sup>, construído sobre igarapés soterrados pelo governo do estado do Amazonas, é um emblemático exemplo desse processo. Mas, qual a analogia desses eventos com a obra de Milton Hatoum?

A partir dessa problematização é importante verificar a relação dialógica entre o tempo da escrituração da novela *Órfãos do Eldorado* (2007-2008) com o tempo do enunciado, inscrito na mencionada narrativa (1890-1945). Dito corretamente, as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais que estavam ocorrendo no Amazonas, principalmente, nos anos de 2007-2008, conjecturo, interferiram nas escolhas que Milton Hatoum fez para compor, por meio de seu processo criativo, o enredo, a trama, as ambiências e os personagens de sua novela. Ora, é provável que o escritor estivesse atento aos projetos, programas implementados pelo governo do Amazonas à sua capital, na conjuntura da escrituração de *Órfãos do Eldorado*. Diante disso, Milton Hatoum, nas asas do anjo da história [de Benjamin], resolve tomar o mito

---

<sup>394</sup> Muito distante das reflexões feitas, no bojo do pensamento social da Amazônia. Leandro Tocantins, por exemplo, através do seu trabalho intelectual “Arquitetura e paisagismo na Amazônia”, inscrito no final de seu *O rio comanda a vida*, reflete sobre a necessidade de uma arquitetura local, esta que considera as peculiaridades das culturas da região Amazônica. Conjecturo que, o arquiteto, Milton Hatoum, no bojo de sua literatura, dialoga com as teses de Leandro Tocantins. Desta forma, refuta as “transformações” trazidas, historicamente, por projetos arquitetônicos, estilo Prosamin, à Manaus. Pois, críticas ao desenho arquitetônico da referida cidade é constante em suas obras, elucidativamente, em *Cinzas do Norte*.

<sup>395</sup> Parque urbano, localizado no centro da cidade de Manaus, entre as avenidas Sete de Setembro e a rua Lourenço da Silva Braga, próximo do Palácio Rio Negro. A ideia arquitetônica original relativa a criação do Parque se enquadra nos objetivos do Prosamin: ocupar uma área de igarapés. Na conjuntura em que o a obra foi construída, o referido espaço urbano era considerado, pelo governo do Amazonas, uma área de conflitos sócio-políticos, pois, comportava pessoas ligadas aos movimentos de ocupação de lugares públicos e, por extensão moradores de rua em situação de risco. Nesse sentido, com a justificativa de embelezar essa parte da cidade, o governo do Amazonas erigiu o referido Parque. O nome da obra é uma homenagem a Jefferson Péres (1932-2008), figura pública ligada a movimentos culturais ocorridos no Amazonas (O Movimento do Clube da Madrugada (1954-1967) e à política partidária (regional e nacional), sendo, inclusive, senador da República brasileira, pelo estado do Amazonas, no período de 1995 a 2008). Era membro do Partido Democrático Trabalhista (PDT).

viajante, *Eldorado*, este símbolo canônico, e como já foi dito, constantemente usado e manipulado por uma Memória e História oficial, como um *documento* a ser problematizado.<sup>396</sup>

Dizendo corretamente, aquiesço que o escritor amazonense, por meio de sua escrita criativa, problematiza o mito viajante do *Eldorado*: coloca-o em questão. Por isso, penso que a novela *Órfãos do Eldorado*, tem um enredo contundentemente fecundo, porque, nas dobras de sua tessitura consta uma significativa representação: o processo de *ruína* do *Eldorado*. Traz a lume, assim, *condições de possibilidade* para reflexões sobre as outras faces da história da Amazônia. Portanto, uma tomada de posição, nos campos da arte e da política, acompanha a obra do literato amazonense, como estou afirmando aqui, pela enésima vez. Por sinal, a obra que Hatoum está construindo, como estou argumentando, busca um alento no sentido da história, a meu ver, no pensamento do filósofo e crítico de arte, alemão, Walter Benjamin.

Para trazer a lume meu argumento me reporto a um trecho, retirado do terceiro romance do escritor em questão, *Cinzas do Norte*:

A *memória* é um desassossego, não dá trégua, a maldita, às vezes trava o desejo de escrever. Passei esse tempo duelando com ela, há *lembranças* que nos atormentam, certezas que desabam e se tornam *escombros*, talvez as *ruínas* sejam a nossa *experiência* mais viva.<sup>397</sup>

Memória. Lembranças. Escombros. Ruínas. Experiências. Expressões que indicam o diálogo com a concepção de história relativa às reflexões de Walter Benjamin. Não sem sentido, procurei esse fragmento, pois, ele é elucidativo dessa aproximação entre a literatura do escritor amazonense com pensamento filosófico do alemão. Pois, ao que tudo indica, aí, nesse trecho, é possível visualizar um autor-criador, revestido através do exercício de escrita do personagem Mundo. O qual parece fazer uma paráfrase das interpretações de Benjamin sobre *Angelus*

---

<sup>396</sup> Me aproprio de dois conceitos: “Documento”, “Monumento”, a partir das reflexões de Jacques Le Goff, inscritas na obra *História e Memória* [5ª edição, editora da UNICAMP, 2003]. Para o historiador francês, *Monumento*: “tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos” (p. 526); cabe ao historiador, no seu ofício, transformar o *Monumento* em *Documento*; isso ocorre quando o *Monumento* é colocado em questão, refutado; para tanto, é preciso desvendar os seus significados, as ideologias, intenções (de toda ordem), evidentes, mas, principalmente, subsumidas nas formas de uso, representações, imaginários, adotados pelo poder instituído, em uma determinada sociedade, ao longo das temporalidades históricas; verificar o porquê de determinado *Monumento* continuar inscrito na Memória (coletiva) e, por extensão na História (essencialmente por meio de sua versão laudatória) de uma determinada sociedade, cultura. A discussão sobre *Documento/Monumento*, portanto, aparecerá com frequência nesta tese. Nesta tese, a partir da análise do conteúdo histórico da literatura de ficção de Milton Hatoum, argumento que, de certa forma o literato se apropria da perspectiva do historiador [aqui tomo como parâmetro os estudos feitos sobre a obra de Machado de Assis, por alguns pesquisadores, como, por exemplo, John Gledson, Roberto Schwarz, Sidney Chalhoub, Jefferson Cano].

<sup>397</sup> HATOUM, 2019, p. 154. [os grifos são meus].

*Novus*. Afirmo isto, ao observar os comentários de um dos estudiosos do filósofo alemão, aqui mencionado:

O paradoxo do anjo é que, embora os seus sentimentos o levem a incrementar o lamento, ele continuará dando as costas ao sofrimento que deixa para trás. Se a história tivesse um anjo, deveria ser como este: lúcido e imponente. E o que vemos nós? O mesmo que o anjo, mas o interpretamos de outra maneira. Vemos os destroços que a história causa e entendemos que são acontecimentos inevitáveis de um projeto que, no seu conjunto, está bem. O que para o anjo é uma trama catastrófica para nós é incidência menor que pode ser integrada num conjunto que tem sentido. Ele [Benjamin] está falando desde o princípio do progresso; e o olhar do anjo revelou-o a nós como algo animado por uma lógica catastrófica. A conclusão é que temos que considerar o progresso como catástrofe se realmente queremos escapar do seu encantamento.<sup>398</sup>

Reflexão que me fez argumentar o seguinte: para colocar uma questão nesse encantamento [o progresso configurado na imagem do *Eldorado*], o qual vem ocorrendo num processo de longuíssima duração, atingindo, assim, as estruturas material e mental das sociedades amazônicas, que Milton Hatoum ergue sua obra literária.

Nessa esteira, só para deixar mais evidente, aqui, busco o conteúdo histórico inscrito na novela *Órfãos do Eldorado*.

Na intenção de corroborar minha abordagem, tomo como parâmetro alguns estudos já desenvolvidos no Brasil relativos à perspectiva do enlace História & Literatura. Por exemplo, ao problematizar a escrita criativa de Machado de Assis, Sidney Chalhoub demonstrou os segredos inscritos no livro *Helena*, o romance. Com o propósito de refutar determinadas interpretações de uma parte da riqueza crítica que gira em torno das análises dessa obra, o mencionado historiador propõe uma questão de ordem metodológica:

Ora, enquanto uma boa parte dos teóricos de Machado afirma que ele havia construído uma personagem presa às amarras do ‘tempo saquarema’, o referido historiador encontrou indícios para considerar o caráter contundente dessa personagem. Análogo a isso, defendeu a tese de que Machado de Assis idealizou Helena, a obra, como alegoria política de uma época. Lendo a obra à contrapelo, como Machado de Assis desejaria, o leitor atento percebe, nos enunciados de Assis, enunciações sediciosas nas ideias e práticas de sua revolucionária Helena, a personagem. Figura feminina questionadora da ordem de valores vigentes e, portanto, abolicionista. Chalhoub faz o leitor perceber que por meio de *Helena*, Machado de Assis se posicionou a favor da Lei do Ventre Livre, usando a Literatura para pensar e fazer a História de seu tempo.  
399

Por meio do trecho acima se percebe o entrelaçamento entre o tempo da escrituração da obra e o tempo da narrativa, no qual se inscreve o enredo imaginado pelo literato. Dizendo corretamente, o valor histórico de uma obra se constitui desde a urdidura da narrativa, pois esta

<sup>398</sup> MATE, Reyes. 2011, p.p.205-206.

<sup>399</sup> FERREIRA, Arcângelo da Silva; OLIVEIRA, Patrícia de Souza. “Mito, memória e história: nos caminhos de *Órfãos do Eldorado*” In. : FERREIRA, Arcângelo da Silva... [et. al.]. (orgs.). *Pensar, fazer e ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas*. – Manaus (AM): UEA Edições; Valer, 20015, p. 169.

reside em um tempo marcado por influências de toda ordem. Para se desenhar a interpretação sobre a peculiaridade do enredo presente na ficção imaginada pelo autor é necessário localizá-la em seu tempo de criação, mas também visualizar como, ao perpassar as temporalidades, a obra continua suscitando indagações à sociedade<sup>400</sup>. Portanto, os motes de uma obra, obviamente, são elaborados na relação temporal, a partir do chão histórico em que está plantada a sua escrituração.<sup>401</sup> Paralelo a essa questão de método, Sidney Chalhoub percebeu que Machado de Assis, escreveu *Helena* para contar uma outra história do Brasil oitocentista, em um período que já estavam postos, na arena política, germes de rupturas de um sistema fissurado. Com *Helena*, o romance, percebe-se, por meio da análise do historiador mencionado, uma Helena, a personagem, questionadora dos valores vigente, no final do século XIX, mais especificamente, uma mulher contestadora do sistema escravista e, por extensão, do aparelho monarquista. Assim, Chalhoub corrobora a convicção de outro crítico de Machado, o qual assevera que: “[...], resta reconhecer ao enredo de *Helena* uma poesia inesperada e brasileira, nascida talvez na conjunção da forma romântica e do conflito paternalista”.<sup>402</sup> A breve digressão acima aponta pesquisadores, como Roberto Schwarz e Sidney Chalhoub, entre outros, os quais ajudam a “desvendar nos romances de Machado uma interpretação do *sentido das transformações históricas de sua época*”.<sup>403</sup> O grifo é meu e vem, a propósito, para elucidar minhas intenções ao me debruçar na obra de Milton Hatoum. Igualmente, pretendo verificar como a novela *Órfãos do Eldorado*, suscita determinadas transformações, por um lado, no tempo do enunciado da novela, por outro, verificar, em linhas gerais as interferências do tempo da escrituração na composição da referida novela [o que, me parece, já deixei claro, linhas acima]. Assim, procuro:

(...) na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu interior o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas.<sup>404</sup>

---

<sup>400</sup> JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. – São Paulo : Editora Ática S. A., 1994.

<sup>401</sup> CHALHOUB, Sidney e Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. “Apresentação”. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil* – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

<sup>402</sup> SCHWARTZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. – São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, p.149.

<sup>403</sup> CANO, Jefferson. “Machado de Assis, historiador”. In.: CHALHOUB, Sidney e Pereira, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil* – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 37.

<sup>404</sup> BENJAMIN, 1985, p. 231.

Portanto, a perspectiva da totalidade da obra. Para tanto, analisando a relação dialógica entre as temporalidades relativas à novela: o tempo endógeno, do enredo. O tempo exógeno, da urdidura. [reafirmando uma vez mais!].

Na oportunidade da referida digressão e, apenas para exemplificar acerca de estudos ocorridos fora do Brasil, elucidando outras realidades históricas, há significativa pesquisa, realizada por E. P. Thompson: *A formação da Classe Operária Inglesa*. O historiador inglês, utiliza, como profícua fonte, os poemas de William Blake, por exemplo, para verificar, por meio da literatura, os primeiros indícios da organização política do operariado inglês. Há determinado dialogismo entre o saber histórico produzido por Thompson e a poesia de William Blake. As duas imagens, adiante, corroboram o meu argumento: “[...]. As crianças pequenas, que ainda engatinhavam, eram entregues aos cuidados de parentes, de mulheres idosas ou até mesmo de outras crianças ainda muito jovens para trabalhar nas fábricas. ”<sup>405</sup>

E:

Quando mamãe morreu eu era bem moleque,  
E ao vender-me meu pai, minha língua a custo é que  
gritava ‘arre’ ‘arre’ ‘arre-dor’:  
Durmo em fuligem, das chaminés sou varredor”<sup>406</sup>

O poema de William Blake traz memórias distantes, estas que, por um lado suscitam uma determinada conjuntura histórica, mas que, por outro lado, perpassou temporalidades. Os ecos das vozes dos limpadores de chaminés, de alhures, chegou nos ouvidos de Thompson, assim como suas experiências aos olhos aguçados do referido historiador, através do eu lírico (o narrador do poema) elaborado por William Blake. Parece não haver dúvidas, a literatura narra a trajetória histórica dos operários em formação. Tais indícios inscritos no imaginário de William Blake, ao lado de outros (de outras naturezas), contribuíram, sobremaneira para que E. P. Thompson pensasse um sentido de história sobre a trajetória e, por extensão, a formação da classe operária inglesa. Analisando diversas fontes originais, entre estas as fontes literárias,<sup>407</sup> buscando o sentimento da época que, por exemplo, os poemas foram elaborados, Thompson,

<sup>405</sup> THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa, 2: a maldição de Adão*; tradução de Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. 5ª ed. – Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020, p. 246.

<sup>406</sup> BLAKE, William. ”O limpador de chaminés”. In.: \_\_\_\_\_. *Canções da Inocência e da Experiência. Revelando os dois estados opostos da alma humana*. Edição bilíngue; tradução, prefácio e notas Mário Alves Coutinho e Leonardo Goncalves, Crisálida. Belo Horizonte, 2005, p. 41).

<sup>407</sup> Principalmente no volume 2 da obra *A formação da classe operária inglesa: A maldição de Adão*. Peculiarmente no capítulo 5: “Padrões de experiências”. Estou me reportando 3ª edição da Editora Paz e Terra, publicado em 2020.

percebeu que: “A classe operária não surgiu tal como o sol, numa hora determinada. Ela estava presente ao seu próprio fazer-se”<sup>408</sup>

Balizado nesses estudos, observo como Milton Hatoum lança mão da oralidade, para remover uma antiga memória: a de seu ancestral avô. Memória que se tornou fecunda ao processo criativo da referida obra. Como o mito viajante, *Eldorado*, é essencial para a compreensão da estrutura narrativa da novela, devido ao seu valor alegórico. Ora, já foi dito muitas vezes aqui que a Literatura é fonte fecunda à História: “o valor da literatura não está em conferir os dados do real com o texto de ficção e assim atestar a sua verdade. Sua estratégia é falar daquele real pela via do simbólico (...).<sup>409</sup> Sendo assim, *Órfãos do Eldorado*, a novela, pode ser interpretada como *alegoria* de um período histórico: a “Era da borracha na Amazônia”.<sup>410</sup>

Nesse sentido, a utilização da imagem do mito viajante *Eldorado*, a propósito, vaza, na estrutura da narrativa, condições de possibilidade para a interpretação do sentido das transformações políticas, socioeconômicas, culturais e históricas do referido período, inscritas na novela. Ao utilizar a imagem de *Eldorado*, Milton Hatoum, na esteira de Walter Benjamin, uma de suas matrizes intelectuais, concebe *alegoria* como “uma reabilitação da temporalidade e da historicidade em oposição ao ideal de eternidade que o símbolo [Eldorado] encarna”.<sup>411</sup> Em suma, Hatoum lança mão da novela *Órfãos do Eldorado* para refutar a laudatória ideia de História, inscrita nessa temporalidade: 1890-1945. Período em que reside o que se convencionou denominar *Idade de Ouro* da história da Amazônia.

Assim, no tempo do enunciado da referida novela, procuro seguir os rastros de Arminto Cordovil [personagem já descrito na Introdução e retomado de forma mais elucidativa no III capítulo desta tese], sua busca do *Eldorado*. Já no tempo da escrituração da novela, conjecturo que Hatoum usa a imagem do *Eldorado* para suscitar uma *tomada de posição* política relativa a um determinado sentido de história que ele, o literato amazonense, pretende *remontar*. Ora, usei esses grifos, para argumentar que ao adotar a imagem do *Eldorado* como uma *alegoria*, Hatoum também se aproxima das reflexões do francês Georges Didi-Huberman, quando este assevera que:

<sup>408</sup> THOMPSON, E. P. “Prefácio”. In.: \_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa, vol 1.: a a árvore da liberdade*; tradução de Denise Bottman. – 10 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019, p. 9.

<sup>409</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. “A temporalidade da perda (leitura de *O retrato* de Érico Veríssimo)”. In.: \_\_\_\_\_. (org.) *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. – Porto Alegre : Ed. Universidade/ UFRGS, 2000, p. 44-45.

<sup>410</sup> Compreendendo um recorte temporal que abarca duas fases: 1890-1913 e 1935-1945. Ambas estão significativamente relacionadas ao extrativismo da borracha na Amazônia. Primeiro, relativo à *Belle Époque*, depois à *Batalha da Borracha*.

<sup>411</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. – São Paulo : Perspectiva, 2011, p.31

Dar a ver é sempre inquietar o que ver, em seu ato, em seu sujeito. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta. Todo olhar traz consigo sua névoa, além das informações de que poderia num certo momento julgar-se o detentor.”<sup>412</sup>

Como se nota, na essência do trecho supra, a sugestão é que por meio do olhar subjetivo de Hatoum determinados acontecimentos dissimulados pelas brumas do tempo pretérito sejam trazidos à baila. Por isso, assinto que Hatoum convida seus leitores e leitoras a acompanharem às nuances de uma outra história assentada em sua ficção, posto que, na esteira de Walter Benjamin, Hatoum parece reafirmar, uníssono: *o inimigo não parou de vencer*. Argumento que o literato amazonense, propõe a leitura desse mito viajante para contar acerca da *alegoria de uma história trágica*<sup>413</sup>, elaborada a partir das *ruínas do Eldorado*.

Daí, também me reportar a *tese V* de Walter Benjamin<sup>414</sup> para conjecturar que Hatoum pretende, através de suas experiências com o trabalho intelectual, salvar o passado [inscrito nas memórias dos vencidos], pois este é, talvez, o principal objetivo de seu projeto literário. É em torno desse projeto que o referido literato se volta para o processo de escrituração de sua obra. Assim, a problematização de uma determinada memória atrelada ao poder, assim como a percepção daquilo que vou afirmar, aqui, como história *vista de baixo* [aspectos que podem ser visualizados na estrutura da narrativa da novela *Órfãos do Eldorado*] tornam-se propósitos significativos relativos ao aspecto literário e político de Hatoum. Nessa perspectiva, a imagem do *Eldorado*, é percebida, na literatura de ficção de Hatoum, como um *documento* para a história, por onde vazam vozes silenciadas, qual ruínas esquecidas nos escombros do tempo.<sup>415</sup> Uma alegoria, portanto. Ora, nessa acepção, *alegoria* é o que se expressa no *drama* e, por isso, revela a história, através de uma narrativa a contrapelo: a novela *Órfãos do Eldorado*.

Reafirmo, o mito do *Eldorado* foi apropriado, assim, como um vestígio para se *remontar a história*: “(...), isto é, dispor todas as coisas trabalhando nas clivagens do tempo, desconstruindo-o como um cineasta constrói sua fábula redispando seus rushes”.<sup>416</sup> Assim, as

<sup>412</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*; prefácio de Stéphane Huchet; tradução de Paulo Neves. – São Paulo: Editora 34, 2010 (2ª Edição), p. 77.

<sup>413</sup> Narrativa verossímil do processo de degradação de uma rica família, três gerações de representantes dos “donos do poder” atrelados à economia da borracha na Amazônia, qual a família que originou e estruturou o poder político-econômico sociocultural da família J. G. Araújo, no plano histórico.

<sup>414</sup> BENJAMIN, 2012, p. 243. “*Tese IV*: A verdadeira imagem do passado *passa voando*. O passado só se deixa capturar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento de sua conhecibilidade. ‘A verdade jamais nos escapará’ – essa frase de Gottfried Keller indica, na imagem da história do historicismo, exatamente o local em que o materialismo histórico o esmaga. Pois é uma imagem irrecuperável do passado que ameaça desaparecer com cada presente que não se sintá visado por ela”.

<sup>415</sup> BENJAMIN, 2012, p. 243.

<sup>416</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as imagens tomam posição* – O olho da história, I; tradução Cleonice Paes Barreto Mourão. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2017, p. 172.



peessoas leitoras desta tese verificarão que busco os nuances simbólicos do mencionado mito, construídos historicamente, para indicar as intenções de Hatoum. O que me fez reportar às reflexões do historiador Paul Vayne:

... o mito não é uma essência, mas um quarto de desejo, e a razão, por sua vez, dispersa-se em mil pequenas racionalidades arbitrárias. Ele não é a oposição entre a verdade e a ficção, que aparece como secundária e histórica; a distinção entre o imaginário e o real não o é menos. As concepções menos absolutas da verdade como simples ideia reguladora, ideal da pesquisa, não podem servir de desculpa para a amplidão adquirida por nossos palácios de imaginação, que tem a espontaneidade das produções naturais e provavelmente não são nem verdadeiros nem falsos. Eles também não são funcionais nem todos são bonitos; contudo, têm um valor raramente mencionado, do qual só falamos quando não sabemos dizer exatamente qual é o interesse de uma coisa: eles são interessantes, pois são complexos.<sup>417</sup>

Buscando uma relação dialógica entre as palavras de Paul Vayne, inscritas na referida citação e o enunciado de Johnni Langer [colocado antes, nas linhas iniciais deste segmento], penso que o mito guarda projetos de poder e desejos, que podem se reinventar ao longo do tempo. Através da memória coletiva, a qual, nascida em determinados contextos, viajam por gerações. Versões mitológicas se tornam vetores para a perpetuação das estruturas, desde as mais evidentes às mais escondidas; as mentais, por exemplo. O mito do *Eldorado* é um exemplo emblemático dessa preposição. É sobre a representação dele, na obra de Milton Hatoum, que aqui procuro traçar um percurso.

O que me leva a perguntar: como surgiu o projeto de criação da novela *Órfãos do Eldorado*? Após eu fazer uma breve contextualização sobre a estrutura narrativa da referida novela, busco responder à questão, aí, formulada. Com se verificará adiante.

Muitos anos depois da publicação de *Cinzas do Norte*, Milton Hatoum lançaria sua primeira novela, *Órfãos do Eldorado*. Considerando sua verossimilhança, é possível sinalizar alguns aspectos na estrutura narrativa da obra em questão:

Primeiro, o trágico processo de degradação da família Cordovil: Edílio (o avô), Amando (o pai), Arminto (o filho) – uma representação do processo de retração da economia da borracha, ocorrida, significativamente, no início dos anos de 1910 até o início dos anos de 1930, depois desde 1945 até o final dos anos de 1960. Adiante reproduzo um fragmento retirado da novela de Hatoum, a qual, representa, no plano do enunciado, o momento crucial do processo de declínio da família Cordovil:

[..]. Mas, a pior notícia chegou num telegrama do gerente da empresa: Naufrágio Eldorado no Pará. Venha pra Manaus com urgência.

---

<sup>417</sup> VEYNE, Paul. *Os gregos acreditavam em seus mitos?: ensaio sobre a imaginação constituinte*; tradução Mariana Echalar. – 1.ed. – São Paulo: Editora da Unesp, 2014, pp. 188-189.

[...]. o comandante de um navio da Ligure Brasileira me deu informação mais exata: colisão com banco de areia, na ponta da ilha do Caim, entre Curralinho e o Farol do Camaleão, lá pro lado de Breves, no Baixo Amazonas. Perda total da carga e da embarcação. Soube que, na taberna dos Viajante, a família de Genesino Adel comemorou o naufrágio.

Festejaram a tua desgraça, disse Florita. Que está esperando? Embarca logo pra Manaus.<sup>418</sup>

Arminto, o último herdeiro da família Cordovil, após esse acontecimento, perderá o principal cargueiro da família. *Eldorado*, naufragou, levando junto uma das únicas possibilidades de manutenção da riqueza econômica, pois era o cargueiro que viabilizava o movimento dos negócios da família. O referido naufrágio, reafirmo, é uma representação do processo de retração da economia da borracha na Amazônia. Quando os donos do poder, na região, viram suas riquezas declinarem repentinamente. No tempo da narrativa, a morte súbita do pai de Arminto Cordovil, representa a ruptura do último alicerce que amalgamava a estrutura de uma família de barões da borracha e, por extensão, baliza de determinados valores culturais, materiais e morais. Recorro a imagem elaborada por Hatoum:

No fim da praça, parou, e as mãos cruzadas agarraram o ombro, como se ele abraçasse o próprio corpo. Dobrou as pernas lentamente e ficou de joelhos. A cabeça brilhava no canto da praça. O homem ia cair de boca, mas ele se contorceu, massageando seu peito. Depois, o único abraço, no meu pai morto. *O homem que eu mais temia estava nos meus braços. Quietos. Eu não tinha força para carregá-lo sozinho.* Em pouco tempo a cidade despertou, e os curiosos cercaram o corpo.

Por desígnio dos meus argumentos, os grifos, por mim colocados, proferem uma sugestão: está posto nessa imagem a morte alegórica de um tempo e, por extensão, a fragilidade de todo e qualquer desejo de reerguê-lo. Não havia mais jeito, as balizas, os vínculos, os projetos estavam findados. Outro tempo, com ele rupturas emergiam. Portanto, a falta de alternativa de Arminto Cordovil, diante da morte de seu pai, é, decerto, uma analogia à ruptura histórica na Amazônia, iniciada nos anos de 1910 – as fraturas na *Belle Époque* -, por um lado. E, por outro, no plano do enunciado, o começo da trajetória trágica da família Cordovil, posto que, a referida morte, é um dos acontecimentos que deixa Arminto Cordovil, a personagem protagonista, livre para fazer de sua trajetória uma outra história: “(...). Não me interessava o sonho de Amando nem a linhagem dos Cordovil. (...)”<sup>419</sup>

Segundo, a questão edípica, marcada pelo conflito entre Amando (pai) e Arminto (filho) – causada pela morte da mãe deste, esposa daquele, obviamente, no momento do parto: “Tua mãe te pariu e morreu”<sup>420</sup>. O eterno conflito entre pai e filho é, de certa forma, uma questão

<sup>418</sup> HATOUM, 2008, p.p. 53-54

<sup>419</sup> HATOUM, 2008, p. 57.

<sup>420</sup> HATOUM, 2008, p. 16.

colocada pelo escritor-criador da novela na intenção de elucidar os processos de rupturas ocorridas na estrutura dos valores morais instituídos e espraiados pelos donos do poder no contexto da *Belle Époque*. Pois a relação entre Amando e Arminto é, extremamente opressora, paternalista. Arminto é uma personagem que vive a contrapelo da moral e costumes austeros, os quais caracterizava a família de Amando, desde seu avó Edílio. Portanto, um transgressor da ordem vigente.

Terceiro, a escolha radical de Arminto pelo “prazer pueril”: “E olha só: a fortuna cai em tuas mãos, e uma ventania varre tudo. Joguei fora a fortuna com a voracidade de um prazer cego”.<sup>421</sup> Arminto, esbanja a riqueza que lhe restava em busca de seu “paraíso perdido”: a cidade encantada onde habitava Dinaura.<sup>422</sup> Dito corretamente, a representação da busca no processo de construção de uma outra história, avesso daquela que se construiu na direção dos vencedores, pois os passos da história de Arminto podem ser considerados a fissura por onde vaza um outro ângulo narrativo para se remontar parte da história da Amazônia.

Quarto, o “encante” (e, por extensão, os encantados”: as cidades submersas, imaginários envoltos) que Hatoum estrutura em sua narrativa para se reportar ao mito viajante, *Eldorado*: uma ruína colhida, por Hatoum, nos escombros da História oficial da Amazônia. Por entender como uma peculiaridade essencial à estrutura da narrativa da novela *Órfãos do Eldorado*. [à temática do “encante” e “encantados”, retornarei linhas adiante, buscando uma análise minuciosa].

A novela é narrada em primeira pessoa pelo personagem principal: Arminto Cordovil. Herdeiro de uma família que construiu sua riqueza através das relações sociais de produção nascidas no bojo do capitalismo monopolista e financeiro, representado pela economia gomífera, inserida pelo *sistema de aviamento*: um mecanismo de dependência econômica que inviabilizou a acumulação e reprodução de capital na Amazônia, ocorrido no período de 1890-1913.<sup>423</sup>

Nesta fase o controle econômico sob região amazônica era da Inglaterra. Mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o monopólio estrangeiro à região ficou por conta dos Estados Unidos da América, orquestrado pelos Acordos de Washington (1942).<sup>424</sup> Episódio que rendeu uma visita do presidente Getúlio Vargas ao Amazonas. Um dos registros

---

<sup>421</sup> HATOUM, 2008, p. 14.

<sup>422</sup> Personagem indígena, acerca da qual, à luz das famosas *peripécias* de Machado de Assis, Hatoum deixa transparecer dúvidas: seria a grande paixão de Arminto sua irmã bastarda? Seria Dinaura, “a mulher de duas faces” amante de Amando, seu pai?

<sup>423</sup> SANTOS, Eloína Monteiro dos. *A Rebelião de 1924, em Manaus*. 1ª ed. Manaus: Editora Valer, 2001.

<sup>424</sup> SANTOS, Eloína Monteiro dos. *Uma liderança política cabocla: Álvaro Maia*. 1ª ed. Manaus: Editora Valer, 1998.

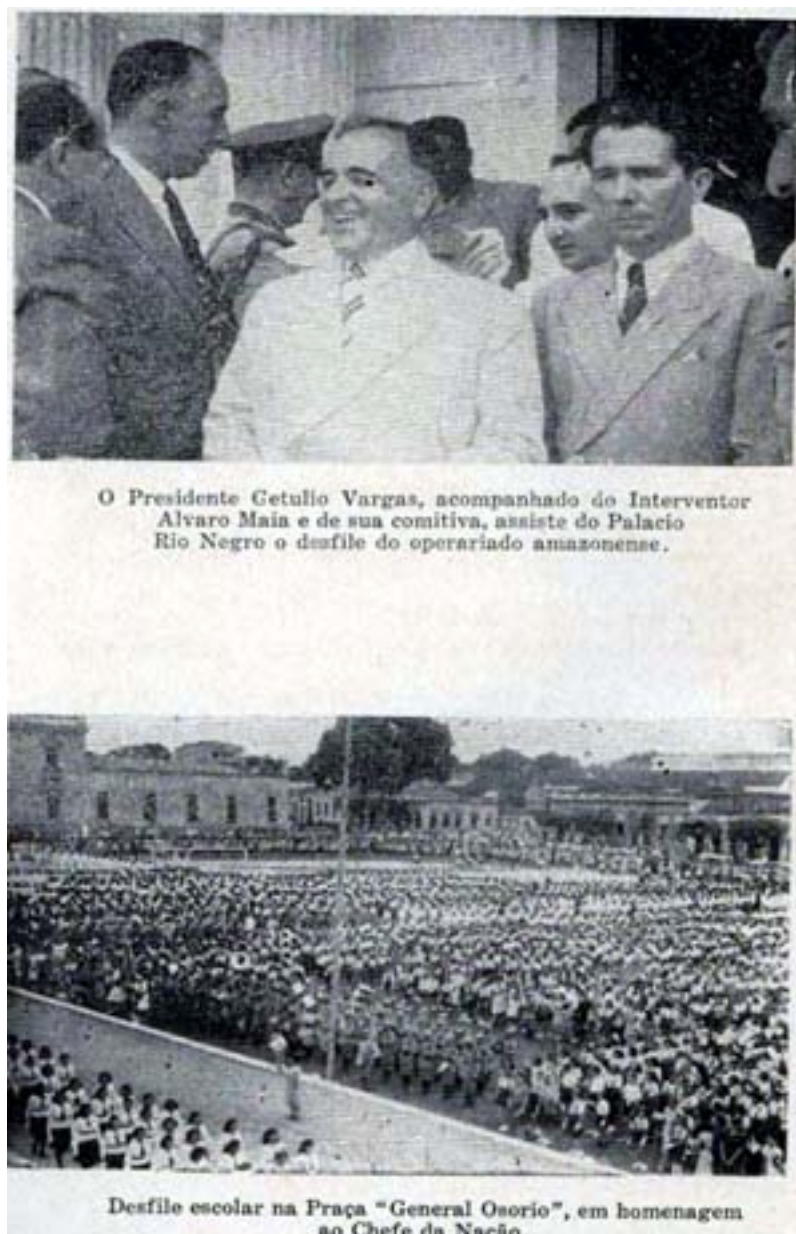
emblemáticos, fruto e produto das intenções do governo Vargas à região, é o famoso “Discurso do rio Amazonas”, proferido no dia 10 de outubro de 1940, no Ideal Clube [espaço de sociabilidade da elite amazonense] “às classes conservadores” (como frisa o documento oficial). O discurso do presidente aflora o plano político-econômico que fundamentou parte dos Acordos de Washington:

[...]. Passou a época em que substituíamos pelo fácil deslumbramento, repleto de imagens ricas e metáforas preciosas, o estudo objetivo da realidade. Ao homem moderno está interdita a contemplação, o esforço sem finalidade. E a nós, povo jovem, impõem-se a enorme responsabilidade de civilizar e povoar milhões de quilômetros quadrados. Aqui na extremidade setentrional do território pátrio, sentindo essa riqueza potencial imensa, que atrai cobiças e desperta apetites de absorção, cresce a impressão desta reponsabilidade a que não é possível fugir nem iludir. Sois brasileiros e aos brasileiros cumpre ter consciência dos seus deveres, nesta hora que vai definir os nossos destino de Nação. E, por isso, contei-vos a ter fé e a trabalhar confiantes e resolutos pelo engrandecimento da Pátria.<sup>425</sup>

De forma inaudita, na sua essência, o discurso do presidente Vargas reafirma a importância do estado do Amazonas no processo de fortalecimento do Brasil como Nação, pois o país, naquela conjuntura, possuía os recursos disponíveis demandados, principalmente pelos EUA: o látex (matéria prima exigida pela II Guerra Mundial). Abaixo reproduzo imagens dessa visita do presidente Getúlio Vargas à Manaus (retiradas do mesmo documento à página 27. Reparem que as legendas são bem explicativas):

---

<sup>425</sup>Propaganda amazonense. Visita do presidente Vargas e as esperanças de ressurgimento do Amazonas. Imprensa Pública. Manaus, 1940, p.15



**Figura 11:** Visita de Getúlio Vargas em Manaus

As imagens representam, na primeira fotografia, as articulações da política nacional e regional, configuradas pela aliança entre a “liderança cabocla”<sup>426</sup>: Alvaro Botelho Maia e o chefe do Estado Novo: Getúlio Vargas. A segunda fotografia, faz o registro de um evento peculiar àquela conjuntura: um “grandioso” desfile de estudantes em um espaço de memória e

<sup>426</sup> SANTOS, Eloína Monteiro dos. *Uma liderança política cabocla: Álvaro Maia*. 1ª ed. Manaus: Editora Valer, 1998. – conforme a referida obra, Álvaro Maia é considerado um “liderança cabocla” devido a sua peculiaridade política: desejou constantemente reeditar a *Belle Époque* no Amazonas, no contexto dos anos de 1940-1950, e isto se reflete, no plano da realidade, isto é seus projetos políticos de modernização para o Amazonas; no plano da ficção, sua vasta obra literária. Também por ser um defensor e representante do glebarismo, tomando como referência um suposto herói indígena: Ajuricaba. Em seus discursos, afirma que Ajuricaba deveria servir de referência política à juventude amazonense.

sociabilidade: *Praça General Osório*. Lugar de lazer e cultura até os anos de 1964. Pois a partir do golpe militar, o referido espaço se transformaria na Escola Militar de Manaus.

Voltando à novela *Órfãos do Eldorado*, para eu contar sobre o percurso de alguns aspectos do processo de elaboração da novela de Hatoum, reproduzo um depoimento atinente às experiências vividas desse escritor relativas aos motes para a sua escrita criativa. Nota-se, nesse depoimento, que o escritor procura, nos rastros das memórias, indícios para tecer seus enredos. Após a citação faço uma breve digressão sobre a relação memória/história:

Num domingo de 1965, quando ainda não havia TV no Amazonas, meu avô me chamou para almoçar na sua casa. (...), depois de comer os quitutes preparados por minha avó, ele me convidaria para conversar à sombra de um jameiro. Na verdade, era um monólogo que eu interrompia apenas para perguntas. Naquela tarde, meu avô me contou uma das histórias que ouviu em 1958, numa de suas viagens ao interior do Amazonas.<sup>427</sup>

Observando esse depoimento penso no valor da memória. Aí se revela os rastros pelos quais Hatoum colheu indícios para tecer seu enredo. Assim, assinto, por um ângulo, que a Memória hegemônica procura inscrever uma História em que está em jogo à dissimulação de determinados acontecimentos comprometedores à ordem de valores vigentes. Cabe ao historiador procurar chaves que lhes ofereçam condições de possibilidades para que, por meio de seu ofício, possa compreender por que motivos os sujeitos, os quais o historiador investiga, fizeram determinadas escolhas. Ora, são nas coisas aleatórias da vida cotidiana que residem, às vezes, pequenas fissuras por onde fluem as respostas dos atos humanos.<sup>428</sup>

Com isso não se quer afirmar que o pesquisador é aquele que traz a luz através de sua “verdade”. Pretensão absolutamente desnecessária e, há muito refutada. Ao contrário, elucidase que o historiador procura, ao longo de sua experiência, desenvolver sensibilidades. Enxergar evidências na escuridão de suas fontes. Para tanto, terá que se desprender de todo e qualquer preconceito, sair de compartimentos estanques e, como um antropólogo, enamorar-se dos estranhamentos, sabendo que o insólito move indagações, desde que ocorra o diálogo com as fontes. Por exemplo: “A estrutura dialógica [...] também pode ser implícita, como nas notas etnográficas que descrevem um rito, um mito ou um instrumento”.<sup>429</sup>

---

<sup>427</sup> HATOUM, Milton. “Posfácio”. In.: *Órfãos do Eldorado*. São Paulo : Companhia das Letras, 2008, p. 105.

<sup>428</sup> GINZBURG, 2007.

<sup>429</sup> GINZBURG, Carlo. “O inquisidor como antropólogo”. In.: \_\_\_\_\_. O fio e os rastros e os astros : verdadeiro, falso, fictício; tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 285.

Parafraseando Hatoum<sup>430</sup>, considero, obviamente, a memória como a deusa tutelar da História, posto que as histórias das historiografias suscitam que fazer a História gira em torno da busca de memórias. Portanto, é desde as memórias que nascem as histórias. Paralelo a esse ângulo lembro das palavras de Ricoeur: “*o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal*”.<sup>431</sup> O que estou argumentando desde o primeiro capítulo desta tese é que as experiências vividas por Milton Hatoum trouxeram motes para a composição de sua arte literária, não somente no que diz respeito às questões estéticas, mas existenciais, e por extensão, políticas e históricas. O modo de narrar, suas escolhas, suscitam a humanização do tempo. Temporalidades nas quais suas redes de relações se estabeleceram, a partir da sociabilidade, essencialmente, nos seus espaços de memória. Assim, a arte de Hatoum provém de uma determinada cultura produzidas dentro da vida real, compreendida como “todo modo de luta”<sup>432</sup>

Ora, a mobilização do saber histórico se dá através da constante busca das memórias no tempo. Tais memórias estão expressas nas inúmeras formas de registros das sociedades humanas representadas por suas culturas.<sup>433</sup> Não sem sentido, a utilização de registros, dos quais lanço mão nesse instante, tem um propósito relativo ao assunto que pretendo desenhar: a busca da memória aproxima a narrativa de ficção elaborada por Milton Hatoum da narrativa historiográfica. Ora, Paul Ricoeur assevera: “a própria historiografia, digamo-lo desde já, não conseguirá remover a convicção, sempre criticada e sempre reafirmada, de que o referente último da memória continua sendo o passado, independente do que possa significar a preteridade do passado”.<sup>434</sup> Ora, “contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas. Essa observação ganha toda a sua força quando evocamos a necessidade de salvar a história dos vencidos e dos perdedores”.<sup>435</sup>

---

<sup>430</sup> Do depoimento de Milton Hatoum concedido a Schneider Carpeggiane, publicada em outubro de 2014 no *Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco*. Aí Hatoum afirma que “a memória é a deusa tutelar da literatura”.

<sup>431</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa (1): A intriga e a narrativa histórica*; tradução Cláudia Berliner; revisão de tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar; introdução Hélio Salles Gentil. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, p.93. [o grifo é do autor].

<sup>432</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. “Cultura”. In.: \_\_\_\_\_ . *E. P. Thompson e a tradição de crítica do materialismo*. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012, pp 117.

<sup>433</sup> BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício de Historiador*; prefácio de Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lília Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>434</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. – tradução: Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 26

<sup>435</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa (1): A intriga e a narrativa histórica*; tradução Cláudia Berliner; revisão de tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar; introdução Hélio Salles Gentil. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, p. 129.

Procurei elucidar, às pessoas leitoras desta tese, o eu lírico dos poemas e as personagens narradoras dos romances, novelas, crônicas de Milton Hatoum representam aqueles sujeitos subsumidos na história. Talvez porque ele também conceba que, alegoricamente, simbolicamente “toda a história do sofrimento clama por vingança e pede narração”.<sup>436</sup> Sem esquecer, então, que a narrativa de Hatoum parece fazer eco também ao trabalho intelectual e ao posicionamento político do historiador E. P. Thompson, o qual, as vezes assumia “posições ‘embaraçosas’ lembrando muitas vezes o que se quer esquecer”<sup>437</sup> ao sistema e à ordem que insiste em deixar nas sombras do tempo a história dos vencidos. E, por extensão à postura intelectual de Edward Said, quando este assevera que:

o que devemos ser capazes de dizer é que os intelectuais não são profissionais desnaturalizados pela subserviência a um poder cheio de falhas, mas – repetindo – são *intelectuais* com uma posição alternativa e mais íntegra, que lhes permite, de fato, *falar a verdade ao poder*.

O grifo é meu. Ele serve para elucidar mais um de meus argumentos: todas as narrativas de ficção elaboradas por Hatoum procuram falar a verdade ao poder. Tomada de posição que lhe aproxima das convicções intelectuais benjaminianas: “é preciso escovar a história a contrapelo, isto é, atentar para o desprezado pela história canônica, olhar o outro lado do espelho, fixar-nos no lado oculto da realidade.”<sup>438</sup>

Dito isto, a partir deste instante elucidarei um evento, inscrito no tempo presente, relativamente contemporâneo à escrituração de minha narrativa historiográfica: quando Milton Hatoum, usando de sua oralidade, contou ao público como o passado é fecundo de imagens, aquelas que brotam do solo das lembranças, estas as quais enredam as memórias.<sup>439</sup>

No Festival Literário ocorrido na cidade de Paraty, em 2009 (FLIP)<sup>440</sup>, numa mesa-redonda dividida com o cantor, compositor e escritor Chico Buarque de Holanda<sup>441</sup>, o literato amazonense Milton Hatoum após ler trechos da novela *Órfãos do Eldorado* falou acerca do

<sup>436</sup> RICOEUR, Paul. op. cit. p. 129.

<sup>437</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012, p. 15.

<sup>438</sup> MATE, Reyes. *Meia-noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin “Sobre o conceito de história”*; tradução Nélio Schneider. – São Leopoldo, RS : UNISINOS, 2011. p.185.

<sup>439</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. – tradução: Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 26.

<sup>440</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=RNK9RAZZ1\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=RNK9RAZZ1_Q)

<sup>441</sup> Chico Buarque de Holanda foi convidado para comentar acerca do processo criativo do romance *Leite Derramado*. Segundo o mediador, a mesa foi dividida com Milton Hatoum (chamado para comentar sobre *Órfãos do Eldorado*), principalmente, porque os dois livros são narrativas que abordam temáticas semelhantes. De fato, ambos tratam da problemática da memória, onde os protagonistas são personagens masculinos que recorrem às suas lembranças para relatarem a história de gerações e, por extensão, de suas respectivas cidades.



processo de criação desta obra. Afirmou que fez a novela encomendada por uma editora escocesa *Canongate*. Livro que iria compor uma coleção chamada *Miths*. Segundo o escritor, a narrativa foi criada a partir de uma história que ouvira quando tinha, talvez, uns doze ou treze anos, e vivia em Manaus. Um enredo, que há muito ficou latejando em sua memória. Memória, transmitida pela oralidade de seu ancestral, a qual é relatada no *Posfácio* à novela *Órfãos do Eldorado*, como as pessoas leitoras puderam verificar, anteriormente, através de citação de um trecho do posfácio. Na mencionada mesa-redonda, Hatoum afirmou que durante a escrita e reescrita do livro, devido às limitações das páginas colocadas pela editora escocesa<sup>442</sup>, acabou optando pelo gênero novela. Fez desta forma, um *recorte trágico*, intenso onde retrata a vida de poucos personagens. Deixando nas curvas da trama algo incógnito, inaudito, que aos poucos se revela para trazer uma mudança repentina na narrativa. Convido as pessoas, que estão lendo estas linhas, para voltarem seus olhos novamente à citação que estou me referindo (caso sintam a necessidade). Pois ancorado nas palavras de Hatoum, estas que acabei de considerar, afirmo: *Órfãos do Eldorado* foi um título que surgiu a partir da relação que o autor tinha com aquela história, guardada em sua memória, desde a juventude. Ademais, “era uma história de amor, com um viés dramático, como ocorre quase sempre na literatura e, na vida”.<sup>443</sup> Nessa perspectiva, chama atenção o título do livro: vaza muitos significados.

Em sua comunicação Hatoum elucida: os personagens principais, Arminto Cordovil e Dinaura são órfãos, porque, obviamente, perdem seus pais, mas essa orfandade é também alegórica, visto que à narrativa do escritor amazonense reside uma fecunda crítica. Dito em outros termos, à Memória e à História da trajetória dos grupos humanos da Amazônia há eterna saudade de um período considerado áureo localizado na camada mais festejada do tempo passado, a efeméride “Era da borracha”. *Eldorado* é também o nome que Amando Cordovil, pai do protagonista do enredo, dá a um cobiçado navio, o qual simboliza o poder político e econômico: “vi o cargueiro alemão uma única vez, de madrugada, depois de uma noitada num cabaré barato da rua da Independência. Sentei no cais flutuante e li a palavra branca pintada na proa: *Eldorado*”.<sup>444</sup> Embarcação, que no decorrer da narrativa naufraga: “mas a pior notícia chegou num telegrama do gerente da empresa: Naufrágio Eldorado no Pará. Venha para Manaus com urgência”.<sup>445</sup> Problemático porque, como afirmei, a história dos Cordovil “(...) dependia

---

<sup>442</sup> O que, segundo ele, o incomodou bastante. Neste evento afirmou que nunca mais faria um livro encomendado.

<sup>443</sup> HATOUM, Milton. “Posfácio”. In.: *Órfãos do Eldorado*. 1ª Edição. Companhia da Letras : São Paulo, 2008. p.105.

<sup>444</sup> HATOUM, 2008, p. 21.

<sup>445</sup> HATOUM, 2008, p. 53.

daquele cargueiro navegando no Amazonas”.<sup>446</sup> Mais uma alegoria do escritor. Aqui, a *alegoria de uma história trágica*, desenho da *ruína* de uma época. Este conjunto de significados girando em torno do *Eldorado* “(...) evoca também um mito amazônico: o da Cidade Encantada”.<sup>447</sup>

O evento descrito nas linhas acima chama a atenção para as escolhas que Milton Hatoum fez, relacionadas à criação da referida novela. Traz à baila a historiografia almejando a compreensão de representações inclusas ao mito viajante da Cidade Encantada. A história que havia chegado aos ouvidos do escritor, quando jovem, já estava colocada desde os relatos dos cronistas do século XVI, como, por exemplo, Altamirano e Acuña.<sup>448</sup> No referido *Posfácio* da novela *Órfãos do Eldorado*, Hatoum afirma que:

Anos depois, ao ler os relatos de conquistadores e viajantes europeus sobre a Amazônia, percebi que o mito do Eldorado era uma das versões ou variações possíveis da Cidade Encantada, que, na Amazônia, é referida também como uma lenda. Mitos que fazem parte da cultura indo-europeia, mas, também da ameríndia e de muitas outras. Porque os mitos, assim como as culturas, viajam e estão entrelaçados. Permanecem à História e à memória coletiva.<sup>449</sup>

Mito que atravessou mares, transcorrendo culturas. No século, mencionado pelo escritor, a Amazônia tornou-se palco do imaginário europeu, pois sofreu transculturação a partir do contato com o imaginário dos grupos humanos que aqui habitavam. Nesse contexto o mito do *Eldorado* sofreu modificações. Tudo parece ter iniciado com a crença do “*Príncipe Dourado*”, um homem vestido de ouro, mais tarde simulado como um reino, uma região. *Manoa* era sua capital, às margens de um lago salgado. No mesmo século, *Eldorado* é transportado para diversas regiões: Nova Granada, Venezuela, Rio Amazonas, onde se encontrava a etnia Omágua.<sup>450</sup>

Verificando tais eventos constata-se que as *idades encantadas* são herdeiras de mitos viajantes, que refluem valores e concepções alienígenas inscrevendo-se na diversidade das culturas locais. Como deixa posto, o literato, em sua novela: durante o século XVI os colonizadores “buscavam o ouro do Novo Mundo numa cidade submersa chamada Manoa. Essa era a verdadeira cidade encantada”.<sup>451</sup> Este fragmento é, decerto um indício para conjecturar que o escritor amazonense, provavelmente, além de fazer passeios pelos bosques da literatura,

<sup>446</sup> HATOUM, 2008, p. 30.

<sup>447</sup> HATOUM, 2008, p. 105 – do *Posfácio*.

<sup>448</sup> UGARTE, Auxiliomar Silva. “Margens Míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do Século XVI”. In.: DEL PRIORE, Mary, GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Os senhores dos rios*. – Rio de Janeiro : Elsevier, 2003.

<sup>449</sup> HATOUM, 2008, p. 106.

<sup>450</sup> UGARTE, Auxiliomar Silva. “Margens Míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do Século XVI”. In.: DEL PRIORE, Mary, GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Os senhores dos rios*. – Rio de Janeiro : Elsevier, 2003.

<sup>451</sup> HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. Companhia da Letras : São Paulo, 2008. p. 99.

também os fez pelos da historiografia atualizada, aquela inscrita no campo da história cultural, do imaginário, das representações e das mentalidades. Ora, os recentes estudos acerca dos registros deixados pelos cronistas destacam o processo da construção e, conseqüentemente, permanência de uma mentalidade acerca da concepção da *cidade encantada*, como se pode constatar no trecho adiante:

Essa expedição [Jornada de Omagua y Dorado (1560-1561)] originou-se, como as demais, nas histórias de fantásticas riquezas existentes nos territórios do leste dos Andes. Depois da viagem que Orellana comandou em 1542, os espanhóis retornaram seu interesse pelas regiões ainda não conquistadas do interior sul-americano. É possível que muitas das notícias, que os tupi deram aos espanhóis fossem interpretadas como referentes aos ‘ricos países’, por onde aqueles índios passaram, antes de encontrar o Peru. Ao antigo mito de El Dorado vinha, agora, juntar-se o do Reino de Omagua; o primeiro, anterior a expedição de Gonzalo Pizarro, e, portanto, à de Orallana; o segundo como consequência desta, uma vez que não somente Orellana, mas também seus companheiros de viagem, inclusive Carvajal, deram vazão à história de sua aventura no Rio das Amazonas, que se espalhou na América, principalmente no Peru.<sup>452</sup>

Assim, desde a expedição de Orellana, como está posto na fonte supra, *Eldorado* é constante. Mais, significativo: fomenta as expedições ocorridas durante os séculos XVI e XVII à Amazônia, por sinal, a referida cidade encantada se insere nesse processo de dominação dos países europeus sobre a região, um estímulo a mais no processo de ocupação visando a conquista. O fragmento também elucida a continuação de um imaginário que, a cada expedição, era fortalecido. É visível aí a peculiaridade complexa do viajante: moderno, porque pisando em um determinado chão histórico, porém, medieval porque intrinsecamente laçado pela leitura fantástica do mundo. Ademais, estando no âmbito da estrutura do imaginário, as representações fantásticas não atravessaram somente oceanos e mares: perpassaram temporalidades. Testemunho disto é, como foi dito, a tenacidade do mito ao qual o historiador se reporta.

Nessa perspectiva, é provável também que Hatoum tenha verificado as representações do *Eldorado* por meio do imaginário material, produzido no século XVI, mais precisamente os mapas dessa época. Por exemplo, o de Jodocus Hondius<sup>453</sup>, cartógrafo da viagem de Sir Walter Raleigh:

---

<sup>452</sup> UGARTE, op. cit., p. 20.

<sup>453</sup> Nascido em Flandres, porém cresce na cidade de Ghent, onde aprende a gravação de mapas. Em 1584, perseguições religiosas motivam sua fuga para Londres, onde constrói uma rede de relações com geógrafos, cientistas e exploradores. Por volta de 1593, retorna para Amsterdã, torna-se impressor e comerciante de mapas. Quando morre, em 1612, já havia se legitimado como cartógrafo, principalmente, por ter feito aperfeiçoamentos no “Atlas” de Gerard Mercator. (<http://www.cartografiahistorica.usp.br>).



**Figura 12:** HONDIUS, Jodocus. Nieuwe caerte van het Wonderbaer ende Gondrjcke Landt Guiana [1598] (Mapa gravado a cores, ornamentado, tamanho original 36,5 x 52cm. Localização: Biblioteca Nacional (Brasil) – Cartografia. ARC.030,02,032

Sir Walter Raleigh era um fidalgo inglês, comandou a mais famosa expedição, ocorrida no século XVI à Amazônia. Através da publicação de seu *A descoberta do grande, rico e belo Império da Guiana, com uma relação da grande e dourada cidade de Manoa, a qual os espanhóis chamam de El Dorado*, talvez o relato mais eficaz no que diz respeito à propagação do mito do Eldorado, visto que sua difusão parte da Inglaterra, portanto, fora, do epicentro europeu (Espanha e Portugal) à época, o viajante afirmou que no norte do rio Amazonas existia o império guiano, sua capital era *Manoa*, esta destacava pela grandiosidade material e geográfica, superando qualquer cidade do mundo naquele contexto.<sup>454</sup>

No mapa supra é possível localizar o *lago Manoa* e o *Eldorado*, próximos ao Rio das Amazonas. Nessa medida, Hatoum e os historiadores que pesquisam sobre o referido mito demonstram que esse imaginário mental se consolidou num processo de constante ressignificação, plurilinguismo e dialogismo entre culturas. Nesse sentido, os indícios deixados pelos cronistas do século XVI revelam a viagem e a transculturação do mito da cidade

<sup>454</sup> UGARTE, Auxiliomar Silva. “Margens Míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do Século XVI”. In.: DEL PRIORE, Mary, GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Os senhores dos rios*. – Rio de Janeiro : Elsevier, 2003, p. 27 e 28.

encantada. Mito, que ao cabo de muitos séculos, tornou-se parte da memória coletiva dos grupos humanos que habitaram e habitam as cidades da Amazônia. Portanto, a leitura cuidadosa da novela aqui usada como fonte é um campo de possibilidades para se “ouvir a voz por trás do texto, (...)”.<sup>455</sup>

Com efeito, o literato amazonense utiliza esta oralidade, por exemplo, quando se reporta ao conjunto de crenças e manifestações religiosas que inundam o imaginário das populações locais, conforme investigo linhas abaixo. Esta peculiaridade abre fendas para examinar a relação dialógica da narrativa de Hatoum com os domínios da Antropologia e da História. Nessa perspectiva, a narrativa apresenta veredas relacionadas às peculiaridades dos registros etnográficos. Desta forma, a novela *Órfãos do Eldorado* suscita um “trabalho de campo” revelador das práticas e representações que giram em torno das crenças norteadoras das culturas populares existentes na Amazônia. A fé em um mundo melhor, sem sofrimento, sem desgraça existente na região. Uma “cidade sem mal” herdeira da cultura tupinambá é constante na referida literatura de ficção, como procurarei abordar linhas mais abaixo.

Voltando aquela fonte de história que eu utilizava anteriormente, verifiquei que nos seus *Agradecimentos*, Hatoum afirma:

Embora esta ficção não se refira diretamente aos índios ou à cultura indígena, a leitura do ensaio *A inconstância da alma selvagem*, de Eduardo Viveiros de Castro, foi importante para a compreensão dos Tupinambá da Amazônia e para refletir sobre este romance.<sup>456</sup>

Por sinal, como já foi elucidado antes, em suas obras, Hatoum reconstitui o imaginário indígena, materializado em suas personagens, quase sempre femininas: Domingas e Dinaura, por exemplo, para citar somente as obras *Dois Irmãos* e *Órfãos do Eldorado*. Paralelo a isto, relatos sobre mitos indígenas. Alguns, extremamente eróticos. Vejam este trecho:

Lembro também da história de uma mulher que foi seduzida por uma anta-macho. O marido dela matou a anta, cortou e pendurou o pênis do animal na porta da maloca. Aí a mulher cobriu o pênis com barro até ficar seco e duro; depois dizia palavras carinhosas para o bichinho e brincava com ele. Então o marido esfregou muita pimenta no pau de barro e se escondeu para ver a mulher lambe o bicho e sentar em cima dele. Diz que ela pulava e gritava de tanta dor, e que a língua e o corpo queimavam que nem fogo. Aí o jeito foi mergulhar no rio e virar um sapo. E o marido foi morar na beira da água, triste e arrependido, pedindo que a mulher voltasse para ele.<sup>457</sup>

<sup>455</sup> OBELKEVICH, James. “Provérbios e história social”. In.: BURKE, Peter e POTEER, Roy (orgs.). *História social da linguagem*; tradução Álvaro Attnher. – São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1997, p. 43.

<sup>456</sup> HATOUM, Milton. “Agradecimentos”. In.: *Órfãos do Eldorado*. Companhia da Letras : São Paulo, 2008, p. 107 – afirma “romance”, mas na verdade, como ele mesmo deixa claro no evento referido anteriormente trata-se de uma novela.

<sup>457</sup> HATOUM, 2008, p. 12.

Aqui é patente a influência das anotações etnográficas e etnológicas sobre mitos eróticos, como o escritor afirma nos seus *Agradecimentos*: “usei livremente algumas poucas narrativas indígenas e passagens dos livros de Betty Mindlin, Candace Slater e Robin M. Wright sobre mitos da Amazônia brasileira”.<sup>458</sup> Slater, pesquisando acerca do processo e desencanto da imaginação amazônica, no contexto da festa do boto (um encantado), lança mão da oralidade de um homem de 57 anos, residente no interior da cidade de Parintins: “Acho que o Encante é como outro planeta. Pois o santo tem milagre, mas o encanto tem mistério”.<sup>459</sup> Mindlin, por sinal, reúne significativas histórias, “girando sempre em torno do tema do amor, são representadas segundo os povos dos narradores: Macurap, Tupari, Ajuru, Jabuti, Arikapu e Aruaá, todos de Rondônia. São seis povos que falam línguas diferentes e tem tradições distintas”.<sup>460</sup> No referido livro a antropóloga afirma:

Pequenas sociedades das aldeias da mata brasileira nos dão um bom material para quebrar a cabeça nessa direção. *As histórias são surpreendentes, modernas, e poderiam ser o núcleo de romances contemporâneos. Algumas, inclusive, poderiam ser escolhidas como símbolos, exemplares do drama amoroso.* Velhos temas: a sedução; a relação mãe-filha, de competição ou solidariedade; a solidão erótica; a voracidade; o sonho do amor aventureiro, para não dizer romântico; *a mulher ou o homem encantados, encontrados no meio da floresta ou no fundo das águas*; o incesto, o amor criminoso; os amantes que se opõem e se matam; a viuvez e a figura do morto; a violência e a vingança; e assim por diante.<sup>461</sup>

A propósito, os grifos são meus. Estes corroboram o testemunho de Hatoum no que diz respeito a utilização de relatos orais colhidos de histórias compiladas por determinados antropólogos brasileiros e estrangeiros, estudiosos das culturas indígenas viventes na Amazônia, posto que se analisada a fundo, é provável que aquela pequena história mitológica criada por Hatoum, citada anteriormente, tenha sido adaptada do livro *Moqueca de Maridos...*, da antropóloga Betty Mindlin. Desta reunião de narrativas orais, Hatoum pode ter usado os mitos eróticos “A mulher do anta”<sup>462</sup>, “O sapo, Tororõ”<sup>463</sup> e “O pinguêlo de barro”<sup>464</sup>, pois, reafirmo, destes, há ecos no relato, qual citei, elaborado pelo escritor amazonense.

De volta ao tema da cultura tupinambá, conjecturo que Hatoum utilizou aspectos relacionados à crença propalada pelos *caraibas* – xamãs profetas – acerca da busca da *terra-*

<sup>458</sup> HATOUM, 2008, p. 107.

<sup>459</sup> SLATER, Candace. “O boto como encantado”. In: \_\_\_\_\_. *A festa do boto: transformação e desencanto na imaginação amazônica*; tradução Astrid Figueiredo. – Rio de Janeiro: Funarte, 2001, p. 203. A fala transcrita é utilizada como epígrafe do sexto capítulo da referida obra.

<sup>460</sup> MINDLIN, Betty e narradores indígenas. *Moqueca de maridos: mitos eróticos*. – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p.18.

<sup>461</sup> Idem, p. 17-18.

<sup>462</sup> Idem, p. 79 a 81.

<sup>463</sup> Idem, 157 a 158.

<sup>464</sup> Idem, 130.

*sem-mal*. Crença que, conforme especialistas, pode ter relação com outra peculiaridade dos Tupinambá: o processo migratório. Percorrendo às pesquisas históricas e etnohistóricas percebe-se pontos de vista divergentes quanto a esta peculiaridade da referida etnia. Alguns afirmam que o movimento de busca da terra-sem-mal é contemporâneo ao processo de ocupação do Novo Mundo pelas populações europeias, outros, divergem afirmando que a migração faz parte de uma permanência que viria de alhures. Diante disso, observa-se que, paralelo a essa espécie de procura do paraíso na Terra, esse mote migratório pode ter relação à demanda de conflitos com os colonizadores. É consenso na narrativa de cronistas navegadores do rio Amazonas: primeiro, o ponto de partida dos Tupinambá, isto é, a costa oriental daquilo que viria a ser o Brasil; segundo, os indígenas estariam fugindo da opressão europeia. Constatação corroborada pelas fontes escritas, pois “no início do século XVII, os cronistas encontraram os Tupinambá no Maranhão, no Pará e na ilha de Tupinambarana, médio Amazonas.”.<sup>465</sup>

A cultura Tupinambá, por sinal, foi responsável pela organização de *santidades indígenas*, primeiro movimento, significativo, de refutação do processo civilizatório imposto pelo sistema colonial na América portuguesa. Apropriando-se de traços do cristianismo os caraíbas articularam levas de indígenas, migrantes em fuga de uma *terra dos males sem fim* – trazidos pela escravidão e doenças europeias - à busca da *terra-sem-mal* – Paraíso presente no imaginário religioso dos Tupinambá.<sup>466</sup> Ademais, “(...) os karaiba mostraram-se, em diversas ocasiões, opositores ferrenhos dos padres, não poucos destes personagens apropriaram-se do discurso cristão, desafiadora ou oportunisticamente”.<sup>467</sup>

Esse processo migratório iria trazer os indígenas até a cidade de Parintins,<sup>468</sup> “ quando fugindo às perseguições, que sofreram no Peru, voltavam a ocupar, a região de onde haviam saído e que tinha o nome de Maracá”.<sup>469</sup> Seja dito de passagem, com o memorialista aí citado: os Tupinambá saíram da ilha Tupinambarana já no séc. XVIII e fixaram-se nos seus arredores, mais precisamente às margens do rio Uaicurapá.<sup>470</sup> Durante as explorações do rio Amazonas se

<sup>465</sup> FAUSTO, Carlos. “Fragmentos de História e Cultura Tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico”. In.: Cunha, Manuela Carneiro (org.) *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 2006, p. 383.

<sup>466</sup> VAINFAS, Ronaldo. “Santidades ameríndias”. In.: *A heresia dos índios: cotidiano e rebeldia no Brasil colonial*. – São Paulo : Companhia das Letras, 1995, p.p. 46-50.

<sup>467</sup> VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios antropológicos*. São Paulo: Cosac Naify, 2002, p. 211.

<sup>468</sup> Cidade localizada no Baixo rio Amazonas.

<sup>469</sup> BITTENCOURT, Antônio C. R. *Memória do município de Parintins: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material*. Manaus: Edições, Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001, p. 13.

<sup>470</sup> Há alguns quilômetros da Ilha de Parintins.

verificou a existência de ilhas à margem direita do referido rio. Nesse contexto, a ilha habitada pela etnia Tupinambá receberia a denominação de Tupinambarana. Ainda, conforme as conclusões de Bittencourt, os Tupinambá, chegados do território sul da América portuguesa, temendo a escravidão, se estabeleceram na atual cidade de Parintins. Porém, a expansão do processo lusófono, de ocupação e exploração da Amazônia, induziu a saída da referida etnia da ilha Tupinambarana, pois temiam a escravidão.

O historiador Arthur Cesar Ferreira Reis também é contundente:

Tupinambarana – o núcleo instalado na ilha desse nome, em 1796, foi organizado pelo capitão de milícias José Pedro Cordovil[...].<sup>471</sup> Cordovil operou, inicialmente, com os Maués e Sapupés, a que em 1798 vieram incorporar-se os Paravianas e os Uapixanas. Participantes de uma rebelião que ensanguentou as praias do Rio Branco, vencidas, aquelas tribos indígenas foram distribuídas por vários sítios da Capitania, numa dispersão que valia como medida punitiva. O grupo de Tupinambarana, era um dos castigados.<sup>472</sup>

Por sinal, estes registros, de certa forma, podem ser relacionados com os estudos do etnohistoriador Carlos Fausto, mencionado anteriormente, visto que suscite o peculiar movimento migratória da etnia Tupinambá: elucida tensões, choque de culturas, no bojo do processo de colonização. Nessa esteira, na segunda edição do livro *Clarões de Fé no Médio Amazonas*, Dom Arcângelo Cércua, outro pesquisador diletante, compromissado com a trajetória da missão católica no Médio rio Amazonas, também faz menção a etnia Tupinambá:

Mas que índios eram esses antigos moradores de Parintins e seu território? Na opinião de Maurício Henriarte (DESCRIPÇÃO DO MARANHÃO, p. 162/225), os primeiros moradores foram os índios ARATU, APOCUITARA, YARA, GOGUI, CURIATÓS. Num segundo tempo estes foram subjugados pelos TUPINAMBÁS, que vinham da faixa atlântica do Brasil, fugindo da conquista dos portugueses. O movimento migratório dos Tupis em 1600 tornou-se um verdadeiro êxodo. Entretanto, parece que os Tupis de nossa região vieram em boa parte pelo Madeira e pelo Centro. Gostaram da ilha, conquistaram seus naturais e os avassalaram. Depois com o tempo houve a fusão por meio dos casamentos. Mas segundo Acunã, eles exterminaram muitos moradores e continuaram a tratar os restantes em caráter senhorial, apesar do intercasamento.<sup>473</sup>

Observando a citação supra, relativa à digressão feita acima sobre a etnia Tupinambá, cabe a provocação: seria Parintins a “terra sem mal” dos Tupinambá? Apesar de ser perigoso afirmar, no plano histórico, que Parintins foi a cidade encantada dos Tupinambás, pode-se

---

<sup>471</sup> Esta evidência histórica, a menção ao sobrenome Cordovil, entretece a narrativa histórica à narrativa literária inscrita na novela *Órfãos do Eldorado*, visto que seu personagem principal também recebe o mesmo sobrenome. No terceiro capítulo observo essa relação dialógica: o Cordovil inscrito nas fontes, documentos oficiais, históricos e o Cordovil, transfigurado através da literatura de Milton Hatoum.

<sup>472</sup> REIS, Arthur César Ferreira. *As origens de Parintins*. – Manaus : Editado pelo Governo do Estado do Amazonas. – Secretaria de Imprensa e Divulgação. – Palácio Rio Negro, 1967, p. 9.

<sup>473</sup> CERQUA, Dom Arcângelo (bispo prelado de Parintins). *Clarões de fé no Médio Amazonas*. (A prelazia de Parintins no seu jubileu de prata). Manas : Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980, p. 12-13.



conjecturar: é bem possível que as referências que utilizei para verificar o processo de migração dos Tupinambá até Parintins ou, até mesmo outras com o mesmo tipo de abordagem, podem ter sido consultadas pelo escritor Milton Hatoum, tornando-se, assim, matrizes intelectuais e imagéticas, as quais, contribuíram, e muito, com a escrita criativa de Hatoum.

Conjecturo porque, para o narrador de Hatoum, a *cidade encantada* era:

uma cidade que brilhava de tanto ouro e luz, com ruas e praças bonitas. A Cidade Encantada era uma lenda antiga, a mesma que eu tinha escutado na infância. Surgia na mente de quase todo mundo, como se a felicidade e a justiça estivessem escondidas num lugar encantado. Ulisses Tupi queria que eu conversasse com um pajé: o espírito dele podia ir até o fundo das águas para quebrar o encanto e trazer Dinaura para o nosso mundo. Sugeri que eu fosse atrás de dom Antelmo, o grande curandeiro xamã de Maués. Ele conhecia os segredos do fundo do rio e podia conversar com Uiara, chefe de todos os encantados que viviam na cidade submersa.<sup>474</sup>

Nessa narrativa percebe-se, por um lado, certa busca de um tempo perdido. Tempo imaginário presente na memória coletiva dos habitantes da Amazônia. Por outro, a feição das crenças nos *encantados*, a partir do imaginário das populações que habitam a região. E nesta para aquilo que os antropólogos, como Heraldo Maués anotam e categorizam como *pajelança indígena*. Assim, vejo nas linhas subsequentes a representação dos encantados.

De acordo com os estudos mais recentes a *pajelança indígena* é fruto e produto de crenças ancestrais dos Tupinambá, a qual se apropria, primeiramente, dos dogmas católicos e, posteriormente, do conjunto de crenças e lendas portuguesas. Mais tarde sofre influência das religiões africanas (mina, umbanda, candomblé) e do espiritismo kardecista europeu. Portanto, a *pajelança indígena* assume uma peculiaridade sincrética, pois, paralelo à apropriação de elementos de culturas externas, também acaba por influenciar as religiões com as quais manteve contato ao longo de sua trajetória histórica.<sup>475</sup> Por outro lado, a figura do curandeiro xamã é um indício para outra prática e representação da pajelança, isto é, a *pajelança cabocla ou rural*. Dito corretamente,

uma forma de xamanismo, já que seu principal oficiante, o pajé curador, mantém um contato íntimo com as entidades sobrenaturais (os caraúnas), que se apoderam de seu corpo, incorporando-se nele, durante as sessões públicas ou privadas, na maior parte dos casos destinados à cura de doentes.<sup>476</sup>

---

<sup>474</sup> HATOUM, 2008, p. 64.

<sup>475</sup> MAUÉS, Raymundo Heraldo & VILLACORTA, Gisela Macambira. "Pajelança e Encantaria Amazônica". In.: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*; textos de André Ricardo de Souza et al. – Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

<sup>476</sup> Idem, p. 49.

A *pajelança cabocla* se motiva na crença dos encantados. Seres invisíveis que habitam o *encante*: morada subterrânea ou aquática das referidas entidades. Os registros etnográficos, dos mencionados antropólogos, a partir de trabalho de campo em regiões amazônicas anotam três formas de encantados: os *bichos do fundo*<sup>477</sup>, os *oiaras*<sup>478</sup> e os *caruanas*.<sup>479</sup> Na trama elaborada por Milton Hatoum, como se percebe em fragmentos supracitados, Dinaura, indígena a qual Arminto Cordovil apaixonou-se, desaparece ao ponto de todos afirmarem que ela foi levada para morar no *encante*: a cidade localizada no fundo do rio. Apelo uma vez mais à narrativa de Hatoum para demonstrar o imaginário balizado no conjunto de crenças amazônicas, os quais envolvem a personagem narrador da novela de Hatoum: “No porto de Vila Bela, alguém espalhou que a órfã era uma cobra sucuri que ia me devorar e depois me arrastar para uma cidade no fundo do rio. E que eu devia quebrar o encanto antes de ser transformado numa criatura diabólica”<sup>480</sup>, assente Arminto Cordovil, no plano do enunciado da novela em estudo.

Esse registro etnográfico me faz lembrar a famosa lenda da Cobra Norato. Recorrendo aos registros do Vale Amazônico encontra-se uma narrativa corroborando que ao banhar-se nas águas entre os rios Amazonas e Trombetas uma mulher engravidou. Mais tarde dá à luz a gêmeos, feitos serpentes escuras. A memória coletiva as conhece como Maria Caninana e Honorato. Como eram bichos anfíbios, logo a mãe as joga no paraná do Cachoeri. Honorato, de temperamento bondoso, às vezes fazia visitas à mãe. À noite transformava-se num moço bonito, sempre vestido de branco, aproveita as festas para dançar e enamorar moças. Já Caninana, de natureza violenta, torna-se temida por navegadores e pescadores, famosa por alagar embarcações e matar os naufragos. Em meio a uma relação conflituosa, Honorato mata Caninana. Na cidade de Cameté, Honorato, faz amizade com um soldado, revela seu encanto e pede para ele ajudar-lhe a se desencantar. Assim o soldado fez: colocou dois pingos de leite na boca da cobra e deu uma cutilada com ferro virgem na cabeça da serpente escura. Feito isto, Honorato e seu amigo soldado queimaram a pele da cobra que durante os dias tomava o corpo do encantado.<sup>481</sup>

Ainda nessa perspectiva antropológica relativa ao “trabalho de campo” é mister verificar a significativa contribuição da memória coletiva, pois que convergem com determinadas

<sup>477</sup> Aquáticos, se manifestam na forma de jacarés, cobras, peixes e botos.

<sup>478</sup> Terrestres tomam a forma humana para persuadir as pessoas e levarem para o fundo dos rios.

<sup>479</sup> Incorporam nas pessoas que “se agradam” ou naquelas quem tem o “dom” e, principalmente, nos próprios pajés (xamãs), tomando seus corpos para praticarem o bem e curarem os doentes.

<sup>480</sup> HATOUM, 2008, p. 35.

<sup>481</sup> PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. *Cultura e Ontologia no mito da cobra encantada*. Manaus : Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2012, p. 53.

lembranças fantásticas, inscritas na estrutura mental dos habitantes da cidade de Parintins, por exemplo. Ouvindo tais oralidades, é possível conjecturar que Milton Hatoum também tenha passeado pelos bosques da memória dos atuais habitantes da antiga Vila Bela, Ilha de Tupinambarana: “Parintins, eu pesquisei muito. Eu fui à Parintins várias vezes, eu fiquei lá. Eu encontrei o nome da personagem nas ruas de Parintins, a Dinaura. O nome que eu precisava e não encontrava [...]”.<sup>482</sup> Ora, no conjunto de crenças amazônicas são os bichos, também encantados, que levam para o fundo das águas os seres humanos. Somente o espírito de um pajé pode viajar até o *encante* para assim, libertá-los do encantamento. Inclusive sobre as constantes recorrências a um pajé, que residia distante da cidade, a qual era solicitado para tirar os feitiços, “principalmente àqueles envolvendo a figura de botos e cobras”<sup>483</sup> denominado “‘sacaca’: mais conhecido da cidade (o termo se refere ao tipo mais poderoso de pajé, do qual se diz poder viajar de corpo e alma até o fundo do rio)”.<sup>484</sup> Assim, convido as pessoas leitoras a ouvir a voz da senhora Terezinha (codinome “Teca”), na perspectiva de “incorporar sua subjetividade, sua imaginação, sua arte verbal, no mesmo tecido de um texto dialógico no qual a voz do historiador é somente uma das vozes, e não necessariamente a mais autorizada”<sup>485</sup>:

Arcângelo: As pessoas lembram muito de histórias de encantamento acontecidas com habitantes de Parintins, a senhora pode relatar alguma?

Terezinha: Uma família que morava no Parananema<sup>486</sup>, e isso já faz muitos anos... não posso nem me lembrar em que ano mais. Então, uma das famílias desse senhor, (ele contava pra minha irmã, que era a mais velha, e que hoje já não existe mais), que ela - a filha - tomando banho pisou numa coisa de cabeça furada. Depois disso, ela não podia mais andar só pela rua, porque no interior as pessoas andam assim pela... pra ir pra casa dos vizinhos, pelo mato e passam pelo mato, campo e ela sempre tinha um homem que acompanhava ela. Então ela tinha medo de andar só, porque aquele homem não deixava ela, sempre as pessoas que iam com ela nunca viam aquele vulto, só ela que enxergava. Bem, depois ... não se incomodaram. Foi crescendo. Casou lá com um senhor. Depois de casada ela começou a ficar... doida. Doida de cair n'água porque contava que ela tinha um namorado por nome Primião que era um boto. Aí o

<sup>482</sup> HATOUM, Milton. Fragmento de depoimento gravado em Manaus, na tarde de 06 de dezembro de 2019, sexta-feira. no auditório da Escola Superior de Tecnologia (EST) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), quando o escritor fez palestra de lançamento de seu romance *Pontos de Fuga*. Na oportunidade, fiz indagações sobre o processo de pesquisa e elaboração da novela *Órfãos do Eldorado*. Portanto, o entrecho utilizado acima é relativo à resposta acerca da pergunta sobre as imagens da cidade de Parintins inscritas na referida novela.

<sup>483</sup> Teresinha de Jesus da Silva Ferreira, é dona de casa, nascida em 03 de março de 1933. A entrevista a mim concedida, ocorreu em setembro de 2013, no jardim de sua residência à Rua Amazonas, 1616, centro da cidade de Parintins. Vale deixar registrado que a referida senhora é minha querida mãe. A quem, também, dedico essa pesquisa.

<sup>484</sup> SATER, Candace. *A festa do boto: transformação e desencanto na imaginação amazônica*. tradução de Astrid Figueiredo. Rio de Janeiro: Funarte, 2001, p. 216.

<sup>485</sup> PORTELLI, Alessandro. “A entrevista de história oral e suas representações literárias”. In.: *Ensaio de história oral*. Seleção e tradução de Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz. 2010, p. 2016.

<sup>486</sup> Comunidade (localizada na periferia de Parintins) na qual a senhora Terezinha passou sua infância e parte da juventude. Ganhou esse nome por esta localizada na margem do rio Parananema, um dos afluentes do Rio Amazonas.

marido dela prendia ela na casa pra ela não sair, que quando ela saia ela se jogava n'água mesmo. Era preciso chamar os vizinhos para ajudar... Aí eles trancavam ela na casa, era assim, de taipa. Ela subia ia abrir a palha lá em cima pra enxergar o Primião, no rio, a casa deles era na beira do rio... Só o que eu sei dessa história, depois o marido dela vendeu o terreno pra vir pra cidade pra ela poder ficar boa. Ela ficou muito, muito doida. Só isso que sei.<sup>487</sup>

As lembranças da senhora Terezinha testemunham um imaginário também viajante, posto que, a oralidade perpassa gerações: a história do “boto Primião” é aqui recuperada do relato de sua irmã mais velha e interpretada com densidade na simplicidade da narrativa desta senhora de 80 anos. Mesmo que finalize dizendo que suas lembranças são incipientes e fraturadas sobre o ocorrido a qual relata, as evidências abstraídas nesta fala suscitam sedimentos históricos inscritos no bojo da cultura de determinada cultura popular. Lias que compõe o imaginário mental de grupos humanos, moradores dos ecossistemas de várzea. No relato, há uma imagem do rio. Dádioso de histórias que costuram a sociabilidade em redes de representações, crenças, delineadas na dispersão da memória. Fecunda memória. A subjetividade desse relato está nos significados que a senhora Terezinha abstrai do fato, do qual ela não precisou. Porém, está convicta que tenha ocorrido. No chão dessa temporalidade, o encantamento do boto parece ser um dos motes dos enredos que moveram e continuam movendo a história dos sujeitos, vividos e viventes nos ecossistemas de várzea. É, portanto, essa “cidade anfíbia”<sup>488</sup> que provém oralidades, fluidas de memórias, as quais Milton Hatoum, possivelmente também tenha se apropriado.

Ora, se as pessoas leitoras novamente recorrerem a citação que faz menção relativa à crença do encantamento da personagem de Hatoum, vê-se que nesse imaginário transculturado pelo escritor amazonense, para os habitantes de Vila Bela, Dinaura assume peculiaridades da cobra Caninana. Contudo, averiguando a novela em estudo, no tempo do enunciado a personagem Arminto Cordovil “escutava a voz de Dinaura nos sonhos. Uma voz mansa e um pouco cantada, que falava de um mundo melhor no fundo do rio.”<sup>489</sup> Canto que lhe persuadiu a seguir um caminho contrário aquele abraçado por seus ancestrais. Ou seja, buscar, no mapa, na trajetória de sua trágica existência, Dinaura. A índia que preferiu migrar para Eldorado. Assim:

<sup>487</sup> FERREIRA, Arcângelo da Silva; OLIVEIRA, Patrícia de Souza. “Mito, Memória e História: nos caminhos de Órfãos do Eldorado”. In.: FERREIRA, Arcângelo da Silva [et.al.]. *Pensar, fazer e ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas*. – Manaus (AM): UEA Edições; Valer, 2015, p.173. - Fragmento do depoimento da Senhora Terezinha de Jesus da Silva Ferreira, concedido em sua residência, na cidade de Parintins, no dia 22 de setembro de 2013. O trecho consta na referida página do livro indicado.

<sup>488</sup> Este imaginário do urbano: Parintins como “cidade anfíbia”, inscrito em *Órfãos do Eldorado*, ganhara um tópico no terceiro capítulo desta tese.

<sup>489</sup> HATOUM, 2008, p. 41.

Por vingança e por *prazer pueril* eu tinha jogado fora uma fortuna. E olha só: não me arrependo.  
Mostrei o mapa a um prático experiente e disse a ele que procurava um povoado na Ilha de Eldorado.<sup>490</sup>

Diz Arminto, motivado por sua convicção.

Não sem sentido, esse trecho que traz a lume esta significativa peculiaridade do personagem narrador de *Órfãos do Eldorado*, me utilizei de grifos. Eles servem para argumentar uma vez mais que a investigação proposta aqui procura, de certa forma, analisar a referida novela, almejando acompanhar como Milton Hatoum lançou mão do mito viajante da cidade encantada, pois, uma vez mais lembrando das reflexões de Paul Vayne, o mito tem o valor de entrelaçar verdade e ficção, imaginação e realidade. Assim, na fronteira entre verossimilhança/memória/história Hatoum traz à baila a complexidade do mito: sua natureza ambígua, essencialmente. Nessa medida, em *Órfãos do Eldorado*, o referido literato, constrói um personagem, Arminto Cordovil, paradoxal a trajetória de seus ancestrais, estes guardiões de um tempo monolítico, amalgamado por efemérides.

Seu protagonista, prefere seguir outro fluxo: uma epopeia às avessas. Na insistente busca de seu “paraíso perdido”. Representado na narrativa de uma *cidade encantada*. Encante onde habitava Dinaura, descrita por Florita (outra personagem feminina, indígena, significativa à narrativa em estudo) como “(...) uma dessas loucas que sonhavam em viver no fundo do rio.”<sup>491</sup> É óbvio conjecturar que as narrativas mitológicas representam matrizes imaginárias para a criação dessas narrativas literárias elucidadas nas linhas acima. Herdeiras que são das trajetórias históricas de seus ancestrais. Inclusive, uma representação disso, aparece quando Arminto começa a contar sua história. Pois a novela inicia com a lembrança de sua infância, quando Domingas traduziu a fala de “uma índia, uma das tapuias da cidade, falava e apontava o rio”<sup>492</sup>:

Dizia que tinha se afastado do marido porque ele vivia caçando e andando por aí, deixando-a sozinha na Aldeia. Até o dia em que foi atraída por um ser encantado. Agora ia morar com o amante, lá no fundo das águas. Queria viver num mundo melhor, sem tanto sofrimento, desgracia.<sup>493</sup>

Portanto, as matrizes imagéticas e intelectuais relativas aos mitos amazônicos, são essenciais para a estrutura da narrativa da novela de Milton Hatoum. Paralelo as matrizes relativas aos mitos da região Amazônica, estes que também tem uma estrutura balizada em

---

<sup>490</sup> HATOUM, 2008, p. 101.

<sup>491</sup> HATOUM, 2008, p. 31.

<sup>492</sup> HATAOUM, 2008, p. 11.

<sup>493</sup> HATOUM, 2008, p. 11.

mitos universais<sup>494</sup>, Milton Hatoum busca imagens da literatura também universal. Nessa medida, conjecturo que Hatoum parte de uma imagem, retirada de uma obra clássica para tecer, através de seu imaginário, a trajetória histórica de Arminto Cordovil, este que na busca de seu amor, se viu *perdido em uma floresta escura*, enigmática como o encanto; labiríntica, como o emaranhado dos rios amazônicos. A imagem, que segundo minha hipótese, serve de matriz para o escritor amazonense, reproduzo adiante:

A meio caminhar de nossa vida  
fui me encontrar em uma selva escura:  
estava a reta minha via perdida.<sup>495</sup>

É Dante Alighieri nos versos iniciais do “Inferno”, primeiro livro de *A Divina Comédia*. A riqueza crítica sabe: esta obra se trata de uma epopeia clássica. No tempo de seu enunciado, em linhas gerais, representa a busca do herói (Dante), que contando com a ajuda de um poeta romano, Virgílio, inicia uma conturbada trajetória em busca de sua amada: Beatriz. Ora, essa representação me fez ponderar que o narrador de Hatoum, Arminto Cordovil, parece viver experiências semelhantes ao eu lírico de “Inferno”. Ambos narram suas ações e feitos memoráveis, lendários, mas também históricos, os quais alegoricamente estão relacionados a uma determinada coletividade. A diferença é que a epopeia de Arminto Cordovil comporta uma peculiaridade: trata-se de uma narrativa à contrapelo, pois a personagem de Hatoum, a propósito das intenções do autor-criador, é um anti-herói, como procurei evidenciar neste segmento. Para corroborar meus argumentos, reproduzo imagens relativas à peculiaridade da epopeia às avessas de Arminto Cordovil, desenhada, na escrita criativa do escritor amazonense:

*Ulisses Tupi* me levou para lá. Era uma freguesia depois da boca do Espírito Santo. Na praia do Arari, *Ulisses* amarrou o cabo da lancha no tronco de uma árvore. Uma fileira de canoas velhas, apoiadas em forquilhas cravadas na areia. Ninguém na porta das taperas cobertas de palha.  
Cadê a moça, [...]?  
Paciência, disse *Ulisses*, apontando uma ave. Era uma cigana no céu branco de tanta luz.

E,

Segui o vôo pesado da ave até a *mata alagada*. Ouvi *Ulisses* dizer o nome de um pássaro e imitar seu canto. Deitei na proa e fechei os olhos, mareado pelo banzeiro de um barco. Dinaura apareceu no sonho com o mesmo vestido de chitão. Os olhos de feitiço, um pouco rasgado, e escuros, cortados da noite. Comecei a conhecer o rosto de Dinaura, e senti o que não havia sentido nos *namoros da juventude*. [...].

<sup>494</sup> KRÜGER, Marcos Frederico. *Amazônia: mito e literatura*. – Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2003. Nesta obra o autor argumenta que determinados mitos amazônicos possuem na sua estrutura peculiaridades relativas a mitos greco-romanos, por exemplo.

<sup>495</sup> ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: inferno*; tradução e notas de Ítalo Eugenio Mauro. – São Paulo: Ed. 34, 1998, p. 25

Uma vez mais os grifos são meus. Eles estão aí, primeiro para indicar uma determinada intertextualidade entre os versos supracitados de Dante e a prosa de Hatoum: ambos indicam uma viagem complexa em busca da mulher amada. Dinaura, personagem Arminto Cordovil e Beatriz, personagem Dante. Ao denominar, o ajudante de Arminto Cordovil, de Ulisses Tupy, Hatoum almeja ressignificar, talvez a personagem mais representativo dentre as epopeias clássicas: Ulisses, personagem de Homero em *A Odisseia*. Contudo, na escrita criativa de Hatoum, Ulisses parece incorporar Virgílio, personagem que ajuda Dante a encontrar Beatriz. Em suma, conjecturo que através da verificação das referidas personagens, aí configuradas na novela *Órfãos do Eldorado* é possível afirmar que: as epopeias clássicas serviram de matrizes intelectuais à escrita criativa de Milton Hatoum; o escritor parte deste gênero literário para compor sua epopeia às avessas, ou seja, a sua *narrativa de uma cidade encantada ou alegoria de uma história trágica*. Pois, o fato de Hatoum, inventar uma “epopeia amazônica”, com características de epopeia moderna, balizada nas reflexões de Lukács [como já frisei em outros lugares desta tese] corrobora, uma vez mais, o *sentido de história* inscrito na novela *Órfãos do Eldorado*: uma história a partir das mônadas encontradas nos escombros, ruínas do tempo, do enunciado e, por extensão, da escrituração da mencionada novela: o tempo histórico.

No próximo, e último, capítulo desta tese, verifico, alguns nuances da passagem de Arminto Cordovil, em três cidades amazônicas: Manaus, Parintins e Belém. Portanto, um breve percurso sobre o processo criativo de Hatoum (condições objetivas, subjetivas), sobre a história das três cidades (através do imaginário do literato) e acerca da epopeia desse personagem degradado (alegoria de uma época).

### CAPÍTULO III

#### *Da polifonia das representações<sup>496</sup>: imaginário das cidades de Manaus, Parintins e Belém em Órfãos do Eldorado*

[...], até a minha juventude a primeira juventude nos anos 60 \_ Manaus era uma cidade vamos dizer, cortada por igarapés, em Tupi significa rio estreito – caminhos de águas. E esses igarapés em Manaus em Belém, cidades Amazônicas eles tinham, vamos dizer, um significado muito forte, não só visual mas também, de lazer. As pessoas iam aos balneários públicos e particulares que havia balneários públicos, iam se banhar iam ficar lá, jogando futebol, nadando, tinha cachoeira [...].<sup>497</sup>

---

<sup>496</sup> Para dar título a este capítulo, não sem sentido adoto a expressão “polifonia das representações”, pois a intenção é desenhar o capítulo através de três aspectos, os quais nortearam minha narrativa histórica: 1º) perceber a *tomada de posição* das fotografias, as quais me aproprio para representar as cidades de Manaus, Parintins e Belém; 2º) a condição de *espectador emancipado*, do escritor Milton Hatoum diante de fotografias antigas, estas que possivelmente usou como mote para o seu processo criativo; 3º) a refutação dos *monumentos* (imagens canônicas das referidas cidades) e a adoção de tais fontes históricas como *documentos* (a partir da peculiaridade da “visão do urbano” inscrita na literatura de ficção de Milton Hatoum, essencialmente, a novela *Órfãos do Eldorado*. Ouvindo as vozes emitidas da fotografia e da literatura procuro, portanto, construir um determinado saber sobre parte da história de três cidades amazônicas, tendo como fonte principal o imaginário de Milton Hatoum.

<sup>497</sup> Fragmento da Palestra proferida por Milton Hatoum aos alunos e alunas da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo (FAU). Transcrita e gentilmente cedida pela professora, da Universidade do Estado do Amazonas, Francisca Lourdes de Souza Louro. (transcrição em vias de publicação).



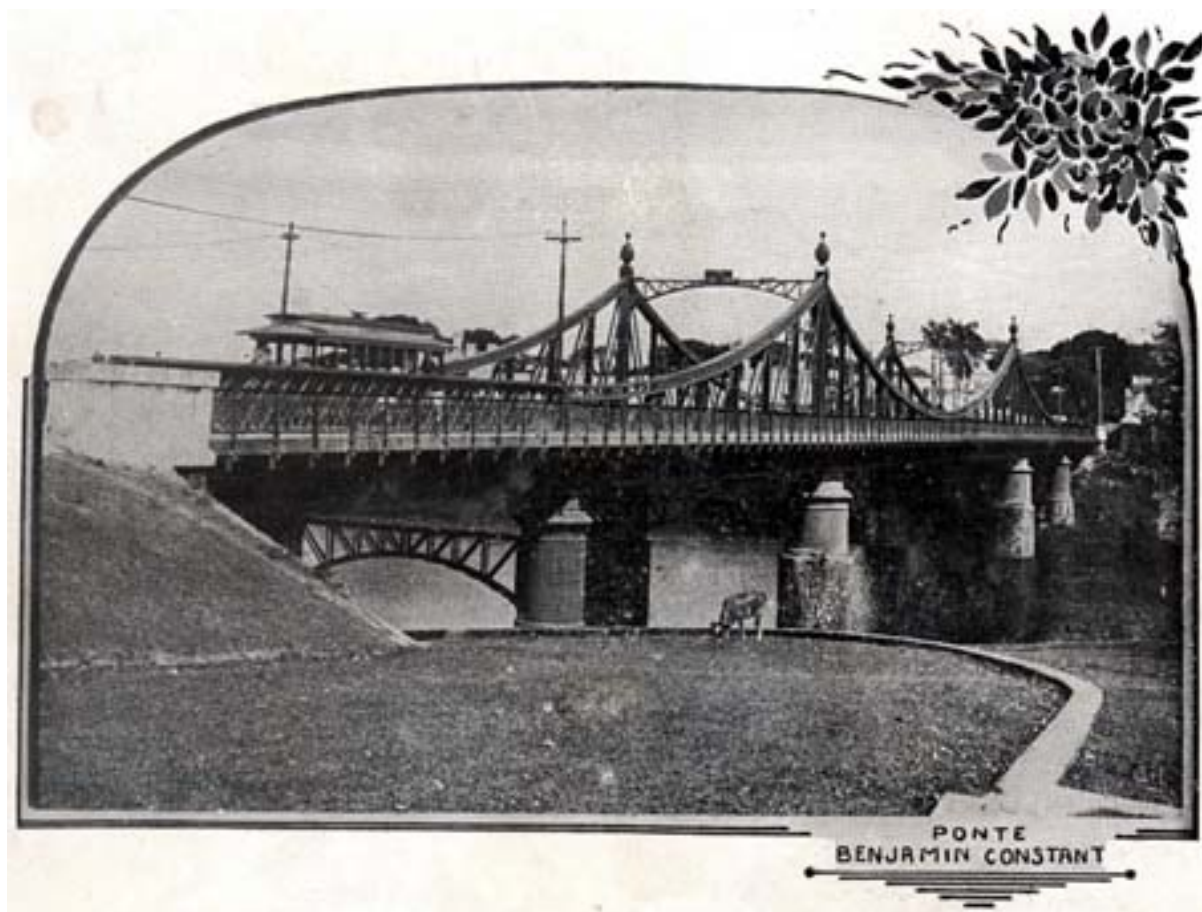


Figura 13: Ponte Benjamin Constant<sup>498</sup>

### 3.1 Fotografia, Literatura e as visões do urbano na obra de Milton Hatoum

“Já não é simplesmente a literatura que constrói seu tornar-se-pintura imaginária nem a fotografia que evoca a metamorfose literária do banal. São os regimes de expressão que se entrecruzam e criam combinações singulares de trocas, fusões e afastamentos”.<sup>499</sup> Escolhi iniciar me reportando ao pensador Jacques Rancière, a propósito das intenções deste capítulo: entretecer a narrativa fotográfica à literária e vice-versa. Observar a relação dialógica nas visões: fotográfica e literária do urbano.

A propósito de tais intenções, a fotografia colocada acima, publicada, originalmente, no ano de 1929, retrata a *Ponte Benjamin Constant*: símbolo de um novo desenho arquitetônico projetado à cidade. Esta imagem parece revelar uma pulsão, uma luz sob um momento espetacular: a urbe começa a se preparar para “esquecer” suas canoas (herança do passado indígena); sobre o igarapé ergue-se a ponte majestosa. O animal, resquício da antiga cidade

<sup>498</sup> Fotografia retirada do *Álbum Municipal de Manaós*. Elaborado na Administração do Prefeito Araújo Lima sendo Presidente do Estado o Exmo. Sr. Dr. Ephigênio de Salles, Amazonas-Brasil, 1929.

<sup>499</sup> RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*; tradução Ivone C. Benedetti. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 119.

bucólica, torna-se um abstruso, pois, a objetiva faz notar o bonde elétrico: símbolo desse tempo transitório. Ora, esse registro fotográfico suscita a essência da *modernidade*.<sup>500</sup> Esta, que Jauss, lembrando das reflexões de Charles Baudelaire, define como sendo transitória, fugidia, eventual, porém, eterna, imutável; dúbia portanto.<sup>501</sup> A representação da referida edificação arquitetônica, ao lado de algumas outras que neste capítulo aparecerão, por meio da fotografia e da literatura, é simbólica, pois, busca consolidar um dos legados deixados por um projeto civilizatório à Amazônia. Por sinal, plano já sugerido antes mesmo do *boom* da borracha, como é cotejado nas palavras dos Agassiz:

Que poderei dizer da cidade de Manaus? É um pequeno aglomerado de casas, metade das quais parece prestes a cair em ruínas, e não se pode deixar de sorrir ao ver os castelos oscilantes decorados com o nome de edifícios públicos: Tesouraria, Câmara Legislativa, Correios, Alfândega, Presidência. Entretanto, a situação da cidade, na junção do Rio Negro, do Amazonas e do Solimões, foi das mais felizes na escolha. *Insignificante hoje, Manaus se tornará, sem dúvida, um grande centro de comércio e navegação.* Mas quando se pensa na imensa vastidão de terras cobertas ainda por florestas impenetráveis, nas consideráveis dificuldades que impedem a criação de povoações nesta região – insetos, clima, comunicações difíceis – parece bem longe o dia em que uma população numerosa venha fixar-se nas margens do Amazonas, em que *embarcações a vapor venham circular dos seus portos aos do Mississipi e em que todas as nações do globo venham buscar a sua parcela dos ricos produtos desta bacia.*<sup>502</sup>

Há, essencialmente, nos meus grifos feitos à citação supra, uma determinada visão futuristas dos viajantes que por Manaus passaram na década de sessenta do século XIX. Nesse sentido a imagem representada na fotografia supra é, de certa forma, a constatação da realidade vislumbrada pelos referidos naturalista. Porém, por outro ângulo de olhar, suscita a maneira abrupta, no qual o espectro da *Belle Époque* se inseriu. Como foi dito, essa fotografia apresenta as peculiaridades da *modernidade*: elucida indícios de resistências culturais, mesmo que nas sombras da grafia da luz. Esta peculiaridade faz observar que:

[...] a ‘modernidade manauara’ apresentava em seu bojo, e de forma marcante, a exclusão social. Emblemático nesse sentido, é a constatação de que a modernidade fazia-se por sobre os escombros do que era percebido como antigo, arcaico ou

---

<sup>500</sup> Me apropriado da reflexão de Hans Robert Jauss, retirada do ensaio “Tradição literária e consciência atual da modernidade”, inscrito na coletânea organizada por Heidrun Krieger Olinto, (onde, na nota 304, abaixo colocada, está posta a referência completa), para pensar o sentido de moderno e modernidade: “[...], se desenvolve através das mudanças históricas da consciência da modernidade, e reconhecemos a sua potência histórica criativa, quando surge a oposição determinada – a ‘despedida’ de um passado pela autoconsciência histórica de um novo presente” (p. 50).

<sup>501</sup> JAUSS, Hans Robert. “Tradição literária e consciência atual da modernidade”. In.: OLINTO, Heidrun Krieger (org.). *Histórias de Literatura: as novas teorias alemãs*. – São Paulo: Editora Ática S. A., 1996, p. 79.

<sup>502</sup> AGASSIZ, Louis e Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*; tradução de João Etienne Filho, apresentação de Mario Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976, p. 127.

atrasado, em geral identificados nos hábitos e nas tradições populares de uma cidade que insistia em ainda mostrar seu lado primitivo de antiga tapera.<sup>503</sup>

Nessa arte de viver, as classes populares se reinventaram na esteira de um determinado período histórico cheio de tensões, pois que a Cidade Ideal se choca com a cidade real: fissuras foram construídas na ação das vivências e na mobilização das experiências; “transgredem-se regras em busca do direito à cidade”.<sup>504</sup> Pensando nisso, o capítulo elege, indiretamente, como objeto de interesse a *modernidade*. Seu recorte cronológico perpassa por essa consciência histórica. O conceito estará por entre as linhas que começam a se delinear. O período e, por extensão, o seu sentido, aparecem representado nas fontes as quais escolhi para elaborar minha narrativa histórica aqui. Não obstante, pulula das imagens fotográficas também, essencialmente dos álbuns que utilizo. Por sinal, o *Álbum*, de onde retirei a referida fotografia, anteriormente comentada, assim como os demais que serão utilizados nesse capítulo, constituíram-se veículos de propaganda política dos governos, municipal e estadual, à época: parecem querer eternizar uma determinada temporalidade que sonhou em se tornar gloriosa.

Contudo, ao adotar, diretamente, a literatura de ficção elaborada por Milton Hatoum como foco de análise, pretendo argumentar que a visão literária do urbano, na acepção do referido escritor, é um contraponto a tais veículos de propaganda da *Belle Époque* - problemática a qual se constitui a chave de leitura, essencial, desse capítulo.

Uma vez mais, assevero a relação dialógica entre literatura e historiografia da cidade que será central aqui. Assim, partirei do imaginário de cidade em Milton Hatoum para observar como o escritor amazonense posiciona-se em torno de determinadas imagens construídas pelo poder público para representar cidades amazônicas. Nesse percurso, problematizo a posição de Hatoum diante das imagens<sup>505</sup> da *Belle Époque*. Ora, a visão literária do urbano é profusa na literatura de Milton Hatoum.<sup>506</sup>

O romance de estreia, *Relato de um certo Oriente*, originalmente publicado em 1989, vislumbra a *cidade oriental* no bojo da cidade ocidental, amazônica. Se consideradas as questões relativas ao processo da escrita criativa de Hatoum, o referido romance abre chaves de leituras para reflexões acerca das matrizes intelectuais e imagéticas fundamentais à obra do

<sup>503</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)*. 3.ed. – Manaus: FUA, 2015, p. 56.

<sup>504</sup> COSTA, Deusa. *Quando viver ameaça a ordem urbana – Trabalhadores de Manaus (1890/1915)*. Manaus: Editora Valer e Fapeam, 2014, p. 37

<sup>505</sup> Para construção desse capítulo foi de grande valor as reflexões de Georges Didi-Huberman e Jacques Rancière, como as pessoas leitoras perceberam ao longo da narrativa.

<sup>506</sup> Porém, advirto as pessoas leitoras que as imagens do urbano na novela *Órfãos do Eldorado* são relativamente ínfimas, por isso, lancei mão das orientações inscritas no método indiciário; assim, pude trazê-las à lume.

escritor. Faz ponderar, inclusive, sobre a influência de determinados vestígios culturais colhidos das vivências e experiências nas cidades de Barcelona e Paris, por onde habitou, temporariamente, o literato. Isso remete a determinadas problematizações: como esses episódios tornam-se influentes no processo de criação das narrativas imaginárias sobre as representações das cidades na obra do escritor? Quanto a isso, elucidativo, por exemplo, é o trecho adiante:

Antes de sair para reencontrar Emilie, imaginei como estarias em Barcelona, entre a Sagrada Família e o Mediterrâneo, talvez sentado em algum banco da praça do Diamante, quem sabe se também pensando em mim, na minha passagem pelo espaço da nossa infância: cidade imaginária, fundada numa manhã de 1954.<sup>507</sup>

Reparem aí as pujantes reminiscências de lugares de memória relativos aos espaços urbanos, à narrativa em destaque. Respectivo ao segundo romance, *Dois Irmãos*, publicado pela primeira vez em 2000, percebe-se a transição, de uma cidade herdeira da *Belle Époque* parisiense, para outra cidade, forjada nas transformações trazidas com o advento dos “grandes projetos para a Amazônia”, fruto e produto da conjuntura do regime militar brasileiro: “Olhava com assombro e tristeza a cidade que se mutilava e crescia ao mesmo tempo, afastada do porto e do rio, irreconhecível com o seu passado.”<sup>508</sup> “Mundo” (antonomásia de Raimundo), artista plástico, transgressor da ordem dos valores vigentes (no contexto do tempo do enunciado do referido enredo), protagonista de *Cinzas do Norte*, lançado em 2005, terceiro romance, por um lado, também traz à lume imagens de uma cidade amazônica atropelada por crimes urbanos, legatários dos governos militares. Por outro, pode ser interpretado como uma alegoria das cidades amazônicas: essas que buscam outras formas de representação.<sup>509</sup>

Ademais, verifiquei que Hatoum reafirma nesse romance, uma tese que ecoa desde o seu primeiro livro (aquele híbrido: de fotografias e poemas)<sup>510</sup>: existem outras cidades na Amazônia, para além das limitações de determinados ângulos e perspectivas. Porque, para o escritor amazonense:

Uma cidade não é a mesma cidade se vista de longe, da água: não é sequer cidade: falta-lhe perspectiva, profundidade, traçado, e sobretudo presença humana, espaço

<sup>507</sup> HATOUM, Milton. *Relato de Um certo Oriente*. – 1ª ed, - São Paulo : Companhia das Letras, 2008, p. 10.

<sup>508</sup> HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2006, p.197

<sup>509</sup> Nesse romance, estou me reportando às representações/alegorias que podem ser analisadas através do debate entre as personagens, artistas plásticos, Mundo e Arana sobre a obra *Campo de cruces*, idealizada como um protesto aos projetos arquitetônicos erguidos à revelia das questões socioambientais e culturais surgidos no contexto do regime militar brasileiro. (pp. 147 e 148).

<sup>510</sup> *Amazonas: palavras e imagens de um rio em ruínas*, publicado originalmente em 1979, onde consta uma reunião de poemas, como as pessoas que estão lendo já observaram no capítulo I.

vivo da cidade. Talvez seja um plano, uma rampa, ou vários planos e rampas que formam ângulos imprecisos com a superfície aquática.<sup>511</sup>

Pois, as cidades de Hatoum são como um cristal da totalidade dos acontecimentos: *mônadas* - nascidas de uma imagética revolucionária, gestadas a partir de lembranças subsumidas na bruma do tempo. Àquelas as quais, o historiador se apropria para elucidar trajetórias jamais registradas (e/ou elucidadas à margem) nos cânones oficiais.<sup>512</sup> Ora, através da visão literária do urbano do referido literato, outras são as cidades imaginadas, para muito além, das frequentes representações de cidade presas às amarras da bolha exótica. Ficou bem evidente nos capítulos anteriores: a recorrência às reminiscências é fundamental para a narrativa imaginária de Milton Hatoum.

Assim, por meio desse recurso, tece uma espécie de imagética dos espaços urbanos, principalmente em recortes temporais, os quais abarcam os anos de 1890-1970.<sup>513</sup> São, portanto, as cidades amazônicas, por um lado retratadas por registros fotográficos e impressos, por outro, através da narrativa imaginária de Hatoum que procuro nesse capítulo. O acesso ao tempo pretérito é mediado por determinadas pistas. Foram elencadas algumas. As linhas que seguem sinalizam nessa direção.

Início, elucidando, as representações sobre a cidade de Manaus inscritas na novela *Órfãos do Eldorado*. Advirto, novamente, as pessoas leitoras: sempre que houver demanda, farei digressões, necessárias ao propósito de minhas opções no processo da estruturação estética, teórica, metodológica da narrativa, a qual me propus elaborar. Para diante, então.

### 3.2 Manaus, a “cidade das ilusões”.

Caminhando pelas calçadas da cidade de Manaus, com suas árvores frondosas. Chamava-lhe a atenção as cores e a imponência das edificações luxuosas, os jardins largos das praças públicas. O brilho das luzes, gente falando nas cabines, ao telefone, meninos vendendo jornais por todo lado, os jovens nas filas dos cinemas, senhores, senhoras, de finos trajes, entrando nos teatros. “Florita me levava ao porto flutuante e ao aviário da praça da Matriz, depois andávamos pela cidade, víamos os cartazes dos filmes do Alcazar e do Polytehama, e voltávamos para a

<sup>511</sup> HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2008, p. 111. [Mister verificar nesse indício, possivelmente, como já foi afirmado no capítulo primeiro, uma de suas matrizes intelectuais: Ítalo Calvino].

<sup>512</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 8ª Ed. revista – São Paulo: Brasiliense, 2012.

<sup>513</sup> Se considerados os recortes cronológicos pressupostos nas representações do tempo histórico, ressignificados pelo escritor amazonense, através do tempo do enunciado inscrito nos enredos de seus poemas, romances, novela, contos, crônicas, conjunto de sua obra, portanto.

chácara no fim da tarde.<sup>514</sup> Através da apropriação da narrativa crível, de Milton Hatoum, percebem-se representações das experiências cotidianas, na cidade de Manaus (no período 1890-1913). O trecho acima parece alegórico à *Belle Époque*, como se o relato vislumbresse uma antiga fotografia da cidade de Manaus. Semelhante àquelas elaboradas como objeto canônico de arte, qual essa abaixo:



Figura 14: Igreja da Matriz  
(Manaus).<sup>515</sup>

Arminto Cordovil, a personagem narrador da novela *Órfãos do Eldorado*, puxando pela memória, lembra de seu encantamento diante das transformações culturais que a modernidade trazia àquela urbe. Diante dessas imagens elaboradas pelo escritor, conjecturo que, ao tecer representações da cidade inscritas na novela *Órfãos do Eldorado*, é possível trazer à baila as intenções de Hatoum: contar a história da cidade à contrapelo; revelar Manaus como a “cidade das ilusões”, essencialmente na conjuntura das duas fases nas quais a cidade foi ressignificada pelo grande capital (os períodos que abarcam os anos de 1890-1913 e 1935-1945). Hipótese, de certa forma, já mencionada no primeiro capítulo dessa pesquisa, quando aludi o entretecer das narrativas: a literária e a historiográfica. Isso faz ponderar, uma vez mais: “(...), apesar daquilo que os separa, existe uma zona de contato entre [os mundos] historiográfico e o literário que, ao ser negligenciada, revela a renúncia do diálogo”.<sup>516</sup>

<sup>514</sup> HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado...* 2008, p.17-18.

<sup>515</sup> Fotografia retirada do *Álbum Municipal de Manaós*. Elaborado na Administração do Prefeito Araújo Lima sendo Presidente do Estado o Exmo. Sr. Dr. Ephigênio de Salles, Amazonas-Brasil, 1929.

<sup>516</sup> ELMIR, Cláudio Perreira. “O’ enredo como categoria e como método de análise”. In.: MALERBA, Jurandir (organizador). *História & narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica*, 2016, p. 194.

No procedimento da pesquisa uso fotografias da cidade de Manaus, primeiro, porque revelam afinidades do literato em estudo com imagens visuais (assunto que vou mencionar linhas adiante). Segundo, por entender que “é característica da fotografia o fato de ser potencialmente rica de um número significativo de sentidos”,<sup>517</sup> relativos, dessa forma, às representações dos espaços de memória da cidade. Como nos lembra Maria Eliza Linhares Borges: quando manipulada como fonte de pesquisa, a fotografia labora a mediação para a compreensão de uma determinada estrutura sociocultural. As alegorias que dela emergem suscitam significações que ultrapassam o universo das aparências. Assim, assevera: “Pertencem à ordem do simbólico, da linguagem metafórica. São portadoras de estilos cognitivos próprios.”<sup>518</sup> A referida historiadora também afirma: por vezes, a fotografia e a literatura se completam. Sendo assim:

Já na primeira década do século XX, o escritor Marcel Proust, influenciado pelas teorias da memória de Bérson, lança mão da fotografia para estimular suas lembranças do passado. Segundo ele, a vida é vivida por meio da memória, é ela que funde a experiência do passado latente, que a fotografia ajuda a vir à tona, com o presente.<sup>519</sup>

Pois, “a fotografia está de tal modo enraizada em seu espírito que mesmo certos panoramas parisienses aparecem-lhes sob forma de provas fotográficas.”<sup>520</sup> Com efeito, “desde a metade do século XIX, a fotografia era notada, conhecida e reconhecida por protagonistas da literatura”.<sup>521</sup> Na obra proustiana, as metáforas, essenciais à linguagem, são, com frequência, análogas aos instrumentos ópticos “como que a manifestar o fascínio que eles despertavam pelas novas possibilidades que ofereciam para a percepção do ‘mundo real’”.<sup>522</sup> Como me fez observar Estela Sahm, a partir da leitura do livro que acabo de fazer menção: a obra de Proust seria como um equipamento fotográfico, com vidros de aumento, através dos quais, as pessoas releriam a si mesmas. Tipo àqueles instrumentos ópticos oferecidos aos fregueses de Cambray, a cidade inscrita na obra monumental de Marcel Proust.<sup>523</sup>

---

<sup>517</sup> SOULAGES, Francois. *Estética da fotografia: perda e permanência*; tradução de Iraci D. Paleti e Regina Salgado Campos. – São Paulo : Senac. São Paulo, 2010, p. 267.

<sup>518</sup> BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. 3ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 19.

<sup>519</sup> Idem, p. 99

<sup>520</sup> BRASSAI. *Proust e a fotografia*; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005, p. 123.

<sup>521</sup> SOULAGES, Francois. *Estética da fotografia: perda e permanência*; tradução de Iraci D. Paleti e Regina Salgado Campos. – São Paulo : Senac. São Paulo, 2010, p. 267.

<sup>522</sup> SAHM, Estela. *Bergson e Proust: sobre a representação da passagem do tempo*. – São Paulo : Iluminuras, 2011, p.16.

<sup>523</sup> Em “O tempo redescoberto”, página 280, do volume 7 do *Em busca do Tempo perdido*, na tradução de Lúcia Miguel Pereira, Editora Globo, 2004, conforme Estela Sahm, encontra-se o fragmento no qual Proust compara seu livro a “uma espécie de vidro de aumento, como os que oferecia a um freguês o dono da loja de instrumentos ópticos em Cambray [...]”.

Essas evidências reportam ao fato de Marcel Proust ser uma das matrizes intelectuais de Milton Hatoum: “Tudo, primeiro, está em Marcel Proust, cuja imagem da mãe que beija o filho antes do sono é usada em *Relato*.”<sup>524</sup> Por esse ângulo, em Proust o ofício do fotógrafo assemelha-se ao ofício do escritor:

[...] como as imagens e reminiscências ressuscitadas permanecem frágeis, o grande truque, tanto no laboratório fotográfico como no domínio da escrita, é mobilizá-las, solidificá-las. Para o escritor, o equivalente do hipossulfito que fixa as imagens e, segundo Proust, a perfeição, a justeza da expressão, o ‘estilo’.<sup>525</sup>

Assim, é provável conjecturar: considerando a narrativa imaginária de Milton Hatoum, o escritor revela um determinado gosto pela fotografia, visto que, também a usa como uma *metáfora da memória*, qual Proust. Na imagem adiante, urdida por Hatoum, por exemplo, uma de suas personagens, *tia Samara*, recorre à fotografia para buscar na camada mais profunda da memória sua filha morta: “Acordo de manhã ansiosa para contemplar a fotografia dela, *como quem apressa os passos para colher uma rosa*”.<sup>526</sup> Os grifos são meus. Ajudam a observar como Hatoum utiliza as metáforas como alegorias da memória, do tempo: a rosa simboliza um tempo pretérito, aguçado pela visão da fotografia.

Ainda no primeiro capítulo do estudo que, aqui desenho, quando verifiquei as aproximações de Hatoum à obra de Luiz Braga, já sinalizei, indiretamente, que a fotografia é um campo de possibilidade para a percepção do processo ativo de transformação histórica. Naquele momento, elucidei sobre as escolhas de determinadas fotografias (*Baba Patchouli*, *Janela em Marabá*, por exemplo) inscritas na composição das imagens visuais das capas do livro de contos *A cidade Ilhada*, dos romances *Relato de um Certo Oriente*, *Cinzas do Norte* e da novela *Órfãos do Eldorado*, respectivamente, revelam, também, a afinidade do escritor amazonense com a fotografia. É provável que Hatoum conceba que “a imagem fotográfica funciona, na realidade, como um espelho cultural, que tanto informa, quanto constrói interpretações sobre os objetos e sujeitos fotográficos”.<sup>527</sup> Portanto, se alinhando com Raymond Williams: compreende a fotografia por meio de sua peculiaridade mais significativa, ou seja, a “mediação cultural”.<sup>528</sup>

<sup>524</sup> PIZA, “Perfil Milton Hatoum”. In. CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de (org.). *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um Certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas / Uninorte, 2007, p. 17.

<sup>525</sup> BRASSAÏ. *Proust e a fotografia*; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005, p. 157.

<sup>526</sup> HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2008, p. 18. [os grifos são meus].

<sup>527</sup> BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. 3ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 92.

<sup>528</sup> MUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brun. “História e Fotografia”. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo : *Novos domínios da história*. – Rio de Janeiro : Elsevier, 2012, p. 279.



Esse gosto de Milton Hatoum pela fotografia, como as evidências indicam, surge também, em determinados depoimentos, cotejados nas mídias eletrônicas e impressas. Como, por exemplo, quando lembra do período que da faculdade de Arquitetura na FAU:

“Tinha laboratório de fotografia. Convivi com os fotógrafos João Musa e Cristiano Mascaro. Com João Musa eu fiz um livro de poesia, ele publicou fotos da Amazônia com mais dois fotógrafos, e eu cometi a imprudência de escrever alguns poemas”<sup>529</sup>, ironiza Hatoum. Nessas palavras concedidas ao *Jornal Rascunho*:

Li os ensaios e vi as fotos do livro **Conflitos – fotografia e violência política no Brasil, 1889-1964**, publicado pelo IMS. Esse livro analisa e ilustra a história da violência no Brasil até o golpe de 64. O genocídio em Canudos foi um dos atos mais bárbaros da República nascente. E essa matança nunca foi interrompida. Mais uma vez: o tempo presente contém o passado. [o negrito é originário da fonte]<sup>530</sup>

Assim, “[...] há sempre um estigma, uma marca inextirpável da angústia que até mesmo a fotografia perpetua”.<sup>531</sup> Essa afinidade com a fotografia, decerto, está evidente na trajetória histórica e intelectual de Milton Hatoum. Eis o depoimento adiante:

[...]. A fotografia pode ser um documento histórico. Ela pode ser um documento individual. Mas ela pode também, falar, vamos dizer, profundamente da história. [...]. Eu escrevi o prefácio pro livro de um fotógrafo carioca que morou muito anos em Manaus, o Andreas Valentin, não sei se alguém ouviu falar dele. E, é um livro sobre um grande fotógrafo alemão que morou em Manaus durante o ciclo da borracha, o George Huebner. E o Andreas foi pra Alemanha, Visitou Dresden, visitou as cidades de onde ele [o fotógrafo alemão] vinha e escreveu um livro muito bonito sobre o Huebner que foi um dos maiores fotógrafos europeus no Brasil. Ele tinha um ateliê fotográfico aqui em Manaus. E às vezes a gente nem sabe disso, né. Muita gente nem sabe dessas, dessas riquezas mesmo, do olhar europeu. Então, a fotografia sempre, vamos dizer, me interessou. E o meu primeiro livro, foi um livro de poesia, infelizmente tá esgotado, ele nunca mais vai ser editado. Infelizmente não será mais lido, foi um livro de poemas com fotos da Amazônia, de 78 ou 79, não me lembro bem. Eu já tinha esse interesse. Agora, o que, o que a foto pode ser? Pode ser uma denúncia: uma foto de um incêndio na floresta. Ela pode denunciar um fato, um crime, não é mesmo? [...].<sup>532</sup>

Talvez seja oportuno, após a transcrição do depoimento, supra, reproduzir imagens do referido fotógrafo alemão. Na foto, abaixo, parece haver uma aura. Peculiar à grafia da luz registrada por George Huebner, visto que, no mesmo plano em que aparecem as edificações, as

<sup>529</sup> HATOUM, Milton. *Milton Hatoum fala sobre a importância das Universidades* (entrevista de Mauro Malin a Milton Hatoum). Acesso: redeglobo.globo.com. acessado em 15/05/2020, às 22:04H.

<sup>530</sup> REBINSKI, Luiz. Fim da espera: Milton Hatoum fala sobre o processo criativo de “A noite da espera”, que marca seu retorno ao romance após nove anos. Disponível em: <http://rascunho.com.br/27921-2/>. Acessado em 09/03/2019 às 12:31H.

<sup>531</sup> HATOUM, Milton. *Relato de Um certo Oriente*. – 1ª ed, - São Paulo : Companhia das Letras, 2008, p. 70

<sup>532</sup> Entrecho retirado das respostas às perguntas que fiz a Milton Hatoum acerca do valor da narrativa fotográfica no processo da escrita criativa do referido escritor, quando ele veio à cidade de Manaus em 06 de dezembro de 2019, lançar o seu livro *Pontos de Fuga*. Esse evento ocorreu em uma tarde de sexta-feira no auditório da Escola Superior de Tecnologia (EST) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

quais representam a transformação arquitetônica pela qual Manaus está vivenciando, o olhar do fotógrafo captura, também, o vai e vem dos transeuntes, estes que contribuíram com o processo de reinvenção da referida urbe. A foto, adotando determinados referentes, portanto, instiga o espectador a perceber a dialética entre o projeto civilizatório, importado da Europa, e os habitantes que no afã da cidade moderna, se metamorfoseiam à luz dos filtros vigentes àquela ordem social.



**Figura 15:** “George Huebner, Av. Eduardo Ribeiro, Cartão Postal, c. 1920. Acervo Museu da Imagem e do Som do Amazonas. Repara-se o erro de grafia, ‘Avenida’, indicando que a imagem possa ter sido realizada no exterior”.<sup>533</sup>

Nessa medida, registro oral reproduzido acima da fotografia, corrobora o que venho afirmando: desde seu primeiro livro Hatoum utiliza a fotografia como um recurso peculiar para a elaboração de sua obra e, por extensão, para pensar a memória e a história de cidades amazônicas. Paralelo a isso, nas palavras do escritor articulo outro argumento: a trajetória do referido botânico naturalista, alemão, George Huebner, à cidade de Manaus, no contexto do *boom da borracha*, provavelmente, trouxe material criativo para que Hatoum pudesse inventar a personagem fotógrafo, alemão, inscrito em seu primeiro romance. Acerca disso, faço algumas

<sup>533</sup> VALENTIN, Andreas. A fotografia de George Huebner. – Rio de Janeiro: Nau Editora, 2012, p. 189. Vale informar que a reprodução da imagem retirada da referida referência é uma fotografia da foto de Huebner feita pela historiadora Elisângela Maciel, em 14 de março de 2020, feita especialmente para esta tese.

menções linhas adiante. Antes, a propósito, reproduzo algumas palavras de Hatoum sobre a trajetória e o trabalho do referido fotógrafo:

Fotógrafo, botânico e naturalista, Huebner encarna a figura do humanista na boa tradição alemã, mas foi através da fotografia que ele se empenhou em conhecer e compreender a Amazônia numa época em que as sociedades não ocidentais ainda eram consideradas primitivas ou atrasadas pelas nações imperialistas.

[...]

O “*Álbum Amazonas 1901-1902*”, o do “Valle do Rio Branco” e dezenas de cartões-postais que circulam pelo mundo revelam o trabalho de um fotógrafo em pleno domínio de seu ofício. [...].

Esses retratos, cuja elaboração formal é surpreendente, transcendem o mero registro imagético da sociedade nativa. Além disso, o fotógrafo olha os índios como pessoas, não como seres inferiores. Esse empenho em reconhecer o Outro é também um modo de reconhecer e aceitar as diferenças culturais, em vez de considerá-las barreiras intransponíveis ou formas de pensamento submetidas a uma hierarquia. Huebner foi, de fato, fascinado pela Amazônia e adotou Manaus como morada. A partir de 1920, sem poder viver de sua profissão, ele passou a colecionar e vender orquídeas, mas nunca abandonou a fotografia.<sup>534</sup>

Em diversas passagens de *Relato de um certo oriente* a fotografia surge como vetor da memória: “[...] cogitei que aquela imagem protegida por uma lâmina de cristal pode evocar um morto de Manaus e do mundo inteiro”<sup>535</sup>. No coral de vozes que estrutura o enredo do livro *Relato de um certo Oriente*, a voz do fotógrafo Gustav Dörner (“rapaz de Hamburgo”<sup>536</sup>) – inclusive, inscrito também em *Cinzas do Norte* como professor de alemão de Mundo, como, já dito, personagem na qual sua história dá o tom do enredo do terceiro romance de Hatoum - é essencial: “naquela época eu ganhava a vida como uma Hasselblad e sabia manejar uma filmadora Pathé. Fotografava Deus e o mundo nessa cidade corroída pela solidão e decadência”.

<sup>537</sup> Assim é narrada a peculiaridade do ofício do referido fotógrafo:

Atada num cinturão de couro, pendia de sua cintura uma caixa preta; os que a viam de longe pensavam tratar-se de um coldre ou cantil, e ficavam impressionados com a sua destreza ao sacar da caixa a Hasselblad e correr atrás de uma cena nas ruas, dentro das casas e igrejas, no porto, nas praças e no meio do rio. Possuía, além disso, uma memória invejável: todo um passado convívio com as pessoas da cidade e do seu país pulsavam através da fala caudalosa de uma voz troante, acoitando o silêncio do quarteirão inteiro. Mas a memória era também evocada por meio de imagens; ele se dizia um perseguidor implacável de ‘instantes fulgurantes da natureza humana e de paisagens singulares da natureza amazônica’. Há tempos ele se dedicava à elaboração de um ‘acervo de surpresas da vida’: retratos de um solitário, de um mendigo, de um pescador, de índios que moravam perto daqui, de pássaros, flores e multidões.”<sup>538</sup>

<sup>534</sup> HATOUM, Milton. “Prefácio”. In.: VALENTIN, Andreas. *A fotografia amazônica de George Hubner*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2012, p. 11 e 13.

<sup>535</sup> Idem, p. 71.

<sup>536</sup> Idem, p. 52.

<sup>537</sup> Idem, p. 55.

<sup>538</sup> Idem, p. 53.

Observem como a composição dessa personagem para o enredo é essencial, porque através das experiências e vivências de Dorner, é possível afirmar que Hatoum traz a lume a noção formulada por Marcel Proust: a *fotografia* como *metáfora da memória*. Nesse trecho, através dos registros feitos pelo fotógrafo, as surpresas da vida são armazenadas: memórias que poderiam ficar no esquecimento, contudo, inscritas a partir do desenho do olhar do fotógrafo. Não sem sentido, Hatoum, usa a *caixa*, a *máquina fotográfica*, a *fotografia* como representações das camadas onde as reminiscências se armazenam. Tais evidências parecem constatar a relação dialógica que a fotografia evoca à literatura de Hatoum: assim como o seu personagem fotógrafo carrega as imagens que capturou através da grafia da luz, Hatoum, busca nas inúmeras camadas da memória os vetores para a sua produção literária.

Por isso, aqui me aproprio da narrativa imaginária do escritor para cruzar com as narrativas fotografias (elencadas de álbuns produzidos pelos governos do Amazonas, lançados nos contextos dos séculos XIX e século XX e/ou retratando tais temporalidades). Nesse caminho, aproveito conceitos formulados por Jacques Rancière, como, por exemplo, a acepção *espectador emancipado*. Com o francês conjecturo: Hatoum, dentre outros vestígios de memória, também visitou fotografias do século XIX e século XX para retratar a cidade de Manaus. Não obstante, às fotografias (muitas vezes produzidas para corroborar efemérides, histórias laudatórias), situadas em Álbuns oficiais são utilizadas pelo literato por meio de outros vieses interpretativos. Dessa forma, o referido escritor refuta a “doença do olhar subjugado por sombras”.<sup>539</sup> Hatoum assume a postura de “inquiridor ou experimentador científico que observa os fenômenos e procura suas causas”.<sup>540</sup> Sob o olhar do autor manauara, as fotografias suscitam tensionamentos a partir de suas representações. Essa conclusão vem à baila a partir da apropriação de outro conceito de Rancière, o qual adotei como chave de leitura dessa postura de Hatoum face às fotografias antigas: *imagem pensativa*. Com essa escolha, arrisco na formulação de uma hipótese: a postura intelectual de Milton Hatoum diante das fotografias “encera pensamento não pensado, pensamento não atribuível à intenção de quem a cria e que produz efeito sobre quem a vê sem que este a ligue a um objeto determinado”.<sup>541</sup> Dito corretamente, como *expectador emancipado*, o escritor amazonense utiliza a fotografia oficial para pensar, imaginar e representar “outra cidade”, para além daquela, laudatória, porque, em sua narrativa imaginária, o literato sugere que as imagens visuais, por vezes, revestem-se de

---

<sup>539</sup> RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*; tradução Ivone C. Benedetti. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 9.

<sup>540</sup> Idem, p.10.

<sup>541</sup> Ibidem, p. 103.

monumentos com o propósito de consolidar uma determinada memória, amalgamada em outras narrativas, estas programadas para guardar os silenciamentos dos sujeitos vencidos. Porque, muita das vezes:

A objetividade da fotografia lhe confere um poder de credibilidade ausente em qualquer obra pictórica. Sejam quais forem as objeções do nosso espírito crítico, somos obrigados a crer na existência do objeto representado, literalmente representado, quer dizer, tornado presente no tempo e no espaço. A fotografia se beneficia de uma transferência da realidade da coisa para sua reprodução.<sup>542</sup>

“No entanto, [às fotografias] não basta olhar, é fundamental estranhar”.<sup>543</sup> Assim, argumento que diante das fotos da *Belle Époque*, motes para visão literária do urbano inscrita na novela que, aqui, serve como fonte de história, Hatoum, por meio de determinados fragmentos, inscritos em sua prosa poética, faz do registro imagético oficial uma *imagem pensante*. Lembra, portanto, que “a Fotografia sempre [...] espanta, com um espanto que dura e se renova, inesgotavelmente”.<sup>544</sup>

Nessa medida, reforço, optei em utilizar um movimento no qual, nas linhas que seguem, a narrativa fotográfica será comparada, gradativamente, à narrativa literária, procuro estabelecer condições de possibilidade, as quais oportunizem uma análise acerca das representações da cidade. Assim, uso uma noção, aqui concebida como *narrativa fotográfica da literatura de ficção*: formulada para verificar e analisar os sentidos inscritos nas imagens visuais afloradas na/da literatura de Milton Hatoum. Sendo assim, algumas ponderações norteiam esse movimento de análise: Primeiro, qual é o *referente* da fotografia?<sup>545</sup> Como a *narrativa fotográfica da literatura de ficção* (de Hatoum), problematiza a imagem visual, a partir do referente fotográfico? Qual o sentido de história emitido nas duas representações (a fotográfica e a literária)? Na esteira de minhas argumentações, adiante apresento a primeira imagem visual,<sup>546</sup> seguidas de outras, necessárias a narrativa histórica aqui desenvolvida:

<sup>542</sup> BAZIN, André. *O que é cinema*. Tradução: Eloísa Araujo Ribeiro / Apresentação e apêndice: Ismail Xavier, São Paulo: Ubu Editora, 2018, p. 32

<sup>543</sup> MUAD; LOPES, 2012, p. 280

<sup>544</sup> BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*; tradução Júlio Castañon Guimarães. – [7. ed] – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2018, p.71. [grifos do autor].

<sup>545</sup> Idem (p. 67): “chamo de ‘referente fotográfico’, não a coisa *facultativamente* real a que remete uma imagem ou um signo, mas a coisa *necessariamente* real que foi colocada diante da objetiva, sem a qual não haveria fotografia. [...], na Fotografia jamais posso negar que *a coisa esteve lá*. Há dupla posição conjunta: de realidade e de passado. E já que essa coerção só existe para ela, devemos tê-la, por redução, como a própria essência, o noema da Fotografia. O que intencionalizo em uma foto (...) não é nem a Arte, nem a Comunicação, é a Referência, que é a ordem fundadora da Fotografia”. [grifos do autor].

<sup>546</sup> A fotografia está inscrita no *Álbum do coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt*. Conforme a obra do memorialista Agnello Bittencourt, *Dicionário Amazonense de biografias: vultos do passado*, publicado, originalmente em 1973, na cidade do Rio de Janeiro pela editora Conquista: Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, foi governador do Estado do Amazonas (desde 23 de julho de 1908 até 22 de dezembro de 1912, quando foi

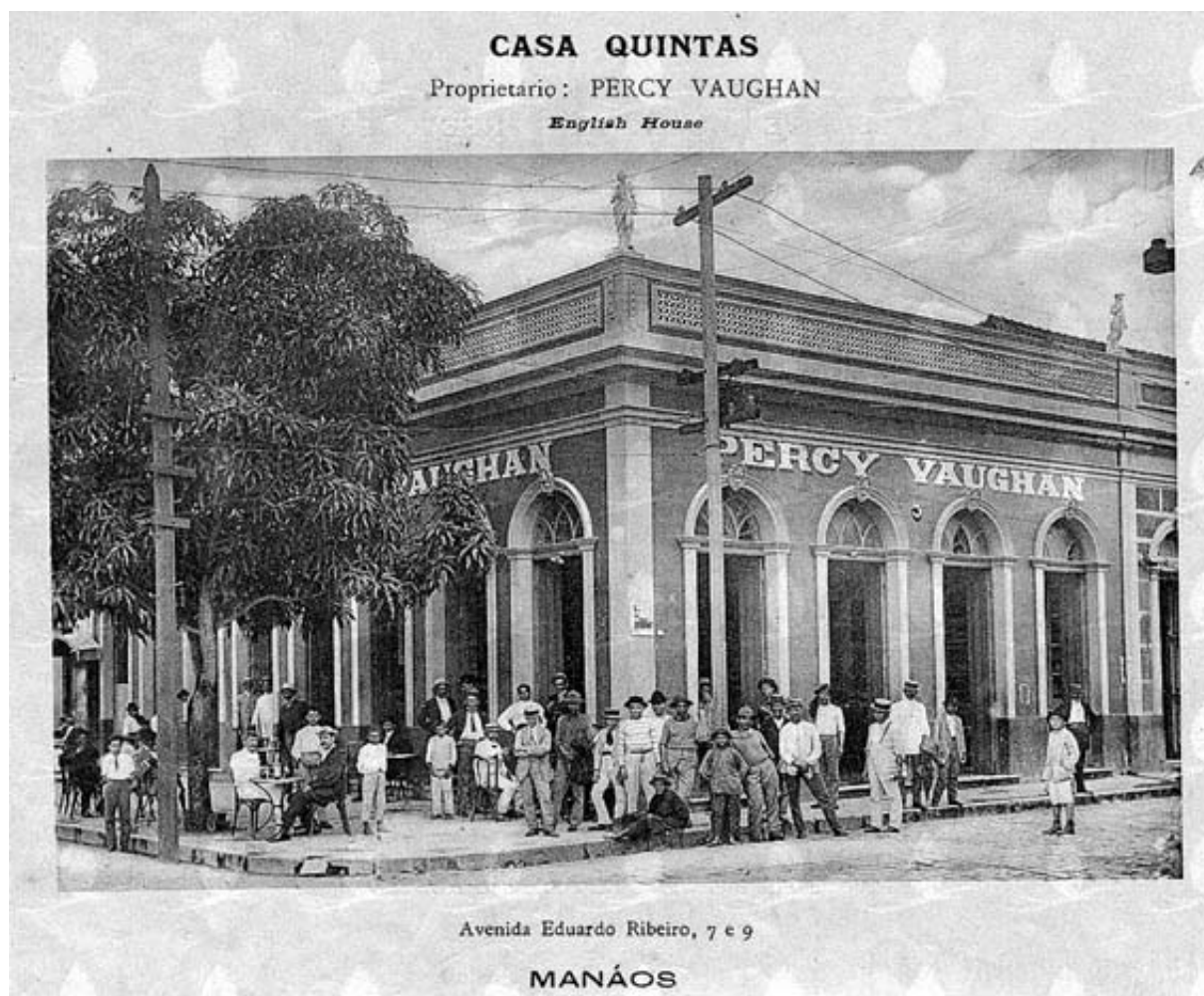


Figura 16: Casa Quintas<sup>547</sup>

O que essa *fotografia antiga* narra? Uma certa complexidade do real social? Uma transmutação do tempo? A dança imóvel de um período efêmero? Parece mesmo fluido o conceito: a *foto antiga*, apesar de pinçar, à memória, um episódio no percurso descontínuo da vida banal, não consegue assegurar um estático sentido à história das pessoas aí retratadas. Os olhares, os gestos, as posições, as indumentárias, as distâncias e as proximidades dos corpos, os gêneros, os matizes (das roupas, mas, essencialmente, da pele), em suma, a diversidade (socioeconômica e cultural) revelam aos olhares do presente os diversos sentidos que esse desenho do olhar pretérito deixou registrado, desde as escolhas que giram em trono da

---

deposto, nas palavras do biógrafo: “por um golpe de quartel” (p. 80, da referida obra). O referido álbum, portanto, provavelmente, fora elaborado, como registro de sua passagem pelo governo.

<sup>547</sup> Imagem reproduzida a partir do livro *A Grande Crise (1908-1916)* do memorialista Antônio José Solto Loureiro. Obra publicada, originalmente, em 1985, em Manaus, através da T Loureiro & Cia. A fotografia está inscrita na Seção “Documentário Fotográfico”, exatamente, na página 270.

elaboração, técnica, estética da referida fotografia. A imagem visual supra suscita a peculiar relação entre o pesquisador e o fotógrafo, pois:

Paradoxalmente esse pesquisador precisa de viva imaginação e fina sensibilidade para, justamente, em sua leitura, depurar o excesso de ‘sujeito’ que cada foto carrega de quem a tomou. Ele toma os elementos e, por sua vez, os recompõe. Estabelecendo, assim, uma relação nova entre as coisas. E, ao fascínio lúdico do fotógrafo, responde agora ao fascínio lúcido do pesquisador. Explorador. Exploração de um outro, dado da realidade: o tempo que temos impresso na plaqueta do dispositivo, e o tempo, que, trazemos impresso em nossa memória. Diálogo de tempos.<sup>548</sup>

Ora, “seja o que for o que ela dê a ver a qualquer que seja a maneira, uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos”.<sup>549</sup> Esses fragmentos advertem que a *fotografia antiga*, através dos instrumentos do pesquisador, abre-se, liberta os seus significados, tantos quantos os olhares aguçados possam emergir. Acompanhar o movimento da objetiva, buscar os referentes da imagem, as intenções inscritas do chão histórico, o qual a fotografia foi elaborada. Há um movimento na fotografia que se faz protagonista. E esse movimento torna-se chave de leitura para se compreender qual a relação da *foto antiga* com as temporalidades: aquela do momento exato da foto e a outra, a que revela lembranças, memórias e histórias na conjuntura da interpretação da imagem visual. A fotografia antiga, aberta pelo pesquisador, desvela a ilusão do imediato. A referida imagem, por exemplo, “possibilita recarregar de sentido a visão de um outro tempo da cidade. E, a partir desse referencial, podemos medir a consciência de nossas existências”.<sup>550</sup>

Pensando nessas preposições, cabe a recorrência às imagens, a floradas da *narrativa fotográfica da literatura de ficção* de Milton Hatoum. Percebe-se adiante, a utilização da técnica do instantâneo. O fragmento abaixo, assim, serve como um modelo desse gênero, pois aí reside, pelo menos cinco instantâneos, como se o escritor, encarnado no narrador estivesse sob posse de uma máquina fotográfica, atento aos registros de cenas, as quais seu olhar se propõe desenhar; em suma, torna-se um espectador que, nesses instantes, quer registrar seus questionamentos:

Andei de bonde pela cidade, vi palafitas e casebres no subúrbio e na beira dos igarapés do centro, e acampamentos onde dormiam ex-seringueiros; vi crianças ser enxotadas quando tentavam catar comida ou esmolar na calçada do botequim Alegre, da Fábrica

<sup>548</sup> HOLANDA, Lourival. “A lição das coisas”. In.: PINHEIRO, Geraldo Sá Peixoto (org.). *Amazônia em Cadernos: História em novos cenários*. Universidade do Amazonas – Museu Amazônico. V2 N°s 2/3 dez. 1993/1994, p. 113.

<sup>549</sup> BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*; tradução Júlio Castañon Guimarães. – [7. ed] – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2018, p. 15.

<sup>550</sup> Idem, p. 113.

de Alimentos Italiana e dos restaurantes. A cadeia da Sete de Setembro estava lotada, vários sobrados e lojas à venda.<sup>551</sup>

Paralela à citação supra, oportuno uma vez mais recorrer à fotografia de George Huebner, significativa a meus argumentos subsequentes:



**Figura 17:** “George Huebner, Rua Municipal. ‘Álbum do Amazonas 1910-1902’. Coleção Ana Maria Daou, Rio de Janeiro”.<sup>552</sup>

Arrisco em conjecturar: é provável que o escritor em questão, diante de imagens visuais, semelhantes às fotografias exposta acima, procura desvelar a *foto antiga*. Nesse sentido, é mister seguir as pistas deixadas nos rastros da narrativa imaginária de Hatoum, pois “o historiador é, por definição, um investigador a quem as experiências, no sentido rigoroso do termo, estão vedadas”<sup>553</sup>: é impossível reproduzir acontecimentos ocorridos ao longo do tempo. Possível, sim, conjecturar sobre os sentimentos de uma época através de narrativas imaginárias. Nessas pressuposições, a imagem, que as palavras transfiguram, nesse entrecho, registra

<sup>551</sup> HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2008, p. 57.

<sup>552</sup> VALENTIN, Andreas. *A fotografia de George Huebner*. – Rio de Janeiro: Nau Editora, 2012, p. 189. Vale informar que a reprodução da imagem retirada da referida referência é uma fotografia da foto de Huebner feita pela historiadora Elisângela Maciel, em 14 de março de 2020, feita especialmente para esta tese.

<sup>553</sup> GUINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*; tradução de Antônio Narino. – Lisboa : DIFEL, 1989, p. 180.



múltiplos ângulos. Tantos quantos o estranhamento instiga: por vezes rastros escondidos nos lugares mais silenciosos da imagem canônica. Aparecem determinados lugares de memória: os quais, o tempo do enunciado representa na peculiaridade da ambiência elitista, permanente nas memórias do tempo histórico aí retratado. Entretanto, apesar das ausências que esses lugares também possam representar à trajetória histórica das culturas subterrâneas, Hatoum, a contrapelo das narrativas oficiais, prefere suscitar a tragédia banal. Descreve a história de transeuntes, obstados pelo valor de troca que a urbe impõe.<sup>554</sup> Desenha a peleja cotidiana inscrita nos embates pela sobrevivência. Vivências urdidas nas experiências de pessoas que, desde a infância, não escapam ao jogo do poder, o qual estrutura a ordem social vigente, na conjuntura representada. O que me fez lembrar que “uma sociedade se constrói sobre o *silêncio* e a *exclusão* do outro e a de noção de um *selvagem interno*”.<sup>555</sup> Porém, no que tange a cidade de Manaus, no contexto da *Belle Époque*, como a historiografia atualizada alude, esse projeto civilizatório parece que não teve “força suficiente para impedir que populares continuassem morando enquistados nos espaços que estavam sofrendo maior intervenção ‘modernizadora’ por parte do poder público”.<sup>556</sup>

Talvez, por isso, na cidade imaginária de Hatoum, os tensionamentos são registrados: as matrizes da pobreza aparecem em perspectiva. O paradoxo social vem à lume: à margem da fábrica de alimentos, pessoas esmolando. Os espaços de repressão como alternativa para as supostas anomalias sociais. Ora, na ordem do dia da *Belle Époque* manauara, também “é preciso *curar* a cidade, por bem ou por mal, pelo conselho e bom exemplo ou pela violência”.<sup>557</sup> Entretanto, no chão imaginário dessa cidade, retratada a partir de uma determinada conjuntura histórica e marcada pela segregação social, a narrativa de Hatoum permite a dignificação do anônimo: as memórias e as histórias dos sujeitos subsumidos vem à baila. Portanto, considerando o referente fotográfico (através desse movimento comparativo, aqui adotado e, considerando ainda a primeira fotografia), a narrativa imaginária de Hatoum, alude a noção de *punctum*: essa “picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de

<sup>554</sup> LEFBRVRE, Henry. *O Direito à Cidade*. – 1ª ed. São Paulo : Moraes, 1991.

<sup>555</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX. – São Paulo : Companhia Editorial Nacional, 2001, p.12. [a autora usa o itálico para destacar três conceitos formulados por Michel de Certeau].

<sup>556</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus(1899-1925)*. 3.ed. – Manaus: FUA, 2015, p. 65.

<sup>557</sup> Idem, p. 14. [O grifo é da autora].

dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso que nela, me *punge* (mas também me mortifica, me fere)”.<sup>558</sup>

A imagem delineada pela narrativa imaginária do escritor é subversiva, se comparada à imagem retratada abaixo: aí, reside um sentido de história peculiar à noção de ordem social que o *Álbum*, no qual esse e outros registros visuais se inscreve, emite. Convido à leitura dessa imagem visual, a partir de agora:



**Figura 18: Avenida Eduardo Ribeiro, na passagem do século XIX ao XX (Manaus-AM)<sup>559</sup>**

A fotografia me fez lembrar que “o documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias.”<sup>560</sup> O olhar atento à fotografia, revela que a referida imagem visual emite uma narrativa potencializadora porque constata a reflexão do historiador mencionado: demonstra que a caracterização de uma das principais avenidas de Manaus é utilizada para corroborar a acepção elitista de cidade, por extensão, um sentimento de pertença às classes sociais privilegiadas. Fortalece a representação de uma geografia da exclusão. Como suscita a ponderação abaixo:

<sup>558</sup> BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*; tradução Júlio Castañon Guimarães. – [7. ed] – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2018, p. 29.

<sup>559</sup> Fotografia retirada do *Álbum Municipal de Manaós*. Elaborado na Administração do Prefeito Araújo Lima sendo Presidente do Estado o Exmo. Sr. Dr. Ephigênio de Salles, Amazonas-Brasil, 1929.

<sup>560</sup> LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In.: *História e Memória*; trad. Bernardo Leitão (et.al.). Campinas: Unicamp, 2003, p. 538.

O território de uma cidade é visto e usado de diferentes formas. O poder público os divisa como espaço urbano a ser ordenado. Para tanto, fixa os distritos, registra os nomes dos bairros e das suas ruas e avenidas, estabelece a numeração das casas e providencia os registros deste espaço na confecção de plantas que visam a dar a conhecer, graficamente, o território urbano.<sup>561</sup>

Conforme as suas peculiaridades, é possível afirmar que, apesar de compor um álbum organizado nos anos de 1940 – adiante descrevo o referido álbum - a fotografia demonstrada linhas acima, é uma evidência nascida no contexto da modernidade. Por isso, assume compromisso com o projeto civilizatório: serve para amalgamar a ideia da cidade planejada. Aquela preparada para dissolver os espaços insurretos. Na *imagem mecânica* desse contexto histórico as representações opostas à cidade moderna aparecem como a configuração de uma dissimulada legenda: não há espaço para as categorias sociais que não cabem à ambiência civilizatória.<sup>562</sup> Dessa forma, é possível também ponderar que a fotografia é polifônica: “(...) não fala só a partir daí. Fala também a partir da literatura e da escrita; é escritora e poeta; do lugar da literatura, ela questiona a imagem fotográfica – a sua, a de outras fotografias e a fotografia em geral”.<sup>563</sup>

Ora, a imagem visual em questão, e adiante, a próxima, foram cotejadas do *Álbum da Cidade de Manaus 1848-1948*, elaborado, na década de quarenta do século passado, produzido sob a égide do poder público, isto é, os governos do: Estado, da Prefeitura e da Câmara Municipal<sup>564</sup>. Trata-se de um documento elaborado para relembrar à sociedade manauense uma efeméride: a elevação de Manaus à categoria de cidade. Em 1948, a urbe comemorava o centésimo aniversário desse episódio. Nesse sentido, reside no documento uma narrativa basilar que recupera o *ídolo das origens*,<sup>565</sup> relativo à história da cidade. Guarda e vaza, assim, a ideia de uma determinada ruptura histórica: a chegada do progresso, pois que o processo de elevação da antiga vila à cidade, marcaria, também, o começo de um conjunto de transformações trazidas pelo projeto civilizatório. Esse que se revelou eurocêntrico e tencionou com as peculiaridades das culturas indígenas: permanência histórica da antiga vila de Manaós. Em suma, o *Álbum da*

<sup>561</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. – São Paulo : Companhia Editora Nacional, 2001, p. 25

<sup>562</sup> MUAD; LOPES, 2012.

<sup>563</sup> SOULAGES, 2010, p. 274.

<sup>564</sup> Respectivamente representados pelo “Dr. Leopoldo Amorim da Silva, Dr. Raimundo Chaves Ribeiro e Dr. Adriano Jorge” (este último, àquela conjuntura, também assumia o cargo de “Eminente presidente da Academia Amazonense de Letras”). O *Álbum* estampava nas suas primeiras páginas a fotografia das referidas pessoas.

<sup>565</sup> Quanto a esse aspecto, no seu prefácio ao livro *A História Nova*, o historiador Jacque Le Goof, se reporta à obra clássica de Marc Bloch, *Apologia da história ou o ofício do historiador*, e adverte: à produção do saber histórico é essencial compreender as relações entre presente e passado (p. 34). Porém, obviamente, essa questão de método, como se percebe, não se inscreve na ideia de história inscrito na apresentação do *Álbum* em estudo.

*Cidade de Manaus 1848-1948* celebra a laudatória história dos vencedores. Nessa perspectiva, a imagem por si só, congelada, é ineficaz e inútil, pois necessita da narrativa, porque, “sem a palavra, a imagem fotográfica nos escapa, ela é impensável. É por essa razão que a literatura vai se tornar, às vezes, a serva (e dialeticamente a senhora) da fotografia”.<sup>566</sup> Ademais:

Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado.<sup>567</sup>

Com isso, percebe-se que a fotografia vaza um tempo pretérito, mesmo que esse passado seja o imediato instante em que o dedo do fotógrafo aperta o disparador da objetiva. Pois nesse fragmento do devir, elucidado pela luz da fotografia, inscrevem-se sinais de uma época. Indícios que, por vezes fazem da imagem visual “uma ferida: vejo, sinto, portanto, noto, olho e penso”.<sup>568</sup> Desta forma, a fotografia captura, num tempo/espaço, memórias representadas nos vestígios nela registrados, a partir da sua apropriação como fonte histórica. Considerando tais fundamentos, como assinali anteriormente, apresento, adiante, outra foto, significativa ao processo de minha narrativa histórica. Conexa a essa fotografia, a qual reproduzo mais abaixo, está uma narrativa herdeira do período 1890-1913: “a elite divertia-se: temporadas líricas no Teatro Amazonas, saraus artístico-musicais e etílicos, no Club Internacional e no Ideal Club, jogos e bebidas no Hotel Cassina, alta prostituição na Pensão da Mulata e em outros cabarés [...]”.<sup>569</sup> Ora, “a pressão moralizante recaía quase que exclusivamente aos bordéis populares e a figura do imigrante, principalmente o nordestino”.<sup>570</sup> Pois, à parte central da urbe, ocorreu uma insólita ruptura cultural!: “Manaus despiu-se de suas vestes indígenas, [...] trocou perfumes de flores e raízes silvestres por sofisticados frasquinhos parisienses, desprezou seus aluás e o saboroso guaraná por bourbons franceses e pelo schopp alemão.”<sup>571</sup> Eis a fotografia:

---

<sup>566</sup> Idem, p. 49.

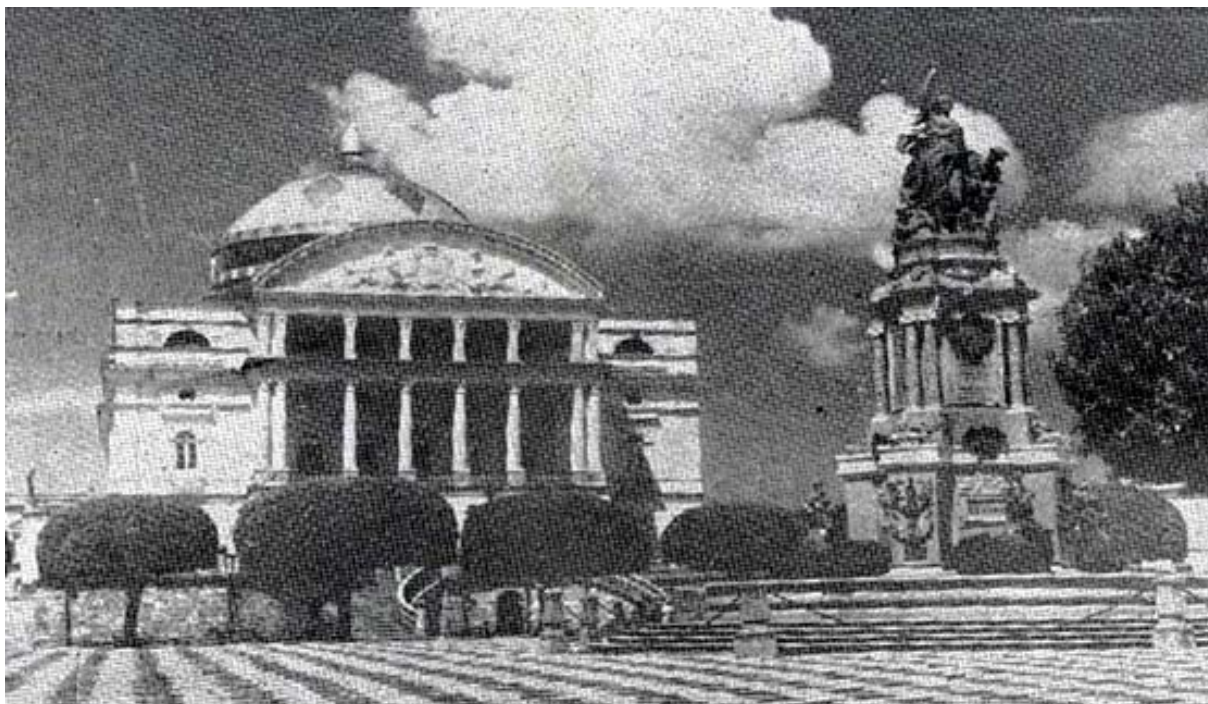
<sup>567</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. – 5ª ed. – São Paulo: Ateliê Editorial, p.46, 1980.

<sup>568</sup> BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*; tradução Júlio Castañon Guimarães. – [7. ed] – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2018, p.26

<sup>569</sup> COSTA, Selda Vale da. *Eldorado das ilusões. Cinema & sociedade: Manaus (1897/1935)*. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1996, p. 24

<sup>570</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus(1899-1925)*. 3.ed. – Manaus: FUA, 2015, p. 61

<sup>571</sup> COSTA, Selda Vale da. *Eldorado das ilusões. Cinema & sociedade: Manaus (1897/1935)*. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1996, p. 21.



**Figura 19.** Teatro Amazonas, ao centro o monumento, comemorativo a abertura dos Portos as Nações Amigas (século XIX).<sup>572</sup>

Desde a última década do século XIX, as imagens historicamente produzidas do Teatro Amazonas são utilizadas para corroborar uma versão oficial da história da cidade de Manaus. A referida edificação, em si, conta a história dos vencedores. Dissimula a história dos vencidos. Não sem sentido, é uma imagem visual inscrita no *Álbum da Cidade de Manaus 1848-1948*. Parece servir para perpetuar uma determinada temporalidade, por extensão, um *sentido de história*: asseverado no texto de apresentação do referido documento, da qual se extrai um fragmento, para posterior problematização:

É este grande acontecimento, de elevação da antiga vila de Manaus a dignidade de cidade, com o nome [...] de cidade da Barra do Rio Negro, porque a denominação de Cidade de Manaus só lhe foi outorgada em setembro de 1856, que os brasileiros do Amazonas, celebraram cheios de fé e vibrantes entusiasmo no seu centenário, ao fechar-se o ciclo de 100 anos, em que recebeu esse batismo, e que dessa data até hoje vem marchando sob os auspícios de Deus. Glória aos nossos antepassados! Bênçãos aos que tombaram levados por esse ideal de autonomia que fez a redenção do Amazonas imortal e glorioso.<sup>573</sup>

<sup>572</sup> Fotografia retirada do *Álbum Municipal de Manaós*. Elaborado na Administração do Prefeito Araújo Lima sendo Presidente do Estado o Exmo. Sr. Dr. Ephigênio de Salles, Amazonas-Brasil, 1929.

<sup>573</sup> JOBIM, Anísio. “A cidade da Barra do Rio Negro”. In.: *Álbum da Cidade de Manaus 1848-1948*, organizado e publicado durante a administração do prefeito Raimundo Chaves Ribeiro, p. 9. Cabe parênteses sobre a história da cidade, pois o fragmento supracitado demanda uma brevíssima digressão: sendo a sede da Comarca do Rio Negro, Manaus dependia política e economicamente da Província do Grão-Pará até a criação da Província do Amazonas, em 1850. Conforme outro fragmento do texto de apresentação do *Álbum* - porém, não registrado na citação acima - em 1848, pela lei de 24 de outubro do referido ano, a Assembleia Paraense elevou a vila de Manaus à categoria de Cidade da Barra do Rio Negro.

Há nesse entrecho, obviamente, uma ideia de história laudatória: registra-se um desejo geopolítico, herdeiro da conjuntura dos anos de 1940: inserir a história da cidade de Manaus, capital do Amazonas, no contexto do projeto de nação. Projeto espreado desde os anos de 1820, quando o Brasil inicia o seu processo de independência.<sup>574</sup> Ao lado disso, o vestígio elucida trajetórias gloriosas dos grandes homens, aqueles que ajudaram a edificar o projeto civilizatório; deixa nas sombras, por sinal, a história das massas indígenas<sup>575</sup> soterradas pelo motor do progresso colocado em cena a partir da colonização da Amazônia, no *setecentos*. Definitivamente, em 1948, ao festejar o centésimo aniversário da passagem da condição de vila à categoria de cidade, por meio da reprodução de imagens de monumentos nascidos no chão histórico da *Belle Époque*, o *Álbum da Cidade de Manaus 1848-1948*, reafirma o sonho de manter viva na memória social um tempo monolítico, porque glorioso. Logo, as imagens da cidade são manipuladas na intenção de preservar o sonho do passado que a memória oficial, através de seus veículos propagandísticos, pretende eternizar.

Mas, em *Órfãos do Eldorado* o poder metafórico da literatura indica determinadas aproximações com a existência do social. Ora, no que concerne à fonte literária: “quaisquer que

---

<sup>574</sup> No livro *Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. - *A grande transição*, publicado, originalmente no ano 2000 (SP), pela editora Senac, o historiador Carlos Guilherme Mota afirma que o projeto de Independência do Brasil e, por extensão, de formação da identidade nacional, obviamente, não se completou durante os impérios de D. Pedro I, tampouco, no de D. Pedro II. Nessa medida, o saber produzido pela Literatura e Historiografia (brasileiras) atesta muito bem essa comprovação (vide, por exemplo e respectivamente *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928), de Mario de Andrade e *A Formação do Brasil Contemporâneo* (1942) de Caio Prado Júnior, pois ambos continuam trazendo à baila esse debate: o problema histórico que gira em torno da completude da independência (socioeconômica e político-cultural) do Brasil; da identidade nacional. No que diz respeito a história da Amazônia, Arthur Cezar Ferreira Reis, no artigo “A incorporação da Amazônia ao Império” [inscrito no volume 1, nº 2 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1950)], coloca uma questão: “Ora, sendo a Amazônia um foco rico de lusitanidade, constituindo uma unidade política distante do Brasil, como explicar sua incorporação do Império?” (p. 174). Questão, segundo ele, colada a outro problema: a miscigenação; esta predominantemente incentivada pelo poder público desde o processo de ocupação/colonização da Amazônia (século XVII). Por isso, em 1820/22, existia na região uma população segregada, cultural, social, econômica e politicamente. Nesse sentido, pensar o processo de Independência do Brasil, (como se espalhou até à Amazônia?), assim como, pensar a formação de uma identidade nacional brasileira, é considerar também o papel significativo da população miscigenada, suas ideias, ações, projetos de toda ordem, os quais contribuíram e muito, com a Independência do Brasil e, por extensão da Amazônia. Assim, a miscigenação é também uma questão para se refletir, inclusive, a partir das teses apresentadas pelo historiador Capistrano de Abreu, através do clássico *Capítulos de História Colonial* (1907). Em suma, não é demais afirmar, com o referido historiador da sociedade, que no Brasil existem identidades nacionais, fruto e produto dos “brasis”; estes inscritos no Brasil.

<sup>575</sup> Uma evidência emblemática da aceitação de história laudatória, é o verbete que traz à lume a história de Ajuricaba. O *Álbum...* no conjunto de imagens visuais, estampa na sua sétima página a representação (no formato de desenho) de Ajuricaba com o seguinte texto: “Diz a história da Amazonia (sic) que Manaus era o nome de uma tribo indígena (sic), que *primitivamente*, dominava o vale do Rio Negro, Ajuricaba, que a ela pertencia chefiou a *celebre Confederação Amarina da Amazonia* (sic) que fez perigar o domínio lusitano nestas partes do Novo Mundo. Ajuricaba caiu prisioneiro, conduzido acorrentado numa canoa, para um veleiro português, onde seria levado para a Corte, o *guerreiro índio, altivo e nobre, atirou-se, com seus grilhões a voragem das águas. Preferiu morrer, a viver como escravo, os seus feitos, revestidos todos de grandes heroísmo e denunciadores de profundo sentido nativista, atravessou o tempo e para os filhos do Amazonas, Ajuricaba tornou-se um símbolo*”. [os grifos são meus: elucidam a história dos heróis em detrimento da história das massas].

sejam as relações com a vida real dos indivíduos, mostram-nos os sentimentos e reações que os autores consideravam plausíveis num determinado período”.<sup>576</sup> Para o que estou buscando argumentar, a novela de Hatoum, é fecunda porque reúne indícios subversivos à ordem simbólica, quando comparada às imagens visuais que o referido documento oficial seleciona objetivando perpetuar as efemérides. Com o literato a história dos subsumidos vem à lume: “Chegava gente de muitos países e de todos os cantos do Brasil. O problema eram os pobres, o governo não sabia o que fazer com eles. As praças amanheciam com famílias que dormiam sobre jornais velhos [...]”.<sup>577</sup> Nesse sentido, à narrativa imaginária de Hatoum a memória, a história, são cruciais para a busca, nas dobras do tempo pretérito, de uma Manaus inscrita nas sombras da grafia da luz. Imagem que me faz retornar a historiografia atualizada, elucidativa ao processo de expansão da referida cidade, demandada, pela abrupta inserção de classes populares advindas com a demanda de trabalhadores para a extração do látex ou para a construção de obras públicas na capital do Amazonas:

[...], tanto o preço elevado do solo urbano, após 1890, quanto a adoção das posturas públicas incentivou o deslocamento dos novos habitantes – cearenses em sua maioria – para locais mais afastados, como Cachoeirinha, o Mocó, São Raimundo, Educandos, Vila Municipal, Plano Inclinado, Flores e adjacências, fazendo a cidade avançar cada vez mais sobre a floresta.<sup>578</sup>

O saber histórico, acerca do período aludido, indica que, principalmente no inverno, dezenas de pessoas, doentes e desprotegidas, pobres, chegavam em Manaus. Suas circunstâncias não lhes permitiam arrendar qualquer espaço para morar. Por isso, aglomeravam-se nas adjacências da cidade, nos patamares dos armazéns, nas edificações inacabadas. Em suma, na extrema miséria, viviam um cotidiano de fome e doenças.<sup>579</sup> Entretanto, a demanda de serviços urbanos possibilitou às classes populares, (essencialmente, trabalhadores imigrantes, nativos, desprovidos) alternativas para morar na região central de Manaus. Essa constatação histórica me faz lembrar que, ao contrário de uma tradicional tendência historiográfica evolutiva, a qual já elucidou a história da capital do Amazonas, a recente historiografia regional trouxe a lume as classes populares, contribuindo para quebrar “a imagem de Manaus como cidade única e põe em cena a existência de uma outra cidade: problemática,

<sup>576</sup> DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, pp 17 e 18.

<sup>577</sup> HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 22.

<sup>578</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus(1899-1925)*. 3.ed. – Manaus: FUA, 2015, p.60.

<sup>579</sup> PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. “Na contramão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha (Manaus, 1920-1945)”. In.: *Canoa do Tempo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas*, vol. 1, n.1 (2007- ). – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007, p.p. 19-20.

conflitiva, tensa [...]”.<sup>580</sup> É, portanto, com esta convergência histórica que a visão literária do urbano, inscrita na escrita criativa de Milton Hatoum, dialoga. Assim, Hatoum, faz das imagens mecânicas - os registros da cidade moderna, essencialmente projetadas nas fotografias - *imagens pensantes*. Tomando posição como um *espectador emancipado*. Na mesma proporção inventa uma história, uma narrativa imaginária, mostrando os sentimentos da cidade através de seus personagens. “Vejam”, por exemplo, o juízo abaixo, *na objetiva* de Arminto Cordovil, personagem principal da novela *Órfãos do Eldorado*:

[...], alguma coisa perturbou a cidade. O movimento portuário diminuiu. Não era a guerra na Europa, a Primeira Guerra. Ainda não. Eu via as pessoas irritadas, revoltadas. Tudo parecia absurdo e violento. Em pouco tempo o humor de Manaus se alterou. Li nos jornais um desabafo do meu pai: reclamava dos impostos absurdos, do valor das taxas alfandegárias, do péssimo funcionamento do porto, da balbúrdia na nossa política.<sup>581</sup>

Sob *a imagem do olhar* de Arminto Cordovil, esse personagem que representa os costumes e as mudanças de viver de um determinado tempo histórico, Hatoum faz, às pessoas (as que pretendem ouvir as *vozes* dessas palavras, aqui representando um aspecto do imaginário da cidade) atingirem os anseios da urbe, no início do processo de retração da economia gomífera: os agentes internacionais, diretamente ligados às transformações trazidas com a *belle époque*, começavam a dobrar as costas para a cidade de Manaus. Por outro lado, a ignorância política/econômica dos “donos do poder” local. Atilamento perceptível através da historiografia regional, por sinal, elucidativa ao referido período histórico:

A partir de 1910, os primeiros sinais de crise no comércio da borracha silvestre tornam-se mais evidentes. Porém, como a variação de preço no mercado internacional era comum, a maioria da elite local acreditava que esse período de oscilação iria logo acabar e que o preço da borracha iria subir novamente, devido às experiências anteriores. Baseados nessa crença, o governo do Estado e a Associação Comercial do Amazonas não deram a devida importância ao fato e ocupavam-se em organizar congressos para discutir novos métodos de extração da borracha, visando ao aumento de seu preço no mercado, como se nada estivesse acontecendo.<sup>582</sup>

Ora, a partir da primeira década do século XX, “a exportação da borracha despencou”.<sup>583</sup> Por sinal, as evidências da referida conjuntura traduzem descontentamentos relativos à política econômica em vigência. A *Lei Orçamentária n.º 710 de 19 de outubro de 1912*, por exemplo, é alvo de questionamento:

<sup>580</sup> COSTA, Deusa. *Quando viver ameaça a ordem urbana – Trabalhadores de Manaus (1890/1915)*. Manaus: Editora Valer e Fapeam, 2014, pp. 111-112.

<sup>581</sup> HATOUM, 2008, p. 23.

<sup>582</sup> BENTES, Dorinete. *Outras faces da história: Manaus: !910-1940*. – Manaus: Rego Edições, 2012, p. 41

<sup>583</sup> HATOUM, 2008, p. 48.



[...], foi orçada a receita e fixada a despesa do Estado para o actual exercício. Essa Lei, Srs. Representantes, feita às pressas, sem o devido cuidado e sem um exame minucioso por parte do Poder Executivo, antes de propô-la, é uma Lei não assentada em bases prováveis, parecendo-me inexequível e absurda. Um ligeiro exame por mim feito ácerca do assumpto, trouxe no meu espírito a necessidade inadiável da revisão quase total do orçamento, como uma medida de salvação pública.<sup>584</sup>

Linhas adiante, após demonstração do declínio da extração da borracha no Amazonas, quando comparadas a produção dos quilos durante os anos de 1910, 1911 e 1912, isto é, 10.917.847, 10.243.452 e 10.500.000 respectivamente, o referido governador assevera: “claro está que a do corrente anno, não poderá ser superior à dos anos anteriores, attendendo a que a produção tende sempre a baixar, já pelo cansaço e esgotamento das seringueiras, já porque a cultura dessa planta, entre nós, é ainda muito incipiente.”

Necessário se faz conectar novamente a relativa afinidade de Milton Hatoum com o saber elaborado pelas ciências sociais. Aliás, já fiz menção a essa peculiaridade desde o primeiro capítulo. A propósito do entrelaçamento entre imaginário da cidade e verificação do processo de retração da economia borracheira, a partir de 1910, em Manaus, obviamente, isso me fez rememorar a principal peculiaridade da escrita criativa: “um escritor que inventa uma história, uma narração imaginária que tem como protagonistas seres humanos, deve representar personagens baseados nos usos e costumes da época que viveram: do contrário eles não seriam críveis”.<sup>585</sup> Ora, no fragmento supra, extraído da literatura de ficção, Hatoum desenha determinadas peculiaridades dos dono do poder nessa conjuntura: seus medos, seus receios, essencialmente, tangenciados pelos movimentos do capital monopolista e financeiro.<sup>586</sup>

Em suma, através da novela *Órfãos do Eldorado*, a cidade de Manaus vem à baila a partir de nuances relativos à perspectiva de um outro sentido atrelado a sua história. Uma história que somente depois das últimas décadas do século XX, a historiografia regional começou a apontar. Desta forma, Hatoum refuta fazer uma representação da “modernidade manauara” “pautada pelo sucesso de um movimento progressivo de modernização que, excluindo o que havia de

<sup>584</sup> Mensagem lida perante o Congresso do Amazonas na abertura da Primeira Sessão Extraordinária da oitava legislatura pelo Exm. Snr. Dr. Jonathas de Feitas Pedrosa, Governador do Estado em 26 de fevereiro de 1913.

<sup>585</sup> GUINZBURG, Carlo. “ Paris, 1647: um diálogo sobre ficção e história“. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*; tradução de Rocha Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.82.

<sup>586</sup> HATOUM, 2006, p. 18. Essa preocupação com o contexto histórico, plasma do tempo que estrutura os enredos de Hatoum, é trabalhado em todos os seus romances. Por meio destes, há condições de possibilidade para se conjecturar, por exemplo, sobre as mentalidades inscritas nas referidas conjunturas. Em *Dois Irmãos*, o escritor menciona as agruras ocorridas na cidade de Manaus durante o período da II Guerra Mundial, as angústias pelas quais as populações passaram: “Foram assim durante os anos da guerra: Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, feijão, sal ou café. Havia racionamento de energia e um ovo valia ouro.”

‘primitivo’, ‘selvagem’ e ‘atrasado’, recuperava a Amazônia para a cultura ocidental, branca, civilizada, limpa, elegante.”<sup>587</sup> O desenho do olhar forjado, através da escrita criativa por ele elaborada, vislumbra as formas elementares das culturas submersas na memória. Como aquele fotógrafo personagem que capta, ao lado da ruptura imposta pela edificação moderna a casa de palha, construída sobre as águas do rio Negro, resquícios simbólicos, heranças das etnias indígenas que a “cidade das ilusões” insiste em dissimular na sombra do passado.

Na esteira da novela *Órfãos do Eldorado*, a narrativa imaginária de Hatoum traz as representações de outra cidade: Parintins. A seguir reproduzo uma imagem da referida cidade, pertinente ao que será narrado na próxima seção:



**Figura 20:** detalhe da cidade de Parintins, em 1858, vista do rio Amazonas<sup>588</sup>

A gravura representa “Barcos e regatões fundeados no porto da cidade de Parintins, em 1858. Desenho de Maurand. Foto pesquisa Costa Lima”<sup>589</sup>. Emblemática, a perspectiva, o ponto de fuga dessa gravura é, de certa forma, uma “tomada de posição”<sup>590</sup> da referida imagem. Este imaginário da cidade, o qual discutirei na seção que se avizinha se espraia através de temporalidades. Enxerga-se isto, por exemplo, por meio de determinadas fotografias, paralelamente, da literatura, principalmente aquela produzida pelos naturalistas, assim como pela narrativa de ficção (como a de Milton Hatoum). Nesse sentido, com Georges Didi-Huberman, afirmo que tais representações, como busco conjecturar adiante, inscreveram a

<sup>587</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. “Nos meandros da cidade: cotidiano e trabalho na Manaus da borracha, 1880-1920”. In.: *Canoa do Tempo: Revista de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas*, vol. 1, n. 1 (2007- ). – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007, p. 54.

<sup>588</sup> ANDRADE, Moacyr. Manaus: ruas, fachadas e varandas. Manaus, Humberto Calderaro, 1985.

<sup>589</sup> ANDRADE, 1985, p. 50.

<sup>590</sup> Estou me reportando as reflexões do filósofo e historiador da Arte, Georges Didi-Huberman, essencialmente a partir do livro *Quando as imagens tomam posição: o olho da história, I*.

peculiaridade anfíbia dessa cidade; a relação dialógica com o rio; este que se constituiu histórica e antropologicamente como o referente à construção das identidades amazônicas.

É, portanto, isto que será abordado nas linhas que seguem.

### 3.3. Parintins, “a cidade anfíbia”

“[...] , na beira dos rios, Vila Bela era uma cidade anfíbia”.<sup>591</sup> Como se nota, o uso do elemento água, aqui afigurado em rio, suscita a principal peculiaridade de Vila Bela. E posso até arriscar em dizer que o rio, suas águas, serve como metáfora das memórias, pois são essas águas que fortalecem os sentimentos de pertença e identidade, nos habitantes das cidades amazônicas. Isto, a propósito, é bem recorrente na literatura de Milton Hatoum. Obviamente, o rio é uma referência significativa à Vila Bela, onde a novela *Órfãos do Eldorado* é, em parte, ambientada. Nessa fórmula, a menção aos sentimentos de pertença aponta, igualmente, para um atilamento antropológico. Em *Órfãos do Eldorado*, os rios, as aves (que vivem nos ecossistemas de várzea), a noite, amazônicos, são evidenciados, também, como metáforas do tempo, da história e da memória. Assim, necessário faz-se deixar Arminto Cordovil, personagem principal de *Órfãos do Eldorado*, a novela, se pronunciar:

[...] passo a tarde de frente para o rio. Quando olho o Amazonas, a memória dispara, uma voz sai da minha boca, e só paro de falar na hora que a ave graúna canta. Macucauá vai aparecer mais tarde, penas cinzentas, cor do céu quando escurece. Canta, dando adeus à claridade. Aí fico calado, e deixo a noite entrar na vida.<sup>592</sup>

Percebe-se, é por meio da natureza que se inicia a narrativa. Diante do rio a história de Arminto Cordovil é inaugurada e finalizada quando Macucauá ecoa. O rio Amazonas vaza aqui sua força polifônica. Essas inúmeras vozes que o tempo guarda e que as lembranças aguçam. Mas, é preciso estar diante dele e olhá-lo profundamente. Como quem olha para sua própria história. Olhar e lembrar para não incorrer na amnésia e deixar o esquecimento penetrar na vida. Isso faz ver o quanto os sentidos são cruciais à memória. Um comportamento, um gesto, um hábito aguçam lembranças.<sup>593</sup> No trecho que retirei da novela de Hatoum, no plano de seu enunciado, o rio é o catalizador da subjetividade de Arminto Cordovil: por onde reconquista sua memória. Dito corretamente, o Amazonas, - rio que impressiona, historicamente, os

<sup>591</sup> HATOUM, 2008, p. 53.

<sup>592</sup> HATOUM, 2008, p. 14.

<sup>593</sup> ARCE, Bridget Christine. “Tempo, sentidos e paisagens: os trabalhos da memória em dois romances de Milton Hatoum”. In.: CRISTO, Maria de Luz Pinheiro de (org.). *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. Manaus: EDUA: UNINORTE, 2007, p. 230.

sujeitos que por ele navegaram: “este rio não parece um rio; a corrente geral, neste mar de água doce, mal é perceptível à vista e mais se parece com as vagas dum oceano que com o movimento dum curso de água do mediterrâneo”<sup>594</sup> - , nessa representação, portanto, é o principal indutor das reminiscências.

Iniciei esta parte do capítulo fazendo uma digressão com o propósito de argumentar: provavelmente, o imaginário da cidade de Parintins, a Vila Bela de Hatoum, foi elaborado pelo escritor a partir das diversas leituras sobre documentos históricos, deixados ao longo dos séculos, as quais, demandadas, necessário fazer algumas conjecturas, na esteira, obviamente, do método indiciário e, por extensão, da imaginação histórica. Vale reafirmar, assim, que o escopo dessa seção é continuar buscando os regimes de expressão da narrativa literária e fotográfica. Porém, praticamente inexitem álbuns fotográficos oficiais retratando a cidade de Parintins. Assim, usarei imagens reunidas a partir de determinados arquivos pessoais, essencialmente, e públicos, raramente, os quais organizei ao longo da pesquisa sobre esta cidade. E, utilizo outros tipos de fontes: relatos de alguns memorialistas e estudos de cientistas sociais. Ao lado disso, quando demandado, farei recorrências aos apontamentos, legados dos naturalistas a partir de suas viagens pelo rio Amazonas, durante no séculos XIX<sup>595</sup>, visto que no tempo do enunciado da novela de Hatoum, corpus de minha análise, a ambiência da cidade de Vila Bela, em um determinado período, está relacionada ao referido século. A proposta, então, é entretecer, o tempo histórico sobre a cidade de Parintins, a partir do olhar dos viajantes naturalistas, com o tempo do enunciado inscrito em *Órfãos do Eldorado*, com o propósito de conjecturar sobre determinadas matrizes intelectuais usadas pelo escritor amazonense para constituir personagens e o imaginário da cidade de Parintins (histórica), através de Vila Bela (fictícia). Nessa medida, levanto a hipótese de que Milton Hatoum parte de evidências, indícios históricos para construir o perfil de seu personagem principal, Arminto Cordovil, e as peculiaridades da cidade de Vila Bela. Para tanto, o relato dos viajantes, que por essa cidade passaram no século XIX, foi de fundamental importância para a escrita criativa do autor em estudo. Observo aqui a possível relação dialógica da narrativa de Hatoum com alguns registros iconográficos. Desta forma, cotejo evidências históricas para perceber relações com imagens de Vila Bela, a cidade imaginada pelo escritor amazonense. Dito isto, retomo o percurso de minha narrativa histórica. Volto às representações da cidade de Parintins. Por sinal, a

---

<sup>594</sup> AGASSIZ, 1975, p. 107.

<sup>595</sup> Uso também um aspecto do relato de Alexandre Rodrigues, datado, originalmente, do século XVIII.

denominação “Vila Bela”, também foi construída historicamente: a cidade está nas representações escritas e iconográficas, como procuro demonstrar adiante.

Um certo viajante passando pela cidade de Parintins afirmou: “ [...], deviam estar mergulhados num sono profundo; eram quatro da tarde e suas janelas estavam hermeticamente fechadas, [...]”<sup>596</sup> Seria uma cidade fantasma, ou esse aspecto da cultura local, o ato milenar de priorizar mais horas para o lazer e menos para o trabalho, herança indígena, estaria chocando o estrangeiro que, naquele instante, passara próximo daquela ilha, à margem do rio Amazonas? Relativo a essa peculiaridade, o viajante europeu, elabora um desenho, por sinal, iconografia fecunda, ao que pretendo neste estudo:



**Imagem 21:** detalhe da antiga *Villa Bella da Imperatriz* (1852), a qual passou a ser denominada de cidade de Parintins em 1880<sup>597</sup>.

Eis a representação da cidade anfíbia, visto que, essencialmente conectada por meio do rio, daí constrói sua identidade. Indícios inscritos na gravura vazam essa especificidade: acena

<sup>596</sup> MARCOY, Paul *Viagem pelo Rio Amazonas*. Tradução, introdução e notas de Antônio Porro. 1ª edição em português. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto e Editora da Universidade do Amazonas, 2001, p. 212.

<sup>597</sup> A gravura foi extraída da página 210 da referência citada na nota anterior. Na “Introdução” consta um esclarecimento importante de Antônio Porro sobre a riqueza iconográfica inscrita nessa obra: “As ilustrações do livro de Marcoy constituem um repertório valioso da iconografia oitocentista sul-americana. Das 626 gravuras da obra original, cerca de 80 correspondem à Amazônia brasileira e metade delas, incluindo todas as vistas das cidades e povoados ribeirinhos e todas as de interesse etnográfico, histórico e arqueológico, acham-se reproduzidas nesta edição. Marcoy conseguiu salvar de seus naufrágios fluviais e levar para França grande quantidade dos desenhos e aquarelas, de cujo paradeiro não se tem notícia, mas que foram reproduzidos pelo famoso desenhista e gravador Eduard Riou, ‘d’après ses riches albums et sous ses yeux’, como esclarece a primeira edição do *Voyage*. Riou (1833-1900) tornou-se conhecido e apreciado pelas ilustrações de numerosos livros de viagens, entre eles o de Auguste Biard também sobre a Amazônia (*Deux années au Brésil*, Paris 1862) e de obras de Júlio Verne.” (p. 14). Vale informar que a reprodução da imagem retirada da referida referência é uma fotografia da gravura, feita pela historiadora Elisângela Maciel, em 14 de março de 2020, feita especialmente para esta tese.

para o trabalho da pesca. Por isso, suscita a importância significativa do movimento das águas e dos ventos para os habitantes da referida cidade. As canoas e as vigiengas, com suas velas murchas, são decerto, os veículos originais de transporte, principalmente, mas também para atividades de lazer e trabalho pesqueiro. Na margem, casas simples, a floresta ao fundo e no céu, as efêmeras nuvens fazem menção a uma determinada hora cáustica. Nesse primeiro plano, pulula a representação dum tempo quieto, nessa cidade amazônica. Esses registros estão inscritos no relatório de viagem de Paul Marcoy<sup>598</sup>. Acerca de sua passagem por Vila Bela da Imperatriz, atual cidade de Parintins, nos anos cinquenta do século XIX, a propósito de minhas intenções nesse estudo, retirei o seguinte relato:

A dois tiros de flecha da sua embocadura, na margem direita do rio [Amazonas] e rodeadas pelo costumeiro capim amarelado, contamos onze casas pequenas com tetos de palha; atrás delas levantava-se a floresta. Isso era tudo o que restava de Vila Nova da Rainha. Essa nova vila era no começo um simples povoado fundado no princípio deste século por um certo *Pedro Cordovil*, um capitão-do-mato que formou com índios Mundurucus do interior do Tapajós. Pouco tempo depois da fundação um decreto do governador e capitão-geral do Pará, Marcos de Noronha e Brito, elevou-o à condição de missão e deu-lhe o gracioso nome de Vila Nova da Rainha.<sup>599</sup>

O fragmento revela evidências sobre parte da história pretérita da atual cidade de Parintins: atrelada ao projeto lusófono de ocupação da Amazônia, esta urbe nasce oficialmente a partir da geopolítica estratégica daquela conjuntura: primeiro, a edificação de fortes para a proteção bélica dos territórios, visto que desde o século XVII as disputas pelo monopólio das terras, entre portugueses, ingleses, franceses e, principalmente espanhóis foram acirradas; seguido da demarcação do espaço físico, por meio da ocupação da região com a criação dos

---

<sup>598</sup> Na “Introdução” da obra referida na próxima nota, Antônio Porro faz alguns esclarecimentos relativos à biografia de Paul Marcoy: “Nascido em Bordéus em 1815, Laurent Sanint-Cricq, porque era este o seu verdadeiro nome, era filho de um abastado comerciante que enviou, ainda jovem, entre 1831 e 1834, às Antilhas em missão de negócios. Sem interesse, porém, pela atividade paterna, ao voltar a Bordéus Saint-Cricq dedicou-se ao jornalismo e à crítica de arte, além de expor seus próprios desenhos. Alguns anos depois (Chaumeil sugere em 1849), viajou para a América do Sul, onde ficaria até 1846 no Chile, na Bolívia e principalmente no Peru, que conheceu em sucessivas e demoradas viagens de exploração. Em meados de 1846, partindo do litoral daquele país, decidiu empreender a travessia do continente para chegar a Belém do Pará. De regresso a Paris, passou os anos seguintes escrevendo os seus relatos de viagem a partir das anotações, mapas, desenhos e aquarelas que, junto com uma respeitável coleção de espécimes botânicos, havia trazido consigo. Entre eles a sua obra maior, o *Voyage (...)*.” (p. 2).

<sup>599</sup> MARCOY, Paul *Viagem pelo Rio Amazonas*. Tradução, introdução e notas de Antônio Porro. 1ª edição em português. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto e Editora da Universidade do Amazonas, 2001, p. 211-212. Utilizando os estudos de Lourenço da Silva Araujo Amazonas, isto é, *Dicionário Topográfico, histórico, descritivo da Comarca do Alto Amazonas*, na sua edição de 1984 (Recife: Meira Henriques Nova edição fascimular; Manaus: Associação Comercial do Amazonas – “Coleção Hiléia Amazônica, 1 -), Antônio Porro, acerca da “Introdução” à obra de Paul Marcoy, elabora uma nota para esclarecer que “Vila Nova da Rainha, depois Vila Bela, depois Tupinambarana e finalmente Parintins, foi fundada em 1796 por José Pedro Cordovil com indígenas Sapopés e Maués, a que se adicionarão em 1798 Paraviáνας e Uapixáνας e, em 1803, Mundurucus (Amazonas 1984, p. 198), a referida nota consta na página 231 do livro de Paul Marcoy.

povoados indígenas.<sup>600</sup> Depois, os espaços administrativos foram estabelecidos através da concepção das missões<sup>601</sup> com o propósito de instituir as *fronteiras culturais*, por meio da catequese cristã, como revelam estudos recentes: “uma vez mais, recorrendo aos diletantes, verificamos que os jesuítas, na figura do padre Francisco Gonçalves, em 1658, foi o primeiro indivíduo religioso a trazer uma missão direcionada às etnias da ilha de Tupinambarana”.<sup>602</sup> Ora, é sabido que as missões foram essenciais para a colonização do imaginário<sup>603</sup> das etnias indígenas na Amazônia. Desta forma, tornaram-se instituições de fronteira, garantindo o domínio lusófono, também, no Baixo rio Amazonas, como deixa patente o relato de Paul Marcoy. Mas, tarde, com o advento do *Diretório dos Índios* (1757-1798), as missões são transformadas em vilas. Igualmente asseguradas pela *Carta Régia* de 12 de maio de 1798. Nesse bojo, portanto, estaria a Vila Nova da Imperatriz.<sup>604</sup>

Outra evidência, inscrita do fragmento cotejado da obra de Paul Marcoy, é a menção ao nome do capitão-do-mato Pedro Cordovil. Ora, já foi dito linhas acima que o enredo elaborado por Hatoum, gira em torno de personagens masculinos, os quais carregam o nome Cordovil: simbólico, esse nome suscita o entretecer das narrativas literária e histórica/historiográfica reciprocamente, pois que “[...] Calíope pode ‘ensinar’ à Clio, e vice-versa, num tempo como o nosso, de confluente diálogo entre diferentes disciplinas ou campos de saber”.<sup>605</sup> Isso me fez elucidar esse diálogo. Assim, recorro aos estudos do historiador Arthur Cezar Ferreira Reis, na tentativa de verificar, talvez uma relação mais acurada, acerca de parte da trajetória de Pedro Cordovil (o sujeito de carne e osso, representado pela narrativa histórica/historiográfica) com Arminto Cordovil (o personagem fictício de Hatoum, representado através da narrativa

<sup>600</sup> Desde o século XVII, quando através da Lei de 10 de setembro de 1611, cria-se o sistema de capitães-de-aldeia, vigente na Amazônia a partir de 1616.

<sup>601</sup> Com a Lei de 01 de abril de 1680, a qual estabelecia o fim da escravidão indígena ocorreu o retorno do controle da força de trabalho indígena aos jesuítas. A vigência da referida lei durou quatro anos. Em 1686, no dia 21 de dezembro de 1686, foi criada a Lei a qual estabeleceu o sistema administrativo denominado Regimento das Missões.

<sup>602</sup> FERREIRA, Arcângelo da Silva; SILVA, Márcia Gabrielle Ribeiro. “Encantos, encontros, desencontros dos terreiros com a Cidade: afro religiões em Parintins”. In.: MORGA, Antônio Emílio (org.). *História, sentimentos, cidades e desencontros*. Manaus: EDUA, 2016, p. 58-59.

<sup>603</sup> UGARTE, Auxiliomar Silva. “Alvores da conquista espiritual do alto Amazonas (século XVI-XVII)”. In.: SAMPAIO, Patrícia Melo; ERTHAL, Regina de Carvalho (org.). *Rastros de memória: história e trajetórias das populações indígenas na Amazônia*. – Manaus: EDUA, 2006. Nesse estudo o historiador mencionado faz minuciosa pesquisa sobre o papel das missões franciscana e jesuíta como instituições de fronteira no processo de ocupação espanhola e portuguesa na região do Alto Amazonas. Destaca o significado da catequese como tecnologia importante para a colonização do imaginário, essencialmente, da etnia Omágua, à época considerada a mais “civilizada”, se comparada com as outras.

<sup>604</sup> Durante os anos de 1757 a 1759, as antigas aldeias e missões foram elevadas a categoria de Vilas e Lugares com denominações portuguesas.

<sup>605</sup> PESAVENTO, Sandra Jatáhy. “Apresentação”. In.: \_\_\_\_\_ (org.). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. – Porto Alegre : Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 7.

literária). Nessa medida, buscar determinadas matrizes, as quais Hatoum pode ter utilizado para compor seu personagem.

Ora, em um de seus depoimentos Milton Hatoum faz o seguinte relato:

Os personagens adquirem importância fundamental. A vida de um personagem de certa forma é a vida de um romance. [...], geralmente eu escrevo muito sobre o personagem antes de começar a escrever o romance, eu quero saber um pouco da vida dele, do que ele é, dos traços físicos, as vezes eu desenho, como eu desenho as casas dos meus romances, eu faço croquis. Bom, eu sou arquiteto e isso, enfim, isso para mim é uma, é quase um exercício também nostálgico da profissão que eu não exerci. Então, as vezes eu falo muito do, vamos dizer, falo pra mim mesmo desse personagem e tento por todos os lados, é... escrever sobre ele, cada vez mais, e... as vezes eu escrevo tanto sobre esses personagens que eu acabo sonhando com eles. Então, ne... e muitas vezes você não escreve nada sobre os personagens e ele aparece subitamente em algum momento do livro, misteriosamente começa a crescer, começa a, vamos dizer, a tomar corpo.<sup>606</sup>

O depoimento do escritor revela o acurado trabalho intelectual para compor seus personagens. Considerando suas palavras reafirmo que, no caso da composição de Arminto Cordovil, um filho de Vila Bela, Hatoum demandou pesquisas sobre a história da trajetória da cidade de Parintins. Não sem sentido, o Cordovil de Hatoum torna-se um personagem fora da ordem estabelecida pela tradição estruturada pelos homens de sua família, o avô, Edílio, o pai, Amando. É provável que o sobrenome escolhido por Hatoum seja uma alusão a Pedro Cordovil, visto que seu perfil, conforme a historiografia tradicional em trabalhos de memorialistas, é traçado, através de peculiaridades degradantes. A seguir essas notas de um religioso, viajante interessado em certos sujeitos inscritos na trajetória histórica da cidade de Parintins:

Todos os cronistas afirmam que Cordovil tinha um gênio extremamente irascível e orgulhoso, brigava com todos, utilizava-se impetuosamente do braço nativo e perseguia frei José das Chagas, porque era um obstáculo para suas transações comerciais.

Possuía terras incultas na foz do lago do Zé-Açu até a localidade do Mato Grosso, Amazonas, que lhes foram concedidas pela rainha D. Maria I de Portugal.

Em 1804, mudou-se para a localidade do Miriti e doou o sítio Tupinambarana, que havia transformado em 'fazenda agrícola' de sua propriedade, à rainha Maria I, e, em seguida, transferiu-se definitivamente para Belém do Pará onde dilapidou no jogo a fortuna que daqui levou, 'Morreu mendigo, coberto de andrajós, à porta do hospital da caridade em Belém' (*Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas* – Francisco Bernardino de Souza).<sup>607</sup>

Peço licença para deixar a reflexão sobre esse escólio, por enquanto. Retomo-o linhas adiante. As peculiaridades de Pedro Cordovil, também são anotadas pelo historiador Arthur

<sup>606</sup> Fragmento extraído do podcast Milton Hatoum – Escritores-Leitores/Itaú, publicado em: 31/10/2019 – 11:00H.

<sup>607</sup> SAUNIER, Tonzinho. "Homens e mulheres que fizeram a História de Parintins". In.: \_\_\_\_\_. *Parintins: Memória dos Acontecimentos Históricos*. – Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2003, p. 77.



César Ferreira Reis. Por sinal, o perfil do referido personagem histórico feito por esse historiador baliza as conclusões do memorialista citado anteriormente. Através da narrativa histórica de Reis, vê-se um corrupto administrador disposto a burlar a ordem dos valores (morais, materiais) vigentes, à época, estabelecidos na Capitania de São José do Rio Negro.<sup>608</sup> Mas, para o que estou procurando argumenta, é o momento de reproduzir o relato do referido historiador, primeiro sobre a cidade de Vila Nova (atual Parintins):

Vila Nova, primeira pousada para quem entrava na Capitania vindo pelo Amazonas, era um sítio ótimo para a vigilância de embarcações que conduziam os gêneros de comércio. O posto de Serpa não produzia os efeitos desejados. Por trás da vila passavam embarcações, fugindo do fisco à severidade dos dízimos cobrados pelo Estado.<sup>609</sup>

De acordo com Reis, Vila Nova guardava uma função estratégica, pois se constituía num lugar importante para a monitoração de possíveis desvios dos gêneros de comércio, assim como, das pessoas que tentavam burlar a cobrança dos impostos. Nem Serpa (atual cidade de Itacoatiara), possuía um posto de vigilância tão eficaz quanto o de Vila Nova, considera o historiador. Apesar de Reis elogiar Vila Nova, esse testemunho histórico vaza uma evidente permanência no processo de colonização lusófono, iniciado desde o século XVII, na região amazônica: a constante preocupação em se manter a ordem, visto que eram frequentes os conflitos em torno das riquezas produzidas na região, tanto relacionadas a produtividade dos gêneros de comércio “[...], pois era viva a atividade dos colonos no trato da terra, na criação de rebanhos, na extração de produtos naturais, as famosas ‘drogas do sertão’, na movimentação de pequenas manufaturas, [...]”<sup>610</sup>, assim como as inquietações acerca das querelas pelo controle da força de trabalho indígena. É, portanto, no centro dessas contendas administrativas que está representado o papel histórico de José Pedro Cordovil, na referida narrativa de Reis sobre as origens de Parintins:

Não se fazia, no povoado a agricultura que a todo momento as Cartas Régias, os Alvarás e as Decisões do Conselho Ultramarino e as Circulares do Governadores aconselhavam ou mesmo determinavam. José Pedro Cordovil, desprezando as advertências oficiais, atirava-se ao comércio dos produtos naturais utilizando-se violentamente do braço nativo.

Consequência imediata foi a fuga do gentio, a decadência do povoado, de outro lado, Cordovil, gênio irrequieto, incidentava por tudo e com todos, criando-se na região, um ambiente de restrições, de hostilidades mesmo.<sup>611</sup>

---

<sup>608</sup> Criada em 1755,

<sup>609</sup> REIS, Arthur César Ferreira. *As origens de Parintins*. – Manaus : Editado pelo Governo do Estado do Amazonas. – Secretaria de Imprensa e Divulgação. – Palácio Rio Negro, 1967. p. 14.

<sup>610</sup> REIS, 1967, p. 7.

<sup>611</sup> REIS, 1967, p. 9.

Essa História elaborada por Arthur Reis, a partir da documentação oficial referente aos aspectos administrativos de Vila Bela, edifica um Cordovil desobediente à ordem estabelecida pelo sistema colonial português. A personagem, por sinal, é relacionada diretamente a determinados acontecimentos prejudiciais ao projeto lusofono: Em 1805, motivado pelos maus tratos do “capitão de milícias” (como Reis identifica sua patente militar), leva de nativos aldeados em Vila Nova, abandonam-na, naquela conjuntura, Missão para organizar lugares de resistências como, por exemplo, mocambos. Em 1806, Cordovil lava um motim em Maués, “do mesmo modo porque explorava o nativo, viciava-o alcoolizando-o”.<sup>612</sup> Nesse mesmo ano há notícias de que Cordovil havia encontrado regiões de minério, explorando-as ilicitamente. Com Reis vê-se um sujeito disposto a lutar por seus interesses, mesmo se à ordem vigente seus negócios fossem considerados transgressores.

Vale lembrar que a Amazônia vivia sob a égide da Carta Régia de 12 de maio de 1798, criada durante o governo de Dona Maria I (codinome: a louca), a qual havia extinguido o Diretório dos Índios. E as preocupações da Coroa portuguesa giravam em torno da organização do *Corpo de Milícias* e do *Corpo de Trabalhadores*<sup>613</sup>, nos quais eram direcionados a mão de obra indígena. Contudo, as tensões relativas ao controle da força de trabalho indígena e da produção extrativista percorriam as temporalidades. Arthur Reis, inclusive, relata o fato da necessidade de um religioso, Frei José das Chagas, ter sido convocado para tentar colocar ordem nos problemas administrativos causados pelas intrigas de Pedro Cordovil, pois, segundo o historiador, ele estava prejudicando a “incorporação do gentil que precisava ser tratado cordialmente de modo a compreender a utilidade dos hábitos novos, da sua educação nos moldes da ordem ocidental. Um largo programa de fraternidade”.<sup>614</sup> Desta forma, na escrita da história de Arthur Reis, Frei José das Chagas representa a ordem, Pedro Cordovil, a desordem. Essa oposição, por sinal, motiva Reis a buscar um sentido para essa história sobre as origens de Parintins. Possível ponderar sobre isso quando o historiador erige, por exemplo, essa fecunda imagem da trajetória histórica de Vila Nova:

A vida da Vila Nova, iniciada em meio aos incidentes que conhecemos hoje graças às peças que iluminam esta memória, prosseguiu sob a mesma agitação: de um lado Frei

---

<sup>612</sup> REIS, 1967, p. 13.

<sup>613</sup> Sistema administrativo estruturado para controlar a força de trabalho indígena através de duas fases distintas de suas trajetórias de vida. Enquanto estivessem capazes fisicamente de suportar o trabalho deveria ingressar no Corpo de Trabalhadores; comprometida a eficácia ao desenvolvimento do trabalho pesado, deveria ingressar no Corpo de Milícias, com direito a recebimento de: soldo, farda e água ardente. Vale considerar que a estratégia da coroa Portuguesa, ao banir o Diretório do Índios e implementar o Corpo de Trabalhadores e Milícias era de disciplinar e, por extensão, controlar o monopólio da força de trabalho indígena.

<sup>614</sup> REIS, 1967, p. 10.

José das Chagas, energia, espírito bem intencionado, organização; de outro, Cordovil, desassossegado, prejudicial.<sup>615</sup>

A visão de história que fundamenta a interpretação de Arthur Reis elucida uma determinada matriz gestada no século XVIII e que ainda guarda suas raízes, pelo menos até algumas décadas após a segunda metade do século XX, chão histórico originário da urdidura do referido historiador: deixa transparecer no bojo da maniqueísta luta entre o transgressor, e o agente da ordem civilizadora direcionada aos indígenas da Amazônia. Nesse ponto, Vila Nova da Imperatriz precisava, considerando a História e a Historiografia de Reis, se enquadrar na direção da “História como progresso, como evolução ou como necessidade”.<sup>616</sup>

Pela enésima vez assinto: quis aqui recorrer às evidências memorialísticas e históricas acerca das representações de Pedro Cordovil para entretecer a personagem histórico e a personagem literário, na perspectiva de conjecturar sobre as buscas de Hatoum à memória e a história de Parintins. Nessa medida, pensando nessa articulação, volto à narrativa de Hatoum para verificar como o literato traça o perfil de seu Cordovil, o Arminto:

Muita gente conhecia meu nome, todo mundo tinha ouvido falar da riqueza e da fama do meu pai, Amando, filho de Edílio. Estás vendo aquele menino pedalando um triciclo? Um picolezeiro. Assobiando, sonso. Vai se aproximar de mansinho da sombra do jatobá. Antes, eu podia comprar a caixa de picolés e até o triciclo. Agora ele sabe que eu não posso comprar nada. Aí, só pirraça, vai me encarar com olhos de coruja. Depois dá uns risinhos, sai pedalando, e lá perto da igreja do Carmo ele grita: Arminto Cordovil é doido. Só porque passo a tarde de frente pro rio.

Na Vila Bela de Hatoum Arminto Cordovil carrega uma trajetória semelhante a de Pedro Cordovil. Seria o momento de voltar, novamente, a leitura dos apontamentos do memorialista supracitado (Tonzinho Saunier) para se perceber determinadas convergências entre os perfis do sujeito histórico e do personagem fictício. Ambos tiveram certos prestígios, privilégios. Contudo, devido ao prazer pueril, perderam suas riquezas materiais e suas representações no bojo da história, da memória e da sociedade. Ficaram as lembranças dos tempos abastados e as marcas de suas idiossincrasias: ambos terminam seus dias de maneira degradada; paupérrimos, perambulando pela cidade à margem da ambiência luxuosa. No final de suas vidas, devido às escolhas que fizeram, Fausto os havia abandonado.

Como se percebe, O Cordovil fictício, de Hatoum, se apropria da trajetória do Cordovil de carne e osso, histórico, cotejado, essencialmente, dos apontamentos dos diletantes, viajantes naturalistas, assim como da Historiografia Regional (da qual utilizei, o emblemático relato de

<sup>615</sup> REIS, 1967, p. 13.

<sup>616</sup> KOSELLECK, Reinhart. “Introdução”. In.: \_\_\_\_\_... [et al.]; *O conceito de História*; tradução René E. Gertz; - 1. Ed.; 1. reimp. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2016, p. 38.

Arthur Cézár Ferreira Reis). Vale dizer, a propósito dos meus argumentos, que, ao contrário da versão histórica tradicional sobre a figura de Pedro Cordovil, com Hatoum, Arminto Cordovil é composto para que as pessoas leitoras de *Órfãos do Eldorado* percebam que o referido personagem, como já foi dito em capítulo anterior, é uma chave de leitura, uma condição de possibilidade, para se pensar e fazer a narrativa de uma história trágica: aquela, dissimulada pelas representações do *Eldorado* (versão tradicional da História/Historiografia), que abarca, principalmente, a denominada *Belle Époque*. Em suma, a narrativa de ficção de Milton Hatoum parece se apropriar do perfil histórico de Pedro Cordovil como uma matriz intelectual para que o escritor delineei o seu personagem Arminto Cordovil, visto que em *Órfãos do Eldorado*, ele é a alma do romance: um indício para se conjecturar sobre o sentido da história que a novela suscita. No bojo dessa discussão é pertinente ouvir a fala de Hatoum, quando indagado sobre os caminhos que trilhou para compor seu personagem principal:

Eu voltei três vezes pra Parintins, pra escrever esse livro, e uma sobrinha minha fez uma pesquisa num arquivo. Eu pedi pra ela ver quais eram os casos de corrupção da antiga intendência municipal e ela disse “ih, tio, só tem loucura aqui!”, muito caso de..., vem de muito tempo isso, né. E o Cordovil eu encontrei sim no livro do Arthur Reis, mas nas estátuas que tem em Parintins, e foi o cara que matou muito índio. Ele foi um criminoso e é referenciado na cidade, não é mesmo, como muitos criminosos são referenciados [...]. E esse eu achei o nome perfeito, Cordovil, pra esse caso, porque nesse sobrenome existe, vamos dizer, a cordialidade, do cor, do cordato e a vilania, do vil. É o sobrenome que junta os extremos, vamos dizer assim, ou os opostos. Porque ele não é totalmente vil, ele é bom pro povo, da cidade dele, como muitos populistas são, né, hoje em dia, pessoas boas...<sup>617</sup>

A propósito de minha narrativa, abaixo reproduzo uma imagem do busto de José Pedro Cordovil. A imagem não representa a realidade, obviamente, mas uma menção simbólica àquele que teria sido uma espécie de fundador, administrador, de acordo com a memória coletiva da cidade, corroborada pela Memória e História oficial do município. Esta, inclusive que volveu a edificação desse busto de cimento e pedra. As pessoas leitoras irão notar, por certo, quando olharem para a imagem, marcas do descaso para com o referido patrimônio, alhures erguido na cidade de Parintins. A Prefeitura e a Câmara do referido município, infelizmente, ao que tudo indica, mantiveram-se, após a segunda década do século passado, omissas à história patrimonial e pública da cidade, visto que, na Praça Eduardo Ribeiro, notório local onde foi erguido o busto que simboliza a figura de José Pedro Cordovil, antes também foi construído o prédio da Prefeitura do município; vale dizer, uma das primeiras edificações

---

<sup>617</sup> Entrecho retirado das respostas às perguntas que fiz a Milton Hatoum sobre a novela *Órfãos do Eldorado*, quando ele veio à cidade de Manaus em 06 de dezembro de 2019, lançar o seu livro *Pontos de Fuga*. Esse evento ocorreu em uma tarde de sexta-feira no auditório da Escola Superior de Tecnologia (EST) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

públicas, porém abandonada as intempéries. É sabido que em 06 de janeiro de 1969, pelo Decreto de Lei 7/68, assinado em 29 de dezembro de 1968, quando era prefeito de Parintins o senhor Raimundo Djard Vieira, o prédio recebeu o nome José Pedro Cordovil. A última fase em que o prédio foi usado como sede da Prefeitura do município foi nos anos de 1993 a 1996, durante a gestão do prefeito Raimundo Reis Ferreira<sup>618</sup>. Em suma, os descasos relativos à conservação das edificações públicas, parecem ignorar que os patrimônios são instrumentos eficazes para a compreensão do conhecimento das diversas histórias existentes na cidade. Nessa perspectiva, ao lado do prédio da Prefeitura, o busto de José Pedro Cordovil, que, inclusive, também serviu de mote para a composição do personagem central da novela de Milton Hatoum, torna-se um patrimônio relacionado à História pública da cidade. É mister sua conservação; menos para a consolidação da versão oficial da História, mas como um monumento a ser questionado – este que “tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (...)” - <sup>619</sup>, pois a partir da percepção do significado e do porquê da edificação dos patrimônios em uma determinada sociedade viabilizam-se uma pedagogia para a busca da consciência histórica, através do “processo de dessacralização da História e do próprio patrimônio”<sup>620</sup>, portanto. Dito isto, eis a imagem do busto; a seguir, o prédio da Prefeitura de Parintins:

---

<sup>618</sup> Conforme as informações inscritas no endereço eletrônico <https://www.parintinsamazonas.com.br>, acessado em 05/03/2020, às 01:12H.

<sup>619</sup> LE GOFF, Jacques. “Documento/ Monumento”. In.: \_\_\_\_\_. História e Memória; tradução Bernardo Leitão... [et al.]. – 5ª ed. – Campinas, SP; Editora da UNICAMP, 2003, p. 526.

<sup>620</sup> MENESES, José Newton Coelho. “Todo patrimônio é uma forma de história pública”. In.: MUAD, Maria; SANTIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (Orgs.). *Que história pública queremos?* – São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018, p. 74.



**Figura 22:** Busto de Pedro Cordovil. Localizado na Praça Eduardo Ribeiro.<sup>621</sup>

---

<sup>621</sup> Foto: Maria Auxiliadora Ferreira da Costa (2020).



**Figura 23:** Antigo prédio da Prefeitura Municipal de Parintins. Localizado na Praça Eduardo Ribeiro.<sup>622</sup>

Após essa breve digressão, a meus argumentos necessária, posso voltar ao relato oral de Milton Hatoum, para perceber que Arminto Cordovil, é a personagem que tece o diálogo entre a história e a literatura na perspectiva de se problematizar a memória atrelada ao poder e suas peripécias políticas. Na esteira dessa problemática, continuo cotejando as impressões deixadas pelos naturalistas sobre a cidade de Parintins.

Volto a ela, portanto.

Robert Avé-Lallemant, também deixou registros sobre Vila Bela da Imperatriz, antes chamada Vila Nova da Rainha: “Prosseguimos pela margem esquerda, até defronte da cidade. Atravessamos então, a corrente extraordinariamente impetuosa, e logo ancoramos junto à praia da pequena cidade, para tomarmos lenha”<sup>623</sup> Apesar de breve a descrição do referido naturalista sobre a cidade de Vila Bela da Imperatriz, é densa e plena de indícios. Por isso, crível para se extrair algumas distinções da referida cidade. Avistada do rio Amazonas o primeiro aspecto que é anotado pelo naturalista é a altura da cidade se considerado o nível do referido rio, isto é 20 pés acima. O campo verde, onde aparece uma fileira de casas simples, constitui a frente da urbe, ao fundo, por trás, a floresta. Destaca-se o quartel: casa pequena com duas aberturas na fortificação para o disparo de armas, caso necessário. “A igreja é difícil de encontrar a princípio, uma casa de barro, coberta de folhas de palmeira, enfeitada em cima com uma cruz e acima

<sup>622</sup> Foto: Maria Auxiliadora Ferreira da Costa (2020).

<sup>623</sup> AVÉ-LALLEMANT, Robert. *No rio Amazonas (1859)*; tradução Eduardo de Lima Castro. Belo Horizonte : Ed. Itatiaia; São Paulo : Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, p. 89.

desta um falcão, símbolo do rio.”<sup>624</sup> O naturalista verifica a comum feição tapuia e a estável paz do lugar, semelhante às outras cidades por onde passara. O que lhe causa estranhamento, todavia, certa empatia é a indolência autorizada aos moradores, pois quando ocorre festa religiosa, “no dia de S. João, porém, lhes é oferecida. E por isso essa preguiça oferecida à gente de Vila Bela era então especialmente bela e genuinamente patriarcal. Não vi um só índio ocupado com qualquer trabalho.”<sup>625</sup> Outro aspecto, no mínimo curioso ao olhar do naturalista é o fato de tudo está aberto. Dito corretamente, os habitantes do lugar, por certo, não possuíam a noção de vida privada que o europeu, espantado, reclamava: “Podia-se ver, até ao mais profundo recanto das casas, todos os seus habitantes. Não possuem nada, que queiram esconder, como também, nenhum caso doméstico, que procurem ocultar”.<sup>626</sup> As casas com suas portas e janelas sempre ligadas para quem quisesse olhar ou adentrar revelavam, segundo o naturalista, “a mesma ingenuidade com que as crianças andavam nuas até muito crescidas, com que as raparigas se banham na praia, [...]”.<sup>627</sup> Apesar de atento aos aspectos botânicos: às *convolvuláceas*, *acantáceas*, *astrocárias*, *magnólias*, *lorantáceas*, Avé-Lallemant, como se percebe, não deixou de anotar as peculiaridades do modo de viver dos habitantes de Vila Bela da Imperatriz. A cultura doméstica no interior das moradias foi o que mais lhe chamou a atenção: “Algumas palmeiras tucumã perto de casa, algumas galinhas e porcos e grandes postas de pirarucu secando ao sol, além das crianças nuas, são atributos duma casa tapuia em Vila Bela”.<sup>628</sup> Destaca-se aí o olhar espantado à nudez das crianças, mas também dos adultos, principalmente, das mulheres. O que vaza a reivindicação de um certo pudor, inerente à moral que baliza a cosmovisão do naturalista.

Em 1854/5, por duas vezes o naturalista inglês Henry Walter Bates também visitou a cidade que, naquela conjuntura, chamou de Vila Nova. Na segunda vez, inclusive, passou oito meses. Como os outros naturalistas, apesar do interesse em colecionar os produtos naturais do lugar, Bates fez anotações fecundas sobre as populações nativas da referida cidade. Evidencia idiossincrasias das etnias indígenas: a metade da população que habitavam a cidade, no momento da observação do naturalista; suas condições sociais, econômicas e culturais. Por sinal, na ótica do viajante, as populações indígenas já demonstram determinadas experiências, decerto, antes alheias às suas vivências nas suas ambiências culturais de origem, por exemplo, o exagerado consumo de cachaça. Ora, é sabido que, apesar de determinadas beberagens terem

---

<sup>624</sup> AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 89.

<sup>625</sup> AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 89.

<sup>626</sup> AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 89.

<sup>627</sup> AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 89.

<sup>628</sup> AVÉ-LALLEMANT, 1989, p. 89-90.



sido utilizadas milenarmente pelas etnias indígenas, principalmente, durante seus rituais religiosos, o consumo de aguardente, mesmo proibido em alguns períodos, foi induzido como recurso de persuasão dos indígenas desde os processos de ocupação e colonização da Amazônia, iniciada no século XVII, pois no século XVIII, através da Carta Régia de 1798, a referida bebida alcóolica “passa a ser usada como arma dos colonizadores para destribilizar os índios”.<sup>629</sup> Outro aspecto anotado e que chama a atenção é relativo as questões econômicas: Vila Nova direciona quase toda sua produção ao Pará. Paralelo a isso, apesar da precária indústria extrativista e pesqueira, e, por extensão, a peculiar organização social do trabalho - agricultura a cargo das mulheres, pesca a cargo dos homens - o referido naturalista destaca as condições miseráveis das populações indígenas de Vila Nova, quando comparadas, por exemplo, às de Cameté, cidade paraense. Também, obviamente, usando como parâmetro o modo de viver europeu, Bates registra o fato de as populações indígenas viverem em moradias precárias e distante dos costumes civilizados. Em suma, na ótica de Henry Bates, Vila Nova é uma cidade muito inferior há algumas outras as quais ele já havia conhecido, na sua viagem pelo rio Amazonas. Testemunho disso, como mencionado supra, é a riqueza de seu registro etnohistóricos acerca da referida vila.<sup>630</sup>

Vila Nova também foi anotada por Alfred Russel Wallace, no percurso da viagem que fez do Pará até o Amazonas e vice-versa. Ambas em 1848. Na primeira passagem mostra a satisfação de encontrar um lugar para descansar após extenso período navegando no rio Amazonas: “[...] chegamos a Vila Nova sãos e salvos. Era um longo caminho o que já havíamos percorrido, e isso deixou-me deveras satisfeito”.<sup>631</sup> Destaco das impressões do naturalista com a cidade, primeiro, o fato de ter sido bem recebido por um religioso, conhecido dos ingleses, pois o referido sujeito foi mencionado em outra literatura de viagem<sup>632</sup>: “Na praia, fomos cordialmente recebidos pelo vigário local, o Padre Torquato. Que por assim dizer intimou-nos a ficar em casa durante o tempo em que ali tivéssemos de permanecer. Não houve como recusar o hospitaleiro oferecimento”.<sup>633</sup> Contudo, uma anotação feita pelo viajante inglês, por certo,

<sup>629</sup> FREIRE, José Ribamar Bessa [et al...] *A Amazônia Colonial (1616-1798)*; 4ª reimpressão revisada e ampliada; 1ª reimpressão. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1994, p. 60

<sup>630</sup> BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*; tradução Regina Régis Junqueira; apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, p. 116-117.

<sup>631</sup> WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*; tradução Eugênio Amado; apresentação Mário Guimarães Ferri. – Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, p. 105

<sup>632</sup> No livro *Brasil: Amazonas-Xingu*, o príncipe Adalberto da Prússia, ao contar sobre sua viagem pelo Brasil, relata que conheceu o português, o qual, no relato de Alfred Russel Wallace, é elogiado por sua hospitalidade. Segundo nota do tradutor, Eugênio Amado, o livro do referido príncipe “constitui o volume nº 34 da Coleção Reconquista do Brasil” (WALLACE, 1979, p.107).

<sup>633</sup> WALLACE, 1979, p. 105.

revela peculiaridades acerca do tratamento de um comerciante de Vila Bela direcionado a um indígena:

Passou-se uma semana, e nada de virem os homens. Vendo minha ansiedade, o Padre conversou com um comerciante local conseguindo que ele me cedesse três homens em troca dos que provavelmente me seriam mandados pelo Comandante. Um dos três, porém, não queria vir, e seu patrão mandou que trouxessem para a canoa debaixo de açoites e à ponta de baioneta. O índio estava uma fera quando chegou a bordo, bradando que não queria vir comigo amargamente, dizendo que *eles estavam tratando como se ele fosse escravo*, coisa que eu não pude absolutamente contradizer. Fiz o que pude para acalmá-lo: ofereci-lhe uma boa paga, comida e bebida à vontade, mas nada consegui. Ele teimava em dizer que *desceria na primeira parada e voltaria para matar o homem que havia batido*. No que me dizia respeito, entretanto, ele não tinha queixas a fazer. Foi até muito educado comigo, assegurando-me que não guardava rancor de minha pessoa, pois eu nada havia feito contra ele.

Já era de tarde quando partimos. Na hora do pôr do sol paramos para jantar. Foi quando bastou para que o indignado moço pegasse sua trouxa, nos desse um polido adeus e se embrenhasse pela mata de volta à vila. Com dois tripulantes, apenas, não julguei seguro prosseguir; por isso, mandei que um deles regressasse à vila pela manhã, a fim de conseguir um substituto para o desertor. Ele assim o fez, voltando às dez horas com novo tripulante. Pouco depois, retornamos a viagem.<sup>634</sup>

Esse relato é profuso: suscita conjecturar sobre as possíveis formas de luta das etnias indígenas no contexto das relações de poder, nas quais estavam estruturadas as camadas sociais em Vila Nova. Apesar de, talvez, esse tipo de acontecimento ter sido corriqueiro na Amazônia do século XIX, a atitude do “moço desertor” representa um testemunho histórico, oportunamente anotado pelo viajante (quiçá por ter lhe causado um certo estranhamento). O registro de uma ação isolada, porém, cabível a uma possível postura coletiva relacionada às injustiças sociais que colonos (leigos/religiosos) cometeram às etnias indígenas. Ora, os grifos inscritos por mim na citação ajudam a contextualizar historicamente acerca das políticas indígena e indigenista na Amazônia. Desta forma, vale lembrar que desde o *Diretória dos Índios*, seguido da *Carta Regia de 1798*, os indígenas, por lei não eram mais considerados escravos. Daí, a revoltada consideração do “indignado moço” inscrito na narrativa de Wallace. Para o indígena, a partir da ótica do naturalista, foi inaceitável a postura do comerciante, pois o nativo carregava uma vivência a qual lhe faziam verificar que aquelas práticas violentas não cabiam mais no chão histórico em que o indígena estava pisando, visto que não poderia ser tratado como um escravo (as leis o amparavam, era um homem livre). Em suma, através desse episódio, narrado pelo viajante, pode-se conjecturar que Vila Nova era um arco crescente de tensões. No centro estava a disputa pelo controle da força de trabalho indígena.

Na segunda passagem de Alfred Russel Wallace por Vila Nova, 13 de junho de 1848, ele reclama da rígida fiscalização: “Por ser esta a última cidade da nova província, tivemos que

---

<sup>634</sup> WALLACE, 1979, p. 105-106.

desembarcar as bagagens e exibir nossos passaportes, como do mesmo modo que faríamos se estivéssemos entrando num país estrangeiro”.<sup>635</sup> Depois assevera: “Parece que o objetivo do Governo era o de tomar seus regulamentos o mais expensivos e aborrecidos possíveis”.<sup>636</sup> Apesar desses acontecimentos, Wallace sente-se satisfeito nesse retorno à Vila Bela porque conseguiu “comprar manteiga e biscoito, verdadeiros regalos para mim, depois da escassez de alimentos que enfrentara em Barra [Manaus]”.<sup>637</sup> O viajante naturalista inglês, novamente, se reporta ao Padre Torquato: “Ele recebeu-me com a cortesia de sempre, lamentando que eu não pudesse ficar mais tempo com ele”.<sup>638</sup> Até presenteou Wallace com um cachorro-do-mato. Esse último relato deixado por Wallace, quando, pela segunda vez, aportou em Vila Bela, deixou evidências significativas. Mensuram a perspectiva do olhar do naturalista sobre a Amazônia e, obviamente, suas vilas e lugares, habitantes, fauna flora: tudo parece exótico, qual o “curioso animal do qual eu muito ouvira falar, mas que ainda não tivera a oportunidade de ver”.<sup>639</sup>

Fiz essa breve digressão sobre as impressões dos naturalistas, suas experiências quando de suas visitas à atual Parintins, durante o século XIX, para conjecturar que relatos históricos, como os supracitados, provavelmente foram percorridos por Milton Hatoum. Possivelmente tenham acendido no autor, por exemplo, a ambientação da cidade de Vila Bela<sup>640</sup>. Nessa medida, as imagens criadas pelo literato estão plenas de representações, pelas quais vazam peculiaridades simbólicas da cidade histórica inscrita nas anotações dos referidos naturalistas. Nessa perspectiva, convido as pessoas leitoras a olharem para essa imagem, elaborada através da pena do escritor amazonense: “Fui até a Ribanceira e esperei na sombra da *cuiarana*. Vila Bela se escondia do sol forte. Tudo parado no calor da tarde. Lembro do barulho de um barco, ruídos de um *rio que nunca dorme*”.<sup>641</sup> Nesse trecho que utilizei chamo a atenção para dois indícios, dos quais penso significativos, para verificar essa afinidade do escritor amazonense

---

<sup>635</sup> WALLACE, 1979, p. 236.

<sup>636</sup> WALLACE, 1979, p. 236.

<sup>637</sup> WALLACE, 1979, p. 236.

<sup>638</sup> WALLACE, 1979, p. 236.

<sup>639</sup> WALLACE, 1979, p. 236.

<sup>640</sup> Segundo historiadores diletantes da história de Parintins: durante o período colonial e imperial a referida cidade ganhou algumas denominações: *Tupinambarana* (1796), *Villa Nova da Rainha* (1803), novamente, *Tupinambarana* (1832), *Villa Bella da Imperatriz* (1852) e, finalmente *Parintins* (1880). Existe certa controvérsia no material reunido pelos memorialistas girando em torno do “verdadeiro” fundador de Parintins. Alguns afirmam que a primeira denominação, *Tupinambarana*, foi atribuição do, então, capitão português José Pedro Cordovil, outros refutam essa memória. Memorialistas como Tonzinho Saunier, por exemplo, no livro, já citado, sugere que através das missões instituídas pela Companhia de Jesus, “o Pe. João Felipe Bettendorf fundou Parintins, a 29 de setembro de 1669, com o nome de São Miguel dos Tupinambarana” (p. 19). Entretanto, inexistente a preocupação em saber sobre a origem, fundação de Parintins, em minha tese, portanto. Como as pessoas leitoras estão acompanhando, minhas preocupações são outras.

<sup>641</sup> HATOUM, 2008, pp. 26-27. [os grifos são meus].

com as anotações dos naturalistas (e, aqui, utilizo registros feitos, originalmente, no século XVIII). Nessa linha de raciocínio, vale dizer que a cuiarana, “É árvore esta, já há muito conhecida dos naturalistas, e se acha no sistema de Liceu com o nome de *Crescentia kujete*”<sup>642</sup>; e a “matéria, de que as índias fazem as cuias, é o fruto da árvore, que elas chamam... *Cuia inha*, e os portugueses... *Cuieira*.”<sup>643</sup> Talvez por ser uma árvore tão emblemática à Amazônia e, por extensão, aos olhos dos naturalistas, visto que glosaram, minuciosamente, como certas etnias indígenas aproveitavam o seu fruto para produzir recipientes utilizados, principalmente, para armazenar e ingerir alimentos: “As cuias são os pratos, os copos e toda a baixela dos índios. Cada um tem em sua casa uma delas reservada para dar a beber, ou água, ou seus vinhos ao principal, quando o visita, ou casualmente, ou em algum dia de convite”<sup>644</sup>, Milton Hatoum, se apropria da linguagem botânica dos naturalistas e de sua vivência amazônica e emaranha, em sua prosa de ficção: “Cuiarana: árvore de flores lindas, pétalas espessas, sem palidez: amarelas, róseas, quase vermelhas. O cheiro da flor é forte que nem perfume de rosa. E o fruto, grande e pesado como a cabeça de um homem”.<sup>645</sup> A referida descrição reporta àquelas iconografias das plantas deixadas pelos naturalistas. Como as que, oportunamente, se observa abaixo:



Figura 24: *Crescentia kujete*<sup>646</sup>

<sup>642</sup> FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica pela Capitania do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. (Memória I) – Antropologia*. Estudo histórico: Alfredo Brandão. Organização: Tenório Telles, 2ª edição – Manaus: Editora Valer, 2008, p. 185.

<sup>643</sup> FERREIRA, 2008, p. 185.

<sup>644</sup> FERREIRA, 2008, p. 188.

<sup>645</sup> HATOUM, 2008, p. 92.

<sup>646</sup> FREIRE, José Joaquim. [*Crescentia kujete*]. [S. l.: s.n.], [17--]. 1 desenho, aquarela, col, imagem 32,5 x 19cm em f. 34,5 x 24,5. Disponível em [http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo\\_sophia=1126](http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=1126). Acesso em



**Figura 25:** Imagem da cuieira, rio Purus (curso de água da Amazônia que percorre o território do Peru e dos estados brasileiros do Acre e do Amazonas).<sup>647</sup>

Outro aspecto a se observar, ainda naquela citação onde está inscrito um dos imaginários de Hatoum sobre a “cidade anfíbia” é, novamente, a recorrência do escritor a representação que faz do rio: muito vislumbrado pelos naturalistas, o movimento de suas águas simula o perpassar do tempo, por extensão, da história, na qual estão inseridas as pessoas viventes na/da cidade; rio Amazonas, esse tecido pelo qual Hatoum urde seu personagem principal, Arminto Cordovil, um filho dessa cidade anfíbia, Vila Bela.

Por tudo isso, é oportuno ouvir o relato adiante:

Desembarquei em Vila Bela às duas horas da tarde de 24 de dezembro e, quando avistei o palácio branco, senti a emoção e o peso de quem volta para casa. Aqui eu era outro. Quer dizer, eu mesmo: Arminto, filho de Amando Cordovil, neto de Edílio Cordovil, filhos de Vila Bela e deste rio Amazonas.<sup>648</sup>

---

28 mar. 2020. José Joaquim Rodrigues (1760-1847), nascido em Portugal, foi pintor aquarelista, desenhista, riscador, cartógrafo. Durante os anos de 1783-1792 integrou a expedição Viagem Filosófica feita por Alexandre Rodrigues Ferreira, ocorrida no Pará, Amazonas e Mato Grosso, no contexto do reinado de D. Maria I.

<sup>647</sup> *The City of Manaós and the Country of Robber tree: Souvenir of the Columbian Exposition, Chicago, 1893.* [A Cidade de Manaós e o País dos Ladrões: Lembrança da Exposição Colombiana, Chicago, 1893.].

<sup>648</sup> HATOUM, 2008, p. 25.

Percebam que nessa imagem, o rio Amazonas converge reminiscências da cidade. A peculiar descrição de Vila Bela, através da transcendência da realidade inscrita na linguagem de Milton Hatoum. Isso me faz recorrer, uma vez mais, ao regime de expressão inscrito na fotografia:



Figura 26: Detalhe da cidade de Parintins.<sup>649</sup>

É sabido “que a fotografia, partindo de uma análise histórica, tem como objetivo primordial transmitir informações e preservar a memória individual e coletiva de determinado grupo, espaço, tempo”.<sup>650</sup> Nessa perspectiva, adoto essa imagem coletada de um arquivo particular com o propósito de verificar indícios relativos àquele diálogo entre literatura e história. Desta forma, a cena, capturada pela grafia da luz, pode ser problematizada através da busca das representações que a imagem guardou, no tempo: quando a proposta é observar a referência suscitada na recordação das permanências históricas inscritas nas representações, feitas ao longo do tempo, acerca dessa cidade amazônica. Por isso, a referida imagem é convergente ao copioso diálogo entre memórias, ressignificadas por meio da literatura e da fotografia. O perfil anfíbio da Vila Bela, de Hatoum, foi elaborado também através de observações de cenas fotográficas da cidade de Parintins, semelhante a que, aqui, uso como exemplo. Lançando mão, como presumi acima, dos relatos dos naturalistas, das representações imagéticas, o literato em estudo, provavelmente, concebia que “ a fotografia tem a finalidade de estabelecer uma relação entre o que realmente é verdadeiro e o que se deseja mostrar,

<sup>649</sup> Acervo particular, organizado através da reunião de fotos antigas coletadas com moradores da cidade de Parintins, no ano de 2017.

<sup>650</sup> RODRIGUES, Neide de Souza Almeida. “Aspectos históricos e representações femininas nas fotografias de casamento de Antônio Faria em Bela Vista.” In.: RIBEIRO, Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro (org.) *História e Cultura: práticas de pesquisas* – 1ª ed. – Jundial, SP: Paco, 2017, p. 50.

transpondo, ao mesmo tempo, o momento presente da realização da imagem para a preservação da memória”.<sup>651</sup>

Assim, utilizando a fotografia como instrumento fecundo de significados para a construção de sua escrita criativa, Hatoum desenha a feição dessa urbe amazônica identificando-a no movimento de um instante eterno: a calmaria das águas do rio Amazonas. Mas, também, na oscilação da gente indígena, mestiça que habita a cidade. Ora, na fotografia que uso, é possível observar o habitante da Amazônia atracando o seu pequeno “barco de popa”, talvez ele esteja chegando à cidade para a resolução de questões cotidianas, ou para o prazer pueril; mais distantes do porto, dois homens à canoa, trazida pela arte/técnica de remar; o bar, lugar de lazer dos viventes da cidade, à margem do rio, ambiente propício àquele sentimento de pertença (inconsciente/consciente); o mercado de peixes, e seus odores, suscita o frenesi da sociedade à procura do alimento; a Praça do *Cristo Redentor*, ladeada por hotéis e estabelecimentos comerciais, espaços de memória e sociabilidade. Por isso, a fotografia é inexaurível como um instrumento de significados, propaga a trajetória histórica da cidade e, por extensão, as peculiaridades do modo de viver, nesse caso, da cidade de Parintins. Em suma, a fotografia é uma lembrança visual por onde o passado vaza no presente, e no presente se pondera sobre o passado. Ela não reproduz a realidade, mas um indício, um sinal, um aspecto de determinado acontecimento. Nessa medida, “ela é, também, depositária de referências culturais que permitem a leitura das singularidades históricas demarcadas no tempo e lugares.”<sup>652</sup>

Pensar também na subjetividade da pessoa que, sob posse de uma máquina, fez o registro fotográfico supra é pertinente, visto que a atitude da pessoa que fotografa é documentada pelo registro visual que elabora, face a realidade que seu olhar capta através do dispositivo da máquina: “seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si [ mesma] enquanto forma de expressão pessoal”.<sup>653</sup> Nessa perspectiva, o ângulo escolhido pela pessoa que fez a fotografia, usada aqui como fonte de história, revela a importância atribuída a intrínseca relação entre a cidade e o rio Amazonas, o enquadramento equipara horizontalmente as mesmas medidas às dinâmicas entrelaçadas entre as sociabilidades na terra firme e no movimento das águas. Demonstrando, assim, as redes de relações entre esses dois territórios culturais: o pluvial e o terrestre. Não sem sentido, Hatoum,

---

<sup>651</sup> RODRIGUES, 2017, p. 51.

<sup>652</sup> RODRIGUES, 2017, p. 60.

<sup>653</sup> KOSSOY, 2014, p. 45.

assim como a pessoa que fez essa foto, revelam o peculiar aspecto anfíbio destas duas cidades: a Parintins, histórica e a Vila Bela, nascida do imaginário do escritor em estudo.

Na afiguração abaixo também é possível conjecturar, imaginar historicamente, essa representação de Vila Bela, sob a objetiva de Arminto Cordovil:

[...] saía de madrugada pelas ruas de terra dessa cidade malcuidada, caminhava até a Escada dos Pescadores, via o vulto de cabeças no vão das janelas, eram velhos insones na escuridão; não sei se riam ou acenavam para mim. Próximo da floresta, via os casebres tristes da Aldeia, ouvia palavras em língua indígena, murmúrios, e, quando voltava pela beira do rio, via barcos pesqueiros atracados na rampa do Mercado, barcos carregados de frutas, um vapor que descia o Amazonas para Belém. Tomava café no bar do Mercado, depois rondava a praça do Sagrado Coração de Jesus, subia na árvore da Ribanceira [...].<sup>654</sup>

Assinto, ao observar a narrativa de Hatoum, que no entrecho acima o escritor se apropria novamente da técnica fotográfica do instantâneo - através de seu narrador faz registros imagéticos de Vila Bela. Desta forma, usa a fotografia como metáfora do tempo quando inscreve que “O matadouro, um lodaçal de carcaças e pelancas sob um céu de urubus. Membros e tripas boiavam na água suja até a porta da casa do prefeito. Os restos foram enterrados longe da cidade, mas o cheiro de podridão obrigou o prefeito a sair de casa.”<sup>655</sup> Outra permanência histórica lembrada através do imaginário da cidade de Parintins: o descaso do poder público para com as cidades amazônicas. Nessa representação o odor pútrido pode vir como uma metáfora dessa cidade malcuidada.<sup>656</sup> Desta forma, a narrativa de Milton Hatoum, possibilita um passeio por escalas no que tange à história da cidade; o recorte local e o relativo ao contexto mais largo, visto que *Órfãos do Eldorado*, como estou propondo nesse estudo suscita determinada reflexão sobre parte da história da Amazônia: fim do século XIX até o fim da primeira metade do século XX.

Dito isto, reproduzo, abaixo, outra fotografia, originalmente publicada no ano de 1899, na perspectiva de observar “a tomada de posição dessas duas imagens”, visto que, esse procedimento ajuda, uma vez mais, a se perceber como funciona o imaginário da cidade de *Vila Bela*, elaborado através do processo criativo de Milton Hatoum; este que, como se viu, bebeu

---

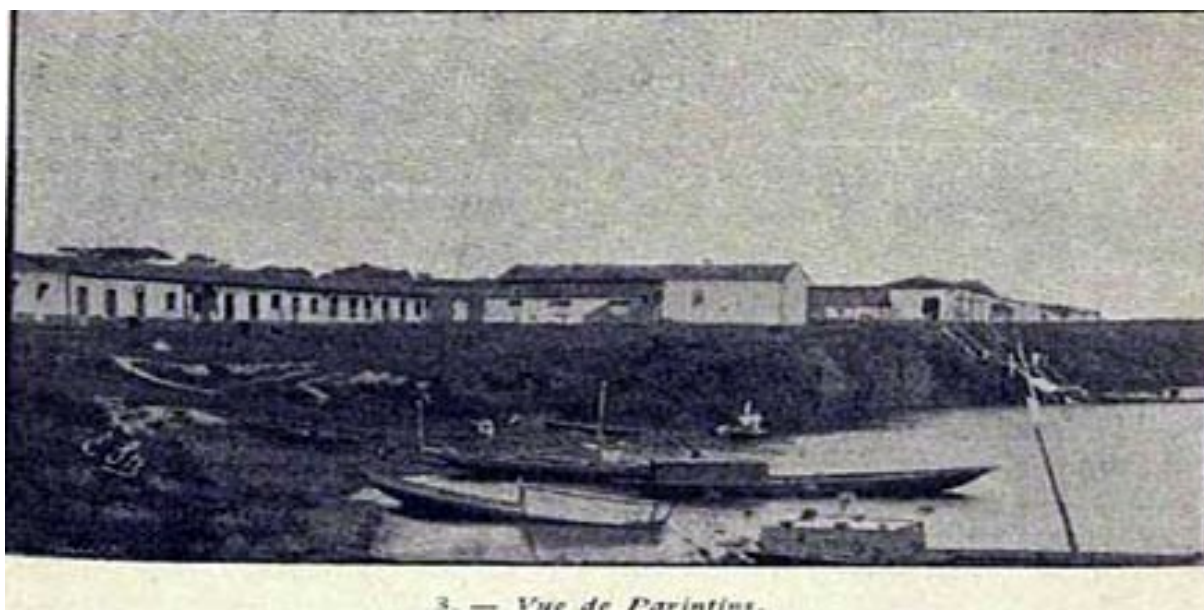
<sup>654</sup> HATOUM, 2008, p. 32.

<sup>655</sup> HATOUM, 2008, p. 53.

<sup>656</sup> A propósito, da representação desse descaso, no romance *A ordem do dia: folhetim voador não identificado*, originalmente lançado em 1983, pela Editora Marco Zero, o escritor amazonense Márcio Souza em tom sarcástico, faz denúncia quanto a esse tipo de descaso da administração pública (ainda hoje presente na cidade) relacionado a falta mínima de cuidados com Parintins. Na imagem que segue a personagem principal da narrativa de Souza, encontra dificuldades até mesmo em andar pelas ruas da mencionada urbe: “Procurando uma sombra, Vera ia pulando por sobre as bostas de porco que floriam nas ruas de Parintins.” (SOUZA, 1983, p. 31). Quem perambula pelas ruas dessa cidade, agora conhecida mundialmente, devido ao seu Festival Folclórico, ainda pulula entre esterco e buracos que, permanentemente, afloram de suas vielas subsumidas e avenidas principais; histórico, esse descaso, inserto nos imaginários de nossos legitimados escritores.



na fonte das narrativas históricas e das memórias, representações relativas à cidade de Parintins, urbe histórica. O barão de Santa-Anna Nery ao publicar o seu *Le Pays des Amazones: L'el Dorado les terres a Caoutchouc* acabou por corroborar a imagem de “cidade anfíbia” à Parintins, àquela conjuntura, denominada de *Vue de Parintins*. É perceptível, na fotografia abaixo e na supra, anteriormente reproduzida, que toda imagem necessita de leitura, análise: remontar sua decupagem para interpretar seus sedimentos. Em outros termos, a tomada de posição das imagens só se revela para além de seus “clichês linguísticos”, entretecidos nos seus “clichês visuais”. Em suma, a peculiaridade anfíbia desta cidade amazônica é, de fato, uma chave para se compreender as balizas das identidades pelas quais as gerações de seus habitantes estiveram amalgamadas.



**Figura 27:** Detalhe de Parintins, na ótica de Santa-Anna Nery.<sup>657</sup>

Em suma, uma vez mais assinto, lançando mão desse “jogo de escalas imagético”, as fotografias demonstram que o rio Amazonas, suas águas, perpassadas as temporalidades, representam o elo no desenrolar das trajetórias históricas dos habitantes dessa cidade amazônica

Na esteira desse “jogo de escalas”, acontecimentos significativos à conjuntura dos anos de 1930-40 são mencionados em *Órfãos do Eldorado*. A política de governo do presidente Getúlio Vargas à Amazônia é abordada, no imaginário de Hatoum, por exemplo. Vou me debruçar nesse acontecimento, portanto:

<sup>657</sup> NERY, Le Baron de Santa-Anna. *Le Pays des Amazones: L'El – Dorado Les Terres a Caoutchouc*. Paris – Libraire Guillaumin et c. 14, Rue Richelieu, 14, 1899, p. 29.

A Segunda Guerra chegou até aqui. E pela primeira vez um presidente da República visitou Vila Bela. Toda cidade foi aplaudir o homem na praça do Sagrado Coração. [...] O presidente Vargas disse que os Aliados precisavam do nosso látex, e que ele e todos os brasileiros fariam tudo para derrotar os países do Eixo. Então milhares de nordestinos foram trabalhar nos seringais. Soldados da borracha. Os seringueiros voltaram a navegar nos rios da Amazônia: transportavam borracha para Manaus e Belém, e depois os hidroaviões levavam a carga para os Estados Unidos. Os sonhos e as promessas também voltaram. O paraíso estava aqui, no Amazonas, era o que se dizia. O que existiu, e eu não esqueci nunca, foi o barco *Paraíso*. Atracou aí em baixo, na beira do barranco. Trouxe dos seringais do Madeira mais de cem homens, quase todos cegos pela defumação do látex. Lá onde ficava a Aldeia, o prefeito mandou derrubar a floresta para construir barracos. E um novo bairro surgiu: Cegos do Paraíso. Outros seringueiros ocuparam a beira do lago da Francesa e do rio Macurany, e fundaram o Palmares.<sup>658</sup>

Essa imagem acende, exemplarmente, as probabilidades para um “jogo de escalas”: numa linha graduada recupera as relações internacionais do governo Getúlio Vargas, no contexto da II Guerra Mundial, com os Estados Unidos da América, através do Acordos de Washington. Noutra linha, elucida como determinadas cidades da Amazônia tornaram-se alvos diretos de tais decisões políticas. No centro estava, novamente, a necessidade de exploração de uma matéria prima, antes impetrada pelo processo de industrialização europeu, mas, agora (1939-1945, período vislumbrado no entrecho que utilizo) demandada pela guerra, isto é, pelos Aliados: o látex. Ora, é sabido que a produção inglesa, existente na Malásia e Indonésia estava sob a posse dos japoneses, pois parte desses países do sudeste asiático, onde ficavam localizadas as plantações da *hevea brasilienses* da Inglaterra, haviam sido ocupados pelos Japão (um dos principais opositores dos Aliados). Assim, sob à égide das articulações políticas entre Getúlio Vargas e Franklin D. Roosevelt foi oficializada no Brasil uma campanha, nacionalmente conhecida como *Batalha da Borracha*. Como faz menção Hatoum, grandes levas de nordestinos vieram para os rios borracheiros quão intensamente no propósito de extrair o látex e, assim, supostamente encontrar o paraíso na Amazônia, porém, tudo não passou de mais uma ilusão: um das tantas histórias trágicas. O significativo entrecho retirado de *Órfãos do Eldorado*, dá vazão aos descasos do Governo Federal e, por extensão, o do Amazonas, nessa conjuntura representado por Álvaro Botelho Maia, interventor de Vargas.<sup>659</sup> Uma utopia a mais na história

<sup>658</sup> HATOUM, 2008, p. 94-95.

<sup>659</sup> SANTOS, E. M. Uma liderança política cabocla: Álvaro Maia. 1ª ed. Manaus: EDUA, 1998. Sobre o referido interventor, Monteiro informa que a partir de 20 de novembro de 1930, Álvaro Maia, alinhado foi escolhido como interventor de Vargas no estado do Amazonas. Eloína Monteiro dos Santos, afirma ser ele uma espécie de “liderança cabocla”. Assente ainda que o referido político, nascido na cidade de Humaitá, destacou-se, devido a três características essenciais: defendia o regionalismo, isto é o *glebarismo* - termo que tem sua raiz na palavra gleba ( lugar de origem). Trata-se de um movimento regionalista, no qual estavam envolvidos políticos e intelectuais amazonenses. Lutavam pela retomada do poder política e cultural às lideranças políticas nascidas no Amazonas. Inspirado na história oficial do índio Ajuricaba, esse movimento, ganha caráter nativista. - ; era um conspícuo orador e estrategista político; era representante do estadonovismo no Amazonas;

da Amazônia. Pois na alegoria de Hatoum, a ficção transfigura a realidade, visto que estudos históricos demonstram: posterior à Segunda Guerra Mundial, findo os acordos com o governo norte americano, levas de nordestinos saíram dos seringais para se concentrarem em cidades amazônicas, desencadeando, assim, problemas de toda ordem; entretanto, tais nordestino também contribuíram com o processo de reinvenção das cidades borracheiras, em períodos marcados pelo processo da retração econômica<sup>660</sup>

Quimera, dissimulada, através do *Discurso do rio Amazonas*, proferido por Getúlio Vargas, quando de sua estada na cidade de Manaus, no início da divulgação da campanha *Batalha da Borracha*:

As lendas da Amazônia mergulharam raízes profundas na alma da raça e a sua história, feita de heroísmo e viril audácia, reflete a majestade trágica dos prélios travados contra o destino. Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta – foram as nossas tarefas. E, nessa luta, que já se estende por séculos, vamos obtendo vitórias sobre vitória. A cidade de Manaus não é a menor delas. Outras muitas nos reserva a constância do esforço e a persistente coragem de realizar.<sup>661</sup>

No fragmento acima, é evidente o projeto político de exploração, fundamentado pela permanência de uma ideologia que, no que tange à Amazônia remonta séculos. Getúlio Vargas, desta forma, apenas reforça esse histórico objetivo exploratório, demandado pela conjuntura na qual a geopolítica nacional e internacional se fazia desenhar.

A memória coletiva, dos residentes mais antigos, à passagem de Getúlio Vargas na cidade de Parintins – convergente à imagem elaborada pela literatura de ficção relativa à visita desse político à Vila Bela - é bastante ambígua e dispersa. Segundo pesquisa recente é provável que Vargas tenha passado por Parintins, rapidamente, para reabastecer o avião, no curso da viagem de Belém para Manaus, tendo saído de Belterra às primeiras horas do dia, o presidente desembarcou em Parintins para reabastecer o avião que iria levá-lo para Manaus.<sup>662</sup> Nessa esteira, indícios relativos à história política apontam para possíveis atrelamentos entre os níveis

---

escreveu muitos romances, com estes deixou representado o seu apaixonado desejo em fazer com que o Amazonas revivesse o período “áureo da borracha”.

<sup>660</sup> FERREIRA, Arcângelo da Silva. *“Na vaga claridade do luar”*: História e Literatura do Movimento Madrugada na cidade de Manaus (1954-1967). 1ª ed. Curitiba : Appris Editora, 2020. Nessa obra analisa-se a presença dos nordestinos na cidade de Manaus, tanto nos anos de 1920, como nos posteriores a Segunda Guerra Mundial, a literatura de ficção elaborada nos anos de 1950, 1960 é fecunda, pois retrata a contribuição da cultura nordestina à referida cidade. Calos Gomes, Arthur Engrácio e Benjamin Sanches, por sinal, são literatos profusos relativos a essa temática.

<sup>661</sup> “Discurso do Sr. Presidente Getúlio Vargas, no banquete que lhe ofereceram a Interventoria Federal e as classes conservadoras a 10 de Outubro, na sede do Ideal Clube”. In.: *Propaganda Amazonense. Visita do Presidente Vargas e as esperanças de ressurgimento do Amazonas*. Imprensa Pública. Manaus, 1940, p. 11.

<sup>662</sup> ROCHA, Yapuanna Souza da; FERREIRA, Arcângelo da Silva. *Fontes para outras histórias de Parintins (1935-1945)*. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica/Projeto de Apoio Acadêmico (PAIC)/ Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas (FAPEAM), desenvolvido no período de 2017-2018, no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

local, o estadual e o nacional, durante o Estado Novo. Testemunho disso, talvez, seja o trecho extraído do documento adiante:

Manaos 13 de maio de 1936 Gabinete do Estado do Amazonas Nº 2380 – Sr. Presidente da Câmara Municipal de Parintins. – Acuso o recebimento das cópias das leis nº - 1 a 6 promulgadas por essa Câmara, que me foram remetidas com o vosso Offício número 11 de 5 do corrente. – Saudações (a) Alvaro Maia, Governador do Estado.

[...]

Manaos 14 de maio de 1936. Gabinete do Estado do Amazonas nº 2397 Sr Presidente da Câmara Municipal de Parintins. Tenho o prazer em vos agradecer a acção e solidariedade voltada ao seu governo por essa Câmara, ao encerrar os trabalhos de sua primeira reunião ordinária do corrente ano. Saudações (a) Alvaro Maia, Governador do Estado. <sup>663</sup>

O referido documento localizado nos arquivos da Câmara Municipal de Parintins pode ser utilizado como “campo de possibilidade” para a reflexão sobre aspectos da história política da cidade durante a décadas de 1930. Trata-se do *Protocollo de entrada da Câmara Municipal, 1935*. Assinado pelo presidente da Câmara, nessa conjuntura, Clovis de Albuquerque Prata. Na primeira página do referido documento há o seguinte registro: “Servirá o presente livro para nele serem registrados as correspondências recebidas pela Câmara Municipal de Parintins. Parintins, 20 de dezembro de 1935.” <sup>664</sup> As páginas dessa fonte são profícuas para se conjecturar, mesmo que de forma incipiente, sobre a conjuntura da Era Vargas e seus reflexos no Amazonas e, por extensão, Parintins. Nesse documento da Câmara Municipal de Parintins, consta registro de correspondências de Álvaro Maia com o presidente Clovis da Albuquerque Prata. Esses indícios nos ajudam a conjecturar acerca de determinadas redes de relações entre o estadonovismo e lideranças da política local dos anos de 1930: as possíveis redes de relações do governo de Getúlio Vargas com a política local, ou seja, havia uma relação consistente entre a política local e estadual e, por extensão, nacional, visto que, como foi demonstrado anteriormente, o governador Álvaro Botelho Maia foi um mediador do estadonovismo no Amazonas.

Outro acontecimento que a narrativa de Hatoum se reporta é relativo à chegada de imigrantes às proximidades de Vila Bela:

A chegada dos japoneses animou a cidade; eles construíram uma vila com casas japonesas lá na ponta do rio Amazonas, bem na boca do paraná do Ramos. Fundaram outras colônias no rio Andirá, lá na terra dos saterés-maués, grandes agricultores. Plantaram arroz, feijão e milho, e conseguiram a proeza de plantar juta. <sup>665</sup>

<sup>663</sup> Livro 35: *Protocolo de Entrada da Câmara Municipal de Parintins, 1935*, p. 3

<sup>664</sup> Livro 35: *Protocolo de Entrada da Câmara Municipal de Parintins, 1935*, p. 1

<sup>665</sup> HATOUM, 2008, p. 91.

A citação supra é mote para tecer breve digressão acerca da contribuição dos japoneses ao Amazonas. Sumamente, quatro são as fases de imigração dos nipônicos: primeiro (1929), com o objetivo de cultivar guaraná (planta já amanhada na região Amazônica), fixaram-se na cidade de Maués (onde historicamente viviam/vivem uma concentração de indígenas, predominantemente, da etnia Sateré-Maué). Na década seguinte (1931), estabeleceram-se em Parintins, com o propósito de desenvolver produção agrícola e, essencialmente, estudar o processo de aclimação da juta. Passados dez anos do fim da Segunda Guerra Mundial, chegaram na cidade de Manacapuru (1954), com a missão de produzir hortifrutigranjeiros. Com a mesma intenção à Itacoatiara (1958). Convém compreender que a menção feita por Hatoum a presença dos japoneses na cidade imaginária de Vila Bela (a Parintins histórica) está relacionada a memória e a história nas quais estão inscritas a cultura japonesa na referida cidade, visto que estudos revelam que “não é possível dissociar Parintins da juta, nem na história de sua economia, nem no seu imaginário. A juta é a primeira e mais significativa marca da presença dos imigrantes japoneses em Parintins”<sup>666</sup> A edificação de Vila Amazônia, (às margens do rio Ramos, afluente do rio Amazonas) próxima à cidade de Parintins, por exemplo, representa a maior influência da história e cultura nipônica à cidade. Nessa referida vila, os japoneses erigiram: um hospital, dirigido por um médico, cujo nome Hatoum também menciona em sua novela: Yoshio Toda; uma escola (a qual atendia estudantes, também de Parintins); um templo, onde era utilizado como local de reuniões, denominado *Hako-kaikan*; olarias, serrarias; armazéns e habitações; sistema de esgoto (bueiro) para escoamento de água pluvial. Nessa conjuntura, demandado pela movimentada produção de juta, o porto de Vila Amazônia era frequentemente visitado pelos aviões catalinas. Essas peculiaridades revelam, portanto, a significativa contribuição dos japoneses.

Porém, o advento da Segunda Guerra Mundial iria interferir drasticamente nas vivências e experiências dos asiáticos residentes no Brasil e na Amazônia:

Foi uma lástima que essa cooperação [Japão/Brasil] tenha sido pouco a pouco sufocada pela propaganda do ‘perigo amarelo’, já disseminada no restante do país. Havia também as dificuldades na tentativa de aclimação da juta, um processo lento e cheio de tentativas e frustrações. Com a Segunda Guerra Mundial, os japoneses são declarados inimigos do Brasil; no Amazonas, os japoneses perdem a terra cedida e o patrimônio a ele integrado, enquanto a juta se transforma em sucesso.<sup>667</sup>

<sup>666</sup> SÁ, Michele Eduarda Brasil de. Presença japonesa no município de Parintins-AM. Anais do XXII ENPULLCJ/IX CIEBJ. Universidade Federal do Paraná – UFPR – Curitiba, Brasil, 30 e 31 de agosto de 2012, p.3.

<sup>667</sup> SÁ, 2012, p. 3-4.

Como se percebe esse arco de tensão imposto pela conjuntura da guerra promove uma ruptura na vida dos asiáticos residentes no Amazonas. Em Vila Amazônia não foi diferente. Através de uma recente pesquisa, algumas evidências inscritas na oralidade<sup>668</sup>, foi possível constatar a influência do “perigo amarelo” atingindo diretamente os nipônicos que moravam na mencionada vila. Essa memória traumática é emblemática, pois suscita fragmentos de lembranças inscritas em sensações, as quais revelam práticas de perseguição indutoras do medo. Medo ocorrido no passado, porém, lembrado quando a senhora Maria da Silva Hatta prestou o seu depoimento:

Eu morei onze anos na Vila Amazônia. A Vila Amazônia já era uma cidade, no tempo em que trabalhava muito japonês, e queria fazer mesmo uma cidade, pra dar movimento, pra levantar fábricas né. Mas também não deram sorte porque trabalharam em bocado, para todos só agricultores que vieram, chamaram os operários, tudo era japonês (...). Começaram mas não terminaram (...). Foi o tempo que começou guerra no Japão, o Japão ficou desgostoso, aí o J.G tomou conta; era o senhor mais rico que tinha no Amazonas naquele tempo.

[...].

Metade foi pro Uaicurapá, metade foi pro Zé Açú... Ele não quis assim. Ele ficou e trabalhou. (...). Ele ainda tinha raiva assim do Brasil né, porque... ninguém sabe o que aconteceu. Numa noite, numa comunidade, ele trabalhou, quando foi numa noite ele sentiu cheiro de uma coisa queimada. Não sei se foi curto circuito, não sei se foi maldade né, nunca soubemos o que foi isso. Mas eu sei que pegou fogo ‘tudinho’. Porque japonês trabalhava assim, tudo seguindo, casa também não tem diferença, tudo emendado uma na outra, não é como aqui (...). A gente morava lá, e no sábado ia pra Belém. Aí quando a gente chegou de manhã lá o estrago já tava feito. Só sei que meu marido num quis mais ir, ele tinha pavor de fogo. A gente comprou essa casa aqui né, descuidada, era feia, mas eu queria mesmo era comprar uma casa. A gente tava desnorteado, porque tinha acontecido aquilo, aí queria essa casa, porque fica perto do colégio, perto da beira do rio (...). A gente pensava que as pessoas não gostavam da gente.<sup>669</sup>

O relato supra revela segredos anônimos. Histórias que só podem ser vislumbradas quando se reduz a escala para encontrar acontecimentos que permitem articular diferente eventos, porém, atrelados entre si, no contexto de um longo tempo, ou de uma determinada conjuntura. Por isso, o uso da pequena escala possibilita a reescrita de acontecimentos vividos, os quais outras abordagens historiográficas não percebem. Um recorte em pequena escala é capaz de perceber estruturas dissimuladas, bojo onde se inserem as articulações de vivências e

<sup>668</sup> É pertinente lembrar que “a oralidade e a escrita estão sujeitas a riscos opostos e complementares: a voz é ameaçada pela impermanência e pela labilidade. A escrita é ameaçada pela permanência e pela fixidez. O discurso oral escorre entre os dedos e deve ser consolidado, ‘congelado’, para que possamos, mesmo que de forma precária, retê-lo. A escrita, por sua vez, coloca em nossas mãos um objeto feito de palavras tangíveis, congelados. Nada se perde, mas nada parece se mover”. In: PROTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*, São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 241.

<sup>669</sup> OLIVEIRA, Patrícia de Souza; FERREIRA, Arcângelo da Silva (orientador). *Hatoum e a história: mito, memória e cidade em Órfãos do Eldorado*. Relatório de Pesquisa/ Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC), desenvolvido com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPEAM), no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), coma duração de um ano (2014-2015). A entrevista foi realizada na cidade de Parintins, na residência da senhora Maria da Silva Hatta, a qual viveu alguns anos em Vila Amazonas.

experiências invisíveis. Pois, “os acontecimentos são, naturalmente, únicos, mas só podem ser compreendidos, até mesmo em sua particularidade, se forem restituídos aos diferentes níveis de uma dinâmica histórica”<sup>670</sup> Essa postura historiográfica faz-me olhar para esse relato que agora utilizo para pensar acerca de sua fecundidade. Relativo a esse contexto de análise que se percebem nessa evidência recolhida da oralidade, pelo menos, três aspectos relevantes acerca da presença dos japoneses em Vila Amazônia. O primeiro é relativo à missão nipônica direcionada ao Baixo rio Amazonas: desenvolver a produção agrícola, mais especificamente a aclimação da juta, a qual são os legatários. O segundo, gira em torno das circunstâncias impostas pela Segunda Guerra, na qual colocou em lados opostos o Brasil e o Japão, acarretando, assim, a perseguição dos japoneses no território brasileiro. No Amazonas, como se verifica na fonte oral, os acordos internacionais entre os dois países foram interrompidos e, por extensão, os japoneses tiveram que sair de Vila Amazônia, migrando para outras localidades. Nessa conjuntura Vila Amazônia foi adquirida por um dos mais ricos comerciantes do Amazonas: a Cia J. G. de Araújo S.A.<sup>671</sup> A mudança de patenteado, obviamente, interrompeu a autonomia nipônica no lugar. Daí, a saída de diversas famílias como, por exemplo, a da senhora Hatta. O terceiro aspecto gira em torno da onda conhecida como “perigo amarelo”, a qual atingiu todo o Brasil, inclusive Vila Amazônia. No relato oral é possível conjecturar sobre a perseguição que determinadas famílias, residentes na referida vila, sofreram: a senhora Hatta, a partir de uma lembrança traumática, sugere que sua família pode ter sido vítima de uma ação

---

<sup>670</sup> REVEL, Jacques. “Prefácio – A história rés-do-chão”. In.: LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*, prefácio de Jacques Revel, tradução Cynthia Marques de Oliveira. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 35.

<sup>671</sup> Nascido em Portugal, a 14 de fevereiro de 1860, faleceu em Lisboa em março de 1940, Joaquim Gonçalves de Araújo, mais conhecido como J. G. de Araújo foi um dos mais prósperos comerciantes do Amazonas, principalmente, na primeira fase da economia da borracha (1890-1913). A CIA J. G. Araújo S.A. (àquela conjuntura envolvida no processamento de arroz, fabricação de farinha de mandioca, serraria etc.), através de um leilão ocorrido em 1946, adquiriu Vila Amazônia (por cinquenta contos de reis). O referido comerciante também é mencionado na trama do terceiro romance de Milton Hatoum: *Cinzas do Norte*, personalizado na figura do comerciante “Ranulfo”. Vila Amazônia também é ambientada. Emblemático é a citação adiante: “Vila Amazônia... o nome e o lugar sempre me atraíram. Nos fundos da chácara do Morro da Catita, essas duas palavras nunca foram esquecidas. Tio Ran dizia que era uma propriedade grandiosa do Amazonas: um casarão com piscina no alto de um barranco, de onde se avistavam ilhas imensas que pareciam continentes, como a Tupinambarana”. In.: HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2005, p. 55. Ora, conforme um dos depoimentos de Milton Hatoum, Vila Amazônia já está presente em sua vida desde menino: “Na minha infância eu fui vizinho de uma família muito poderosa que depois se tornou decadente. Essa família tinha o único iate de Manaus. E nós fomos, uma vez me convidaram pra ir à Parintins, visitar Vila Amazônia. Eu devia ter uns doze anos. Quem acompanhou a viagem foi o cinegrafista dessa família, Silvino Santos. E eu não sabia quem era o Silvino Santos, com doze anos. Ele foi filmar essa viagem. E a Vila Amazônia pertencia a essa família [J.G. de Araújo]. Então, você vê que a minha relação com Parintins é antiga. Mas, aos doze anos eu não sabia que ia escrever *Órfãos do Eldorado*, quer dizer, eu não sabia que ia escrever nada! Eu só queria viver a minha juventude em Manaus.” (parte de um registro oral, extraído da fala de Milton Hatoum quando esteve na cidade de Manaus, em 06 de dezembro de 2019 (sexta-feira), no auditório da Escola Superior de Tecnologia da Universidade do Estado do Amazonas (EST/UEA).

absurda influenciada pela ideologia do “perigo amarelo”; dito corretamente, a casa de sua família fora incendiada. Acontecimento dramático que provocou o medo em seu marido.

Debruçado na oralidade da senhora Hatta, com as autoras aqui citadas, concebo a memória como “uma teia que nos envolve, absorvendo-nos tão completamente que, muitas condições, tomamos como nossas as memorações de outrem”.<sup>672</sup> Assim, o processo mnemônico abarca e integra os subsumidos, presos que estiveram às amarras das invisibilidades, amalgamadas por estruturas que obstam, até mesmo (mas, principalmente), suas vozes, mas também, por serem traumáticas, suas rememorações de um passado, lúgubre, as vezes medonho. Em *Órfãos do Eldorado*, Hatoum, faz observar, portanto, que a memória é conflitiva; é no plural; assim, precisam ser percebidas, pois que indicam a luta de grupos sociais em disputas. Pois, degradado, preso na invisibilidade, nas sobras da loucura, da pobreza, as reminiscências de Arminto Cordovil, seus relatos sobre sua vida, sobre as cidades onde viveu, Manaus, Vila Bela, ganham poder na narrativa de Hatoum.

Arminto Cordovil também vivenciou as transformações da cidade de Belém do Pará, a Cidade Velha, inscrita no imaginário de Milton Hatoum. É o momento de verificar essas representações, portanto, inseridas nos bosques da ficção de *Órfãos do Eldorado*.

### 3.4 Belém, a Cidade Velha

Quando Louis e Elizabeth Agassiz, suíços, passaram por Belém do Pará, por duas vezes, na sua famosa viagem ao Brasil, ocorrida durante os anos de 1865 a 1866, apesar de muito mais preocupados em colecionar espécies de peixes de nossa fauna aquática, pois a missão científica era voltada aos interesses da ictiologia, deixaram algumas impressões sobre a referida cidade. Importantes registros, visto que antecedem às transformações advindas do fim do oitocentos.<sup>673</sup>: “o tempo aqui se escoou tão calmamente que nada vejo para escrever em minhas

<sup>672</sup> Omena, Luciane Munhoz de; GONÇALVES, Ana Teresa Marques. “Apresentação: Construindo os espaços da memória e da materialidade na Antiguidade”. In.: \_\_\_\_\_ - *Memória e Materialidade: Interpretações sobre a Antiguidade*. - Jundiá: Paco Editorial, 2018, p. 9.

<sup>673</sup> Mudanças, nas estruturas, nos acontecimentos influenciadas, também, pelas descobertas feitas através das pesquisas realizadas por uma quantidade significativa de naturalistas europeus que começaram a adentrar na Amazônia a partir da “abertura dos portos às nações amigas”. Tais estudos, além de servirem ao desenvolvimento da ciência, obviamente, foram eficazes para o avanço de sistemas político-econômicos e culturais, direcionados às capitais da Amazônia, essencialmente, Manaus, no Amazonas e Belém do Pará (como, por exemplo, o sistema de aviação, utilizado durante o boom da borracha). Vale lembrar, por exemplo, que as investigações científicas de Albert Russel Wallace, feitas na Amazônia foram conclusivas para as hipóteses de Charles Darwin, no que tange a formulação de sua *teoria da evolução das espécies*. Paralelo a isso, às ciências humanas, os naturalistas foram sintomáticos, principalmente, no que diz respeito ao saber antropológico quando resolveu focar seus estudos nas ditas “sociedades primitivas” da Amazônia, através do darwinismo racial e social. Este estágio, por conseguinte, foi importante para que mais tarde a Antropologia desenvolvesse a sua sólida epistemologia e seu objeto de pesquisa: “a cultura na sua totalidade”, graças as conclusões de Marcel Mauss. Em suma, o material coletado pelos naturalistas do século XIX, suas impressões sobre os grupos humanos que habitavam a Amazônia foram e ainda



notas”.<sup>674</sup> Diz a senhora Elizabeth, um tanto quanto entediada. Contudo, dias depois ela, parecendo saudosa por deixar a cidade, afirma:

Depois de amanhã deixaremos a cidade do Pará [Belém]; partiremos pelo “Santa Cruz” para o Ceará. Parece que vamos deixar nossa própria casa, ao dizer adeus aos nossos excelentes amigos da Rua Nazaré; até aos lugares da redondeza nos afeiçoamos por sua beleza. A larga avenida plantada de mangueiras, longa de quatro ou cinco quilômetros, conduz ao seio das grandes florestas, onde multidão de caminhos estreitos e verdejantes são outras tentações para passeios. Uma dessas veredas se tornara meu caminho favorito; atraí-me todos os dias pela riqueza e o viço da vegetação, que, mesmo durante o pleno sol do meio-dia, cobre-o com sua sombra. Percorri-o muitas vezes pela manhã, durante umas três milhas, entre seis a oito horas, quando as suas paredes de vegetação ainda estavam todas frescas e úmidas de orvalho. Não compreendia por que a estreita aleia estava sempre em tão bom estado, com fortes chuvas tornando necessariamente impraticável, na estação úmida, essas trilhas da floresta, tão pouco frequentadas. Informando-me a respeito, soube que ele vai ter à mais triste das moradas, a um hospital de leprosos. Se está bem conservado é por ser a única via, entre o hospital e a cidade, para todos os tipos de transporte.<sup>675</sup>

Como tal evidência poderia suscitar, historicamente o perfil de uma cidade prestes a se transformar extraordinariamente, se comparada com a Belém dos anos de 1890, por exemplo? No contexto histórico que ela vai ser reconstruída, seu rápido processo de urbanização faz com que aquela vida sem novidades, a qual reclamava Agassiz, ganhasse um certo frenesi nunca vivido antes nessas paragens. Contudo, ao lado de toda a beleza vista por Elizabeth, Agassiz registra um lado, que para ela parece lúgubre, à cidade: a edificação de um leprosário: emblemático para se compreender a mentalidade civilizatória que começaria a se forjar desde a transição do tempo medievo ao moderno, pois que a criação do Asilo, da Clínica para leprosos, loucos, respectivamente, é o testemunho de uma determinada ordem mundial à luz do progresso que se estruturou nas principais capitais do mundo<sup>676</sup>. Nesse sentido,

[...] a supressão do adoecido ocorrida no medievo se espria até a modernidade através dos processos de segregação do leproso. Este, e por extensão a doença que carrega expressa uma pedagogia. Para a Igreja, por exemplo, a lepra purifica os pecados. Nesse raciocínio, no abandono, a salvação; na exclusão, a comunhão com Deus; na

---

são fecundos para a produção de saberes. Contudo, convém argumentar que também foram usados para justificar diferenças entre as civilizações (raças) consideradas avançadas (“brancas”) em relação às ditas atrasadas (“vermelhas”, “amarelas”, “negras”). Entretanto, no século XX, principalmente após as duas Grandes Guerras Mundiais, os estudos dos naturalistas foram alvo de um revisionismo, quando o racismo e cientificismo foram contestados. Esse movimento de reflexão crítica, decerto, contribuiu com o advento do *relativismo cultural* e, por extensão, com pesquisas relacionadas a perspectiva da história social e cultural. Assim como aos estudos relativos às teses acerca da (de)colonização, em voga na atualidade.

<sup>674</sup> AGASSIZ, Louis e Elizabeth Cary. Viagem ao Brasil: 1865-1866; tradução de João Etienne Filho, apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975, p. 230.

<sup>675</sup> AGASSIZ, 1975, p. 235.

<sup>676</sup> FAUCALT, Michel. A história da loucura na Idade Média Clássica. 4ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., p. 6. 1978.

isenção social, a inclusão espiritual. A pedagogia mencionada é aquela que estrutura a separação dos corpos doentios dos hígidos<sup>677</sup>

Proporções, de tempo e espaços, guardadas, em Belém essa episteme não foi diferente. Assim, é pertinente, acerca do leprosário mencionado por Agassiz, uma breve digressão, da qual me aproprio por meio da transcrição de um recente registro áudio visual, que, apesar de longo, o transcrito, traz indícios importantes sobre o Asilo de leprosos, por sinal, oportuno à minha narrativa histórica. O referido registro indica a localização do leprosário no atual Bairro do Guamá<sup>678</sup>, através do, talvez, mais antigo documento relativo à fundação do Bairro, datado do ano de 1728, (quando Guamá era ainda uma sesmaria assinada pelo rei de Portugal):

*Nesse documento [o rei de Portugal] passava a posse para o senhor Teodoro Soares Pereira, com o objetivo de ocupar e explorar o território onde hoje é Bairro do Guamá em 1746 o espaço passa a ser administrado pela Ordem dos Mercedários. Lá passou a se chamar Fazenda do Tucunduba, onde foram instaladas plantações e uma olaria que oferecia telhas e tijolos a cidade de Belém. Mas tarde essa propriedade foi doada à Santa Casa de Misericórdia do Pará. No século XIX, foi construída no lugar da antiga olaria o Leprosário do Tucunduba, um espaço de reclusão social que tinha como objetivo tratar os doentes de hanseníase que perambulavam pelo centro da cidade. Além disso, o objetivo era também manter esses doentes afastados da população considerada sadia. O Asilo do Tucunduba foi inaugurado em 1816, com a internação de cinco pacientes, mas com o passar do tempo a população do leprosário foi aumentando e a sua estrutura precária não atendia nenhuma de suas funções. Não havia assistência médica que garantisse o tratamento desses doentes, nem mesmo uma estrutura física que proporcionasse o isolamento deles. Por isso, suas fugas eram constantes. Muitos doentes iam livremente para o centro de Belém, pedir esmolas, comercializar frutos que eles vendiam aos redores do leprosário. Outro fator que facilitava as fugas era a facilidade de chegar ao centro de Belém através do rio Guamá. Com o passar das décadas a população do leprosário foi aumentado. E com isso, as fugas. As autoridades se viram obrigadas a tomar algumas providências, inclusive a criação de um muro para impedir essas fugas. Na transição do século XIX para o XX.<sup>679</sup>*

Conforme o pronunciamento dos documentaristas aí citados, o leprosário, consiste em uma evidência, um rastro histórico que diz sobre o processo de segregação social, que tornar-se-ia pujante pela interferência da engenharia e arquitetura, trazidas com a força do capital estrangeiro e com a ideia de beleza urbana relacionada a higienização dos espaços direcionados às elites locais e estrangeiras. Essa Belém, segregada, é decerto o fio que conduz a constatação de uma determinada permanência histórica: o alhures e o atual “muro (in)visível” da

<sup>677</sup> FERREIRA, Arcângelo da Silva. “Representações sobre a doença e seus rituais de cura”. In.: MORGA, Antônio Emílio. *História da Saúde e da Doença*. 1. Ed. – Itajaí : Casa Aberta, 2012, p. 31.

<sup>678</sup> Um dos mais populosos Bairros de Belém do Pará, conforme o censo de 2010, com 94.610 habitantes. A grande maioria de seus moradores estão classificados entre as Classes Baixa e Média Baixa. Neste Bairro está localizada a Universidade Federal do Pará (UFPA).

<sup>679</sup> SILVA, Adriane dos Prazeres; NEVES, Jennifer ; SÁ, Fernando de; NETO, Lázaro, “A História do Bairro Guamá”. In.: *Laboratório Digital de História da Universidade Federal do Pará*, 1999. [inserido no You Tube em 01/07/2019. Acessado em 22/01/2020.

discrepância, do preconceito social. Manifesto, essencialmente, no período que se convencionou chamar de “*belle époque*”, quando a cidade se expande:

Antes de 1850, havia apenas dois bairros o da Cidade Velha, cujo centro era marcado pela catedral, e o da Campina, que se estendia até a estrada de Nazaré. Na década de 1890 a cidade havia crescido até a estrada de São Brás, com novos bairros, ruas foram calçadas com paralelepípedos e destacavam-se o bairro de Batista Campos como o mais belo.<sup>680</sup>

Essa expansão citadina atende aos desejos da elite, porém, à revelia das classes pobres. É fato, obviamente. Talvez, devido a essa constatada permanência histórica, seja quase unânime entre os geógrafos, filósofos, antropólogos, historiadores etc., contemporâneos, belenenses (ou não), estudiosos da trajetória histórica da cidade de Belém do Pará a representação de uma cidade contraditória. Dito corretamente, paralelo às riquezas que, de forma insólita, afloraram, essencialmente no decorrer de sua “Idade de Ouro” (últimas décadas do século XIX à primeira década do século XX), há evidências relativas a problemas sociais diversos, quase sempre resolvidos como caso de polícia, previsto nos contundentes Código de Posturas.<sup>681</sup> Esse panorama não poderia ser diferente, pois “se a infraestrutura resultava de uma armação financeira imponente, mas frágil, a superestrutura decorrente era como fogo-fátuo passageiro, produto de artificiosa combustão de recursos naturais”.<sup>682</sup> Nessa medida, restou à maioria da população: indígenas, negros, mestiços, pobres em geral o drama da inófia. Em jornais desse contexto são visíveis denúncias sobre a precariedade dos serviços do transporte público, os bondes, “o lixo nas ruas, o problema da comercialização clandestina de farinha e a carência de carne, os menores vagabundos que viviam pelas ruas fazendo algazarras ou jogando o picho, as brigas e o estado deplorável de algumas ruas (,,,)”<sup>683</sup>

Na publicação da *Revista Amazônica*, em 1883, a propósito, o literato e crítico de arte José Verissimo, *in loco*, já denunciava a peculiar relação entre infra e superestrutura que, naquele contexto moldava a realidade social existente na cidade de Belém, quando tece

<sup>680</sup> COELHO, Ana Carolina de Abreu. “O olhar de um viajante oitocentista sobre a sua cidade: o Barão de Marajó e a cidade de Belém da segunda metade do século XIX”. In.: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (orgs.). *Belém do Pará, cultura e cidade; para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém, Açaí, 2016, p. 61.

<sup>681</sup> SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (orgs.). *Belém do Pará, cultura e cidade; para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém, Açaí, 2016.

<sup>682</sup> NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. *Crônica de duas cidades: Belém – Manaus*. Belém: Secult, 2006, p. 17.

<sup>683</sup> SARGES, Maria de Nazaré. “O maestro, a cidade e a civilização nos trópicos”. In.: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama Lacerda (orgs.). *Belém do Pará, história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açaí, p. 256.

comparação entre determinados avanços no campo cultural entre Belém e Manaus, duas capitais borracheiras:

Entendemos que no meio do febril movimento comercial que a riqueza nativa do vale do Amazonas entretém não só nesta Liverpool dos Trópicos – como já lhe chamaram – mas ainda na frutuosa cidade de Manaus, havia lugar para um jornal consagrado a promover, direta ou indiretamente, o engrandecimento moral, e, portanto, dirigir melhor o material da Amazônia; e que publicá-lo seria, senão um serviço que prestávamos.

Não basta – cremos nós – produzir borracha, cumpre também gerar ideias; não é suficiente escambar produtos, é ainda precioso trocar pensamentos; e um desenvolvimento material que se não apoiasse num corretivo progresso moral seria, não somente improfícuo, mas funesto, pela extensão irregular que daria aos instintos – já a esta hora muito exagerados – do mercantilismo.<sup>684</sup>

O que se percebe nas palavras de Veríssimo é uma certa cobrança acerca das atitudes dos “donos do poder”, belenenses; o referido escritor sugere um olhar mais atento direcionado aos investimentos à cultura local, da qual o literato era um defensor ferrenho.<sup>685</sup> Para ele, seria paradoxal, por um lado a ascensão econômica, por outro o nulo investimento no desenvolvimento intelectual: ambos deveriam alcançar o mesmo ritmo. Ao que tudo indica, segundo o que se pode conjecturar das palavras de Veríssimo, não era bem isso que estava ocorrendo em Belém do Pará, naquela conjuntura em que ele fazia sua sutil denúncia. Em outros termos, no passado, assim como na contemporaneidade os pensadores procuraram/procuram mostrar os múltiplos ângulos da cidade de Belém. Ângulos onde estão entrecruzados os tecidos da base/superestrutura.

Pois, na esteira das análises que giram em torno desse debate: “Temos então de ver, primeiramente, como se realiza essa relação temporal entre, por um lado, a cultura dominante e, por outro, a cultura residual ou a emergente.”<sup>686</sup> Elucidar as experiências, significados e valores que nascem, residem fora da cultura dominante. Porém, se imbricar na ambiência dessa cultura. Nesse sentido, a imagem, inscrita na escrita criativa de Hatoum, que irei analisar linhas adiante, é propositora à reflexão do entrelaçamento base/estrutura. E isso me fez lembrar as provocações de Ginzburg, ao se reportar ao poema de Bertold Brecht: “‘ Quem construiu Tebas das sete portas?’ – perguntava o ‘leitor operário’ de Brecht. As fontes não contam nada daqueles

<sup>684</sup> VERÍSSIMO, José. “Revista Amazônica, 1883, tomo I”. Apud. DIMAS, Antonio. INTRODUÇÃO ao livro *Cenas da Vida Amazônica* de José Veríssimo. Editora WMF: Martins Fontes, 2011, p. XII.

<sup>685</sup> Em 1883, então com 26 anos, José Verissimo criou em Belém a *Revista Amazônica*, a qual teve vida efêmera. Tratava-se de uma revista cultural volvida ao desenvolvimento intelectual na Província. Antes mesmo do boom da borracha, o escritor migrou para o Rio de Janeiro, em 1891, onde, mais tarde, morreria, aos 59 anos. No Rio, juntamente com o escritor Machado de Assis, criou a Academia Brasileira de Letras, em 1897. Nesta fase de sua vida, empenha-se a restauração da *Revista Brasileira*. Os anos que abarcam 1895-1899, segundo Antônio Dimas (2011), correspondem a terceira fase da referida *Revista*, caracterizada pela forte influência do literato paraense.

<sup>686</sup> WILLIAMS, Raymond. “Base e superestrutura na teoria da cultura marxista”. In.: \_\_\_\_\_-. *Cultura e marxismo*; tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 57.

pedreiros anônimos, mas a pergunta conserva todo o seu peso”.<sup>687</sup> Hatoum é um desses literatos que parecem afinados com as ênfases do referido poeta alemão. Como venho elucidando, desde a introdução deste estudo, na sua prosa de ficção do literato amazonense são aludidos aqueles personagens que aos olhos das fontes oficiais ficariam nas sombras.

Milton Hatoum apresenta cenas significativas. Assim, se inscrevem condições de possibilidade para que seja possível ponderar sobre o seu imaginário à urbe belenense. Como um espectador emancipado, já afirmado antes, o referido literato faz menção a uma cidade diversa, não deixando, portanto de revelar, como fazem os pesquisadores contemporâneos, as diferentes peculiaridades de Belém, na passagem do século XIX para o século XX. Elucidando, essencialmente, os aspectos socioculturais e históricos. Pois, no tempo do enunciado da novela *Órfãos do Eldorado*, mas também, durante os anos de 1870-1920, de fato, Belém tornou-se um lugar preparado para comportar uma elite estrangeira, assim como os novos ricos forjados no chão da referida urbe. Nascia, portanto uma nova estrutura social tecida pela dinâmica da produção do látex, extraído da *hevea brasiliense*: “uma classe de homens políticos e burocratas formada por nacionais; os comerciantes, basicamente portugueses; os profissionais liberais, geralmente de famílias ricas e oriundos das universidades europeias.”<sup>688</sup> Belém volve-se, assim, numa cidade ressignificada para uma boa parte do mundo. Mas, anos antes do mundo se voltar para cidades como Belém do Pará e Manaus, à procura do látex, Agassiz já indicava que a Euforbiácea (*Hevea Brasilienses*), isto é, a seringueira, já era explorada por populações que habitavam, por exemplo,

pequeninas habitações de índios das margens do Amazonas [Santarém e Óbidos]. A floresta primitiva que rodeia essas moradias é originalmente cheia de clareiras. Estas estão no meio de pequenas plantações de cacau e mandioca – planta cuja raiz fornece ao índio sua farinha – e às vezes também de seringueiras (árvore da borracha). Esta última, porém, só muito raramente é cultivada; cresce em estado nativo na floresta. O cacau e a borracha são expedidos para o Pará em troca das mercadorias necessárias a essa pobre gente.<sup>689</sup>

Gradativamente, a demanda gomífera no mercado internacional promoverá “maravilhas”. Contudo, seu mecanismo de exploração nas selvas da Amazônia, controlado pelo capital monopolista financeiro (o sistema de aviamento), dissimulou inúmeras atrocidades às massas de trabalhadores urbanos, seringueiros (indígenas, mestiços, nordestinos, barbadianos, por

<sup>687</sup> GINZBURG, Carlo. “Prefácio à edição Italiana”. In.: *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*; tradução Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas José Paulo Paes ; revisão técnica Hilário Franco Jr. – São Paulo : Companhia das Letras, 2006, p. 11.

<sup>688</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzidas a Belle Époque (1870-1912)* – 3ª ed. – Belém: Paka – Tatu, 2010, p.125.

<sup>689</sup> AGASSIZ, 1975, p. 117.

exemplo), quase sempre escravizados, ou para usar um neologismo, semiescravizados. Acerca de evidências das condições de trabalho dos referidos sujeitos, o relato de Roger Casement<sup>690</sup> revela destaques relativos à exploração violenta de trabalhadores, a maioria indígenas, no processo da extração do látex. No trecho retirado do *Diário da Amazônia de Roger Casement*, o referido cônsul relata, ao mencionar sobre “um lugar minúsculo, menor que qualquer outro”<sup>691</sup>, denominado de Último Retiro, localizado em Putumayo, na Colômbia, ocupado pelas empresas J.C. Arana y Hermanos, compreendida entre os rios Yapurá, Putumayo, Cara-Paraná e Puerto Tacna, o seguinte:

Fui ao cepo por volta das 10h30 e o experimentei em Sealy. Muita gente reuniu-se ao redor. O tronco não se fechou sobre pernas por pouco, a medida interna sendo, penso eu, de menos de sete centímetros, mais perto dos cinco. Pusemos então um índio robusto, que coube de forma justa. Ele conseguia mover o pé um pouco para cima e para baixo, pois a sua perna era mais fina perto dos tornozelos. [...] Enquanto fazíamos isso – Bernardes, Bell, Fox, Gielgud e eu – o índio começou a falar em uitoto e suas palavras jorraram. O que disse nos foi traduzido parcialmente por Sealy e Chase. Mostrou-nos as coxas e nádegas, exibindo largos vergões em ambas, descendo até a parte de trás das coxas e disse que foi assim punido por não trazer o *caucho*. Disse também que eram postos neste cepo, onde ficavam até morrer de fome, que morriam ali; que muitos, que todos, tinham sido chicoteados. Muitos haviam morrido naquele cepo. O seu semblante ferido atestava aquilo tanto como suas palavras.<sup>692</sup>

A imagem revela cena trágica. Um palco de violência encenado na Amazônia ao longo do *boom* da borracha. Ademais, esse tipo de prática exploratória, dissimulada pelos veículos oficiais de divulgação das relações socioeconômicas (capital/trabalho) é uma herança histórica iniciada desde os primeiros processos de ocupação e monopólio da região. Hoje se sabe. Uma parte significativa da literatura de ficção que tematizou o período da *Belle Époque*, ambientando os espaços, isto é, campo e/ou cidade, não foi omissa quanto às representações da realidade social reveladoras das condições desumanas pelas quais viveram os trabalhadores no processo da extração e comercialização do látex. Destacam-se assim, Ferreira de Castro, Euclides da Cunha, Alberto Rangel, Artur Engrácio, dentre outros; elucidaram que os ombros, aqueles que suportaram o afã da borracha, ergueram majestosas cidades, sofreram inúmeras e horríveis

---

<sup>690</sup> Consul britânico, de origem irlandesa, que foi designado, pela coroa inglesa para investigar os maus tratos em que estariam sofrendo diversas etnias indígenas nas regiões fronteiriças ao Brasil, Peru e Colômbia. Das viagens nessa tríplice fronteira, e por extensão pelo alto Amazonas, durante os anos de 1910 e 1911, foram reveladas inúmeras denúncias relacionadas a exploração, opressão, violência e, principalmente, sobre os abusos do trabalho escravo que sofreram trabalhadores barbadianos e indígenas usados para a extração do látex. Antes de viajar para as fronteiras dos três países, passou pelas cidades de Belém do Pará e Manaus. Contudo, não irei me reportar às suas impressões sobre tais cidades.

<sup>691</sup> CASEMENT, Roger. *Diário da Amazônia de Roger Casement*. Edição de Angus Mitchell; organização de Laura P. Z. Izarra e Mariana Bolfarine; tradução de Maiana Bolfarine (coord.), Mail Marques de Azevedo e Maria Rita Drumond Viana. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, p. 137.

<sup>692</sup> CASEMENT, 2016, p. 142.

violências<sup>693</sup>, exemplo dessa minúcia impressa por meio das palavras do cônsul britânico, supracitado. Acompanhando essa tradição literária (a poética da violência<sup>694</sup>), obviamente, Milton Hatoum procura representar tais transformações através de seu imaginário sobre a cidade de Belém do Pará. Apesar de as cenas retratadas serem ínfimas, conforme determina o enredo de sua novela.

Antes, porém, de eu acessar as imagens de Hatoum, recorro as representações de Belém, vista do rio Pará, através das primeiras impressões de Henry Bates, que viajou pela Amazônia durante os anos de 1848 a 1851:

Na manhã de 28 de maio [1848] chegamos ao nosso destino. O aspecto da cidade ao amanhecer era extremamente aprazível. O terreno em que foi construída é baixo e plano, apresentando apenas uma pequena elevação rochosa na sua extremidade meridional, e em consequência ela não nos oferece uma visão em vários planos quando contemplada do rio. Mas os prédios brancos com seus telhados vermelhos, as numerosas torres e cúpulas das igrejas e conventos, e o topo das palmeiras elevando-se por trás das casas – tudo isso fortemente delineado por um céu azul e límpido – dão à cidade uma aparência de leveza e alegria altamente estimulante. A floresta primitiva cerca a cidade em todos os lados que dão para o interior, vendo-se pitorescas chácaras espalhadas pelos seus arredores, semi-ocultas (sic) pela exuberante vegetação. O porto estava cheio de canoas e outras embarcações, grandes e pequenas, e o repicar dos sinos, acompanhado do espoucar (sic) de foguetes – provavelmente anunciando o romper de um dia festivo para a Igreja Católica – mostrava que a população já estava de pé àquela hora da manhã.<sup>695</sup>

Nessa minúcia, já se percebe, através do olhar de Henry Bates, algumas peculiaridades dessa cidade amazônica. Antes de qualquer detalhe, é essencial, apesar de último destaque a ser registrado, os indícios da ocidentalização que o lugar guarda em sua paisagem urbana, e, por extensão, nas mentalidades dos habitantes da urbe. As práticas e representações católicas são o testemunho dessa constatação; igrejas e o badalar dos seus sinos, a festa sacra, eventos elucidados pelo viajante estrangeiro. Assim como, a arquitetura das edificações, que logo se destacam através desse olhar, um tanto quanto distante do porto da cidade. Entretanto, o relevo, a vegetação (palmeiras), a floresta primitiva, exuberante, cercando a cidade, segundo o inglês visitante, diz sobre uma urbe que parecia aprazível porque leve, sem o frenesi que, em pouco tempo, iria balançar suas ruas. Ambiente procurado, porque “a temperatura amena, o permanente verdor da vegetação, a frescura da estação da seca, quando o calor do sol é

<sup>693</sup> FERREIRA, Arcângelo da Silva. “*Na vaga claridade do luar*”: história e literatura do Movimento Madrugada na cidade de Manaus (1957-1967) – Curitiba, editora Appris, 2020.

<sup>694</sup> KRÜGER ALEIXO, Marcos Frederico “Grande Amazônia: Veredas”. In: RANGEL, Alberto. *Inferno Verde*. Organização Tenório Telles e estudo crítico por Marcos Frederico Krüger, 5ª ed. revisada - Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2001. Por definição à “poética da violência”, uso as conclusões do professor Marcos Frederico, na mencionada referência: representada pela literatura que vaza *cenias chocantes*, contudo não pode ser condenável, pois “a questão consiste em saber se houve necessidade do relato” (p. 17).

<sup>695</sup> BATES, 1979, p. 12

abrandado pelas fortes brisas marinhas, bem como a moderação das chuvas periódicas tornam o seu clima um dos mais privilegiados da face da Terra”<sup>696</sup>. Um perfil ainda bucólico. Mas, o naturalista já sugere o que poderia vir a ser aquele ambiente simples:

A cidade foi construída no local mais indicado para servir de porto de entrada para a região amazônica, e com o tempo irá tornar-se provavelmente um vasto centro comercial, já que a margem setentrional do rio principal, único local onde poderia ser fundada uma cidade, é de muito mais difícil acesso para navios, além de ser extremamente insalubre.<sup>697</sup>

Também, Alfred Russel Wallace, considera o clima. Contudo, como um mote para mencionar sobre determinados costumes, inscritos na cultura local. Na anotação abaixo, faz considerações sobre alguns eventos noturnos das mulheres que, aos seus olhos curiosos, não passaram despercebidos, obviamente. Daí ter demandado um tempo para tecer os referidos registros:

Tanto quanto o experimentamos, o clima esteve excelente. [...]. Pela manhã e ao anoitecer a temperatura era agradavelmente fresca, e tivemos quase sempre uma boa chuva e uma aprazível brisa durante as tardes, o que era bastante refrescante, servindo para purificar o ar. Nas noites de luar, até às oito horas, as senhoras costumam caminhar pelas ruas, tanto na cidade como nos subúrbios, em roupas leves e sem cobrir a cabeça, enquanto que brasileiros, em suas *rocinhas*, sentam-se do lado de fora das casas, também de cabeça descoberta e em mangas de camisa, até às nove horas, sem a menor preocupação com ares da noite e o denso sereno do trópicos, que nos acostumamos a considerar como deveras nocivos à saúde.<sup>698</sup>

Esses registros antecederam um período dinâmico, quando Belém volve-se numa cidade ressignificada para uma boa parte do mundo. Não é demais reafirmar que “nos primeiros anos do século XX, a cidade de Belém, como principal capital da borracha, vivia uma época cosmopolita, com desenvolvimento das comunicações, do telégrafo e dos transportes marítimos para os portos europeus e da América do Norte”.<sup>699</sup> Inclusive, esse movimento já se nota, um pouco antes do *boom*, através das anotações de Wallace: “Durante nossa ausência [da cidade de Belém do Pará] diversos navios haviam chegado ao porto do Pará [Belém], procedentes dos Estados Unidos e do Rio de Janeiro”.<sup>700</sup> Outra evidência significativa é a iconografia produzida no decorrer da “Bela Época”. Fecundas, nessa perspectiva, são as narrativas visuais a partir da Baía do Guajará, inscritas “nas gravuras de Daniel Parish Kidder, Paul Marcoy, Kar Van den

<sup>696</sup> BATES, 1979, p. 23.

<sup>697</sup> BATES, 1979, p. 22.

<sup>698</sup> WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*; tradução Eugênio Amado; apresentação Mário Guimarães Ferri. – Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, p. 24.

<sup>699</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. “Os pintores e a cidade: Belém, arte e paisagem (séculos XIX e XX)”. In.: SARGE, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (orgs.). *Belém do Pará: história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açai, 2016, p. 26.

<sup>700</sup> WALLACE, 1979, p. 41.



Steinen e Élisée Réclus”<sup>701</sup> Para representar esse frenesi de embarcações, símbolo do cosmopolitismo da cidade, convém reproduzir a gravura de Paul Marcoy: a gravura mostra, nas minúcias aí inscritas um exemplo das narrativas visuais referidas pela historiadora supracitada:



**Figura 28:** gravura da cidade de Santa Maria de Belém do Pará<sup>702</sup>

Visitando tais fontes, possivelmente, Milton Hatoum procura representar tais transformações através de seu imaginário sobre a cidade de Belém do Pará. Mas, as cenas retratadas são ínfimas, conforme determina o enredo de sua novela. Buscando as imagens da cidade na trama da novela *Órfãos do Eldorado*, é perceptível que na infância de Arminto Cordovil ficou impressa, dentre tantas cenas, a representação de uma cidade imaginada através dos relatos de Amando, seu pai, quando este se reporta a seus lugares de memória fruto de suas experiências de viagens à capital da Província do Pará, no final do século XIX: “a Cidade Velha, o Porto do Sal, o Grande Hotel, os casarões, igrejas e praças magníficas. E o mar. O mar amazônico, de águas misturadas. Então eu quis conhecer a cidade”. Ora, as palavras do pai de Armindo suscitam a ideia de lugares legendários: “[...]. O Grande Hotel era um edifício fabuloso.”<sup>703</sup> Recorro, assim, a uma iconografia histórica onde está retratada a referida edificação para, posteriormente, me apropriar de algumas ponderações sobre suas peculiaridades, valor arquitetônico, cultural e, por extensão, dizer sobre parte da história da cidade, suscitada pelo referido registro de memória. Vestígio desse tempo marcado por

<sup>701</sup> PEREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira. “Belém e o olhar estrangeiro: as narrativas visuais a partir da Baía do Guajará”. In.: SARGE, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (orgs.). *Belém do Pará: história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açaí, 2016, p. 286.

<sup>702</sup> A referida gravura está inscrita em MARCOY, 2001, p. 285. Vale informar que a reprodução da imagem retirada da mencionada referência é uma fotografia da gravura, feita pela historiadora Elisângela Maciel, em 14 de março de 2020, feita especialmente para esta tese.

<sup>703</sup> HATOUM, 2008, p. 79.

transformações na estrutura arquitetônica da urbe que tanto encantou Amando ao ponto de ele deixar a impressão de um certo delírio em seu filho Arminto que sonhava, desde então, em conhecer aqueles lugares quase mitológicos, os quais as sensações do menino emitiam: uma bela cidade no centro da selva, semelhante a cidade luz, europeia.



Figura 29: Grande Hotel, Belém do Pará<sup>704</sup>

Eis o Grande Hotel. Construído em 1913, por Ricardo Salvador Fernandes de Mesquita. Este hotel que foi um dos mais elegantes da urbe, viveu 53 anos. Nesse período, foi majestoso; consta que até mesmo após a *Belle Époque*, isto é, nos anos de 1930, chamava a atenção, mesmo das apressadas pessoas que passavam pela Avenida Presidente Vargas, onde aquela sólida edificação parecia convidar os transeuntes a entrar para conhecê-lo. Fechou suas portas em 30 de julho de 1966.<sup>705</sup> É possível conjecturar que o Grande Hotel deixou, nas pessoas que alhures lhe frequentaram, talvez, a saudosa certeza de que os prédios também representam amizades. Assim como os lugares nos quais estes foram edificadas. Sensação semelhante foi elucidada no contexto do século XIX à uma avenida significativa, lugar de sociabilidade, através da literatura europeia, como por exemplo, nos escritos de Baudelaire sobre a cidade de Paris, no seu livro *As flores do mal* e no conto de Nikolai Gógol *Avenida Niévski*. Pois, já no início desta referida literatura de ficção o narrador assevera: “Não há nada melhor do que a Avenida Niévski, pelo menos em Petersburgo; para a cidade, ela representa tudo. E o que brilha nessa rua – a beldade

<sup>704</sup> *Belém da saudade: a memória da Belém no Início do Século em Cartões-Postais*. 2ª ed. aum. rev. Belém: Secult, 1998 – “Primeira instalação hoteleira de grande porte em Belém, construída no início da segunda década desse século [XX]. A sua *terrace* foi, por muito tempo, um dos mais importantes pontos de referência sociocultural da cidade. Foi demolido em 1974, para dar lugar ao Hilton Hotel” (p. 223).

<sup>705</sup> MACÊDO, Sídiana da Consolação Ferreira. “A cidade e seus lugares de comer: contextos da alimentação em Belém”. In.: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama Lacerda (orgs.). *Belém do Pará, história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açai, 2016.

de nossa capital?”<sup>706</sup> Diante disso, é possível sugerir que, durante a existência do *Grande Hotel* é possível, provável, inclusive por meio dos estudos de Nunes e Macêdo, como se viu, que os belenenses pudessem ver na referida edificação um símbolo da beldade da capital do Pará, como o fazem no plano do enunciado de *Órfãos do Eldorado* os personagens de Milton Hatoum, isto é, Amando e Arminto Cordovil. Na esteira de minhas conjecturas e analogias eu reproduzo uma imagem, pertinente ao que estou afirmando:



**Figura 30:** Registro fotográfico de um evento oferecido ao deputado federal Bento Miranda, no dia 26 de maio de 1914, oferecido pela redação do jornal Estado do Pará.<sup>707</sup>

Não sem sentido o *Grande Hotel* é considerado um dos “carimbos fisiognômicos da cidade”<sup>708</sup> de Belém, nas palavras do pesquisador citado, por exemplo. Adiante é possível perceber que ainda continuam lendo minha narrativa, que o autor alegado estimula as pessoas leitoras a imaginarem a opulência desse que, quando Benedito Nunes escrevia, a edificação já havia se tornado apenas uma recordação representada em imagens fotográficas como a que

<sup>706</sup> GÓGOL, Nikolai. Avenida Niévski; tradução: Rubens Figueiredo. – São Paulo : Cosac Naify, 2012, p.1.

<sup>707</sup> Jornal *Estado do Pará*, Anno IV – Belém – Quarta-feira, 27 de maio de 1914. Consta no texto abaixo da fotografia: “O almoço de despedida oferecido pela Redação do Estado do Pará ao Dr. Bento Miranda, no dia 26 do corrente – Da direita para esquerda, Antenor Cavalcanti, redactor; deputado Bento Miranda, diretor-gerente; Raymundo Trindade e Valente de Andrade, redatores; Dr. Luiz Barreiros, redator-secretário; Senador Fulgêncio Simões, redator-chefe, e Valente Lobo, redator e subgerente”. Trata-se de um evento oferecido para Bento José de Miranda [ao que tudo indica dono do jornal], que acabara de ser eleito deputado federal. Conforme registros (<http://www.crtl.edu/content.asp?11=4&12=18f13=33>. Acesso, 23/03/2020, às 12:18H), Miranda, filiado ao Partido Republicano, foi eleito pela primeira vez para o mandato de 1915-1917, em 3 de maio de 1915, assumiu sua cátedra no, então, Distrito Federal do Rio de Janeiro. Foi eleito e exerceu mandato de deputado pelo Pará por quatro legislaturas. Na Câmara do Deputados permaneceu, portanto, até o ano de 1929. A fotografia, nesse sentido, flagra uma comemoração demandada por uma pauta elitista, como era comum ao espaço de sociabilidade do *Grande Hotel*.

<sup>708</sup> NUNES; HATOUM, 2006, p. 29.

reproduzo acima, pois que a beleza arquitetônica do Grande Hotel reside apenas nos registros de memória:

Imagine-se, agora, na rua do lado ocidental do Theatro da Paz, no mesmo Largo da Pólvora (Praça da República), um edifício de quatro andares, piso inferior abrindo-se em portas envidraçadas, os balcões das janelas superiores em ordenação clássica, culminando, de ambos os lados de um frontão central, em mansardas semelhantes às dos prédios de Rue de Rivoli, em Paris, ponham-se-lhe, em sua calçada fronteira, com as respectivas cadeiras portáteis, mais de uma dezena de mesinhas de tampo circular de pedra, cada qual cercado por um aro protetor de metal e teremos o **Grande Hotel** e sua terrasse, (...), ícone urbano, construído no fim do século [XIX] e, que, ainda sólido e em condições de funcionamento, na mesma década de 1970, quando o arraial de Nazaré acabou, a especulação imobiliária suprimiu da paisagem urbana.<sup>709</sup>

É bem provável que esse ícone da fisiognomia de Belém, aí descrito pelo filósofo supracitado, seja representado nas lembranças de Amando e Arminto, no contexto do tempo do enunciado da novela *Órfãos do Eldorado*, para evidenciar a opulência extraordinária daquela capital cosmopolita, que ficou conhecida à época como “Paris Tropical”. A chegada de inúmeros estrangeiros, ricos, à cidade demandou um majestoso desenho arquitetônico à urbe. O Estado, à época, transforma a cidade em um lugar apto a receber, essencialmente, estrangeiros europeus e do norte da América, interessados em investir nas oportunas redes de lucros (visíveis e invisíveis) que a Amazônia oferecia através do advento de sua elástica goma, matéria prima, essencial, durante o processo da industrialização, advinda da Inglaterra. Por isso, Paris é a cidade modelo para esse processo de ressignificação da capital da Província do Pará. A elite local contagiou-se pelo fausto: dava sentido à existência o refinamento forjado pela riqueza.<sup>710</sup> Insurreta, porque inovadora do modo de vida, amazônico. Opulência que deixaria, após esse período de riqueza fugaz, um espectro às decadentes famílias aristocráticas. A *belle époque*, foi, decerto, repentina e ilusória. Essa evidência historicamente óbvia, faço questão de repetir pela enésima vez. Pois o período, sim, também deixou outra marca significativa, mesmo que dissimulada pelos efeitos pirotécnicos forjados pela pompa luxuosa do *boom* borracheiro. Mas, essa outra cidade precisa vir à baila, de maneira insone, pois a justiça histórica é um caminho a ser seguido. Ora, no contexto da *belle époque* belenense havia outros espaços de comer e morar que, ao contrário da sociabilidade elitista inserta no âmbito do Grande Hotel, ocorriam inúmeros conflitos noticiados pelos impressos. Nesse sentido, o *Hotel Portugal*, com efeito, aparecia com frequência nos noticiários policiais, devido aos constantes conflitos e intrigas socioeconômicas que o referido estabelecimento demandava:

<sup>709</sup> NUNES; HATOUM, 2006, p. 30. [negrito de Nunes].

<sup>710</sup> SARGES, 2010, p. 200.

Este Hotel, ao que parece, seria um lugar mal afamado, sendo noticiado pelo jornal, inclusive, a morte de um hospede cearense que lá almoçava ‘regularmente’<sup>711</sup>. O *Hotel Portugal* recebia imigrantes cearenses e pessoas sem muita condição financeira, que lá hospedava-se e faziam refeições.<sup>712</sup>

Tal citação suscita a constatação de que no contexto da *belle époque* belenense a urbe foi inventada e reinventada no bojo do seu cotidiano, por vezes conflitivo, posto que “de um lado havia um projeto modernizador pensado para a cidade de Belém, de outro lado, parte da população nem sempre concordou ou participou efetivamente desse projeto, ou seguiu as disposições legais dos poderes públicos”.<sup>713</sup> Revela outras sociabilidades estabelecidas com a chegada, “sobretudo com a seca de 1889 de cearenses, que, dessa cidade, seguiam muitas vezes para os seringais, para áreas de produção agrícola ou mesmo permaneciam em Belém”.<sup>714</sup>

Na imagem a seguir, extraída da literatura de ficção de Hatoum, um retrato de um instante efêmero, no relato de Arminto, quando, finalmente, conheceu a cidade de Belém, à revelia das promessas não cumpridas de seu pai, Amando. Ocorre aí a representação da realização de um sonho há muito obstado, pela força das circunstâncias:

[...], eu me esbaldei no Café da Paz e nos bares da Cidade Velha; conheci o Mestre Chico e outros boêmios e músicos que tocavam canções de pau e corda, tiravam toadas e modinhas com flauta, violão, violino e cavaquinho. Eu pagava a bebida das noitadas e os ingressos das operetas da trupe Chat Noir no teatro Moderno, no largo de Nazaré. Amanhecíamos no Porto do Sal. Depois aluguei uma lancha e vi o mar pela primeira vez. Na loja Paris n’América comprei peças de organdi suíço e de seda italiana e francesa...<sup>715</sup>

Pulula, nessa cena fecunda, essencialmente, a sociabilidade boêmia. Nessa perspectiva, reproduzo uma fotografia onde consta uma minúcia dos espaços de sociabilidade na cidade de Belém do Pará, na passagem do século XIX ao século XX, na conjectura de que imagens como esta podem ter sido visitadas por Milton Hatoum, na perspectiva do seu processo criativo relativo ao imaginário da cidade de Belém, o qual desenha através da novela *Órfãos do Eldorado*.

<sup>711</sup> Notícia extraída por Sidiana Macêdo da página 2 do impresso *O Pará*, inscrita no dia 28 de dezembro de 1897.

<sup>712</sup> MACÊDO, 2016, p. 321.

<sup>713</sup> SARGES, Maria de Nazaré dos Santos; LACERDA, Franciane Gama. “A cidade e a floresta: urbanização e trabalho no Pará (finais do século XIX início do século XX)”. In.: SARGES, Maria de Nazaré dos Santos; RICCI, Magda Maria de Oliveira (Orgs.), *Os oitocentos na Amazônia: política, trabalho e cultura*. Belém: Editora Açai, 2013, pp. 228 e 229.

<sup>714</sup> SARGES; LACERDA, 2013, p. 231.

<sup>715</sup> HATOUM, 2008, pp. 80-81.



Pará. Rua Carlos Gomes.

**Figura 31:** Rua da Paciência, mas tarde modificada para rua Carlos Gomes.<sup>716</sup>

A imagem acima recupera o frenesi da urbe “vista do cruzamento com a Avenida da República (atual Avenida Presidente Vargas), A direita, o tradicional *Café da Paz* e, a esquerda, note-se que ainda não havia sido construído o Grande Hotel”<sup>717</sup> edificação que, adiante, farei algumas menções.

No fragmento extraído da narrativa de ficção de Milton Hatoum, surge a imagem do mar; simboliza a ínfima sensação de liberdade, naquele instante que parece eterno, vivenciado por Arminto: embebido de um prazer pueril. O mar belenense é peculiar, visto que, diferentemente das cidades de Manaus e Parintins, onde Arminto passava mais tempo, as viagens ao Pará lhe ofereciam a oportunidade de ver, banhar-se nas águas trazidas do oceano Atlântico. Este que conectava a Amazônia ao resto do mundo. Desta forma, é possível considerar que as antigas imagens do mar belenense talvez tenham servido de mote ao processo de criação do imaginário de Hatoum. Abaixo, uma vez mais reproduzo uma fotografia onde é possível se ver o mar, e suas embarcações, numa cena que captura o porto de Belém do Pará:

<sup>716</sup> *Belém da saudade: a memória da Belém no Início do Século em Cartões-Postais*. 2ª ed. aum. rev. Belém: Secult, 1998, p.130

<sup>717</sup> *Belém da saudade: a memória da Belém no Início do Século em Cartões-Postais*. 2ª ed. aum. rev. Belém: Secult, 1998, p.130.



**Figura 32:** Antiga Rampa do Sacramento.<sup>718</sup>

Por meio do relato de seu narrador protagonista, Milton Hatoum faz ver uma profusa minúcia da cidade. Há aí, também alguns detalhes luxuosos da fisionomia da urbe, por exemplo, o “teatro moderno”. Diante dessa imagem eu preciso recorrer uma vez mais a Benedito Nunes:

O Theatro da Paz é um clássico teatro de ópera, sóbrio, mas imponente, com seis ordens de colunas na fronteira, substituindo as sete que teve anteriormente à sua reforma em 1905, quando delimitavam um terraço. A reforma liberou o terraço, acima da galeria de entrada no primeiro piso, em frente à frontaria, provida de óculos que ostentavam bustos representando as artes, vendo-se de cada lado da ordem de colunas fronteiras, duas janelas ornadas de tímpanos. Nas partes laterais, o teto é sustentado por colunas que caem sobre balcões, encimando portões de ferro implantados ao pé de alongadas escadarias de mármore.<sup>719</sup>

Oportunamente, abaixo reproduzo imagens onde se representa a referida edificação, e ponderações, após.

<sup>718</sup> *Belém da saudade: a memória da Belém no Início do Século em Cartões-Postais*. 2ª ed. aum. rev. Belém: Secult, 1998, p. 34. A “imagem do mar” banhando a cidade de Belém, decerto, é uma “licença poética” utilizada por Milton Hatoum, pois conforme a hidrografia relativa a referida região, as águas do mar banham somente as cidades localizadas no nordeste do Pará (Bragança, Viseu, por exemplo); a cidade de Belém, portanto, é banhada pelos rios Amazonas, rio Maguari e o rio Guamá. A Baía do Guajará (formada através do encontro da foz dos rios Guamá e Acará) também banha a cidade de Belém, assim como outras do estado do Pará. Porém, a imagem que reproduz acima (Antiga Rampa de Sacramento) pode ser adotada aqui como uma alegoria da representação do “mar belenense”, na esteira da “licença poética” do escritor amazonense, estudado nesta tese.

<sup>719</sup> NUNES, Benedito; HATOUM, Milton, 2006, p. 22.



**Figura 33** : Praça da República, onde se visualiza do Teatro da Paz no lado direito (Século XIX)<sup>720</sup>



**Figura 34**: Theatro da Paz (século XIX)<sup>721</sup>

<sup>720</sup> *Belém da saudade: a memória da Belém no Início do Século em Cartões-Postais*. 2ª ed. aum. rev. Belém: Secult, 1998, p. 148. Ao lado do Cartão-Postal está o seguinte texto: “Antigo Largo da Pólvora, por ter sido ali instalado, no século XVIII, um depósito de pólvora. Em primeiro plano, à esquerda, O *Monumento à República* e , ao fundo, a direita, o *Theatro da Paz*. Na foto, a praça ainda não havia passado pelo tratamento urbanístico que seria realizado por Antônio Lemos”.

<sup>721</sup> *Belém da saudade: a memória da Belém no Início do Século em Cartões-Postais*. 2ª ed. aum. rev. Belém: Secult, 1998 – “Projeto de autoria do engenheiro militar José Tibúrcio de Magalhães, o teatro foi inaugurado em 1878, na foto a fachada original com a frontaria avançada, apoiada em sete colunas, que cobria a *terrasse*. Localizado na Rua da Paz, que separa a Praça da República do atual Parque João Coelho, ainda sem a urbanização que iria ocorrer no início do século.” (p. 182).



Os detalhes descritos pelo filósofo, e crítico de arte, corroboram as peculiaridades arquitetônicas que fez Arminto Cordovil o chamar de “teatro moderno”. Portanto, digno da elite paraense; localizado no Largo da Pólvora, um dos locais mais frequentados pelas pessoas que representavam a aristocracia belenense. No teatro, bailes carnavalescos, conferências, espetáculos beneficentes, peças teatrais, operas – como, por exemplo, *O Guarany* regida pelo maestro Carlos Gomes, ocorrida em 1º de agosto de 1882, no dia em que “os jornais anunciavam que o espetáculo começaria com ‘a symphonia da grandiosa e conhecida Opera Nacional O Guarany’; as casa de moda insistiam na última oportunidade que as pessoas tinham em adquirir o figurino da noite de gala”<sup>722</sup> -, eram frequentes. Mas, o Teatro da Paz também presenciou intrigas que demandaram a ação da polícia, conforme a recente história da cidade, a exemplo das referências que estou me apropriando, sempre presente nesse *templo da cultura* para manter a ordem, como no evento que girou em torno da exibição da opera-cômica *O solar das barrigas*, em 1896, “em razão da exaltação dos ânimos entre os que aprovavam e os que reprovavam a atuação dos artistas”.<sup>723</sup> Nessa representação do urbano, por meio da escrita criativa de Hatoum, a memória da loja *Paris n’América*, frequentada pela elite empolgada à chance de consumir produtos importados, como fez Arminto, o qual comprou “Presentes para Estrela, a filha de Becassis”<sup>724</sup>. Igualmente à referida loja, havia “o *Bom Marché*, a *Maison Francaise* e tantas outras com nomes estrangeiros”<sup>725</sup>; estabelecimentos comerciais criados para atender a constante procura pelos artigos de luxo de mulheres da classe abastada, belenenses, pois, aí, “a indumentária era um dos indicadores de classe, lembrando muito o Brasil do século XVIII e início do XIX quando as damas ricas vestiam sedas, veludos e a gente comum vestia-se de pano inferior como algodão”.<sup>726</sup> Nessa medida, penso ser pertinente reproduzir uma imagem da loja *Paris n’América*:

---

<sup>722</sup> SARGES, 2016, p. 258.

<sup>723</sup> SARGES, 2016, p. 253.

<sup>724</sup> HATOUM, 2008, p. 81.

<sup>725</sup> SARGES; LACERDA, 2013, p. 217.

<sup>726</sup> SARGES; LACERDA, 2013, p. 217.



**Figura 35:** Grande Armazém Paris n' América  
Casa Comercial localizada na rua Santo Antônio  
(século XIX)<sup>727</sup>

Se as pessoas leitoras voltarem novamente o olhar para a imagem produzida pela escrita criativa de Milton Hatoum, logo perceberão que o escritor amazonense faz menção as peculiaridades significativas da cultura popular, a qual circula pela cultura considerada erudita e vice-versa. Reside no referido relato o rastro marcado pela influência europeia no desenho arquitetônico da cidade paraense, herança de uma bela época, evidentemente. Contudo, Hatoum indica um certo processo de transculturação, ressignificação de identidades não europeias, ao longo da história da cultura belenense. Assim, nessa ínfima imagem, porém fecunda, se inscrevem indícios para reflexões sobre as possibilidades acerca de uma história social da cultura, no bojo do cotidiano dos “artistas populares” presentes na cidade de Belém do Pará:

<sup>727</sup> *Belém da saudade: a memória da Belém no Início do Século em Cartões-Postais*. 2ª ed. aum. rev. Belém: Secult, 1998 – “Casa comercial construída no início do século [XX], toda revestida em cantaria de pedra pré-fabricada, importada da Europa, assim como os demais componentes construídos. Localizada na Rua de Santo Antônio, esquina da Rua do Largo da Misericórdia (atual Praça Barão de Guajará), a loja foi, durante muitos anos, ponto de referência da sociedade paraense, sempre com os últimos lançamentos de Paris e das principais capitais europeias” (p. 226).

indícios da arte de viver dos sujeitos os quais representam as classes populares. Esta perspectiva é propícia para se pensar sobre as trajetórias históricas, essenciais para a composição das expressões culturais, da cidade durante as décadas finais do século XIX e décadas iniciais do século XX: práticas e representações muita das vezes subsumidas na historiografia tradicional, mas que, pelo menos, já constam em determinados estudos, contemporâneos, sob a égide de uma história nova. Como faz ver, por exemplo, a pesquisadora Maíra Maia, no seu estudo sobre Dalcídio Jurandir, pois na acepção do referido literato a cidade de Belém comporta os sentimentos e as lutas das classes populares que se faziam presente à luz de suas mobilizações sociais, visto que “Dalcídio Jurandir vai ao encontro da Cabanagem no século XIX para reeditar um novo começo para a decadência do fausto”.<sup>728</sup>

Por sinal, na imagem elaborada por Milton Hatoum, a qual estou me reportando, é possível perceber, como já frisei antes, que as aventuras de Arminto acontecem na ambiência da festa boêmia, no bojo da *Cidade Velha*. Assim “Mestre Chico” parece ser uma alegoria usada para se representar a incidência da “cultura popular” em lugares nobres, pois a *Cidade Velha* era um espaço urbano direcionado às elites. O instrumento de “corda e pau” (violão) é outro indício, pois nos anos de 1890, “ainda pairava a marca da ‘vadiação dos negros’. Bataques de negros e *serestas ao luar* consolidaram-se, no século XIX, como ambientes musicais presentes na paisagem física e sonora de Belém”.<sup>729</sup> O grifo é meu. Me apropriado desse trecho do estudo do mencionado historiador, acerca da história da “música popular” na cidade de Belém, com o intuito de corroborar as imagens elaboradas pela escrita criativa de Hatoum à constatação do referido historiador. Como estou afirmando, ao longo desse capítulo, as intenções de Hatoum, por meio de seu imaginário da cidade, na esteira da historiografia contemporânea, a qual conjecturo que ele seja um conhecedor, é vislumbrar as diversas cidades que existem na Cidade. Nessa medida, a Belém de Hatoum é representada também através da cultura vista de baixo. Na acepção de que “nenhum passado é anônimo.”<sup>730</sup> Portanto, a cena construída pelo literato amazonense revela a sua intenção em elucidar aspectos das histórias subsumidas. Nesse sentido, “Mestre Chico”, representado naquela imagem da cena urbana, elaborada por Hatoum é, de fato, uma chave de leitura para verificar a frequência da boêmia seresteira nas ruas de Belém. O Código de Posturas de 1880, da cidade de Belém, no seu artigo 107, por exemplo,

<sup>728</sup> MAIA, Maíra. “A cidade de Belém do Grão-Pará de Dalcídio Jurandir”. In.: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama Lacerda (orgs.). *Belém do Pará, história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açaí, 2016, p. 247.

<sup>729</sup> COSTA, Antônio Mauricio Dias da. “Os sentidos de “música popular” na Belém da primeira metade do século XX”. In.: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama Lacerda (orgs.). *Belém do Pará, história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açaí, 2016, p.75.

<sup>730</sup> HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2006, p. 125

proibia os batuques e sambas: o testamento de que, por serem constantes, tornavam-se “manifestações perigosas” à ordem vigente. Pois, ao que tudo indica, as noites, pelo menos uma grande maioria delas, eram tomadas pelos sons musicais das experiências artísticas dos tocadores de violão e, por extensão, pela boêmia seresteira. Já nas décadas iniciais do século XX, os jornais inseriam notas sobre a entrada de seresteiros para executar suas “músicas populares” na ambiência dos aristocratas da cidade. Igualmente, alguns memorialistas tecem registros convergentes aos da imprensa belenense: o violão e a seresta, frequentemente entravam nas residências luxuosas. Os cantores do povo, portanto, levavam a alegria dos ritmos, tons e sons da “música popular”. Paralelo a isso, literatos, acadêmicos, e seus círculos, juntamente com os músicos eruditos procuravam os músicos de corda e pau para conhecer suas formas, estilos de arte mais a fundo. Prática que acabou, aos poucos, quebrando alguns preconceitos sobre o valor da “música popular”<sup>731</sup> Em outros termos, dos espaços onde se ambientavam a referida música, isto é, “hotéis, casas de pensão, casas de cômodo, cortiços, estalagens, botequins, tabernas, bordéis, bares, dentre outros”<sup>732</sup>, as vozes, violões e tambores dos sujeitos mulatos e negros, se espriavam para os lares aristocráticos.<sup>733</sup> Ora, “desde a década de 1870, não somente as elites, mas também os demais segmentos da população expressavam as suas práticas culturais neste espaço polissêmico que é a cidade”.<sup>734</sup>

Suponho que, provavelmente, dentre as matrizes intelectuais de Hatoum, esteja o pesquisador e folclorista Vicente Salles, pois há recorrência a “Mestre Chico” como músico da noite, no livro *A Modinha no Grão-Pará*. Como se verifica adiante:

Salles menciona os registros de dois memorialistas paraenses, Eustachio Azevedo e De Campos Ribeiro, que destacam a atuação dos boêmios “tocadores de violão” na Belém da primeira década do século XX, entre eles: Papapá, Santa Cruz, *Mestre Chico*, Pedro Mata-Fome, Tô Teixeira, Francisco Damasceno, Aluísio Santos, Raimundo Canela, Zeca 10 Reis, Jaques de Oliveira, Antônio Neves e Artemiro Bem-Bem. Estes são apresentados pelos memorialistas como músicos da noite, mas que exerciam outras profissões durante o dia, como encadernador, tipógrafo, carpinteiro e carteiro (Salles, Vicente *A Modinha no Grão-Pará*)<sup>735</sup>

Desta forma, é bem provável que Hatoum acessou os estudos de Vicente Salles para ressignificar, por meio de sua escrita criativa, a *Cidade Velha*, belenense, representada por seu imaginário. Pois, como é sabido, Salles, na sua obra deixou registros significativos sobre manifestações, peculiaridades da “cultura popular”, a exemplo, dessas evidências as quais me

<sup>731</sup> COSTA, 2006, p.75-76, essencialmente as notas 6 e 8 de pé da referida página.

<sup>732</sup> COSTA, 2006, p. 77.

<sup>733</sup> COSTA, 2006.

<sup>734</sup> SARGES, 2016, p. 262.

<sup>735</sup> COSTA, 2006, p.78, essencialmente a nota 23 de pé da referida página.

reportei, por meio do trecho retirado do estudo do historiador Antônio Mauricio Dias da Costa.

Nessa esteira, também conjecturo que o referido literato amazonense, para representar a cultura popular, fez investigação nos relatos de viagens daqueles estrangeiros que por Belém, passaram e anotaram suas impressões sobre as manifestações culturais. Por isso, considerando a metodologia que adotei aqui, de certa forma entreteci as narrativas literária e fotográfica para elucidar a Cidade Velha, inclusa em *Órfãos do Eldorado*. Diante disso, para os meus argumentos recorri aos viajantes que passaram por Belém no referido período histórico (século XIX e XX). Com eles, estabeleci um diálogo entre as representações, impressões, deixadas pelos estrangeiros e o imaginário do escritor amazonense Milton Hatoum. Ao lado disso, fiz menções a alguns estudos, desenvolvidos por pesquisadores contemporâneos, acerca da trajetória histórica da cidade, como as pessoas leitoras já perceberam nas linhas anteriores. Em suma, o sentido da história inserto através da literatura de ficção de Milton Hatoum, ao comportar sua imagem do urbano através da novela *Órfãos do Eldorado*, parece corroborar as reflexões do saber histórico recente sobre a história da cidade de Belém, pois tanto em Hatoum como na referida historiografia “a realidade das camadas pobres da cidade [são desveladas] mesmo que escondidas sob a fina nuvem do espocar dos foguetes [da “Bela Época”]”.<sup>736</sup>

---

<sup>736</sup> SARGES, 2016, p. 264.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] os procedimentos narrativos [literários] são como campos magnéticos: provocam indagações e atraem documentos potenciais. [...]. Um dia eles [os historiadores] poderão aceitá-los de uma maneira que hoje nem conseguimos imaginar.<sup>737</sup>

Chega um momento que é necessário parar o percurso narrativo. Mas, é, decerto, uma detença repentina. Pois, oportunamente, logo, a escrita será retomada, à luz do resultado de novas pesquisas.

Não sei se atingi um dos meus objetivos, aqui: escrever uma prosa sem osso, sem espinhas, leve. As pessoas que se debruçarem nela, demandadas pelo exercício acadêmico ou, quem sabe, pelo desejo de lê-la a partir de um ato de prazer, serão termômetros, mediadores desta sugestão: a “prosa leve”.

Na convicção registrada nas palavras de Otávio Paz: “ao ler ouvimos e, ao ouvir, vemos”<sup>738</sup>, aqui, procurei dialogar com a ficção, a memória e a história, por meio dos ruídos da oralidade. Chaves de leitura que abriram fendas para compreensão de parte da obra de Milton Hatoum, essencialmente aquela relacionada à produção da novela *Órfãos do Eldorado*, a qual busquei problematizar, ao longo desta tese. A literatura, portanto, foi usada como fonte de história. Pois corroboro a acepção de que:

O romancista não demonstra nem conta: recria um mundo. Embora seu ofício seja relatar um acontecimento – e nesse sentido se parece com o ofício do historiador –, o que interessa não é contar o que houve, mas reviver um instante ou uma série de instantes, recriar um mundo. Por isso ele recorre aos poderes rítmicos da linguagem e às virtudes transmutativas da imagem. Toda sua obra é uma imagem. Assim, por um lado, imagina, poetiza; por outro, descreve lugares, fatos e almas. Faz fronteira com a poesia e com a história, com a imagem e a geografia, o mito e a psicologia. Ritmo e exame de consciência, crítica e imagem, o romance é ambíguo. Sua impureza essencial nasce de sua constante oscilação entre a prosa e a poesia, o conceito e o mito. Sua ambiguidade e impureza decorrem do fato de ser o gênero épico de uma sociedade baseada na análise e na razão, isto é, na prosa.<sup>739</sup>

<sup>737</sup> GINZBURG, Carlo. “A áspera verdade – Um desafio de Stendhal aos historiadores”. In: \_\_\_\_\_. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*; tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão – São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.188. Verificar também: JI, Renan. “O ator Julien Sorel”. *Aletria*. Belo Horizonte. v. 28, n 1, p.163-180, 2018. Aí analisa-se a personagem e seus momentos de tensão com o panorama histórico inscrito no romance *O vermelho e o Negro* de Stendhal.

<sup>738</sup> PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wcht. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p.325.

<sup>739</sup> PAZ, 2012, p. 231.

Está reflexão me reporta ao valor da obra de Milton Hatoum à produção do saber histórico. As pessoas que chegaram até o final desta tese puderam perceber o quanto a narrativa do referido escritor amazonense guarda as peculiaridades descritas nas palavras de Octávio Paz. Este mote apresentado pelo teórico e literato mexicano esteve nas entrelinhas de minha narrativa histórica aqui proposta. Ao lado das reflexões do referido escritor e teórico da literatura, evidenciei outros estudiosos, os quais adotam a prosa, a poesia, a literatura de ficção, enfim, como documento, fonte, vestígio, indício histórico, como se percebe adiante.

Com Carlo Ginzburg, por exemplo, elucidei a importância de se dar vazão às expressões artísticas; pois que, para ele a narrativa de ficção é fecunda. Nela residem indícios relevantes para se pensar e reescrever a história dos costumes de uma época. Ginzburg avisa que da *imaginação do literato* o historiador pode atingir a *imaginação histórica*. Por isso,

Das narrações de ficção é possível extrair testemunhos mais fugidios, porém mais preciosos, justamente porque se trata de narração de ficção: [...] “do mesmo modo podemos analisar os usos e costumes do passado com base nas fantasias representadas em seus textos”.<sup>740</sup>

Através da constatação do historiador italiano, é perceptível que, enquanto o literato usa a fantasia (nada transcendental, mas “determinada” por suas experiências no tempo), reportando-se às lembranças e memórias (muitas vezes inscritas também em documentos de toda ordem, como por exemplo, jornais, oralidade, gravuras, pinturas, fotografias; (registros usados nesta tese), o historiador utiliza a conjectura: imaginação atrelada à interpretação das fontes históricas, pois os resíduos e fragmentos são essenciais: nenhuma história começa do nada. Por isso, é crucial a interpretação da documentação, isto é, pensar a partir dela.<sup>741</sup>

Seguindo esse raciocínio, não sem sentido as expressões: “talvez”, “tiveram de”, “pode-se presumir”, “certamente”, “muito provavelmente” – bastante usadas por Natalie Zamon Davis – sinalizaram para, diria, uma das peculiaridades desta investigação: a averiguação, a qual adota determinadas fontes como *campo de possibilidades* para a produção do saber histórico. Nessa medida, a literatura de ficção de Milton Hatoum foi, assim, utilizada. Diante da ausência de certezas sobre a trajetória e as ações dos sujeitos históricos estudados, não cabe ao historiador inventar, como faz o literato, mas no seu ofício aquele pode vislumbrar, mostrando, logicamente

---

<sup>740</sup> GUINZBURG, Carlo. “Paris, 1647: um diálogo sobre ficção e história”. In.: \_\_\_\_\_ *O fio e os rastros: verdade, falso, fictício*. São Paulo : Companhia das Letras, 2007.2007, p. 84. (o grifo da citação é do autor).

<sup>741</sup> LORIGA, Sabina. O pequeno x: da biografia à história; tradução Fernando Scheid. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2011, p. 101.

os indícios que suscitem suas proposições.<sup>742</sup> Pois, o historiador lida com “ruínas, com o fragmentário e o relativo, cuja forma originária podemos apenas imaginar. [...]. A imaginação aproxima o historiador do artista”.<sup>743</sup>

Busquei uma investigação à luz da interdisciplinaridade, reivindicada desde a primeira geração do *Annales*, centrada no diálogo entre Historiografia e Literatura, ancorada na percepção de alguns clássicos. Nessa medida, para Liev Tolstói, no seu épico *Guerra e Paz*, obra que, segundo Ginzburg perpetrou melhor compreensão dos *jogos de escala*: “a reconstrução dos incontáveis relatos que ligavam o resfriado de Napoleão antes da batalha de Borodin, a disposição das tropas, a vida de todos os participantes da batalha, inclusive o mais humilde soldado”.<sup>744</sup> Já o literato francês Marcel Proust, através do clássico *Em busca do tempo perdido* contribuiu significativamente. Parte de sua obra me fez compreender o valor da fotografia à literatura como “metáfora da memória”. Hatoum, assim, utiliza a fotografia na sua escrita criativa. Proust também é fecundo para o saber histórico. Pois, formula copiosa reflexão acerca da relação presente/passado. Para Proust, se é impossível voltar fisicamente ao tempo pretérito, é crível fazer uma “viagem de volta” através dos sentidos. Estes são vetores das lembranças mais profundas: “(...), não lhes desperta apenas a imagem em nossa memória, mas certifica-lhes a volta, a presença efetiva, ambiente, imediatamente acessível”.<sup>745</sup>

Ao ler Proust, inclusive, Walter Benjamin, minha referência teórica essencial nesta tese, formulou um novo conceito de imagem, suscitando reflexões sobre a acepção de memória. Isso lhe fez buscar perspectivas para uma *verdadeira imagem do passado* a partir da *imagem mnêmica*. Desenhou essa teoria em um texto que deixou esboçado: *Sobre o conceito de história*.<sup>746</sup> Muito útil para o desenvolvimento desta tese. Nas dobraduras das narrativas de ficção e nos depoimentos que pude ler, ouvir, ver percebi que o literato amazonense busca um alento nas ideias de Benjamin. Nesse sentido, tanto as *Teses sobre o conceito de história* como o ensaio *O Narrador*, ecoam no poema, nos contos, crônicas, romances e na novela de Milton Hatoum. Assim, como sua postura política.

---

<sup>742</sup> GINZBURG, Carlo. “Provas e possibilidades à margem de ‘Il ritorno de Martin Guerre’, de Natalie Zemon Davis”. In.: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*; tradução de Antônio Narino. – Lisboa : DIFEL, 1989, p. 183.

<sup>743</sup> LORIGA, 2011, p. p. 174 e 175.

<sup>744</sup> GINZBURG, Carlo. “Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito” In.: \_\_\_\_\_ *O fio e os rastros: verdade, falso, fictício*. São Paulo : Companhia das Letras, 2007, p. 266.

<sup>745</sup> PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*; tradução: Mário Quintana. – 16ª ed. – São Paulo : Globo, 1995. (Em busca do tempo perdido; 1), p. 85.

<sup>746</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 164.



Percorri algumas veredas que me levaram a verificar as vivências e experiências compartilhadas de Hatoum. Nesses caminhos encontrei determinadas matrizes intelectuais e imagéticas. Paralelo a isso, as tomadas de posição políticas do escritor amazonense. O autor-criador dos poemas, contos, crônicas, romances e novela, mantém significativa relação dialógica com seus personagens e narradores, eu lírico. A obra de Hatoum, assume um compromisso com a *história vista de baixo* (seus personagens fictícios, narradores, protagonistas, são figuras que representam pessoas anônimas, como aquelas figuras históricas no bojo da realidade social, inscritas no *campo da história social*). Isto aproxima o literato amazonense, por exemplo de E. P. Thompson. Historiador que também utilizei nessa investigação. Ora com este, encontrei chaves para verificar as experiências e vivências do escritor amazonense: o fazer-se literato de Hatoum. E nesse processo, as memórias de seus ancestrais foram cruciais. Reescrevendo tais memórias, por meio de sua escrita criativa, Hatoum contribuiu, e continua contribuindo com o saber histórico acerca da Amazônia e do Brasil. Sua obra, assim, tornou-se fonte fecunda para o ofício do historiador, aberto à construção de uma *história à contrapelo*.

Procurei o sentido da história na literatura de Milton Hatoum. Encontrei, assim, nas narrativas do escritor, indícios, os quais tornam-se condições de possibilidade para a elaboração de uma história mais *problemática e menos automática*. Ao colocar em questão o mito viajante de *Eldorado*, o literato amazonense, lembrando o posicionamento do poeta românico William Blake - este que partia das imagens à composição de seus poemas -, se apropria de uma imagem historicamente forte, adotando-a como uma *alegoria*, à acepção de Walter Benjamin. Ora, na história oficial da Amazônia, *Eldorado* é símbolo que se reveste de diversos símbolos, os quais giram em torno das representações da *Belle Époque*, pois os projetos que visavam o progresso e modernização, ao longo das temporalidades, estiveram ancorados na *Idade de Ouro* da Amazônia. Nessa medida, por um ângulo, totalmente oposto, Milton Hatoum, se utiliza do *Eldorado* como alegoria, para compor uma narrativa trágica. Elucidando, assim, a *orfandade do Eldorado*. Dizendo de outro modo, o escritor elucidava a existência de um abismo entre a essência e o sentido do *Eldorado*. Desta forma, busca outros significados para a referida imagem. Compreendendo que nesta alegoria estão inscritos sinais de queda. Daí, o autor cunhar o título de sua obra como *Órfãos do Eldorado*. Não é demais asseverar: o título desta obra, por sinal, revela a transitoriedade da vida: representa a depreciação do mundo. Pois, a novela que nesta tese é usada como principal fonte de história, narra a ruína humana [representada no chão histórico que abarca os anos de 1890-1945], herdeira dos diversos projetos de dominação da Amazônia, desde o mundo colonial até o contemporâneo.

Com Walter Benjamin, Milton Hatoum se apropria da *memória*. Penetra, assim, nos sedimentos mais profundos, para abrir o passado e encontrar aí uma determinada realidade fracassada e, por isso, dissimulada nos escombros do tempo. Revela, assim, a história mais oculta. E, com a pujança de sua escrita criativa, faz perceber que “[...], há um projeto de esquecimento embutido na história, que, pautado na apatia, configura-se como injustiça”.<sup>747</sup>

Em suma, com Milton Hatoum, Eldorado é uma *alegoria*. O escritor amazonense, cata determinados indícios, inscritos na memória e no esquecimento, localizados nas brumas, curvas do Tempo para, por meio de sua literatura de ficção, contar a história das ruínas, inscritas na orfandade deixada pelo referido mito viajante.

Na esteira dessa perspectiva teórica e metodológica, uma vez mais me vem as palavras de Otávio Paz, quando se reporta ao poema, sua poética, relacionada à história, sua narrativa:

O que caracteriza o poema é sua necessária dependência da palavra, tanto quanto sua luta para transcendê-la. Isso permite uma indagação sobre a sua natureza como algo único e irreduzível e, simultaneamente, considerá-lo uma expressão social inseparável de outras manifestações históricas. O poema, ser de palavras, vai além das palavras, e a história não esgota o sentido do poema; porém o poema não teria sentido – nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta.<sup>748</sup>

Nesta perspectiva procurei perceber a obra de Milton Hatoum, ao conceber sua narrativa como uma *epopeia amazônica moderna*: Obra que vai além das palavras. Porém, fruto e produto de uma conjuntura histórica, a qual traduz um determinado tempo histórico. Narrativa que suscita nuances da outricidade subsumida nas sombras do Tempo.

---

<sup>747</sup> BORGES, Thiago Roney Lira. *Bom dia para os defuntos como mônada antropofágica: mítica, realismo maravilhoso e histórico na obra de Manuel Scorza*. – Manaus : 2015, p. 224. [Dissertação de Mestrado/ Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas].

<sup>748</sup> PAZ, 2012, p. 191.

## REFERÊNCIAS

### 1. Fontes:

#### 1.1. Relatórios de Governo:

Interventoria Federal do Estado do Amazonas. *EXPOSIÇÃO*. Ao Excelentíssimo Senhor Doutor Getúlio Vargas, presidente da República. Por Alvaro Maia, Interventor Federal. (Maio de 1943-Junho de 1944), 1944, D.E.I.P., MANAUS-AMAZONAS. [Documento localizado nos acervos do Centro Cultural Povos da Amazônia CCPA, sob administração da Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Amazonas].

REIS, Arthur César Ferreira. *Como Governei o Amazonas* – Relatório dos dois anos e seis meses de meu mandato como governador do Estado do Amazonas, no período de 27 de junho de 1964 a 31 de janeiro de 1970. Manaus – Amazonas. Secretaria de Imprensa e Divulgação. Janeiro de 1967. [Documento localizado na Biblioteca Arthur Cezar Ferreira Reis, sob administração da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas].

#### 1.2. Mensagens de Governo:

“Discurso do Sr. Presidente Getúlio Vargas, no banquete que lhe ofereceram a Interventoria Federal e as classes conservadoras a 10 de Outubro, na sede do Ideal Clube”. In.: *Propaganda Amazonense. Visita do Presidente Vargas e as esperanças de ressurgimento do Amazonas*. Imprensa Pública. Manaus, 1940. [Documento localizado nos acervos do Centro Cultural Povos da Amazônia CCPA, sob administração da Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Amazonas].

Mensagem lida perante o Congresso do Amazonas na abertura da Primeira Sessão Extraordinária da oitava legislatura pelo Exm<sup>o</sup>. Snr. Dr. Jonathas de Feitas Pedrosa, Governador do Estado em 26 de fevereiro de 1913. [Documento localizado nos acervos do Centro Cultural Povos da Amazônia CCPA, sob administração da Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Amazonas].

#### 1.3. Protocolo:

Livro 35: *Protocolo de Entrada da Câmara Municipal de Parintins, 1935*. [Documento localizado nos acervos do Câmara Municipal de Parintins, sob administração da Prefeitura Municipal de Parintins-AM].

#### 1.4. Relatórios de Viagem:

AGASSIZ, Louis e Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*; tradução de João Etienne Filho, apresentação de Mario Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *No rio Amazonas (1859)*; tradução Eduardo de Lima Castro. Belo Horizonte : Ed. Itatiaia; São Paulo : Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*; tradução Regina Régis Junqueira; apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica pela Capitania do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. (Memória I) – Antropologia*. Estudo histórico: Alfredo Brandão. Organização: Tenório Telles, 2ª edição – Manaus: Editora Valer, 2008.

MARCOY, Paul *Viagem pelo Rio Amazonas*. Tradução, introdução e notas de Antônio Porro. 1ª edição em português. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto e Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

NERY, Le Baron de Santa-Anna. *Le Pays des Amazones: L'El – Dorado Les Terres a Caoutchouc*. Paris – Librairie Guillaumin et c. 14, Rue Richelieu, 14, 1899, p. 29.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*; tradução Eugênio Amado; apresentação Mário Guimarães Ferri. – Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

### 1.5. Relatório de Iniciação Científica:

OLIVEIRA, Patrícia de Souza; FERREIRA, Arcângelo da Silva (orientador). *Hatoum e a história: mito, memória e cidade em Órfãos do Eldorado*. Relatório de Pesquisa/ Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC), desenvolvido com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPEAM), no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), coma duração de um ano (2014-2015).

ROCHA, Yapuanna Souza da; FERREIRA, Arcângelo da Silva. *Fontes para outras histórias de Parintins (1935-1945)*. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica/Projeto de Apoio Acadêmico (PAIC)/ Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas (FAPEAM), desenvolvido no período de 2017-2018, no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

## 2. Jornais<sup>749</sup>:

*Jornal O Estado de São Paulo*, sábado, 19 de outubro de 1991, no caderno de Cultura. Número 584. Ano VIII – Página 3.

*Jornal do Comércio*, Manaus, 1999.

*Jornal do Comércio*. Manaus, 1976.

---

<sup>749</sup> Nesta pesquisas, com exceção daquelas que o endereço eletrônico é indicado, todas as fontes impressas foram acessadas da BNDigital/Biblioteca Nacional: <https://www.bn.gov.br/explore/acervos/bndigital>

*Jornal do Comércio*, Manaus, 2004.

*Jornal Estado do Pará*, Belém, 1914.

*Jornal da Biblioteca Pública do Paraná*. Disponível em <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modulares/conteudo/conteúdo?conteudo=142>. Acesso em 16.07.2017.

*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1979.

*Jornal O Estado de São Paulo*, SP, 1991.

*Jornal Correio Brasiliense*, disponível: <http://www.correiobrasiliense.com> – acesso: 04/11/2019.

### 3. Revistas Científicas:

*Revista História* da Biblioteca Nacional. Edição nº 122 de novembro de 2015

*Revista Magma* – USP. “Entrevista com Milton Hatoum”. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. *Arquiteto da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um Certo Oriente e Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/UNINORTE, 2007.

### 4. Álbuns

*Álbum Municipal de Manaós*. Elaborado na Administração do Prefeito Araújo Lima sendo Presidente do Estado o Exmo. Sr. Dr. Ephigênio de Salles, Amazonas-Brasil, 1929.

*Belém da saudade: a memória da Belém no Início do Século em Cartões-Postais*. 2ª ed. aum. rev. Belém: Secult, 1998.

*The City of Manaós and the Country of Robber tree: Souvenir of the Columbian Exposition, Chicago, 1893*. [A Cidade de Manaós e o País dos Ladrões: Lembrança da Exposição Colombiana, Chicago, 1893.].

### 5. Cartões Postais:

*Belém da saudade: a memória da Belém no Início do Século em Cartões-Postais*. 2ª ed. aum. rev. Belém: Secult, 1998.

### 6. Vídeos documentários:

SILVA, Adriane dos Prazeres; NEVES, Jdheef ; SÁ, Fernando de; NETO. Lázaro, “A História do Bairro Guamá”. In.: *Laboratório Digital de História da Universidade Federal do Pará*, 1999. [inserido no You Tube em 01/07/2019. Acessado em 22/01/2020.

## 7. Documentos Iconográficas:

FREIRE, José Joaquim. [*Crescentia cujete*]. [S. l: s.n.], [17--]. 1 desenho, aquarela, col, imagem 32,5 x 19cm em f. 34,5 x 24,5. Disponível em [http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo\\_sophia=1126](http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=1126). Acesso em 28 mar. 2020.

Fotografias de Parintins inscritas em acervos particulares de moradores da cidade de Parintins-Am. [conforme indicado em notas de pé de páginas].

## 8. Artigos e entrevistas da rede mundial de computadores:

CARPEGGIANI, Schneider. “Relato de um certo oriente, de Milton Hatoum, completa 25 anos”. In.: Suplemento Cultural do Diário do Estado de Pernambuco nº 14 – Outubro 2104. Disponível: [www.suplementoculturalpernambuco.com.br](http://www.suplementoculturalpernambuco.com.br).

CASARIN, Rodrigo. *Milton Hatoum, da literatura à política*. (entrevista). Disponível em [revistasentido.com](http://revistasentido.com).

EL GEBALY, T. M. A. “Milton Hatoum: ‘não há tantos tradutores de língua portuguesa’”. In.: *Revista Crioula*. Maio de 2010 – Nº 7. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/crioula>.

Entrevista do escritor acerca do romance *A noite da Espera*, originalmente publicado em 2017. A entrevista foi gravada em 16 de outubro de 2017, concedida à Juliana Domingues do *Nexo Jornal*, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=RpRrVL9MrA&feature=youtu.be>

FERREIA, Arcângelo da Silva. “Do espaço à personagem”. In *Revista Travessias Ed. XIV*. Disponível em [revistatravessias@gmail.com](mailto:revistatravessias@gmail.com) e [www.unioest.br/travessias](http://www.unioest.br/travessias).

FERREIRA, Arcângelo da Silva. *A narrativa de uma cidade encantada ou A alegoria de uma tragédia histórica*. In.: Cadernos do CEOM. Memórias rurais e urbanas – v. 28, n.42 (Junh/2015) – Revista on-line: <http://bell.unchapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc>

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. “Resenha do livro *A Ilusão do Fausto*” (p. 1) In.: *Revista Brasileira de História*. V. 21. N. 40. São Paulo, 2001. Acesso em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882001000100014>

FILHOLINE, Jorge; BASTONI, Júlio; ANDRADE, Vinícius de. Milton Hatoum: “Ainda considero a literatura como uma aventura da imaginação e do conhecimento”. Disponível em <https://livreopinioao.com/2014/10/Milton-natoum-ainda-considero-a-literatura-como-uma-aventura-da-imaginação-e-do-conhecimento>.

HATOUM, Milton. “Águas encontradas”. *Correio Braziliense*. Disponível em <http://www.miltonhatou.br.conet/upload/2011/03/%c3%81guasencontradascorreioBraziliense2002.jpg>.

HATOUM, Milton. “Escrever à margem da História” – texto da participação do autor em 4 de novembro de 1993 no seminário de escritores brasileiros e alemães, realizado no Instituto

Goethe, São Paulo, p. 1. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/fornteiraz/article/viewFile/12593/9167>.

HATOUM, Milton. “Milton Hatoum: a vitória de Bolsonaro libertou o racismo, o machismo, a homofobia”. (entrevista de Chatal Rayes a Milton Hatoum). <http://www.liberation.fr> – publicado em 11 de dezembro de 2018.

HATOUM, Milton. *Milton Hatoum fala sobre a importância das Universidades* (entrevista de Mauro Malin a Milton Hatoum). Acesso: [redeglobo.globo.com](http://redeglobo.globo.com).

<https://www.parintinsamazonas.com.br>,

KASSAR, Álvaro. “A pátria sem fronteiras”. *Jornal da Unicamp*, Campinas, junho de 2001 - ano XV – n. 163; Disponível em <http://www.unicamp.br/unicamphoje/ju/jun201/unihojeju163pg18html>.

LEAL, Cláudio. Hatoum: a literatura é a arte da paciência – entrevista. Disponível em: [terramagazine.terra.com.br](http://terramagazine.terra.com.br). Publicado quarta-feira, 19 de setembro de 2007.

LOURENÇO, Clediane; Makowiecky, Sandra. Possíveis concretos: a Buenos Aires de Jorge Luis Borges. Disponível em [www.anpap.org.br](http://www.anpap.org.br).

*Milton Hatoum, o arquiteto do tempo*, escrito por Ruan de Souza Gabriel, para a revista Época, sobre o mais recente livro do escritor amazonense, o romance *A noite da Espera*. Disponível em: [epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/10/milton-hatoum-o-arquiteto-do-tempo.html](http://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/10/milton-hatoum-o-arquiteto-do-tempo.html).

PINTO, Júlio Pimentel; IEGELSKI, F. ; CIARELLI, S. “Entrevista com Milton Hatoum”. *Intelligere*, Revista de História Intelectual, São Paulo, v.2, n.2 [3], p.2-10. 2016. Disponível em <http://revista.usp.br/revistaintelligere>.

Podcast Milton Hatoum – Escritores-Leitores/Itaú, publicado em: 31/10/2019.

REBINSKI, Luiz. Fim da espera: Milton Hatoum fala sobre o processo criativo de “A noite da espera”, que marca seu retorno ao romance após nove anos. Disponível em: <http://rascunho.com.br/27921-2/>

SERRÃO, Cláudia Maria. Milton Hatoum fala sobre o processo de constituição do livro *Dois Irmãos* e suas relações editoriais. Disponível em <https://livreopinioao.com/2017/02/07/milton-hatoum-fala-sobre-o-processo-de-constituicao-do-livro-dois-irmaos-e-suas-relacoes-editoriais>.

SILVA; NEVES; SÁ; NETO. 1999, In.: Laboratório Digital de História da Universidade Federal do Pará. [inserido no You Tube em 01/07/2019. Acessado em 22/01/2020.

## 9. Bibliografia:

ADORNO, Theodor W. “Sobre a ingenuidade épica”, In.: \_\_\_\_\_. *Notas de literatura*; tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: inferno*; tradução e notas de Ítalo Eugenio Mauro. – São Paulo: Ed. 34, 1998.

AMARAL, Vinícius Alves do. “Vicissitudes de um Heródoto caboclo: Arthur Reis e a ditadura civil-militar em Manaus (1964-1966)”. In.: *Temporalidades* – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. V5, n.3 (set./dez, 2013) – Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2013.

ANDRADE, Moacyr. *Manaus: ruas, fachadas e varandas*. Manaus, Humberto Calderaro, 1985.

ARCE, Bridget Christine. “Tempo, sentidos e paisagens: os trabalhos da memória em dois romances de Milton Hatoum”. In.: CRISTO, Maria de Luz Pinheiro de (org.). *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. Manaus: EDUA: UNINORTE, 2007.

AZEVEDO, Véra Lúcia de. *A dispersão da memória e da escrita em Milton Hatoum e Lobo Antunes*. – Niterói: Editora da UFF, 2016.

BAKHTN. M.M. *Problemas da poética de Dostoiévski*; tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. “Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso”. In.: BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2ª ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*; tradução Júlio Castañon Guimarães. – [7. ed] – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2018.

BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia – Análise do processo de desenvolvimento*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, EDUA e INPA, 2007.

BAZIN, André. *O que é cinema*. Tradução: Eloísa Araujo Ribeiro / Apresentação e apêndice: Ismail Xavier, São Paulo: Ubu Editora, 2018.

BELTING, Hans. *Antropología de la imagen*; traducido por Gonzalo Maria Vélez Espinosa. 1ª Edição. – Buenos Aires, 2007.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história” In.: *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas, volume 1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio: Jaenne Marie Gagnebin, 3ª edição – São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In.: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 8ª Ed. revista – São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre a literatura e a história da cultura*. Tradução: Sergio Paulo Rouanet, Prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.



BENTES, Dorinete. *Outras faces da história: Manaus: !910-1940*. – Manaus: Rego Edições, 2012.

BEZERRA, Paulo. “Prefácio: Uma obra à prova do tempo”. In.: BAKHTIN, MIKHAIL Mikhailovitch. *Problemática da poética em Dostoiévski*; tradução de Paulo Bezerra. – 4 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BITTENCOURT, Antônio C. R. *Memória do município de Parintins: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material*. Manaus: Edições, Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

BLAKE, William. “O limpador de chaminés”. In.: \_\_\_\_\_. *Canções da Inocência e da Experiência. Revelando os dois estados opostos da alma humana*. Edição bilíngue; tradução, prefácio e notas Mário Alves Coutinho e Leonardo Goncalves, Crisálida. Belo Horizonte, 2005.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lília Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BORGES, Jorge Luis. “La poesia”. In.: \_\_\_\_\_. *Siete Noches*. México : Fondo de Cultura Econômico, 1981.

BORGES, Jorge Luiz. “O Aleph”. In.: *Obras completas de Jorge Luiz Borges*. Volume 1. São Paulo: Globo, 1999.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. 3ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BORGES, Thiago Roney Lira. *Bom dia para os defuntos como mônada antropofágica: mítica, realismo maravilhoso e histórico na obra de Manuel Scorza*. – Manaus : 2015, p. 224. [Dissertação de Mestrado/ Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas].

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In.: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta M. (orgs). - 8ª ed. - *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 2006.

BOURDIEU, Pierre. “Campo do Poder, Campo Intelectual e *Habitus* de Classe”. In.: *A Economia das trocas simbólicas*. – 5ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2001.

BRAIT, Beth. “Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem”. In.: \_\_\_\_\_. (org.) *Bakhtin. Dialogismo e construção do sentido*. – 2ª ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

BRASSAÏ. *Proust e a fotografia*; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BRAUDEL, Fernand. *George Gurvitch ou la discontinuité du social*, 1953, apud. AGUIRRE ROJAS, Carlos Antônio. *Braudel, o mundo e o Brasil*; tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. – São Paulo : Cortez, 2003.

BRUNN, Albert von. *Milton Hatoum: entre Oriente e Amazônia*. Tradução: Rafael Rocca dos Santos. – São Paulo : Humanitas, 2018.

BURKE, Peter. “A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa”. In: \_\_\_\_\_. *A escrita da história: novas perspectivas* (org.); tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainard. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CAMPOS, Álvaro de. “Passagem das horas”. In.: \_\_\_\_\_. *Livro de Versos*. Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes). Lisboa: Estampa, 1993.

CAMUS, Albert; RUMJANECK, Valerie. *O estrangeiro*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1999.

CANO, Jefferson. “Machado de Assis, historiador”. In.: CHALHOUB, Sidney e Pereira, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil* – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CARPEATUX, Otto Maria. “Prefácio”. In.: FALUBERT, Gustave. *Madame Bovary*; tradução Sérgio Duarte. [Ed. Especial] – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2017.

CASEMENT, Roger. *Diário da Amazônia de Roger Casement*. Edição de Angus Mitchell; organização de Laura P. Z. Izarra e Mariana Bolfarine; tradução de Maiana Bolfarine (coord.), Mail Marques de Azevedo e Maria Rita Drumond Viana. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

CERQUA, Dom Arcângelo (bispo prelado de Parintins). *Clarões de fé no Médio Amazonas*. (A prelazia de Parintins no seu jubileu de prata). Manas : Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano : 1. Artes de fazer*; 15 ed. tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

CHALHOUB, Sidney e Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. “Apresentação”. In.: \_\_\_\_\_. (orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil* – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. “Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas”. In.: ROCHA, João Cezar de Castro da (org.). *Roger Chartier – a força das representações: história e ficção* – Chapecó, SC : Argos, 2011.

CHARTIER, Roger. O passado no presente. Ficção, história e memória. In.: \_\_\_\_\_  
- *a força das representações: história e ficção* / João Cezar de Castro Rocha (Org.) – Chapecó, SC : Argos, 2011.

COELHO, Ana Carolina de Abreu. “O olhar de um viajante oitocentista sobre a sua cidade: o Barão de Marajó e a cidade de Belém da segunda metade do século XIX”. In.: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (orgs.). *Belém do Pará, cultura e cidade; para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém, Açai, 2016.

COSTA, Antônio Mauricio Dias da. “Os sentidos de “música popular” na Belém da primeira metade do século XX”. In.: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama Lacerda (orgs.). *Belém do Pará, história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açai, 2016.

COSTA, Deusa. *Quando viver ameaça a ordem urbana – Trabalhadores de Manaus (1890/1915)*. Manaus: Editora Valer e Fapeam, 2014.

COSTA, Hideraldo. *Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia*. Discurso dos Viajantes – Século 19. Manaus : Editora Valer e Fapeam, 2013.

COSTA, Selda Vale da. *Eldorado das ilusões. Cinema & sociedade: Manaus (1897/1935)*. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1996.

COUTINHO, Mário Alves; GONÇALVES, Leonardo. William Blake: Humano, Demasiado Humano – Prefácio – BLAKE, William. *Canções da Inocência e da Experiência: revelado os dois estados opostos da alma humana*. edição bilingue; tradução, prefácio e notas Mário Alves Coutinho e Leonardo Gonçalves. Crisálida : Belo Horizonte, 2005.

CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. “Introdução”. In.: \_\_\_\_\_  
(org.). *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente, Dois Irmãos e Cinzas do Norte*. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/Uninorte, 2007.

DARNTON, Robert. “Os trabalhadores se revoltam: O Grande Massacre de Gatos na Rua Saint-Severin”. In.: \_\_\_\_\_. *O massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*; tradução de Sonia Coutinho. – Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DIAS, Edineia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. – Editora Valer, 1999.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*; prefácio de Stéphane Huchet; tradução de Paulo Neves. – São Paulo: Editora 34, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as imagens tomam posição – O olho da história, I*; tradução Cleonice Paes Barreto Mourão. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2017.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*; tradução, prefácio e notas de Boris Schnaiderman – São Paulo: Editora 34, 2009 (6ª edição).

ELMIR, Cláudio Perreira. “O’ enredo como categoria e como método de análise”. In.: MALERBA, Jurandir (organizador). *História & narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica*, 2016.

FANTINI, Marli. “Hatoum & Rosa: Matrizes, mesclas e outras misturas”. In. CRISTO, Maria da Luz Pinheiro (org.). *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas / UNINORTE, 2007.

FAUCALT, Michel. *A história da loucura na Idade Média Clássica*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A. 1978.

FAUSTO, Carlos. “Fragmentos de História e Cultura Tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etnohistóricos”. In.: Cunha, Manuela Carneiro (org.) *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 2006.

FERREIRA, Arcângelo da Silva & FERNADES, Caroline. “Arquitetos da memória e as cidades encantadas: literatura e fotografia na Amazônia de Milton Hatoum e Luiz Braga”. In.: FERREIRA, Arcângelo da Silva... [et. al.]. *Nas curvas do tempo: História e historiografia na Amazônia em debate* (v. 2). Manaus -AM: Editora UEA, 2018.

FERREIRA, Arcângelo da Silva. “*Na vaga claridade do luar*”: *História & Literatura do Movimento Madrugada na cidade de Manaus (1954-1967)*. – Curitiba : Appris Editora, 2020.

FERREIRA, Arcângelo da Silva. “Representações sobre a doença e seus rituais de cura”. In.: MORGA, Antônio Emílio. *História da Saúde e da Doença*. 1. Ed. – Itajaí : Casa Aberta, 2012.

FERREIRA, Arcângelo da Silva; OLIVEIRA, Patrícia de Souza. “Mito, memória e história: nos caminhos de *Órfãos do Eldorado*” In. : FERREIRA, Arcângelo da Silva... [et. al.]. (orgs.). *Pensar, fazer e ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas*. – Manaus (AM): UEA Edições; Valer, 20015.

FERREIRA, Arcângelo da Silva; SILVA, Márcia Gabrielle Ribeiro. “Encantos, encontros, desencontros dos terreiros com a Cidade: afro religiões em Parintins”. In.: MORGA, Antônio Emílio (org.). *História, sentimentos, cidades e desencontros*. Manaus: EDUA, 2016.

FERREIRA, Arcângelo. “O imaginário de Hatoum: campo de possibilidade para o saber histórico e para o ensino de história”. In.: MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza Monteiro. *Filosofia, política, educação, direito e sociedade 2*. – Ponta Grossa (RN): Atena, 2019.

FERREIRA, Arcângelo. *A sombra e seus duplos*. Roney Lira Borges – thysanura edições de rua, 2015.

FICO, Carlos. “O Brasil no contexto da Guerra Fria: democracia, subdesenvolvimento e ideologia do planejamento (1946-1964)”. In. MOTA, Carlos Guilherme (organizador). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transição*. 3ª ed. – São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2013.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Prefácio. In.: NUNES, Benedito & HATOUM, Milton. *Crônicas de duas cidades: Manaus – Belém*. Belém : Secult, 2006

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. “Os pintores e a cidade: Belém, arte e paisagem (séculos XIX e XX)”. In.: SARGE, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (orgs.). *Belém do Pará: história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açaí, 2016.

FLAUBER, Gustave. *Madame Bovary*; tradução Sérgio Duarte. [Ed. Especial] – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2017, pp. 74 e 75). Outra menção à Flaubert pode-se perceber no enredo do romance de Hatoum, *A noite da espera*, publicado originalmente em 2017.

FRANCOIS, Frédéric. “‘Dialogismo’ e romance ou Bakhtin visto através de Dostoiévski”. In.: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. – B179 2ª ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

FREIRE, José Bessa. “A transmissão da Experiência”. Resumo do artigo “De fala boa ao português na Amazônia brasileira”, publicado na Revista Ameríndia, nº B, 1983 – pp 39 a 83 – CNRS – Paris. In.: \_\_\_\_\_ (et.al.) *Amazônia Colonial (1616-1798)*. 4ª edição revisada e ampliada. Editora Metro Cúbico. Manaus, 1994.

FREIRE, José Ribamar Bessa [et al...] *A Amazônia Colonial (1616-1798)*; 4º reimpressão revisada e ampliada; 1ª reimpressão. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. – São Paulo : Perspectiva, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.

GINZBURG, Carlo. “ A áspera verdade – Um desafio de Stendhal aos historiadores”. In. \_\_\_\_\_. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*; tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. “Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito” In.: \_\_\_\_\_ *O fio e os rastros: verdade, falso, fictício*. São Paulo : Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. “O inquisidor como antropólogo”. In.: \_\_\_\_\_. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*; tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. “Prefácio à edição Italiana”. In.: *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*; tradução Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas José Paulo Paes ; revisão técnica Hilário Franco Jr. – São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. “Provas e possibilidades à margem de ‘Il ritorno de Martin Guerre’, de Natalie Zemon Davis”. In.: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*; tradução de Antônio Narino. – Lisboa : DIFEL, 1989.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”. In.: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história; tradução: Federico Carotti*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GÓGOL, Nikolai. *Avenida Niévski*; tradução: Rubens Figueiredo. – São Paulo : Cosac Naify, 2012.

GUINZBURG, Carlo. “ Paris, 1647: um diálogo sobre ficção e história“. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*; tradução de Rocha Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*; tradução de Antônio Narino. – Lisboa : DIFEL, 1989.

HARTOG, François. *Regime de historicidade: presenteísmo e experiências do tempo*. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2013.

HATOUM, Milton, “Manaus: o impasse da modernidade” – Prefácio (p.12) – In. DIAS, Edineia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. – Editora Valer, 1999.

HATOUM, Milton. “Agradecimentos”. In.: *Órfãos do Eldorado*. Companhia da Letras : São Paulo, 2008.

HATOUM, Milton. “Amazônia: um ciclo de sono e violência ou Motocu, o demônio, cumpriu sua missão”. In.: \_\_\_\_\_ et al. *Amazonas: Palavras e imagens de um rio entre ruínas*. São Paulo : o Autor; coedição Livraria Diadorim, 1979.

HATOUM, Milton. “Laços de Parentesco: Ficção e Antropologia”. In.: *Raízes da Amazônia*. Ano I – V.1 - , nº 1 , 2005 – Manaus INPA, 2005.

HATOUM, Milton. “Posfácio”. In.: *Órfãos do Eldorado*. São Paulo : Companhia das Letras, 2008.

HATOUM, Milton. “Prefácio: Passagem para um certo Oriente”. In. BRUNN, Albert von. Milton Hatoum : entre Oriente e Amazônia. Tradução : Rafael Rocca dos Santos. – São Paulo : Humanitas, 2018.

HATOUM, Milton. “Prefácio”. In.: VALENTIN, Andreas. *A fotografia amazônica de George Hubner*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2012.

HATOUM, Milton. *A noite da espera* . – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2005, p. 145.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. Companhia da Letras : São Paulo, 2008.

HATOUM, Milton. *Pontos de fuga*. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

HATOUM, Milton. *Relato de Um certo Oriente*. – 1ª ed, - São Paulo : Companhia das Letras, 2008.

HOLANDA, Lourival. “A lição das coisas”. In.: PINHEIRO, Geraldo Sá Peixoto (org.). *Amazônia em Cadernos: História em novos cenários*. Universidade do Amazonas – Museu Amazônico. V2 N°s 2/3 dez. 1993/1994.

Jl, Renan. “O ator Julien Sorel”. *Aletria*. Belo Horizonte. v. 28, n 1, p.163-180, 2018.

JAUSS, Hans Robert. “Tradição literária e consciência atual da modernidade”. In.: OLINTO, Heidrun Krieger (org.). *Histórias de Literatura: as novas teorias alemãs*. – São Paulo: Editora Ática S. A., 1996.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. – São Paulo : Editora Ática S. A., 1994.

KOSELLECK, Reinhart. “Introdução”. In.: \_\_\_\_\_... [et al.]; *O conceito de História*; tradução René E. Gertz; - 1. Ed.; 1. reimp. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2016.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. – 5ª ed. – São Paulo: Ateliê Editorial. 1980.

KRÜGER, Marcos Frederico “Grande Amazônia: Veredas”. In: RANGEL, Alberto. *Inferno Verde*. Organização Tenório Telles e estudo crítico por Marcos Frederico Krüger, 5ª ed. revisada - Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2001.

KRÜGER, Marcos Frederico. *Amazônia: mito e literatura*. – Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2003.

KRÜGER, Marcos Frederico. “ O mito de origem em Dois irmãos”. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de (org.). *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances: Dois Irmãos, Relatos de Um certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas / UNINORTE, 2007.

LANGER, Johnni. “O mito do Eldorado: origem e significado no imaginário Sul-Americano (Século XVI)”. *Revista de História* 136; FFLCH-USP; 1º semestre de 1997.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In.: *História e Memória*; trad. Bernardo Leitão (et.al.). Campinas: Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In.: \_\_\_\_\_ *História e memória*; tradução Bernardo Leitão... [et. Al. ]. – 5ª ed.. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2003.

LEAL, Bruno Avelino. *Nas trilhas de Milton Hatoum: um breve estudo de uma trajetória intelectual*. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas/UFAM, 2010.

LEÃO, Allison. “A narrativa poética em Dois Irmãos – lugar de intercâmbio entre suportes arquivísticos”. In.: *Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas*, Ano 1, n. 1 (2000). – Manaus: Edua/Capes, 2000.

LEFBRVRE, Henry. *O Direito à Cidade*. – 1ª ed. São Paulo : Moraes, 1991.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*; tradução Fernando Scheid. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2011.

MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira. “A cidade e seus lugares de comer: contextos da alimentação em Belém”. In.: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama Lacerda (orgs.). *Belém do Pará, história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açai, 2016.

MACIEL, Benedito do Espírito Santo Pena. “Entre os rios da memória: história e resistência dos Cambéba na Amazônia brasileira”. In.: SAMPAIO, Patrícia Melo; ERTHAL, Regina de Carvalho (org.). *Rastros de memória: histórias e trajetórias das populações indígenas da Amazônia*. – Manaus EDUA, 2006.

MAIA, Maíra. “A cidade de Belém do Grão-Pará de Dalcídio Jurandir”. In.: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama Lacerda (orgs.). *Belém do Pará, história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açai, 2016.

MATE, Reyes. “O anjo da história ou por que o que para nós é progresso para o anjo é catástrofe”. In.: \_\_\_\_\_ *Meia-noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin “sobre o conceito de história”*; tradução Nélio Schneider. São Leopoldo, RS : Ed. UNISINOS, 2011.

MATE, Reyes. *Meia-noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin “Sobre o conceito de história”*; tradução Nélio Schneider. – São Leopoldo, RS : UNISINOS, 2011.

MATTOS, Marcelo Badaró. “Cultura”. In.: \_\_\_\_\_. *E. P. Thompson e a tradição de crítica do materialismo*. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

MAUÉS, Raymundo Heraldo & VILLACORTA, Gisela Macambira. “Pajelança e Encantaria Amazônica”. In.: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*; textos de André Ricardo de Souza et al. – Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

MELLO, J. A. O percurso para utopia: o Eldorado de Milton Hatoum. In. *Revista Letras*, Curitiba, N. 86, Jul./Dez. Editora UFPR, 2012.

MELO NETO, João Cabral de. *A escola das facas*. In.: \_\_\_\_\_. *Obra completa* : volume único; organização Marly de Oliveira. – Rio de Janeiro : Nova Aguiar, 1994.

MENESES, José Newton Coelho. “Todo patrimônio é uma forma de história pública”. In.: MUAD, Maria; SANTIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (Orgs.). *Que história pública queremos?* – São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018.

MENEZES, Roniere. “Milton Hatoum, cronista brasileiro”. In.: HATOUM, Milton. *Sete crônicas de Milton Hatoum*. – Belo Horizonte, MG : Páginas Editora. 2020.



MICHILES, Aurélio. “E tu me amas?”. In.: *Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas*. Ano 1, n.1 (2000-). – Manaus: Edua/Capes, 2000.

MINDLIN, Betty e narradores indígenas. *Moqueca de maridos: mitos eróticos*. – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

MONTAIGNE, Michel Equem de. “Dos canibais”. In.: *Ensaio*. 2ª ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Hucitec, 1987.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. “História, memória e tempo presente”. In.: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos domínios da história* – Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. “História e fotografia”. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História* – Rio de Janeiro : Elsevier, 2012.

NETTO, José Paulo. “Em busca da contemporaneidade perdida: a esquerda brasileira pós-1964”. In. MOTA, Carlos Guilherme (organizador). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transição*. 3ª ed. – São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2013.

NORA, Pierre. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*; tradução Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, (10), dez. 1993.

NUNES, Benedito & Hatoum, Milton. *Crônicas de duas cidades: Belém – Manaus*. – Belém: Secult, 2006.

OBELKEVICH, James. “Provérbios e história social”. In.: BURKE, Peter e POTEER, Roy (orgs.). *História social da linguagem*; tradução Álvaro Attnher. – São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1997.

OLIVEIRA, Marly de. João Cabral de Melo Neto: “Breve introdução a uma leitura de sua obra”. In.; MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa* : volume único; organização Marly de Oliveira. – Rio de Janeiro : Nova Aguiar, 1994.

OMENA, Luciane Munhoz de; GONÇALVES, Ana Teresa Marques. “Apresentação: Construindo os espaços da memória e da materialidade na Antiguidade”. In.: \_\_\_\_\_ - *Memória e Materialidade: Interpretações sobre a Antiguidade*. - Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

PAULA. Cátia Franciele Sanfelice de. “Jorge Teixeira: apontamentos sobre sua trajetória política e sua relação com a Igreja Católica no Estado de Rondônia (1979-1985)”. In. UGARTE, Auxiliomar Silva; QUEIRÓS, César Augusto Bubolz (orgs.). *Trajelórias políticas na Amazônia Republicana*. – – Manaus: Editora Valer, 2019.

PEREIRA, Rosa Claudia Cerqueira. “Belém e o olhar estrangeiro: as narrativas visuais a partir da Baía do Guajará”. In.: SARGE, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (orgs.). *Belém do Pará: história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açai, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “A temporalidade da perda (leitura de *O retrato* de Érico Veríssimo)”. In.: \_\_\_\_\_ (org.) *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. – Porto Alegre : Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Apresentação”. In.: \_\_\_\_\_ (org.). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. – Porto Alegre : Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2ª ed. – Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. – São Paulo : Companhia Editora Nacional, 2001.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. “Na contramão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha (Manaus, 1920-1945)”. In.: *Canoa do Tempo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas*, vol. 1, n.1 (2007- ). – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. “Nos meandros da cidade: cotidiano e trabalho na Manaus da borracha, 1880-1920”. In.: *Canoa do Tempo: Revista de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas*, vol. 1, n. 1 (2007- ). – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. *Cultura e Ontologia no mito da cobra encantada*. Manaus : Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2012.

PINTO, Renan Freitas. *A viagem das ideias*. Manaus : Editora Valer/Prefeitura Municipal de Manaus, 2006.

PIZA, “Perfil Milton Hatoum”. In. CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de (org.). *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um Certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas / Uninorte, 2007.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*; tradução Monique Augras; edição Dora Rocha. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*; tradução de Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2. N. 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. “A entrevista de história oral e suas representações literárias”. In.: *Ensaio de história oral*. Seleção e tradução de Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz. 2010.

PORTELLI, Alessandro. *História Oral e Poder. Mnemosine*. Vol. 6. nº 2. p 2-13 – Artigos, 2010.

PROTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*, São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*; tradução: Mário Quintana. – 16ª ed. – São Paulo : Globo, 1995. (Em busca do tempo perdido; 1).

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*; tradução Ivone C. Benedetti. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2012.

REIS, Arthur César Ferreira. *As origens de Parintins*. – Manaus : Editado pelo Governo do Estado do Amazonas. – Secretaria de Imprensa e Divulgação. – Palácio Rio Negro, 1967.

REVEL, Jacques. “Prefácio – A história rés-do-chão”. In.: LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*, prefácio de Jacques Revel, tradução Cynthia Marques de Oliveira. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RICCI, Magna Maria de Oliveira. “Passos imperiais e (des)compassos cabanos: Belém e sua ‘índole’ – 1800-1840”. In.: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (orgs). *Belém do Pará: história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. Ed. ver. E ampl. – Belém: Açáí, 2016.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. – tradução: Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa (I): A intriga e a narrativa histórica*; tradução Cláudia Berliner; revisão de tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar; introdução Hélio Salles Gentil. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROCHA, João Cezar de Castro. “Apresentação: Roger Chartier e os estudos literários”. In.: \_\_\_\_\_ (org.). *Roger Chartier – a força das representações: história e ficção* – Chapecó, SC : Argos, 2011.

ROCHA, João Cezar de Castro. “Apresentação: Roger Chartier e os estudos literários”. In.: \_\_\_\_\_ (org.). *Roger Chartier – a força das representações: história e ficção* – Chapecó, SC : Argos, 2011.

RODRIGUES, Neide de Souza Almeida. “Aspectos históricos e representações femininas nas fotografias de casamento de Antônio Faria em Bela Vista.” In.: RIBEIRO, Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro (org.) *História e Cultura: práticas de pesquisas* – 1ª ed. – Jundial, SP: Paco, 2017.

SÁ, Michele Eduarda Brasil de. Presença japonesa no município de Parintins-AM. Anais do XXII ENPULLCJ/ IX CIEBJ. Universidade Federal do Paraná – UFPR – Curitiba, Brasil, 30 e 31 de agosto de 2012.

SAHM, Estela. *Bergson e Proust: sobre a representação da passagem do tempo*. – São Paulo : Iluminuras, 2011.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*; tradução Milton Hatoum. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, E. M. Uma liderança política cabocla: Álvaro Maia. 1ª ed. Manaus: EDUA, 1998.

SANTOS, Eloína Monteiro dos. *A Rebelião de 1924, em Manaus*. 1ª ed. Manaus: Editora Valer, 2001.

SARGES, Maria de Nazaré dos Santos; LACERDA, Franciane Gama. “A cidade e a floresta: urbanização e trabalho no Pará (finais do século XIX início do século XX)”. In.: SARGES, Maria de Nazaré dos Santos; RICCI, Magda Maria de Oliveira (Orgs.), *Os oitocentos na Amazônia: política, trabalho e cultura*. Belém: Editora Açaí, 2013.

SARGES, Maria de Nazaré. “O maestro, a cidade e a civilização nos trópicos”. In.: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama Lacerda (orgs.). *Belém do Pará, história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açaí, 2016.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzidas a Belle Époque (1870-1912)* – 3ª ed. – Belém: Paka – Tatu, 2010.

SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (orgs.). *Belém do Pará, cultura e cidade; para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém, Açaí, 2016.

SARLO, Beatriz. Jorge Luis Borges, um escritor na periferia. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SATER, Candace. *A festa do boto: transformação e desencanto na imaginação amazônica*. tradução de Astrid Figueiredo. Rio de Janeiro: Funarte, 2001.

SAUNIER, Tonzinho. “Homens e mulheres que fizeram a História de Parintins”. In.: \_\_\_\_\_, *Parintins: Memória dos Acontecimentos Históricos*. – Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2003.

SCHWARTZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. – São Paulo: Duas Cidades: Editora 34.

SLATER, Candace. “O boto como encantado”. In.: \_\_\_\_\_. *A festa do boto: transformação e desencanto na imaginação amazônica*; tradução Astrid Figueiredo. – Rio de Janeiro: Funarte, 2001.

SOULAGES, Francois. *Estética da fotografia: perda e permanência*; tradução de Iraci D. Paleti e Regina Salgado Campos. – São Paulo : Senac. São Paulo, 2010.

SOULAGES, Francois. *Estética da fotografia: perda e permanência*; tradução de Iraci D. Paleti e Regina Salgado Campos. – São Paulo : Senac. São Paulo, 2010.

SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo*. – Manaus: Editora Valer, 2003.

TEZZA, Cristovão. “A construção das vozes no romance”. In.: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. – B179 2ª ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa, 2: a maldição de Adão*; tradução de Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. 5ª ed. – Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.

THOMPSON, E. P. “Prefácio”. In.: \_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa, vol 1.: a a árvore da liberdade*; tradução de Denise Bottman. – 10 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

TOCANTINS, Leandro. *O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.

UGARTE, Auxiliomar Silva. “Alvores da conquista espiritual do alto Amazonas (século XVI-XVII)”. In.: SAMPAIO, Patrícia Melo; ERTHAL, Regina de Carvalho (org.). *Rastros de memória: história e trajetórias das populações indígenas na Amazônia*. – Manaus: EDUA, 2006.

UGARTE, Auxiliomar Silva. “Arthur César Ferreira Reis (1906-1993): Um ‘déspota esclarecido’ da Amazônia brasileira?”. In.: \_\_\_\_\_. ; QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. . *Trajetoárias políticas na Amazônia Republicana*. – Manaus: Editora Valer, 2019.

UGARTE, Auxiliomar Silva. “Margens Míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do Século XVI”. In.: DEL PRIORE, Mary, GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Os senhores dos rios*. – Rio de Janeiro : Elsevier, 2003.

VAINFAS, Ronaldo. “Santidades ameríndias”. In.: *A heresia dos índios: cotidiano e rebeldia no Brasil colonial*. – São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

VALENTIN, Andreas. *A fotografia de George Huebner*. – Rio de Janeiro: Nau Editora, 2012.

VERÍSSIMO, José. “Revista Amazônica, 1883, tomo I”. Apud. DIMAS, Antonio. INTRODUÇÃO ao livro *Cenas da Vida Amazônica* de José Veríssimo. Editora WMF: Martins Fontes, 2011.

VEYNE, Paul. *Os gregos acreditavam em seus mitos?: ensaio sobre a imaginação constituinte*; tradução Mariana Echalar. – 1.ed. – São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios antropológicos*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1979.

WILLIAMS, Raymond. “ Base e superestrutura na teoria da cultura marxista”. In.: \_\_\_\_\_. - *Cultura e marxismo*; tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WILLIAMS, Raymond. “Experiência”. In.: \_\_\_\_\_. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*; tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. – São Paulo: Boitempo, 2007.

WILLIAMS, Raymond. L. “A ficção de Milton Hatoum e a nova narrativa das minorias na América Latina”. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. (org.) *Arquitetura da memória*:

*ensaios sobre os romances Dois irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte.* – Manaus : Editora da Universidade Federal do Amazonas/ Uninorte, 2007.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*; tradução Paulo Henriques Britto. – São Paulo : Companhia das Letras, 2011.